

COLLEEN HOOVER

N.º 1 DO NEW YORK TIMES

Um romance imperdível da autora de *Isto Acaba Aqui*, *Verity* e *Layla*



9^{de} *novembro*

Das cinzas do pior dia das suas vidas,
eles renascem para o amor.

TOP
SEL
LER

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

COLLEEN HOOVER

N.º 1 DO NEW YORK TIMES

Um romance imperdível da autora de *Isto Acaba Aqui*, *Verity* e *Layla*



9^{de} *novembro*

Das cinzas do pior dia das suas vidas,
eles renascem para o amor.

TOP
SEL
LER

COLLEEN HOOVER

N.º 1 DO NEW YORK TIMES

Um romance imperdível da autora de *Isto Acaba Aqui*, *Verity* e *Layla*



9^{de}
novembro

Das cinzas do pior dia das suas vidas,
eles renascem para o amor.

TOP
SEL
LER

*Ao Levi. Tens um excelente gosto musical e dás abraços
estranhos. Nunca mudes.*

primeiro

9 de novembro

Sou translúcido, aquático.

À deriva, sem rumo.

Ela é uma âncora, afundando no meu mar.

— BENTON JAMES KESSLER

Fallon

Pergunto-me que tipo de som faria caso partisse este copo na cabeça dele.

É um copo grosso. A cabeça dele é dura. Tem potencial para um belo baque.

Pergunto-me se sangraria. Estão lenços na mesa, mas não daqueles que possam absorver muito sangue.

— Por isso, sim. Estou um bocado chocado, mas está a acontecer — diz ele.

A sua voz faz com que eu segure melhor o copo, na esperança de que fique na minha mão e não acabe no seu crânio.

— Fallon? — Ele aclara a voz e tenta refrear as palavras, mas estas ainda me atingem como facas. — Vais dizer alguma coisa?

Espeto a palhinha na parte côncava de um cubo de gelo, imaginando que é a cabeça dele.

— O que queres que eu diga? — resmungo, parecendo uma criança malcriada, em vez de um adulto de 18 anos. — Queres que te *felicite*?

As minhas costas encontram a cabine atrás de mim e cruzo os braços. Olho para ele e pergunto-me se o arrependimento que vejo nos seus olhos resulta da minha desilusão ou se está simplesmente a representar de novo. Passaram apenas 5 minutos desde que se sentou, e já virou os holofotes para o seu lado da cabine. Mais uma vez, sou forçada a ser o seu público.

Batucos com os dedos a chávena de café, enquanto me observa em silêncio.

Toc toc toc.

Toc toc toc.

Toc toc toc.

Ele pensa que eu vou acabar por ceder e contar-lhe aquilo que quer ouvir, mas nos últimos dois anos não tem passado tempo suficiente comigo para saber que deixei de ser menina.

Quando me recuso a apreciar o seu desempenho, suspira e deixa cair os cotovelos na mesa.

— Pensei que ficasses feliz por mim.

Abano brevemente a cabeça.

— *Feliz por ti?*

Não pode estar a falar a sério.

Ele contrai os ombros, deixando um sorriso presunçoso apoderar-se da sua expressão já irritante.

— Nunca pensei que fosse capaz de voltar a ser pai.

Deixo escapar uma explosão ruidosa de riso incrédulo.

— Libertar esperma para dentro da vagina de uma rapariga de 24 anos não faz de ti um pai — atiro, com alguma amargura.

O sorriso presunçoso desaparece. Ele recosta-se e inclina a cabeça para o lado. A inclinação da cabeça era a sua imagem de marca sempre que não sabia bem como reagir no ecrã. «Simplesmente dá ares de que contemplas algo profundo e isso passará por qualquer emoção. Triste, introspectiva, arrependida, complacente.» Não se deve recordar de que foi meu professor de representação durante quase toda a minha vida, e que esta expressão facial foi uma das primeiras que me ensinou.

— Achas que não tenho o direito de me chamar pai? — Parece ter ficado ofendido com a minha resposta. — Então, para ti sou o quê?

Encaro esta como uma pergunta de retórica e espeto novamente a palhinha noutro cubo de gelo. Coloco-o habilmente na minha palhinha e depois deixo-o deslizar para a boca. Mordo-o, mastigo-o ruidosamente e com indiferença. Não tem sido um «pai» desde aquela noite em que, com apenas 16 anos, a minha carreira artística chegou a um impasse. Se for honesta comigo mesma, não estou certa, de qualquer forma, de poder considerá-lo um pai mesmo *antes* daquela noite. Éramos mais professor de representação e aluna.

Uma das suas mãos encontra o caminho entre os folículos capilares implantados que lhe alinham a testa.

— Porque é que estás a fazer isto? — Está cada vez mais irritado com a minha atitude. — Ainda estás chateada por eu não ter aparecido no teu dia de finalista? Já te disse que tive um conflito de calendário.

— Não — retorqui com calma. — Nem sequer te *convidei*.

Ele recua, olhando-me com incredulidade.

— Porque não?

— Só tinha quatro bilhetes.

— *E?* — diz. — Sou o teu pai. Por que raio não me convidarias para o teu dia de finalista do secundário?

— Não virias.

— Não sabes disso — dispara.

— Não *vieste*.

Revira os olhos.

— Pois claro que não, Fallon. Não fui *convidado*.

Solto um suspiro profundo.

— És mesmo difícil. Agora já sei porque é que a mãe te deixou.

Abana levemente a cabeça.

— A tua mãe deixou-me porque fui para a cama com a melhor amiga dela. A minha personalidade não teve nada que ver com isso.

Nem sei o que responder. O homem não tem quaisquer remorsos. Tanto odeio como invejo esta característica. De certo modo, gostava de ser mais como ele do que como a minha mãe. Não tem consciência dos seus muitos defeitos, ao passo que os meus são centrais na minha vida. Os meus defeitos são aquilo que me acorda de manhã e me mantém acordada todas as noites.

— Quem pediu o salmão? — pergunta o empregado de mesa. O momento não podia ser mais apropriado.

Levanto a mão e ele coloca o prato diante de mim. Já nem tenho apetite, pelo que remexo o arroz com a faca.

— Ei, só uma coisa — olho para o empregado, mas não se dirige a mim. Olha fixamente para o meu pai.

— O senhor por acaso é

Céus. Aqui vamos nós.

O empregado bate com a mão na mesa e assusto-me.

— É *sim*! É o Donovan O'Neil! Fez de Max Epcott!

O meu pai encolhe modestamente os ombros, mas eu sei que não há nada de modesto naquele homem. Embora não tenha desempenhado o papel de Max Epcott desde que o programa saiu do ar há dez anos, ainda age como se fosse a melhor coisa na televisão. As pessoas que o reconhecem são o motivo pelo qual ainda responde desta maneira. Agem como se nunca tivessem visto um ator na vida. Pelo amor de Deus, estamos em Los Angeles! Aqui todos são atores!

O meu desejo de apunhalar alguma coisa persiste, enquanto trespasso o salmão com a faca, mas então o empregado interrompe para me pedir que os fotografe aos dois.

Suspiro.

Saio contrariada da cabine. Estende-me o telefone para a fotografia, mas levanto a mão em protesto e passo por ele.

— Preciso de ir à casa de banho — murmuro, afastando-me da cabine. — Tire uma *selfie* com ele. Ele adora *selfies*.

Apresso-me para a casa de banho na esperança de encontrar um momento de alívio em relação ao meu pai. Não sei porque lhe perguntei se queria encontrar-se comigo hoje. Porventura porque me vou embora e não o verei por um tempo longo e indeterminado, mas isso nem sequer é boa desculpa para me colocar nesta situação. Abro a porta do primeiro compartimento. Fecho-a e tiro uma proteção de assento do dispensador e coloco-a sobre a sanita.

Uma vez li um estudo sobre bactérias em casas de banho públicas. Descobriu-se que o primeiro compartimento era sempre aquele que tinha menos bactérias. As pessoas presumem que o primeiro é o mais usado, pelo que nunca entram. Eu não. É o único que uso. Não fui sempre misofóbica, mas ter passado dois meses no hospital aos 16 anos deixou-me um pouco obsessivo-compulsiva quando se trata de

higiene.

Quando acabo de usar a casa de banho, demoro no mínimo um minuto a lavar as mãos. Não tiro a vista delas, recusando-me a olhar ao espelho. Evitar o meu reflexo torna-se cada vez mais fácil, mas ainda me vislumbro quando alcanço a toalha de papel. Por mais vezes que me tenha olhado ao espelho, ainda não me habituei ao que vejo.

Levanto a mão esquerda e toco nas cicatrizes que me percorrem o lado esquerdo do rosto, sobre o maxilar e pelo pescoço. Desaparecem sob o colarinho da minha camisa. No entanto, debaixo da roupa, as cicatrizes percorrem todo o lado esquerdo do meu tronco, terminando pouco acima da cintura. Percorro os dedos pelas zonas de pele que agora se assemelham a couro enrugado. Cicatrizes que me recordam constantemente de que o fogo foi real e não apenas um pesadelo de que me possa livrar com um beliscão no braço.

Depois do incêndio, fiquei vários meses com ligaduras, incapaz de tocar na maior parte do corpo. Agora que as queimaduras sararam e restam as cicatrizes, dou por mim a tocar nelas obsessivamente. As cicatrizes parecem veludo esticado, e seria normal sentir-me tão revoltada pela sensação como pela aparência. No entanto, por acaso, até gosto da sensação ao toque. Dou por mim quase sempre distraída a percorrer os dedos pelo pescoço e pelo braço, lendo o braile na minha pele, até me aperceber do que estou a fazer e interromper. Não devia gostar de nenhum aspeto daquilo que me arruinou a vida, mesmo que se trate da sensação que dá aos dedos.

O aspeto é outra coisa. Como se cada um dos meus defeitos tivesse sido coberto de luzes cor-de-rosa, colocados em exposição para que o mundo inteiro os pudesse ver. Por mais que os tente esconder com o cabelo e a roupa, estão lá. Estarão lá para sempre. Uma recordação constante da noite que destruiu as melhores partes do meu ser.

Não sou do tipo que se concentre em datas ou aniversários, mas quando despertei esta manhã, a data de hoje foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça, provavelmente porque foi o último pensamento que tive antes de adormecer na noite anterior. Já passaram dois anos desde o dia em que a casa do meu pai foi engolida pelo fogo que quase me tirou a vida. Talvez seja por isso que quis encontrar-me hoje com o meu pai. Talvez tivesse esperança de que se lembraria, de que dissesse algo reconfortante. Sei bem que já pediu desculpas suficientes, mas poderei realmente perdoá-lo por se ter esquecido de mim?

Em média, ficava em sua casa uma vez por semana. No entanto, naquela manhã, enviei-lhe uma mensagem para o informar de que naquela noite dormiria na sua casa. Era normal pensar, portanto, que quando o meu pai pegasse fogo à casa por acidente, viria em meu auxílio enquanto eu dormia.

Porém, isso não só não aconteceu, como se esqueceu de que eu estava lá. Ninguém sabia que estava alguém em casa até me ouvirem gritar do segundo andar. Sei que sente muitos remorsos pelo sucedido. Durante várias semanas, pediu-me desculpa sempre que me viu, mas as desculpas tornaram-se tão raras quanto as suas visitas e telefonemas. Ainda guardo um enorme ressentimento, ainda que deseje que se desvaneça. O incêndio foi um acidente. Sobrevivi. Tento concentrar-me nesses dois aspetos, mas é difícil quando penso nisso sempre que me vejo ao espelho.

Penso nisso sempre que alguém olha para mim.

Abre-se a porta da casa de banho e entra uma mulher. Olha para mim e desvia logo o olhar ao dirigir-se ao último compartimento.

Devia ter escolhido o primeiro, minha senhora.

Olho-me mais uma vez ao espelho. Costumava usar o cabelo por cima dos ombros com uma franja recortada, mas nos últimos dois anos cresceu bastante. Há um motivo para isso. Passo os dedos pelos longos e escuros fios de cabelo que treinei para cobrir a maior parte do lado esquerdo do meu rosto. Puxo a manga esquerda até ao pulso e em seguida subo o colarinho para cobrir quase todo o pescoço. Assim, as cicatrizes mal se veem, e quase tolero olhar-me ao espelho.

Antes, pensava que era bonita. Porém, agora, o cabelo e a roupa apenas cobrem uma parte das cicatrizes.

Ouçó a descarga de uma sanita, pelo que me viro rapidamente e me dirijo à porta antes de a mulher sair do compartimento. Faço o que posso para evitar pessoas a maior parte do tempo, não por medo de que vejam as cicatrizes. Evito-as precisamente por *não* olharem para elas. Quando reparam em mim, não demoram a desviar o olhar, pois receiam parecer malcriadas ou críticas. Seria bom que ao menos uma vez alguém me olhasse nos olhos e fixasse o olhar. Há tanto tempo que isso não acontece. Detesto admitir que sinto falta da atenção que costumava ter, mas sinto.

Saio da casa de banho e regresso à cabine, desiludida por ver que o meu pai ainda lá estava. Tinha a esperança de que houvesse alguma emergência que exigisse a sua presença enquanto eu estava na casa de banho.

É triste que prefira ser recebida por uma cabine vazia a ser recebida pelo meu próprio pai. A ideia quase me faz franzir o sobrolho, mas sou de repente distraída pelo tipo sentado na cabine pela qual passo.

Não costumo reparar nas pessoas, na medida em que fazem tudo o que podem para evitar cruzar o olhar com o meu. No entanto, o olhar deste tipo é intenso e curioso.

Ao vê-lo, a primeira coisa que penso é: *Se ao menos isto se tivesse passado há dois anos.*

Penso isso muitas vezes quando me cruzo com homens que me atraem. E este tipo é definitivamente giro. Não do género tradicional hollywoodesco, como é costume na maioria dos homens que habitam esta cidade. Esses são todos parecidos uns com os outros, como se houvesse um molde perfeito para um ator bem-sucedido onde todos querem caber.

Este tipo é exatamente o oposto. A barba por fazer não é uma obra de arte simétrica e intencional. É, pelo contrário, manchada e desigual, como se tivesse passado a noite a trabalhar e não tivesse tido tempo de fazer a barba. Não tem o cabelo estilizado com gel para lhe dar aquele aspeto mal-arranjado de quem acabou de acordar. O cabelo deste tipo é realmente mal-arranjado. Fios de cabelo cor de chocolate varrem-lhe a testa, alguns deles erráticos e selvagens. É como se tivesse acordado atrasado para um encontro e estivesse com demasiada pressa para sequer olhar-se ao espelho. Tal aparência descuidada deveria ser motivo de repulsa, mas foi isso que achei estranho. Apesar de parecer não ter um pinga de preocupação com o seu aspeto, é um dos homens mais atraentes que vi na vida.

Creio eu.

Isto poderia ser apenas um efeito secundário da minha obsessão com a limpeza. Talvez anseie tanto o género de descuido exibido por este tipo, que confundo inveja com fascínio.

Talvez possa também pensar que é giro apenas porque é uma das poucas pessoas nos últimos dois anos que não desviou imediatamente o olhar quando os nossos olhares se cruzaram.

Ainda tenho de passar pela sua mesa para chegar à minha cabine por detrás da dele, e não consigo decidir se desejo apressar-me para que deixe de olhar para mim, ou se devo andar devagar para que possa apreciar a sua atenção.

Ele mexe-se quando me aproximo, e o seu olhar torna-se excessivo. Demasiado invasivo. Sinto as bochechas corar e um formigueiro na pele, pelo que baixo o olhar para os meus pés e permito que o cabelo me caia sobre a cara. Chego até a puxar um pedaço de cabelo para a boca a fim de a esconder da sua vista. Não sei por que razão o seu olhar me põe desconfortável, mas põe. Momentos antes, pensava na falta que sinto de ser olhada, mas, agora que acontece, apenas quero que tire a vista de cima de mim.

Mesmo antes de ele sair da minha visão periférica, olho na sua direção e percebo um ténue sorriso.

Não deve ter reparado nas minhas cicatrizes. Será o único motivo pelo qual um homem como aquele sorriria para mim.

ARGH. Fico irritada por pensar assim. Antes eu era diferente. Costumava ser confiante, mas o fogo derreteu qualquer laivo de autoestima que tinha. Tentei recuperá-la, mas custa acreditar que

alguém me ache bonita quando nem me consigo olhar ao espelho.

— Nunca me farto daquilo — diz-me o meu pai, quando volto à cabine.

Olho para ele, quase esquecida de que estava ali.

— Nunca te fargas do quê?

Aponta a faca ao empregado de mesa, que agora se encontra junto à caixa registadora.

— Daquilo, de ter fã — responde, enfiando um bocado de comida na boca e recomeçando a falar de boca cheia. — Então e querias falar comigo sobre o quê?

— O que te faz pensar que queria falar contigo sobre algo em particular?

Gesticula sobre a mesa.

— Estamos a almoçar juntos. É evidente que precisas de me contar alguma coisa.

É triste que a nossa relação tenha chegado a este ponto. Saber que um simples encontro para almoço tem de ser mais do que somente uma filha que quer ver o pai.

— Amanhã mudo-me para Nova Iorque. Bem, na verdade, hoje à noite. Mas o voo é tarde e só aterro oficialmente no dia 10.

Ele pega no guardanapo e cobre a tosse. Creio que seja tosse. Decerto que a novidade não o fez engasgar-se com a comida.

— Nova Iorque? — gagueja.

E então ri-se. *Ri-se*. Como se viver em Nova Iorque fosse uma piada. *Fica tranquila. Fallon. O teu pai é um imbecil. Isso já tu sabias.*

— Mas por que raio? *Porquê?* O que há em Nova Iorque? — As suas perguntas não param de chegar enquanto processa a informação. — E, por favor, não me digas que conhecestes alguém online.

Começo a ficar nervosa. Não pode ao menos *fingir* que apoia alguma das minhas decisões?

— Quero mudar de ritmo. Estava a pensar que poderia fazer uma audição na Broadway.

Quando eu tinha 7 anos, o meu pai levou-me a ver o *Cats*, na Broadway. Foi a primeira vez que estive em Nova Iorque e foi uma das melhores viagens da minha vida. Até então, sempre me pressionou a tornar-me atriz. Mas só depois de ver aquele espetáculo ao vivo é que soube que *tinha* de ser atriz. Nunca tive oportunidade de seguir teatro, porque o meu pai ditava cada passo da minha carreira e gosta mais de cinema. No entanto, já se passaram dois anos desde que fiz alguma coisa por mim. Não sei se tenho coragem para fazer audições em breve, mas tomar a decisão de me mudar para Nova Iorque é uma das coisas mais proativas que fiz desde o incêndio.

O meu pai toma uma bebida e, depois de pousar o copo, deixa cair os ombros, com um suspiro.

— Fallon, ouve. Sei que tens saudades de representar, mas não achas que chegou a hora de tentares outras opções?

Estou agora tão nas tintas para os seus motivos, que nem sequer menciono o monte de tretas que me arremessou. Durante a minha vida inteira, tudo o que fez foi pressionar-me a seguir os seus passos. Depois do incêndio, o seu encorajamento acabou. Não sou nenhuma idiota. Sei que pensa que já não tenho o que é preciso para voltar a ser atriz, e parte de mim sabe que tem razão. Em Hollywood, a aparência é muito importante.

É precisamente por isso que quero mudar-me para Nova Iorque. Se quero voltar a representar, o teatro é a minha melhor esperança.

Gostava que ele não fosse tão transparente. A minha mãe ficou radiante quando lhe contei que me queria mudar. Desde que acabei o secundário, e desde que fui viver com a Amber, raramente saio do apartamento. A minha mãe ficou triste por saber que me ia embora, mas feliz por ver que estava disposta a sair dos confins não só do apartamento mas de todo o estado da Califórnia.

Gostava que o meu pai percebesse quão importante é o passo que vou dar.

— O que aconteceu àquele trabalho de narração? — pergunta.

— Ainda estou com eles. Os audiolivros são gravados em estúdio. Existem estúdios em Nova Iorque.

Revira os olhos.

— Infelizmente.

— Que mal têm os audiolivros?

Atira-me um olhar de descrença.

— Para além do facto de que narrar audiolivros é considerado a latrina da representação? Fallon, consegues melhor que isso. Bolas, entra na universidade ou algo assim.

Cai-me a alma aos pés. Pensava eu que ele não podia ser mais centrado em si próprio.

Para de mastigar e olha diretamente para mim quando se apercebe do que insinuou. Limpa rapidamente a boca com o guardanapo e aponta para mim.

— Sabes bem que não era isso que eu queria dizer. Não digo que te reduziste aos audiolivros. O que digo é que podes encontrar uma carreira melhor que essa, agora que já não podes mais representar. A narração não dá muito dinheiro. Aliás, nem a Broadway.

Ele diz *Broadway* como se fosse veneno na sua boca.

— Para tua informação, existem muitos atores respeitáveis que narram audiolivros. E precisas que te informe dos atores conceituados que estão na Broadway? Tenho o dia todo.

Ele cede, abanando a cabeça, embora eu saiba que na realidade não concorda comigo. Apenas se sente mal por ter insultado uma das

poucas carreiras relacionadas com a representação que sou capaz de seguir.

Leva o copo vazio de água à boca e inclina suficientemente a cabeça para sorver um pouco do gelo derretido.

— Água — diz, abanando o copo no ar até o empregado acenar e dirigir-se à mesa para encher o copo.

Volto a espetar o garfo no salmão, que arrefeceu. Espero que isto termine logo depois de comer, pois não sei se consigo aguentar muito mais este encontro. A única sensação de alívio que sinto neste momento é saber que amanhã a esta hora estarei na outra costa do país. Mesmo trocando o sol pela neve.

— Não faças planos para meados de janeiro — diz, mudando de assunto. — Preciso que venhas a Los Angeles durante uma semana.

— Porquê? O que vai acontecer em janeiro?

— O teu velho vai casar-se.

Aperto a parte de trás da cabeça e olho para o meu colo.

— Matem-me já.

Sinto uma pontada de culpa, pois, por mais que deseje que agora alguém me mate realmente, não queria ter proferido aquelas palavras em voz alta.

— Fallon, só a podes julgar depois de a conheceres.

— Não preciso de a conhecer para saber que não vou gostar dela — digo. — Afinal de contas, vai casar-se contigo.

Tento disfarçar a verdade nas minhas palavras com um sorriso sarcástico, mas estou certa de que sabe que quis dizer cada palavra que proferi.

— Caso te tenhas esquecido, a tua mãe também escolheu casar-se comigo, e pelos vistos gostas bastante dela — atira ele.

Com essa apanhou-me nas curvas.

— Bravo. Mas em minha defesa posso dizer que este é o teu quinto pedido em casamento desde os meus 10 anos.

— Mas é só a terceira mulher — clarifica.

Afundo enfim o garfo no salmão e dou uma dentada.

— Dás-me vontade de desistir dos homens para sempre — digo, de boca cheia.

Ele ri-se.

— Não deve ser problema para ti. Pelo que sei, só tiveste um encontro até agora, e já lá vão mais de dois anos.

Engulo o pedaço de salmão de uma vez.

A sério? Onde estava eu quando destinavam pais decentes? Por que razão tive de ficar presa a este imbecil obtuso?

Pergunto-me quantas vezes já pôs o pé na argola neste almoço. É melhor ter cuidado ou ainda apanha pé de atleta. Ele não sabe mesmo que dia é hoje. Se soubesse, teria mais cuidado com a língua.

Percebo, no sulco repentino da sua testa, que tenta construir uma desculpa para o que acabou de dizer. Decerto que não queria dizer exatamente aquilo, mas isso não me impede de querer retaliar com as minhas próprias palavras.

Ponho o cabelo para trás da orelha esquerda, revelando as cicatrizes enquanto o olho diretamente nos olhos.

— Pois, pai, não tenho a mesma atenção dos rapazes como antes. Sabes bem, antes de *isto* acontecer.

Passo a mão pelo rosto, já arrependida das palavras que me saíram da boca.

Porque é que desço sempre ao seu nível? Sou melhor do que isto.

Ele baixa o olhar da minha cara para a mesa.

Na verdade, parece ter remorsos, e eu coloco a hipótese de abandonar a amargura e ser mais simpática com ele. No entanto, antes que saia algo simpático da minha boca, o tipo na cabine por trás do meu pai levanta-se, e a minha capacidade de atenção desaparece. Tento novamente tapar a cara com o cabelo, antes que se vire, mas é tarde demais. Já me olha outra vez.

Ainda apresenta o mesmo sorriso que me lançou antes, mas desta vez não desvio o olhar. Na verdade, o meu olhar não larga o dele enquanto se dirige à nossa cabine. Antes que possa reagir de alguma maneira, já se senta junto a mim.

Chíça, que está ele a fazer?

— Desculpa o atraso, querida — diz, pondo o braço sobre o meu ombro.

Ele acabou de me chamar querida. Este tipo qualquer acabou de me abraçar e chamar-me querida.

Mas o que se está a passar?

Olho para o meu pai, pensando que poderá estar envolvido de alguma maneira, mas olha para o estranho ao meu lado provavelmente ainda com mais incredulidade do que eu.

Fico hirta debaixo do seu braço quando sinto os seus lábios pressionados contra a parte lateral da minha cabeça.

— Porra para este trânsito de Los Angeles — resmunga.

Este tipo qualquer acabou de me beijar o cabelo.

O que é que.

Se está.

A passar.

O tipo estende a mão sobre a mesa para alcançar a mão do meu pai.

— Sou o Ben — diz. — Benton James Kessler. Namorado da sua filha.

Da sua filha... *o quê?*

O meu pai retribui o aperto de mão. De certeza que tenho a boca

aberta, pelo que a fecho de imediato. Não quero que o meu pai saiba que não faço ideia de quem se trata. Também não quero que este tal de Benton pense que o meu queixo chega ao chão porque quero a sua atenção. Só olho desta maneira porque bem porque é evidente que se trata de um louco.

Ele liberta a mão do meu pai e recosta-se no assento. Pisca-me o olho e debruça-se sobre mim, aproximando a boca da minha orelha o suficiente para se arriscar a levar um murro.

— Entra no jogo.

Recosta-se de novo, ainda sorridente.

Entra no jogo?

Mas o que é isto, a sua tarefa das aulas de improvisação?

E então cai-me a ficha.

Ele ouviu toda a nossa conversa. Deve estar a fingir ser meu namorado para o atirar à cara do meu pai.

Hum. Acho que gosto do meu novo namorado a fingir.

Agora que sei que está a enganar o meu pai, sorrio para ele com afeto.

— Achei que não conseguirias vir.

Inclino-me para ele e olho para o meu pai.

— Querida, sabes bem que queria conhecer o teu pai. Quase nunca tens oportunidade de te encontrares com ele. Não há trânsito no mundo que me pudesse impedir de aparecer hoje.

Atiro-lhe um sorriso de satisfação. O Ben também deve ter um pai imbecil, pois parece saber exatamente o que dizer.

— Peço desculpa — diz o Ben, concentrando-se novamente no meu pai. — Não me lembro do seu nome.

O meu pai já olha para o Ben com desaprovação. *Céus, estou a adorar.*

— Donovan O'Neil — responde o meu pai. — Talvez já conheça o nome. Eu era o protagonista de...

— Não — interrompe o Ben. — Não me diz nada — Volta-se para mim e pisca-me o olho. — Mas a Fallon já me falou muito sobre si. — Belisca-me o queixo e olha para o meu pai. — E já que falamos da nossa menina, o que acha de ela se mudar para Nova Iorque? — Olha para mim e franze as sobrancelhas. — Não quero que o meu docinho de coco vá para outra cidade, mas se isso significar que está a seguir os seus sonhos, serei o primeiro a garantir que entra no avião.

Docinho de coco? Tem sorte em ser o meu namorado falso, pois tenho vontade de lhe esmurrar os tomates por essa alcunha de mau gosto.

O meu pai aclara a voz, evidentemente desconfortável com o nosso recente convidado de almoço.

— Consigo pensar nalguns sonhos que uma rapariga de 18 anos

possa seguir, mas Broadway não é um deles, sobretudo com a carreira que já tem. Na minha opinião, Broadway é um passo atrás.

Ben ajusta-se no assento. Cheira mesmo muito bem. Acho eu.

Já passou tanto tempo desde a última vez que me sentei perto de um rapaz, pode ser que tenha um cheiro normal.

— Ainda bem que tem 18 anos — replica o Ben. — As opiniões parentais sobre o que faz com a sua vida não importam muito nesta altura.

Sei que está a representar, mas nunca ninguém me defendeu assim. Faz com pareça que os pulmões pararam de funcionar. *Pulmões estúpidos*.

— Não é uma simples opinião quando vem de um profissional da indústria — diz o meu pai. — É um facto. Estou há tempo suficiente nesta profissão para saber quando alguém precisa de se afastar.

Volto a cabeça na direção do meu pai ao mesmo tempo que o braço do Ben se retrai à volta dos meus ombros.

— Afastar-se? — diz o Ben. — Acabou de dizer, *em voz alta*, que a sua filha tem de desistir?

O meu pai revira os olhos e cruza os braços sobre o peito enquanto olha para o Ben. Este tira o braço dos meus ombros e imita os movimentos do meu pai, também o olhando fixamente.

Céus, como isto é desconfortável. E tão espetacular. Nunca vi o meu pai agir assim. Nunca o vi desgostar de alguém instantaneamente.

— Ouça, *Ben* — diz o seu nome com grande antipatia. — A Fallon não precisa que lhe encha a cabeça com disparates só porque está entusiasmado com a perspectiva de receber uma chamada erótica da Costa Este.

Meu Deus. O meu pai acabou de me referir como chamada erótica? Fico boquiaberta enquanto prossegue.

— A minha filha é inteligente. É forte. Aceita que a carreira pela qual lutou a vida inteira está fora de questão agora que — Vira a mão para mim. — Agora que ela...

É incapaz de terminar a sua própria frase, e deixa o arrependimento apoderar-se da cara. Sei exatamente o que está prestes a dizer. Não tem dito outra coisa nos últimos dois anos.

Há dois anos, eu era uma das maiores estrelas ascendentes entre as atrizes adolescentes, e quando o fogo me queimou a beleza, o estúdio terminou o meu contrato. Penso que lamenta mais a ideia de ter deixado de ser pai de uma atriz do que lamenta quase ter perdido a filha num incêndio provocado por um descuido seu.

Assim que me cancelaram o contrato, nunca mais falámos da possibilidade de vir a ser atriz. Na verdade, deixámos, se virmos bem as coisas, de falar. Passou de ser um pai que passava dias inteiros comigo no estúdio durante um ano e meio, para ser um pai que talvez

veja uma vez por mês.

Macacos me mordam se ele não termina o que estás prestes a dizer. Há dois anos que espero que admita que é pelo meu aspeto que deixei de ter uma carreira. Até hoje não passou de uma suposição silenciosa. Nunca falamos dos motivos pelos quais deixei de representar. Apenas falamos do facto de *não* representar. E quando o fizer, será agradável ouvi-lo admitir que o incêndio também destruiu a nossa relação. Não faz ideia de como ser um pai para mim, agora que deixou de ser o meu professor e agente de representação.

Estreito os meus olhos na sua direção.

— Termina a tua frase, pai.

Abana a cabeça, tentando fazer esquecer o assunto por completo. Arqueio uma sobrancelha, desafiando-o a continuar.

— Queres mesmo fazer isso agora?

Olha na direção do Ben, na esperança de usar o meu namorado a fingir como intermediário.

— Por acaso, quero.

O meu pai fecha os olhos e suspira profundamente. Quando os abre de novo, debruça-se para a frente e cruza os braços sobre a mesa.

— Sabes que te considero linda de morrer, Fallon. Para de distorcer as minhas palavras. É esta indústria que tem padrões mais exigentes do que aqueles que tem um pai, e tudo o que podemos fazer é aceitá-lo. Na verdade, pensei que *tivéssemos* aceitado — diz ele, desviando o olhar na direção do Ben.

Mordo o interior da minha bochecha para evitar dizer algo de que me venha a arrepender. Sempre soube a verdade. Quando me vi pela primeira vez ao espelho no hospital, soube logo que tudo terminara. Mas ouvir o meu pai admitir em voz alta que também considera que devo parar de seguir os meus sonhos é mais do que estava à espera.

— Uau — murmura o Ben baixinho. — Isso foi... — Olha para o meu pai e abana a cabeça em jeito de desaprovação. — O senhor é o pai dela.

Se não soubesse o que se passava, diria que o sorriso na cara do Ben é genuíno, e que não está apenas a representar.

— Exatamente, sou o pai dela. Não sou a mãe, que lhe diz os maiores disparates só para a fazer sentir-se melhor. Nova Iorque e Los Angeles estão repletas de milhares de raparigas que seguem o mesmo sonho que a Fallon tem seguido a vida inteira. Raparigas de enorme talento. Lindíssimas. A Fallon sabe que eu acredito que tem mais talento do que elas todas juntas, mas também é realista. Todos têm sonhos, mas, infelizmente, ela deixou de ter as ferramentas necessárias para alcançar os seus. Tem de aceitar isso antes de desperdiçar dinheiro numa mudança de cidade que não fará nada de jeito à sua carreira.

Cerro os olhos. Quem quer que tenha dito que a verdade dói estava a ser otimista. A verdade é uma cabra extremamente dolorosa.

— Meu Deus, o senhor é inacreditável — diz o Ben.

— E você é irrealista — riposta o meu pai.

Abro os olhos e dou uma cotovelada no braço do Ben, fazendo-o saber que quero sair da cabine. Já não aguento mais.

O Ben não se mexe. Em vez disso, desliza a mão sob a mesa e agarra-me o joelho, pedindo-me que fique sentada.

A minha perna fica tensa sob o seu toque, uma vez que o meu corpo envia sinais contraditórios ao meu cérebro. Neste momento, estou irritada com o meu pai. *Tão irritada*. Contudo, de alguma maneira, sinto-me confortada por este estranho que me defende sem razão aparente. Quero gritar e sorrir e chorar, mas, acima de tudo, apenas quero algo para comer, pois agora estou com fome e gostava de ter o *salmão quente*, porra!

Tento relaxar a perna para que o Ben não sinta quão tensa estou, mas é o primeiro tipo em muito tempo a tocar-me fisicamente. Para ser honesta, é um pouco estranho.

— Deixe-me perguntar-lhe uma coisa, Sr. O'Neil. O Johnny Cash tinha lábio leporino?

O meu pai está calado. Eu também estou calada, esperando que haja um motivo para a pergunta aleatória do Ben. Estava a ir muito bem até começar a falar de cantores *country*.

O meu pai olha para o Ben como se este fosse louco.

— Mas que raio tem que ver um cantor *country* com esta conversa?

— Tem tudo — responde logo o Ben. — E não, não tinha. No entanto, o ator que o representou em *Walk the Line* tem uma cicatriz muito proeminente na cara. O Joaquin Phoenix até foi nomeado para um Oscar por esse papel.

O meu coração bate mais forte quando me apercebo do que está a fazer.

— E o Idi Amin? — pergunta o Ben.

O meu pai revira os olhos, aborrecido com o género de perguntas.

— O que tem?

— Não era estrábico, mas o ator que o representou, Forest Whitaker, é. Mais um nomeado para Oscar, o que é engraçado. *E vencedor*.

É a primeira vez que vi alguém pôr o meu pai no seu lugar. Ainda que toda esta conversa me cause desconforto, não estou assim tão desconfortável para não apreciar este raro e belo momento.

— Parabéns — diz o meu pai ao Ben, pouco impressionado. — Acabou de dar dois exemplos entre milhões que falharam.

Tento não levar as palavras do meu pai a peito, mas é difícil. Sei que isto se tornou mais uma luta de poder entre eles os dois, e menos

sobre eu e o meu pai. Desilude-me bastante que prefira vencer uma discussão contra um estranho a defender a própria filha.

— Se a sua filha é talentosa como diz, não deveria encorajá-la a não desistir dos sonhos? Por que razão quer que ela veja o mundo como você o vê?

O meu pai fica tenso.

— E como acha, Sr. Kessler, que eu vejo o mundo?

O Ben encosta-se ao assento sem desviar o olhar do meu pai.

— Através dos olhos fechados de um arrogante imbecil.

O silêncio que se segue é como a calmaria antes da tempestade. Espero que um deles dê o primeiro murro, mas o meu pai limita-se a tirar a carteira do bolso. Atira dinheiro para cima da mesa e depois olha diretamente para mim.

— Posso ser demasiado honesto, mas se preferes ouvir disparates, então este idiota é perfeito para ti — diz, deslizando para fora da cabine. — Aposto que a tua mãe o adora — resmunga.

As suas palavras envergonham-me e desejo ardentemente retribuir-lhe um insulto. Um insulto tão épico que lhe ferisse o ego por vários dias. O único problema quanto a isso é que não há nada que se possa dizer que fira um homem sem coração.

Em vez de lhe gritar alguma coisa enquanto sai do restaurante, simplesmente fico sentada em silêncio.

Com o meu namorado a fingir.

Este deve ter sido o momento mais estranho e humilhante da minha vida.

Assim que sinto a primeira lágrima, empurro o braço do Ben.

— Tenho de sair — sussurro. — Por favor.

Ele desliza para fora da cabine, e eu mantenho a cabeça baixada quando me levanto e passo por ele. Não me atrevo a olhá-lo nos olhos ao dirigir-me novamente à casa de banho. Já me sinto suficientemente envergonhada por ter sentido necessidade de ele fingir ser meu namorado. Mas depois entrei na onda e tive a maior discussão de sempre com o meu pai mesmo à sua frente.

Se eu fosse o Benton James Kessler, nesta altura já me teria deixado, a fingir.

Ben

Ponho a cabeça nas mãos enquanto espero que regresse da casa de banho.

Na verdade, devia ir-me embora.

Contudo, não quero ir-me embora. Sinto que assaltei o seu dia com a cena que representei com o seu pai. Por mais brando que tenha tentado ser, não entrei na vida desta rapariga com a graça discreta de uma raposa. Invadi-a com a subtileza de um elefante de sete toneladas.

Por que motivo senti necessidade de intervir? Por que razão achei que ela não era capaz de lidar com o pai? Neste momento, está provavelmente irritada comigo, e só somos namorados a fingir há meia hora.

É por isso que escolhi não ter namoradas reais. Nem sei fingir sem começar uma discussão.

Mas por acaso acabei de mandar vir para ela um prato de salmão, pelo que isso talvez compense pelos danos provocados.

Ela sai por fim da casa de banho, mas assim que me vê ainda sentado na cabine, faz uma pausa. A confusão no seu rosto evidencia que estava certa de que eu não estaria aqui quando regressasse à mesa.

Eu *devia* ter ido embora. Devia ter ido embora há meia hora.

Podia, devia, teria.

Levanto-me e faço-lhe sinal para se sentar. Olha-me com desconfiança ao sentar-se. Estico o braço para a outra cabine e pego no meu portátil, no meu prato e na minha bebida. Coloco-os sobre a mesa dela e depois ocupo o lugar onde momentos antes se sentava o imbecil do seu pai.

Ela olha para a mesa, provavelmente perguntando-se para onde terá ido o seu prato.

— Estava frio — digo-lhe. — Pedi ao empregado que te trouxesse outro.

Ela ergue o olhar para o meu, mas não mexe a cabeça. Não esboça um sorriso nem agradece. Limita-se a... mirar-me.

Trinco o meu hambúrguer e começo a mastigar.

Sei que não é tímida. Percebi, pela forma como falou com o pai, que tem ousadia, pelo que estou um pouco confuso com o seu silêncio. Engulo o pedaço mastigado do hambúrguer e dou um gole no meu refrigerante, fitando-a silenciosamente o tempo todo. Gostava de

poder dizer que preparo uma desculpa brilhante, mas não é verdade. Parece que tenho uma mente focada, e neste momento foco-me nas duas únicas coisas em que não me devo focar.

Nas suas mamas.

Ambas.

Eu sei. Sou ridículo. Mas se vamos estar aqui a olhar um para o outro, seria bom que ela mostrasse um pouco de decote, em vez de usar aquela camisola de mangas compridas que deixa *tudo* à imaginação. Estão cerca de 27 graus lá fora. Devia ter vestido algo menos apropriado para um convento.

Um casal sentado noutra mesa levanta-se e passa por nós rumo à saída. Reparo que a Fallon desvia a cabeça e deixa o cabelo cair-lhe sobre o rosto como um escudo protetor. Nem sei se se apercebe que o faz. Parece uma reação natural tentar cobrir o que encara como defeitos.

É provável que seja por isso que usa uma camisola de mangas compridas. Impede que as pessoas vejam o que está por baixo.

E é evidente que este pensamento me conduz de volta aos seus seios. Terão também cicatrizes? Quanto do corpo terá sido afetado?

Começo a despi-la mentalmente, e não de um modo sexual. Estou apenas curioso. *Deveras* curioso, pois não consigo parar de olhar para ela, o que não é habitual em mim. A minha mãe educou-me para ter mais tato, mas o que não me conseguiu ensinar é que haveria raparigas como esta que testariam as minhas maneiras pela sua mera existência.

Passa um sólido minuto, talvez dois. Como a maior parte das batatas fritas, continuando a mirá-la. Não parece chateada. Não parece assustada. Neste momento, não tenta esconder as cicatrizes que tenta esconder de todos com urgência.

O seu olhar desce lentamente até à minha camisola. Olha por momentos para esta, desvia o olhar para os meus braços, os meus ombros e o meu rosto. Para quando chega ao meu cabelo.

— Onde foste esta manhã?

A pergunta é incrivelmente aleatória e faz com que eu pare de mastigar. Pensei que a primeira pergunta que me faria seria por que razão interferi na sua vida pessoal. Tomo um momento para engolir, beber, limpar a boca e depois recostar-me na cabine.

— O que queres dizer com isso?

Aponta para o meu cabelo.

— Tens o cabelo desgrenhado.

Aponta para a minha camisola.

— É a mesma camisola que vestiste ontem.

O seu olhar cai para os meus dedos.

— Tens as unhas limpas.

Como sabe que estou a usar a mesma camisola que vesti ontem?

— Então e porque saíste à pressa de onde quer que tenhas acordado esta manhã? — pergunta-me.

Olho para a minha camisola e depois para as unhas. *Como sabe ela que saí à pressa esta manhã?*

— As pessoas que não se preocupam consigo mesmas não têm unhas tão limpas como as tuas — diz ela. — Contradiz a nódoa de mostarda na tua camisola.

Olho para a camisola. Para a nódoa de mostarda que só reparei agora.

— O teu hambúrguer tem maionese. E uma vez que é raro alguém comer mostarda ao pequeno-almoço, e que comes a tua comida como se não comesses desde ontem, é provável que a nódoa seja de algo que tenhas comido ontem à noite. E é evidente que hoje não te viste ao espelho, pois não sairias de casa com o cabelo assim. Tomaste banho e adormeceste sem secar o cabelo? — Ela toca no longo cabelo e agita-o entre os dedos. — Um cabelo tão forte como o teu fica em pé quando se dorme sobre ele molhado. Fica impossível de arranjar sem um novo banho — continua, debruçando-se. — Como é que a parte da *frente* do teu cabelo ficou tão levantada? Dormes de barriga para baixo ou algo assim?

O que é ela? Uma detetive?

— Eu... — olho para ela com descrença. — Pois, durmo de barriga para baixo. E estava atrasado para as aulas.

Ela assente com a cabeça, como se de alguma maneira já o soubesse.

O empregado de mesa aparece com um novo prato e enche o seu copo com água. Ele abre a boca como se lhe quisesse dizer alguma coisa, mas ela não lhe presta atenção. Ainda olha para mim, mas murmura-lhe um «obrigada».

Ele parece prestes a ir-se embora, mas, antes de o fazer, para e volta-se para ela. Entrelaça as mãos, obviamente nervoso por lhe perguntar o que quer que fosse que estava para sair da sua boca.

— Então hum. Donovan O'Neil? É o seu pai?

Ela olha para o empregado com uma expressão impassível.

— Sim — responde secamente.

O empregado sorri e tranquiliza-se com a resposta.

— Uau — diz ele, abanando a cabeça fascinado. — Que espetacular ter Max Epcott como pai!

Ela não sorri, nem vacila. Nada no seu rosto indica que seja uma pergunta que já ouviu um milhão de vezes. Espero uma resposta sarcástica, pois, com base no modo como respondeu aos comentários insensíveis do pai, não há maneira de o empregado sair daqui ileso.

Mesmo quando penso que está prestes a revirar os olhos, liberta

um suspiro reprimido e sorri. — É completamente surreal. Sou a filha mais sortuda do mundo.

O empregado sorri de orelha a orelha.

— Isso é tão fixe.

Quando se vira para se ir embora, ela volta a dirigir-me a sua atenção.

— Que tipo de aulas? — pergunta.

Levo algum tempo a processar a pergunta, pois ainda tento processar a treta que pregou ao empregado. Quase que a questiono sobre isso, mas penso duas vezes. Decerto que lhe é mais fácil responder às pessoas o que esperam ouvir, em vez da verdade pura e dura. Isso, e é provavelmente a pessoa mais leal que conheci, uma vez que não estou certo de que conseguisse dizer essas coisas sobre o homem se fosse meu pai.

— Escrita criativa.

Lança-me um sorriso atencioso e pega no garfo.

— Eu sabia que não eras ator.

Come um pedaço de salmão, e antes de engolir a primeira dentada, já corta mais um pedaço. Os minutos seguintes são passados em completo silêncio enquanto ambos acabamos de comer. Como tudo o que tenho no prato, mas ela empurra o dela para a frente antes de chegar a meio.

— Diz-me uma coisa. — Ela inclina-se sobre a mesa. — Porque é que achaste que precisava que viesses em meu auxílio com aquela treta de seres meu namorado?

Aí está. Está chateada comigo. De certa maneira, pensei que estivesse.

— Não achei que precisasses de ajuda. É só que por vezes é-me difícil controlar a indignação na presença do absurdo.

Ela franze as sobancelhas.

— És mesmo escritor, pois quem mais fala assim?

Rio-me.

— Peço desculpa. Acho que apenas quero dizer que consigo ser um idiota temperamental e devia era ter-me metido na minha vida.

Ela tira o guardanapo do colo e põem-no no prato. Encolhe um dos ombros.

— Não me importei — diz com um sorriso. — Até foi engraçado ver o meu pai assim tão perturbado. Nunca antes tive um namorado a fingir.

— Nunca antes tive um namorado *verdadeiro* — respondo.

Ela olha para o meu cabelo.

— Acredita em mim, isso é óbvio. Nenhum homossexual que eu conheça sairia de casa com esse aspeto.

De certa maneira, fico com a impressão de que não se importa com

o meu aspeto como deixa transparecer. Estou certo de que já recebe a sua quota-parte de discriminação física, pelo que considero difícil acreditar que coloque a aparência física no topo da sua lista de prioridades.

— Deseja troco? — pergunta o empregado.

Ela gesticula para que se vá embora.

— Pode ficar com ele.

O empregado limpa a mesa e, quando se vai embora, nada há entre nós. O final iminente do almoço deixa-me a sentir um pouco transtornado, uma vez que não sei bem o que lhe dizer para que fique mais um pouco. A rapariga vai mudar-se para Nova Iorque e provavelmente não a verei mais na vida. Não sei por que motivo essa ideia me deixa ansioso.

— Portanto — diz ela —, acabamos agora a nossa relação?

Rio-me, ainda que tente discernir se ela tem uma incrível e inexpressiva sagacidade, ou se não tem personalidade nenhuma. Existe uma linha ténue entre ambas, mas aposto que é a primeira. Seja como for, espero que seja.

— Não nos namoramos nem há uma hora e já queres acabar comigo? Não sou muito bom nesta coisa de ser namorado?

Ela ri-se.

— Talvez bom demais. Para ser franca, até me assusta um pouco. É este o momento em que quebras a derradeira ilusão do namorado e me dizes que engravidaste a minha prima quando demos um tempo?

Não consigo deixar de rir novamente. *Sem dúvida, uma incrível sagacidade.*

— Não a engravidei. Já estava grávida de sete meses quando fomos para a cama.

Atinge-me os ouvidos uma contagiosa explosão de riso, e nunca antes me senti tão agradecido por ter um sentido de humor bonzinho. Não vou deixar que esta rapariga me saia da vista até conseguir extrair dela mais três ou quatro daquelas gargalhadas.

A gargalhada desvanece, seguindo-se um sorriso na cara. Ela olha para a porta.

— Chamas-te mesmo Ben? — pergunta, voltando o olhar para o meu.

Assinto com a cabeça.

— Qual é a coisa de que mais te arrependes na vida, Ben?

Estranha pergunta, mas entro na onda. A estranheza parece algo normal nesta rapariga, e não importa que nunca diga a *ninguém* o meu maior arrependimento.

— Acho que ainda não aconteceu — minto.

Ela olha para mim com atenção.

— És um ser humano decente, certo? Nunca mataste ninguém?

— Até agora.

Ela retrai um sorriso.

— Então se hoje passarmos mais tempo juntos, não me vais assassinar?

— Só se for em autodefesa.

Ela ri-se e em seguida mete a mão na bolsa. Mete-a por cima do ombro e levanta-se.

— Que alívio. Vamos ao Pinkberry e podemos acabar enquanto comemos sobremesa.

Detesto gelado. Detesto iogurte.

Detesto *sobretudo* iogurte a fingir ser gelado.

Mas macacos me mordam se não pego no meu portátil e nas minhas chaves e a sigo para onde quer que me queira levar.

* * *

— Como é que vives em Los Angeles desde os 14 anos e não puseste o pé dentro do Pinkberry? — Quase parece ofendida. Vira-me as costas para estudar outra vez as coberturas. — Ao menos já ouviste falar do Starbucks?

Rio-me e aponto para os ursinhos de goma. O empregado mete uma colherada no meu copo.

— Praticamente vivo no Starbucks. Sou um escritor. É um rito de passagem.

Está à minha frente na fila, à espera da nossa vez para pagar, mas olha para o meu copo com repugnância.

— Meu Deus, não podes vir ao Pinkberry e comer apenas coberturas — diz, olhando para mim como se eu tivesse matado um gato. — Por acaso és um ser humano?

Reviro os olhos e dou-lhe uma palmadinha no ombro para que se vire para mim.

— Para de me censurar ou acabo contigo antes de encontrarmos mesa.

Tiro uma nota de 20 dólares da carteira para pagar a nossa sobremesa. Avançamos pela geladaria lotada, mas não há mesa livre. Ela dirige-se à porta, pelo que a sigo até ao exterior, caminhando pelo passeio até ela encontrar um banco vazio. Senta-se de pernas cruzadas e põe o copo no colo. É a primeira vez que olho para o seu copo e percebo que não pôs qualquer cobertura.

Olho para o meu copo, só com coberturas.

— Eu sei — diz ela, rindo. — *O que não mata...*

— *Engorda* — termino.

Ela sorri e come uma colherada. Puxa a colher para fora e lambe o gelado de iogurte no lábio inferior.

Não esperava que isto me acontecesse hoje. Estar sentado diante desta rapariga, vendo-a lamber o gelado dos lábios e tendo de engolir ar para garantir que respiro.

— Então és escritor?

A pergunta dá-me a base necessária para sair da casca. Assinto.

— Espero vir a ser. Nunca o fiz em termos profissionais, pelo que não sei se já me posso chamar escritor.

Ela revira-se até ficarmos cara a cara e põe o cotovelo na parte de trás do banco.

— Não é preciso um salário para *validificar* a condição de escritor.

— *Validificar* não é sequer uma palavra.

— Vês? Eu nem isso sei. É evidente que és escritor. Com salário ou não, vou chamar-te escritor. Ben, «o Escritor». É assim que me vou referir a ti daqui em diante.

Rio-me.

— E como me devo referir a ti?

Ela mastiga a ponta da colher durante uns segundos, com os olhos semicerrados em contemplação.

— Boa pergunta. De momento estou numa fase de transição.

— Fallon, «a Transitória» — sugiro.

Ela sorri.

— Pode ser.

Encosta-se ao banco quando olha em frente. Descruza as pernas, deixando que os pés cheguem ao chão.

— Então e que género de escrita queres fazer? Romances? Argumentos?

— Espero que tudo isso. Não me quero impor quaisquer limites, apenas tenho 18 anos. Acho que quero tentar tudo, mas a paixão são, sem dúvida alguma, os romances. E poesia.

Sai um suspiro silencioso da sua boca antes de comer mais uma colherada. Não sei bem como, mas parece que a minha resposta a entristeceu.

— E tu, Fallon, «a Transitória», qual é o teu objetivo de vida?

Olha-me de soslaio.

— Estamos a falar de objetivos de vida ou de paixões?

— Não vejo grande diferença.

Ri-se com desapego.

— Há uma grande diferença. A minha paixão é a representação, mas não é bem o meu objetivo de vida.

— Porque não?

Estreita o olhar na minha direção antes de o baixar novamente para o copo com gelado de iogurte. Começa a remexê-lo com a colher. Desta vez, suspira com o corpo inteiro, como se se desmoronasse.

— Sabes, Ben, fico contente pela simpatia que tens demonstrado

desde que somos um casal, mas podes parar de representar. O meu pai não está aqui para assistir.

Eu estava prestes a comer mais um pouco, mas a minha mão petrifica antes de chegar à boca.

— Mas o que quer isso dizer? — pergunto, perplexo com a queda que esta conversa acabou de sofrer.

Ela espeta a colher no iogurte antes de se debruçar e atirá-lo para o caixote do lixo a seu lado. Puxa uma perna para cima e envolve-a com os braços, voltando-se de novo para mim.

— Não sabes mesmo qual a minha história ou finges não saber?

Não sei ao certo a que história se refere, pelo que abano levemente a cabeça.

— Neste momento estou bastante confuso.

Ela suspira. Outra vez. Acho que nunca fiz uma rapariga suspirar tanto em tão pouco tempo. E não são o género de suspiros que façam um homem sentir-se bem com as suas habilidades. São o género de suspiros que o fazem pensar o que raio está a fazer de mal.

Ela belisca um pedaço de madeira solta na parte de trás do banco. Concentra-se na madeira como se falasse, não para mim, mas para ela.

— Tive muita sorte aos 14 anos. Consegui um papel no programa Gumshoe, um cruzamento *kitsch* e adolescente entre Sherlock Holmes e Nancy Drew. Fui protagonista durante um ano e meio e começava a correr muito bem. Mas depois aconteceu *isto* — diz, apontando para a cara. — Cancelaram-me o contrato. Substituíram-me e desde então que não represento. É, portanto, isso que quero dizer quando afirmo que objetivos e paixões são coisas distintas. A representação é a minha paixão, mas, como disse o meu pai, deixei de ter as ferramentas necessárias para alcançar o meu objetivo de vida. Por isso, vou procurar um objetivo novo em breve, a não ser quer aconteça um milagre em Nova Iorque.

Nem sei bem o que dizer quanto a isso. Agora olha para mim, à espera de uma resposta, mas não consigo pensar numa rápida o suficiente. Ela descansa o queixo no braço e olha em frente por detrás de mim.

— Não sou muito bom em discursos motivacionais *in loco* — digolhe. — Por vezes, durante a noite, escrevo conversas que tive durante o dia, mas altero-as para que reflitam tudo aquilo que esperava ter dito no momento oportuno. Quero que saibas que hoje à noite, quando puser esta conversa no papel, escreverei algo heroico que te fará sentir bem em relação à tua vida.

Deixa cair a testa no braço e ri-se. Ver aquilo faz-me sorrir.

— Essa é de longe a melhor resposta que alguma vez recebi em relação àquela história.

Debruço-me para a frente para atirar o meu copo ao lixo por detrás

dela. Foi o mais perto que estive dela desde que nos sentámos juntos na cabine. Todo o seu corpo se entesa com a minha proximidade. Em vez de recuar de imediato, olho-a diretamente nos olhos antes de me concentrar na sua boca.

— É para isso que servem os namorados — digo, enquanto me afasto dela lentamente.

Por norma, não pensaria duas vezes se estou ou não a seduzi-la. Faço-o a toda a hora. Mas a Fallon olha para mim como se eu acabasse de cometer um pecado capital, e isso faz-me questionar se interpretei mal a química entre nós.

Afasto-me por completo, sem evitar o ar de aborrecimento que me apresenta. Aponta-me o dedo.

— Isso — diz. — É mesmo isso. Essa é a treta a que me refiro.

Não tenho a certeza se sei ao que se refere, pelo que avanço com precaução.

— Achas que te tento seduzir para te fazer sentir melhor contigo mesma?

— Não é verdade?

Ela acha mesmo isso? As pessoas não tentam mesmo seduzi-la? Será por causa das cicatrizes ou das *inseguranças* em relação às cicatrizes? Decerto que os rapazes não são tão fúteis como ela pensa. Se sim, sinto-me envergonhado em nome de todos os homens, pois esta rapariga devia afastar os homens que a tentam seduzir, em vez de questionar os seus motivos.

Alívio a tensão do queixo e cubro a boca com a mão enquanto penso numa resposta. Claro que hoje à noite, quando recordar este momento, chegarei a vários tipos de grandes respostas. Mas neste preciso momento... não encontro a resposta perfeita que me salve a vida.

Acho que vou optar pela honestidade. Seja como for, *maioritariamente* honestidade. Parece ser a melhor forma de responder a esta rapariga, uma vez que percebe as tretas como se estivessem escritas em papel transparente.

Agora sou eu quem solta um suspiro profundo.

— Queres saber o que pensei quando te vi pela primeira vez?

Ela abana a cabeça.

— Quando me viste pela primeira vez? Falas de há uma hora atrás?

Ignoro o seu cinismo e prossigo.

— A primeira vez que passaste por mim, antes de eu interromper o almoço com o teu pai, olhei o tempo todo para o teu rabo enquanto de afastavas. E não consegui deixar de imaginar o tipo de cuecas que vestias. Foi tudo o que pensei no tempo em que estiveste na casa de banho. Serias rapariga para usar tanguinha? Ou não usavas nada? Não

vi nenhum contorno nas tuas calças que sugerisse que usavas cuecas normais.

» Antes de voltares da casa de banho, comecei a sentir uma espécie de sensação de pânico no estômago, pois não tinha a certeza se queria ver a tua cara. Já tinha ouvido a vossa conversa e fiquei atraído pela tua personalidade. Mas e a tua cara? As pessoas dizem para não julgarmos os livros pela capa, mas e se lermos o conteúdo sem chegar a vê-la? E se gostarmos realmente do conteúdo? Claro que, se vamos fechar o livro e estamos prestes a ver a capa pela primeira vez, esperamos considerá-la atraente. Quem quer um livro bem escrito na prateleira se tem de olhar para uma capa de merda?

Ela olha rapidamente para o colo, mas eu continuo a falar.

— Quando saíste da casa de banho, a primeira coisa que me saltou à vista foi o teu cabelo. Recordou-me a primeira rapariga que beijei. Chamava-se Abitha. Tinha um cabelo lindo que cheirava sempre a coco, pelo que pensei se o teu cabelo cheiraria também a coco. E depois fez-me pensar se beijas como a Abitha, pois embora tenha sido o meu primeiro beijo, é ainda um dos únicos de que me lembro dos pormenores. De qualquer forma, reparei de imediato nos teus olhos depois de admirar o cabelo. Ainda estavas a vários metros de distância, mas olhavas diretamente para mim, como se percebesse por que motivo estava eu a olhar para ti.

» Mas depois fiquei inquieto e revirei-me no meu lugar, uma vez que, como já assinalaste, não me tinha ainda sequer olhado ao espelho. Não sabia o que vias, agora que olhavas para mim, e não sabia sequer se gostavas do que vias. As minhas palmas da mão começaram a suar porque foi a primeira impressão que tiveste de mim e eu não sabia se bastava.

» Nesse momento, já chegaras quase à minha cabine, e foi aí que os meus olhos caíram nas tuas bochechas. No teu pescoço. Vislumbrei as cicatrizes pela primeira vez e, no momento em que reparei nelas, puseste a vista no chão e deixaste o cabelo cobrir a maior parte da cara. E sabes o que pensei então, Fallon?

Os seus olhos erguem-se aos meus e percebo que não quer que lho diga. Acha que sabe exatamente o que pensei naquele momento, mas não faz ideia.

— Fiquei tão aliviado — digo-lhe. — Pois percebi naquele simples movimento que eras insegura. E percebi, visto não fazeres obviamente ideia de quão linda estavas, que poderia de facto ter alguma hipótese contigo. E por isso sorri, pois tinha a esperança de que, se jogasse bem as minhas cartas, poderia descobrir o tipo de cuecas que vestias sob as calças.

É como se o mundo escolhesse este momento para se silenciar. Não passa nenhum carro. Nenhum pássaro chilreia. O passeio que nos

circunda está completamente vazio. São os mais longos dez segundos da minha vida, à espera de uma resposta. Tão longos, dez segundos é tempo suficiente para querer desdizer tudo. É tempo suficiente para desejar ter ficado calado, em vez de ter exposto tudo daquela maneira.

A Fallon aclara a garganta e desvia o olhar de mim. Levanta-se do banco.

Não me mexo. Apenas a observo, curioso se escolheu este momento para enfim acabar comigo a fingir.

Respira fundo e depois olha para mim.

— Ainda tenho as malas para fazer esta noite. Sabes, oferecer ajuda é a coisa certa para um namorado fazer.

— Precisas de ajuda para fazer as malas? — deixo escapar.

Ela levanta um ombro com indiferença.

— Está bem.

Fallon

A minha mãe é a minha heroína. O meu modelo a seguir. A mulher que quero ser. Aturou o meu pai durante sete anos. A mulher que o consiga levar a cabo merece uma medalha de honra.

Quando me propuseram o papel principal no Gumshoe aos 14 anos de idade, ela hesitou a dar autorização. Odiava a forma como o meu pai me empurrava para a ribalta. Odiava por completo aquilo em que a ribalta o transformara. Dizia que, antes de se tornar um nome conhecido, era um homem maravilhoso e encantador. No entanto, assim que a fama lhe subiu à cabeça, deixou de o suportar. Dizia que 1993 foi o ano que conduziu à morte do seu casamento, da ascensão à fama, e do nascimento do seu primeiro e único filho: *Eu*.

Por isso, é evidente que fez tudo o que estava ao seu alcance para não deixar que me acontecesse o mesmo quando comesse a representar. Imaginem o que é transitar para a feminilidade enquanto se é uma atriz prometedoras em Los Angeles. É bastante fácil perdermo-nos de vista. Vi isso acontecer a muitos amigos.

Mas a minha mãe não deixou que isso me acontecesse. Assim que o realizador dava por terminadas as filmagens, eu ia para casa para cumprir uma lista de tarefas e um rígido conjunto de regras. Não digo que a minha mãe fosse austera. Apenas não me dava nenhum tratamento especial, por mais popular que me estivesse a tornar.

Também não me deixou namorar até eu fazer 16 anos. Por isso, nos primeiros meses depois do meu décimo sexto aniversário, tive três encontros com três rapazes diferentes. E foi divertido. Dois deles eram colegas com quem curti uma ou duas vezes num vestiário no estúdio. Um deles era irmão de uma amiga minha. Independentemente da pessoa com quem saísse, ou de quanto me diverti ou não, a minha mãe tinha comigo sempre a mesma conversa, sobre a importância de não me apaixonar até chegar a uma idade em que me conhecesse genuinamente. Ela *ainda* tem a mesma conversa comigo, e eu nem sequer saio com ninguém.

A minha mãe ficou obcecada com livros de autoajuda depois de se divorciar do meu pai. Leu todos os livros que conseguiu sobre paternidade, casamento, encontrar-se a si própria enquanto mulher. Depois de ler todos esses livros, concluiu que as raparigas mudam mais entre os 16 e os 23 anos do que em qualquer outro período das suas vidas. E é importante para ela que eu não passe estes anos apaixonada por um tipo qualquer, pois se isso acontecer, teme que

nunca aprenda a apaixonar-me por mim própria.

Conheceu o meu pai aos 16 anos e deixou-o aos 23, por isso acho que as suas restrições de faixa etária têm um pouco a ver com a experiência pessoal. Contudo, tendo em conta que tenho apenas 18 anos e não tenho quaisquer planos de assentar em breve, imagino que seja fácil seguir o seu conselho e dar-lhe crédito. É o mínimo que posso fazer.

Considero engraçado que ela pense que existe uma idade mágica em que uma mulher tem tudo resolvido. Mas admito que uma das minhas expressões preferidas é uma que inventou.

«Nunca serás capaz de te encontrar se estiveres perdida noutra pessoa.»

A minha mãe não é famosa. Não tem uma carreira espantosa. Nem sequer está casada com o amor da sua vida. Mas há uma coisa que sempre teve...

Razão.

E é por isso, até encontrar algo que o contradiga, que prestarei atenção a cada palavra que me diga, por mais absurda que pareça. Não me lembro de me dar maus conselhos, pelo que, apesar de Benton James Kessler poder ter saído das páginas de um dos muitos romances que guardo na estante do meu quarto, o tipo não tem qualquer hipótese comigo, pelo menos nos próximos cinco anos.

Mas isto não quer dizer que eu não quisesse saltar para o seu colo e escarranchá-lo ali mesmo no banco de jardim enquanto deslizava a língua pela sua garganta. Foi muito difícil refrear-me depois de ele ter admitido que eu era linda.

Não, espera.

Linda de morrer, foram essas as palavras exatas.

E embora ele pareça bom demais para ser verdade, e esteja provavelmente cheio de defeitos e hábitos irritantes, sou gananciosa o suficiente para querer passar o resto do dia com ele. Pois, quem sabe? Ainda que me mude para Nova Iorque, esta noite ainda o poderei escarranchar e enfiar a minha língua na sua boca.

Quando acordei esta manhã, pensei que hoje seria um dos dias mais difíceis dos últimos dois anos. Quem diria que o aniversário do pior dia da minha vida pudesse acabar bem?

— Doze, trinta e cinco, campainha — digo ao Ben, dando-lhe o código da porta para o meu apartamento. Ele baixa a janela e anota o código. Apanhei um táxi para me encontrar com o meu pai no restaurante esta manhã, pelo que o Ben se ofereceu a levar-me a casa.

Aponto para um lugar de estacionamento vazio. Ele vira para essa direção e estaciona junto ao carro da minha colega de casa. Ambos saímos e encontramos-nos à frente do seu carro.

— Acho que te devo avisar antes de entrar — digo.

Ele olha para o prédio e depois para mim com inquietação.

— Não vives com um namorado verdadeiro, pois não?

Rio-me.

— Não, longe disso. Vivo com a Amber, e ela vai provavelmente bombardear-te com milhões de perguntas, tendo em conta que nunca entrei pela porta de casa com um rapaz.

Não sei porque não tenho problemas em admitir-lhe isso.

Envolve-me por acaso com o braço e dirige-se comigo ao prédio.

— Se pedes que finjamos que somos apenas amigos, nem penses nisso, não vou menosprezar a nossa relação só por causa da tua colega de casa.

Rio-me e levo-o até à porta do meu apartamento. Dou por mim a levantar a mão para bater à porta, mas, ao invés, giro a maçaneta. Ainda é a minha casa, pelo menos nas próximas dez horas, pelo que não devia sentir necessidade de bater.

O braço do Ben larga os meus ombros para que eu possa entrar primeiro. Olho pela sala e avisto a Amber junto à bancada da cozinha com o namorado. Ela e o Glenn já namoram há mais de um ano, e nenhum deles disse nada, mas tenho a certeza de que se muda para cá assim que me for embora esta noite.

Ela olha para nós, e arregala os olhos no instante em que repara no Ben a entrar depois de mim.

— Olá — digo, com alegria, como se não houvesse nada de incomum em entrar em casa com um rapaz bonito de quem nunca falei.

Avançamos pela sala e o olhar da Amber nunca larga o Ben.

— Olá — diz ela, sem lhe tirar a vista de cima. — Quem és tu? — Olha para mim e aponta para o Ben. — Quem é ele?

O Ben avança e estende a mão.

— Benton Kessler — diz, cumprimentando-a. Em seguida, cumprimenta o Glenn. — Podem tratar-me por Ben apenas — afirma, voltando a pôr o braço sobre os meus ombros. — Sou o namorado da Fallon.

Rio-me, mas sou a única a rir. Glenn olha-o de alto a baixo.

— Namorado? — pergunta, voltando a atenção para mim. — Ele sabe que te vais mudar para Nova Iorque?

Assinto com a cabeça.

— Sabe desde que nos conhecemos.

A Amber arqueia uma sobrancelha.

— E *quando* foi isso?

Está confusa, uma vez que sabe que lhe conto tudo, e ter namorado faz sem dúvida parte do todo.

— Céus — diz Ben, olhando para mim. — Já lá vai quanto tempo, querida? Uma... duas horas?

— Duas no máximo.

A Amber estreita os olhos na minha direção. Já quer saber todos os pormenores, e detesta ter de esperar que o Ben se vá embora até saber tudo.

— Estaremos no meu quarto — digo despreocupadamente.

Ele despede-se deles e tira o braço dos meus ombros, entrelaçando a sua mão na minha.

— Foi um prazer conhecer-vos aos dois — diz, apontando para o corredor. — Agora vou seguir a Fallon até ao seu quarto para que eu possa ver que cuecas vestiu.

A Amber fica boquiaberta e o Glenn ri-se. Afasto o braço do Ben, chocada por ter levado a piada longe demais.

— Não, vais seguir-me até ao quarto para me ajudar a fazer as malas.

Faz beicinho. Reviro os olhos e levo-o pelo corredor até ao quarto.

Eu e a Amber já somos melhores amigas há mais de dois anos. Assim que terminámos o secundário, mudámo-nos juntas para este apartamento. O que significa que vivo aqui apenas há seis meses, pelo que tenho a sensação de estar a empacotar tudo aquilo que acabei de desempacotar.

Quando entramos no meu quarto, o Ben fecha a porta por detrás de mim. Observa o quarto, motivo pelo qual lhe permito ser intrometido uns minutos enquanto abro a mala de viagem. Vou mudar-me para um apartamento todo mobilado, por isso as únicas coisas que tenho de levar comigo são roupa e artigos de higiene. Tudo o resto está na casa da minha mãe.

— Lês livros? — pergunta-me.

Olho para trás e encontro-o a mexer nos livros da prateleira.

— Adoro ler. É melhor despachares-te a escrever um livro, pois já se encontra na minha lista.

— Na tua lista?

— Lista de livros para ler — clarifico.

Ele tira um livro da prateleira e lê a contracapa.

— Detesto ter de te dizer isto, mas acho que não vais gostar de nenhum livro que eu possa escrever — diz, pondo o livro na prateleira e pegando noutro. — Parece-me que favoreces histórias de amor, e essa não é a minha praia.

Paro de examinar as camisolas no *closet* e olho para ele.

— Não — digo, em tom de lamento. — Diz-me, por favor, que não és um daqueles leitores pretensiosos que julgam as pessoas pelos livros de que gostam.

Ele abana a cabeça de imediato.

— De maneira nenhuma. Apenas não sei como escrever histórias de amor. Tenho 18 anos. Não sou, nem nada que se pareça,

especialista quando se trata de amor.

Afasto-me do *closet* e encosto-me à porta.

— Nunca estiveste apaixonado?

Ele assente com a cabeça.

— Claro que sim, mas não foi uma paixão que mereça um romance de amor, pelo que não tenho nada que escrever sobre isso.

Estende-se sobre a minha cama e encosta-se à cabeceira a observar-me.

— Achas que o Stephen King foi assassinado por um palhaço na vida real? — pergunto-lhe. — O Shakespeare bebeu mesmo um frasco de veneno? Claro que não, Ben. Chama-se ficção por algum motivo. É tudo inventado.

Sorri para mim, e vê-lo ali na cama faz-me corar. De repente, quero suplicar-lhe que rebole nos meus lençóis para que o possa cheirar quando adormecer esta noite. No entanto, lembro-me de que não dormirei naqueles lençóis esta noite porque estarei no avião a caminho de Nova Iorque. Viro-me novamente para o *closet* para que não veja o meu rosto corado.

Ele ri silenciosamente.

— Estavas a ter pensamentos atrevidos.

— Não estava não — gracejo.

— Fallon, já namoramos há duas horas. Consigo ler-te como um livro, e neste momento acredito que esse livro está repleto de erotismo.

Rio-me e começo a tirar camisolas dos cabides. Não me quero dar ao trabalho de as dobrar até perceber como é que as vou arrumar, atirando-as, portanto, para o meio do chão do quarto.

Tiro cerca de um quarto das camisolas do *closet* antes de voltar a olhar para o Ben. Tem as mãos entrelaçadas em cima da cabeça enquanto me observa a fazer as malas. Não esperava que me ajudasse quando aqui chegássemos, pois provavelmente estaria mais a atrapalhar do que outra coisa. Mas o facto de ele também reconhecer isso faz-me sentir bem por ainda demonstrar entusiasmo por passar mais tempo comigo.

Decidi, quando estávamos a caminho, que não poria os seus motivos em questão. É evidente que o meu lado inseguro ainda pergunta por que raio um tipo como ele perde tempo com uma rapariga como eu, mas sempre que esse pensamento me paira na mente, recordo-me da conversa que tivemos no jardim. E digo para mim própria que tudo o que disse me pareceu genuíno, que de alguma maneira me considera, de facto, atraente. Para ser franca, isso realmente importa alguma coisa? Vou mudar-me para a outra ponta do país. O que se vai passar nas próximas horas não terá grande impacto na minha vida. Interessa alguma coisa que ele apenas me

queria levar para a cama? Na verdade, até preferia que fosse só isso. É a primeira vez em dois anos que alguém me fez sentir desejada. Por conseguinte, não me vou crucificar pelo facto de estar a gostar tanto como estou a gostar.

Dirijo-me à cómoda e ouço-o a digitar um número no telefone. Fico calada enquanto efetua a chamada.

— É possível fazer uma reserva para dois às sete?

Depois da pergunta, o silêncio é quase palpável enquanto espero pelo que dirá a seguir. Nas últimas duas horas, o meu coração fez mais exercício do que nos últimos dois meses.

— Benton Kessler. K-E-S-S-L-E-R — *Mais silêncio* — Perfeito. Muito obrigado — *Mais silêncio*.

Remexo na gaveta superior, agindo como se não rezasse a Deus para que eu fosse a outra pessoa que jantará com ele. Ouço-o mexer-se na cama e levantar-se, então viro-me e vejo-o caminhar para mim. Sorri e depois olha sobre o meu ombro para a gaveta que vasculho.

— É a tua gaveta das cuecas?

Ele estende o braço e pega numas cuecas. Tiro-lhas da mão e atiro-as para a mala.

— Tira a mão — digo-lhe.

Ele caminha em torno de mim e encosta o cotovelo à cómoda.

— Se estás a arrumar cuecas, significa que as usas. Ora, por processo de eliminação, deduzo que neste momento usas tanguinha. Agora só tenho de descobrir a cor.

Lanço o conteúdo da gaveta para dentro da mala.

— É preciso muito mais do que falinhas mansas para me pôr de cuecas, Ben, «o Escritor».

Ele sorri de orelha a orelha.

— Ai sim? Tipo o quê? Um jantar num restaurante chique? — Desencosta-se da cómoda e põe-se direito, enfiando as mãos nos bolsos das calças de ganga. — Acontece que acabei de fazer uma reserva no Chateau Marmont para as sete.

Rio-me.

— Não me digas.

Contorno-o, rumo ao *closet*, tentando esconder um enorme sorriso. *Obrigado, meu Deus. Ele leva-me a jantar.* Assim que chego ao armário, o meu sorriso esmorece. *Mas que vou eu vestir? Não saio com ninguém desde que as minhas mamas cresceram por completo!*

— Fallon O'Neil? — pergunta, desta vez à porta do *closet*. — Queres sair comigo esta noite?

Suspiro e observo as minhas roupas entediadas.

— Mas que raio vou vestir para ir ao Chateau? — Viro-me para ele e faço uma careta. — Não podíamos antes ir ao Chipotle ou algo assim?

Ele ri-se e examina minuciosamente as roupas no meu *closet*.

— Demasiado comprido — diz, enquanto corre os cabides um a um. — Demasiado feio. Demasiado descontraído. Vistoso demais.

Por fim, para, e tira algo do varão. Vira-se e ergue um vestido preto que eu queria deitar fora desde o dia em que a minha mãe mo comprou.

Está sempre a comprar-me roupa na esperança de que a vista. Roupa que não me cobre as cicatrizes.

Abano a cabeça em negação e tiro-lhe o vestido da mão, pondo-o de volta no sítio. Pego num dos poucos vestidos de manga comprida e tiro-o do cabide.

— Gosto deste.

O seu olhar cai no vestido que escolheu inicialmente, tira-o do cabide e entrega-mo de novo.

— Mas eu quero que vistas este.

Passo-lhe de novo o vestido.

— Não quero vestir esse, quero vestir este.

— Não — diz ele. — Vou pagar o jantar, por isso posso escolher aquilo para onde vou olhar enquanto comemos.

— Então pago *eu* o jantar e visto o vestido que *quero* usar.

— Então dou balda e vou ao Chipotle.

Suspiro.

— Acho que estamos a ter a primeira discussão enquanto casal.

Ele sorri e ergue a mão que segura o vestido que escolheu.

— Se concordares em vestir isto esta noite, podemos curtir neste preciso momento.

Ele é implacável. Mas não vou vestir o raio do vestido. Se tiver de jogar a carta da honestidade, jogo.

Solto um suspiro de frustração.

— A minha mãe comprou-me esse vestido no ano passado quando passava pela sua fase de «Vamos consertar a Fallon». Mas não faz ideia o quão desconfortável é estar na minha pele. Portanto não me voltes a pedir que use esse vestido, pois fico muito mais tranquila com roupa que não mostre muita pele. Não gosto de deixar os outros desconfortáveis, e se eu usar algo desse género, sentir-se-ão esquisitos a olhar para mim.

O queixo do Ben fica tenso e ele tira o olhar de mim, de volta ao vestido que tem nas mãos.

— Está bem — diz ele, deixando o vestido cair no chão.

Finalmente.

— Mas é culpa tua que as pessoas se sintam desconfortáveis a olhar para ti.

Nem sequer escondo o suspiro. É a primeira coisa que me disse que me fez sentir estar a ouvir o meu pai. Não vou mentir. Dói. Sinto como

se a minha garganta inchasse, por isso engulo em seco.

— Isso não foi muito simpático — digo baixinho.

O Ben avança um passo para mim. O espaço no meu *closet* não é muito, para ele se aproximar ainda mais. Sobretudo depois de dizer algo tão ofensivo.

— É verdade — diz ele.

Fecho os olhos, ou isso ou olhar para uma boca que profere palavras tão odiosas.

Respiro fundo, quase sem fôlego, mas recupero-o quando os seus dedos me penteiam o cabelo na testa. O inesperado contacto físico obriga-me a fechar ainda mais os olhos. Sinto-me tão estúpida por não o obrigar a ir-se embora, ou, no mínimo, empurrá-lo. Não sei porquê, mas não consigo mexer-me ou falar. Aliás, nem sequer *respirar*.

Ele tira-me o cabelo da testa, percorrendo-o com os dedos até deixar de me pender na cara.

— Usas o cabelo assim porque não queres que as pessoas vejam demasiado de ti. Usas mangas compridas e camisolas até ao colarinho porque achas que isso ajuda. Mas não ajuda.

As suas palavras parecem transformar-se em punhos que me esmurram diretamente no estômago. Afasto a cara da mão dele, mas mantenho os olhos fechados. Sinto como se estivesse prestes a chorar, mas já é choro suficiente para um estúpido dia de aniversário.

— Fallon, as pessoas não se sentem desconfortáveis contigo por causa das cicatrizes. Sentem-se desconfortáveis porque fazes com que sintam que é errado olhar para ti. E, *acredita* em mim, és o tipo de pessoa para quem as pessoas querem olhar — Sinto os seus dedos roçar no meu queixo e recuo. — Tens uma estrutura óssea fabulosa, e sei bem que é um elogio estranho, mas é verdade — Os seus dedos largam-me o queixo, percorrendo-o até chegarem à boca. — E os teus lábios. Os homens olham para eles porque querem saboreá-los, e as mulheres olham por inveja, porque se tivessem lábios da cor dos teus nunca mais teriam de usar batom.

Solto o que poderá ser um cruzamento entre riso e choro, mas ainda não me atrevo a olhar para ele. Estou direita como um fuso, sem saber se me vai tocar ou não. Sem saber o que *dirá* a seguir.

— E na minha vida só conheci uma outra rapariga com um cabelo tão longo e belo como o teu, mas já te falei da Abitha. E, para que saibas, não te chega aos calcanhares, apesar de beijar muito bem.

Sinto as suas mãos subir e empurrar-me o cabelo para trás dos ombros. Está perto o suficiente para que eu saiba que consegue sentir a respiração exagerada no meu peito. Mas, meu Deus, de repente tornou-se difícil respirar, como se estivesse muitos mais quilómetros acima da linha do mar do que cinco minutos antes.

— Fallon — diz, chamando-me a atenção. Os seus dedos

encontram o meu queixo, e ele ergue-me a cara. Quando abro os olhos, está muito mais perto do que eu pensava. Olha para mim com um olhar penetrante. — As pessoas *querem* olhar para ti. Acredita em mim, sou uma delas. Mas, quando tudo em ti grita «Não olhes para mim!», então é isso que as pessoas vão fazer. A única pessoa que se importa com as cicatrizes na tua cara és tu.

Quero tanto acreditar nas suas palavras. Se acreditasse em tudo o que diz, então talvez a minha vida valeria muito mais para mim do que vale neste momento. Se acreditasse nele, talvez não estivesse tão nervosa com a ideia de retomar as audições. Talvez fizesse exatamente aquilo que a minha mãe diz que uma rapariga da minha idade deve fazer: descobrir-me a mim própria, e não esconder-me de mim.

Por Deus, nem sequer me visto para mim. Visto aquilo que acho que as outras pessoas preferem que vista.

Os olhos do Ben caem na minha blusa e, pela primeira vez, reparo que os seus pulmões inalam ar com o mesmo esforço que os meus. Levanta a mão e desabotoa-me o botão de cima. Respiro depressa. A sua vista não me larga a blusa e a minha não larga o seu rosto. Quando baixa os dedos ao segundo botão, posso jurar que respira entrecortado.

Não sei o que está a fazer, e fico apavorada por poder ser a primeira pessoa a ver o que há sob a minha blusa. Mas não consigo encontrar palavras que o façam parar.

Quando o segundo botão se liberta, começa a desabotoar o terceiro. Antes de o libertar, ergue o olhar para o meu, e parece tão assustado quanto eu. Não largamos o olhar até chegar ao último botão. Quando o desabotoa, olho para a minha blusa.

Apenas se revela um pouco de pele em redor do meu umbigo, pelo que ainda não me sinto exposta. Mas estou prestes a sentir-me, pois percorre lentamente as mãos até à parte de cima da blusa. Antes de fazer mais alguma coisa, volto a fechar os olhos.

Não quero olhar para ele quando perceber quanto do meu corpo foi queimado. Para ser exata, a maior parte do meu lado esquerdo. O que ele vê, quando olha para a minha bochecha, é apenas uma pequena parte em comparação com o que está debaixo da roupa.

Sinto a minha blusa abrir-se por completo, e quanto mais de mim se expõe, mais difícil se torna sustentar as lágrimas. É a pior altura de sempre para me sentir emocionada, mas as lágrimas não são conhecidas por um sentido de oportunidade impecável.

A sua respiração ouve-se bem, assim como o suspiro que sustém assim que a minha blusa se abre por completo. Quero empurrá-lo para fora do meu quarto, fechar a porta e esconder-me, mas é precisamente isso que tenho feito nos últimos dois anos. Por isso, por motivos que não consigo explicar, não lhe peço para parar.

O Ben tira-me a blusa dos ombros e desliza-a lentamente pelos meus braços. Chega às mãos e cai no chão. Sinto as suas mãos roçar nas minhas. Sinto demasiada vergonha para sequer me mexer, sabendo exatamente aquilo que vê quando olha para mim.

Os seus dedos levantam-me as mãos e os pulsos, no momento em que me cai a primeira lágrima. Não obstante, a lágrima não o perturba. Arrepiam-se-me a pele enquanto ele desliza as mãos pelos meus antebraços. Em vez de arrastar os dedos até aos meus cotovelos, faz uma pausa. Ainda não me atrevo a abrir os olhos.

Sinto a sua testa descansar com gentileza na minha, e o facto de estar tão ofegante quanto eu é a única coisa que me dá uma sensação de conforto neste momento.

Aperta-se-me o estômago quando as suas mãos alcançam o topo das minhas calças.

Isto já foi longe demais.

Longe demais, longe demais, longe demais, mas tudo o que consigo fazer é respirar fundo e deixar que os seus dedos abram o botão das calças, pois por mais que queira que pare, fico com a sensação que não me despe por prazer. Não sei bem o que está a fazer, mas estou demasiado imóvel para indagar.

Respira, Fallon. Respira. Os teus pulmões precisam de ar renovado.

A testa dele ainda descansa na minha, e sinto a sua respiração atingir-me os lábios. Tenho, contudo, a sensação de que tem os olhos bem abertos, e que olha para baixo, entre nós, observando as suas mãos a baixar-me a braguilha das calças.

Quando a braguilha chega ao seu destino, desliza as mãos entre as minhas calças e as ancas, descontraído o suficiente para me fazer acreditar que não se importa de tocar nas cicatrizes do lado esquerdo. Baixa-me as calças para além das ancas e põe-se lentamente de cócoras enquanto as desliza ao longo das pernas. Sinto a sua respiração pelo corpo até chegar ao estômago, mas os lábios nunca tocam na pele.

Quando fico com as calças nos pés, tiro um pé de cada vez.

Não faço ideia do que vai acontecer a seguir. O que acontece a seguir? O que. Acontece. A seguir?

Ainda tenho os olhos fechados, sem ter ideia se está de pé, ajoelhado ou a afastar-se.

— Levanta os braços — diz-me.

A sua voz é áspera e próxima, assustando-me ao ponto de os meus olhos se abrirem involuntariamente. Está mesmo à minha frente, segurando o vestido que antes deixara cair no chão.

Olho para ele. Não estava nada à espera de ver este olhar no seu rosto. Tem os olhos tão quentes e vorazes, como se sustivesse o último laivo de constrangimento para não remover as últimas duas peças que

tenho vestidas.

Ele aclara a voz.

— *Por favor*, levanta os braços, Fallon.

Levanto-os, e ele ergue o vestido sobre a minha cabeça e desliza-o pelos meus braços. Puxa-o até passar-me pela cabeça, ajustando-o nas minhas curvas. Quando o vestido fica enfim no lugar, levanta-me o cabelo e deixa-o cair-me pelas costas. Recua um passo atrás e olha-me de alto a baixo. Aclara a garganta, mas a sua voz ainda sai áspera enquanto fala.

— Linda de morrer — diz ele, com um sorriso lento. — E vermelha.

Vermelha?

Olho para o vestido, não há dúvida de que é preto.

— As tuas cuecas — clarifica. — A cor é vermelha.

Deixo sair uma explosão do que pensava ser uma gargalhada, mas soa mais a um choro chilreado. É então que percebo que ainda me deslizam lágrimas pelo rosto, motivo pelo qual levo as mãos à cara e tento limpá-las, mas não param de jorrar.

Não acredito que acabou de me despir só para provar uma coisa. Não acredito que *deixei* que isso acontecesse. Agora sei bem o que ele queria dizer quando afirmou que lhe é difícil controlar a indignação na presença do absurdo, não olhando a meios para me provar isso.

O Ben avança e abraça-me. Tudo nele é reconfortante e quente e não faço ideia como responder. Uma das suas mãos encontra a minha nuca e ele pressiona-me a cara contra o seu peito. Não me rio pelo ridículo das minhas lágrimas, *pois quem faz isto? Quem chora quando alguém o despe pela primeira vez?*

— Estamos perante um recorde — diz o Ben, afastando-me do seu peito para que possa olhar-me nos olhos. — Fiz a minha namorada chorar em menos de três horas de relação.

Volto a rir, e em seguida pressiono a minha cara contra o seu peito e retribuo o abraço. Porque não estive lá há dois anos no hospital? Porque tive de viver dois anos sem ninguém me dar uma migalha de confiança?

Volvidos mais um ou dois minutos a tentar dominar as minhas emoções erráticas, estou enfim calma o suficiente para perceber que não cheira assim tão bem quando tenho a cara sobre a camisola que usa há dois dias.

Dou um passo atrás e volto a passar os dedos pelos olhos. Deixei de chorar, mas decerto que tenho rímel por todo o lado.

— Uso este vestido com uma condição — digo. — Primeiro, tens de ir para casa tomar banho.

Sorri de orelha a orelha.

— Já fazia parte dos meus planos.

Ficamos em silêncio mais um momento, e depois deixo de aguentar estar tão perto dele. Empurro-o pelos ombros.

— Já são quase quatro da tarde — digo-lhe. — Aparece às seis e estarei vestida e pronta para ir.

Avança até à porta do quarto, mas vira-se para mim antes de sair.

— Quero que uses o cabelo para cima esta noite.

— Não abuses da sorte.

Ele ri-se.

— Por que razão existe a sorte se não posso abusar dela?

Aponto para a porta.

— Vai. Toma banho. Aproveita e faz também a barba.

Abre a porta, mas hesita.

— Com que então, fazer a barba? Planeias pôr esses lábios na minha cara esta noite?

— *Vai-te embora!* — exclamo, com um riso exagerado.

Ele fecha a porta, mas ainda ouço o que diz à Amber e ao Glenn assim que entra na sala.

— São vermelhas! As cuecas são vermelhas!

Ben

Mas que raio estou eu a fazer?

Ela vai mudar-se para Nova Iorque. É só um jantar, não passa disso.

Mas, a sério, o que estou eu a fazer? Não devia fazer isto.

Visto umas calças de ganga e procuro no closet uma camisa lavada. No momento em que a visto, abre-se a porta.

— Ei — diz o Kyle, encostado ao vão. — Que bom que voltaste a casa para mudar de roupa — *Por favor, agora não.* — Queres jantar comigo e com a Jordyn esta noite?

— Não posso. Tenho um encontro.

Avanço até à cómoda e pego na água-de-colónia. Nem acredito que a Fallon se tenha aproximado de mim daquela maneira comigo a cheirar assim. É um pouco embaraçoso.

— Ai sim? Com quem?

Pego na carteira e no casaco.

— Com a minha namorada.

O Kyle ri-se enquanto passo por ele e avanço pelo corredor. *Namorada?* Ele sabe que não namoro, pelo que me segue para extrair mais informações.

— Sabes bem que se contar à Jordyn que tens um encontro com a tua namorada, ela vai-me encher de perguntas até a cabeça me explodir. É bom que me dê alguma coisa.

Rio-me. Ele tem razão; a namorada dele gosta de saber tudo sobre toda a gente. E, por algum motivo, sendo que está prestes a mudar-se para cá, pensa que somos família. O pior é que é *bastante* intrometida quando se trata de questões familiares.

O Kyle segue-me até à entrada e também até ao carro. Segura a porta antes que a possa fechar.

— Sei onde estiveste ontem à noite.

Paro de tentar fechar a porta e deixo-me cair no banco. *Lá vamos nós outra vez.*

— A tua namorada é uma linguaruda, sabias?

Encosta-se à porta, olhando para mim de braços cruzados.

— Está preocupada contigo, Ben, estamos todos.

— Estou bem. Vais ver. Vai tudo correr bem.

O Kyle olha para mim um momento em silêncio, querendo, desta vez, acreditar em mim. No entanto, prometi-lhe tantas vezes que vai tudo correr bem que já faz ouvidos moucos. E eu percebo isso. Mas

não faz ideia que desta vez é *mesmo* diferente.

Ele desiste e fecha a porta sem dizer palavra. Sei que apenas tenta ajudar, mas não é necessário. As coisas vão mesmo mudar. Soube isso no momento em que pus a vista em cima da Fallon.

* * *

Chego à porta da sua casa por volta das 17h05. Cheguei cedo, mas, como disse ela vai mudar-se para Nova Iorque e nunca mais a vou ver. Mais 55 minutos com ela nem chega perto daquilo que desejo.

A porta abre-se quase no preciso momento em que bato. A Amber sorri para mim e deixa-me entrar.

— Olá, namorado da Fallon de quem nunca ouvi falar — diz, apontando para o sofá. — Senta-te. A Fallon está a tomar banho.

Olho de relance para o sofá e depois para o corredor que dá para o quarto da Fallon.

— Achas que não precisa da minha ajuda para tomar banho?

A Amber ri-se, mas depois, com a mesma celeridade, o seu rosto fica sério.

— Não. Senta-te.

O Glenn está sentado no sofá à frente daquele onde me forçaram a sentar. Cumprimento-o com a cabeça e ele ergue uma sobrancelha em jeito de aviso. Parece que este é o momento de que a Fallon me avisou.

A Amber atravessa a sala e senta-se ao lado do Glenn.

— A Fallon disse-me que és escritor?

Assinto com a cabeça.

— Ben, «o Escritor», sou eu.

Antes de disparar a segunda pergunta, a Fallon aparece de repente no corredor.

— Olá. Bem me parecia que te tinha escutado por aqui.

Não há sinais de que tenha estado a tomar banho. Viro-me para a Amber e ela encolhe os ombros.

— Não me podes culpar por ter tentado.

Levanto-me e caminho até ao corredor, apontando para a Amber mas a olhar para a Fallon.

— A tua colega de casa é mesmo sorrateira.

— É sim, senhor — diz a Fallon. — E tu chegaste uma hora mais cedo.

— Cinquenta e cinco minutos.

— Vai dar ao mesmo.

— Não é a mesma coisa.

Ela dá meia-volta e recua até ao quarto.

— Estou tão cansada de discutir contigo, Ben — diz, dirigindo-se a

uma casa de banho fora do quarto. — Acabei agora de fazer as malas. Ainda nem sequer comecei a preparar-me para o jantar.

Volto ao meu lugar na cama dela.

— Não te preocupes. Já me pus confortável — estico o braço e alcanço o livro que tem na mesinha de cabeceira. — Fico a ler até estares pronta.

Ela espreita pela porta da casa de banho e vislumbra o livro que tenho na mão.

— Cuidado. É um bom livro. Pode fazer-te mudar de ideias quanto a escreveres um romance de amor.

Torço o nariz e abano a cabeça. Ela ri-se e desaparece outra vez para a casa de banho.

Abro a primeira página do livro, esperando lê-la na diagonal. Antes que desse conta, já ia na décima página.

Décima sétima.

Vigésima.

Trigésima sétima.

Meu Deus, isto é mesmo viciante.

— Fallon?

— Sim? — responde ela da casa de banho.

— Já acabaste este livro?

— Ainda não.

— Bem, preciso que o acabes antes de ires para Nova Iorque para que me digas se ela descobre que ele é mesmo irmão dela.

Ela reaparece na porta como um trovão.

— O quê? — grita. — Ele é *irmão* dela?

Arreganho os dentes.

— Apanhei-te.

Ela revira os olhos e volta a desaparecer para dentro da casa de banho. Obrigo-me a parar de ler e atiro o livro para o lado. Olho para o quarto e já me parece diferente de há uma hora atrás. Removeu as fotografias da mesinha de cabeceira e eu nem sequer consegui dar uma olhada. O *closet* está quase vazio, tirando umas caixas no chão.

No entanto, reparei, quando entrei, que ainda tinha o vestido. Esperava que não mudasse de ideias e o arrumasse antes que eu pudesse intervir.

Vejo algum movimento pelo canto do olho, virando-me para a casa de banho. Está à soleira da porta.

Primeiro, olho para o vestido. Fico orgulhoso por o ter escolhido. Mostra decote suficiente para me deixar feliz, mas não sei se conseguirei desviar durante muito tempo o olhar do seu rosto para o decote.

Não sei o que há de diferente nela pois nem parece ter maquilhagem, mas, por algum motivo, está mais linda do que nunca.

Estou contente por ter abusado da sorte e pedido que usasse o cabelo para cima, pois amarrou-o num nó desarranjado e estou a adorar a vista. Levanto-me e caminho para ela. Ergo as mãos até ao vão, por cima da sua cabeça, e sorrio.

— Linda de morrer — sussurro.

Ela sorri e baixa a cabeça.

— Sinto-me uma tola.

— Mal te conheço, por isso não vou discutir contigo sobre o teu nível de inteligência, pois podes muito bem ser tão burra como uma porta. Mas ao menos és bonita.

Ela ri-se e concentra-se um momento nos meus olhos, focando-se depois na minha boca e, Céus, quanto quero beijá-la. Quero tanto beijá-la que até dói, e agora já nem consigo sorrir pela dor que sinto.

— O que se passa?

Faço uma careta e seguro-me ao vão com mais força.

— Quero tanto beijar-te, e neste momento faço tudo o que está ao meu alcance para não o fazer já.

Ela mete a cabeça para trás e as suas sobrancelhas juntam-se confusas.

— Ficas assim com esse ar de enjoado sempre que te apetece beijar uma rapariga?

Abano a cabeça.

— Só contigo.

Ela bufa e passa por mim. Aquilo *não* saiu como eu queria.

— Não quero dizer que a ideia de te beijar me dá vontade de vomitar. Quero antes dizer que a vontade de te beijar me faz doer a barriga. Como dor nos tomates, só que no estômago.

Começa a rir e leva ambas as mãos à testa.

— Que vou eu fazer contigo, Ben, «o Escritor»?

— Podes beijar-me para me sentir melhor.

Ela abana a cabeça e dirige-se à cama.

— De jeito nenhum.

Senta-se na cama e pega no livro que eu estava a ler.

— Leio muitas histórias de amor, por isso sei quando é o momento certo. Se nos vamos beijar, tem de ser como nos livros. Depois de me beijares, quero que esqueças para sempre aquela tal de Abitha de que tanto falas.

Deito-me ao pé dela na cama, onde está encostada à cabeceira. Ponho-me de lado e apoio-me no cotovelo.

— Mas qual Abitha?

Ela sorri para mim.

— Exatamente. A partir de agora, quando conheceres uma rapariga, é bom que a compares primeiro comigo.

— Usar-te como modelo é inteiramente injusto para a restante

população feminina.

Ela revira os olhos, presumindo que estou outra vez a brincar. Mas, para ser franco, a ideia de comparar alguém à Fallon é ridículo. Não há comparação. E é muito chato ter passado somente algumas horas com ela e já saber isso. Quase que desejo nunca a ter conhecido, pois não gosto de namoradas reais e ela vai para Nova Iorque e só temos 18 anos e portanto... muita... coisa.

Olho para o teto e pergunto-me como poderá isto funcionar. Como é que poderei apenas dizer-lhe adeus esta noite sabendo que nunca mais olharei para ela? Tapo os olhos com o antebraço. Só queria não ter entrado hoje naquele restaurante. As pessoas não sentem a falta daquilo que não conhecem.

— Ainda pensas em beijar-me?

Encosto a cabeça à almofada e olho para ela.

— Já ultrapassei o beijo. Casa-te comigo.

Ela ri-se e mete-se numa posição em que me possa enfrentar. Apresenta uma expressão suave com um laivo de sorriso. Estende uma mão e pressiona a palma contra o meu pescoço. Sustenho a respiração.

— Fizeste a barba — diz-me, acariciando-me o queixo com o polegar.

Nem acredito que consigo sorrir quando me toca assim, uma vez que não há nada de bom no facto de que não voltarei a sentir-me assim depois desta noite. Foda-se, que crueldade atroz.

— Se te pedisse o número telefone, davas-mo?

— Não — responde, quase de imediato.

Pressiono os lábios e espero que me explique porquê, mas não o faz. Apenas continua a percorrer-me o queixo com o polegar.

— Endereço de e-mail?

Ela abana a cabeça.

— Tens ao menos um bip? Fax?

Ela ri-se, e sabe bem ouvi-la rir assim. O ambiente estava demasiado pesado.

— Não quero ter namorado, Ben.

— Então estás a acabar comigo?

Revira os olhos.

— Sabes o que quero dizer — Tira a mão do meu rosto e descansa-a na cama entre nós. — Temos apenas 18 anos. Vou para Nova Iorque. Mal nos conhecemos. Além disso, prometi à minha mãe que não me apaixonaria por ninguém até fazer 23 anos.

Concordo, concordo, concordo, e... *o quê?* Porquê 23?

— A minha mãe diz que a maioria das pessoas já se resolveram aos 23, pelo que quero garantir que sei quem sou e o que quero antes de permitir que me apaixone por alguém. É que é fácil apaixonarmo-nos, Ben. A parte difícil é quando queremos sair daí.

Faz sentido. *Se formos o Homem de Lata.*

— Acreditas que podes controlar se te apaixonas ou não por alguém?

— A paixão pode não ser uma decisão consciente, mas sair dessa situação antes que aconteça, é. Por isso, se conhecer alguém por quem me poderei apaixonar... saio da sua presença até estar preparada.

Uau. Ela é uma espécie de mini-Sócrates com todos estes conselhos de vida. Acho que devia estar a tomar nota. Ou a debater com ela.

No entanto, para ser honesto, fico aliviado por ela dizer estas coisas, pois temia que me beijasse bêbado e me convencesse que éramos almas gémeas ao final da noite. Pois, sabe Deus, se me convidasse, eu saltava logo, sabendo que é a última coisa que devo fazer. Os rapazes não dizem não a uma rapariga como ela, por mais desagradáveis que sejam as relações para eles. Os rapazes veem mamas, acompanhadas de um bom sentido de humor, e acham que encontraram a merda do cálice sagrado.

Mas cinco anos parece uma eternidade. Tenho a certeza de que nem se lembrará desta noite daqui a cinco anos.

— Depois fazes o favor de me procurar quando fizeres 23?

Ela ri-se.

— Benton James Kessler, daqui a cinco anos és um escritor demasiado famoso para se lembrar da pequena Fallon.

— Ou porventura serás uma atriz demasiado famosa para se lembrar de *mim*.

Não responde a isso. Na verdade, o meu comentário entristeceu-a.

Permanecemos calados nos nossos lugares, cara a cara, na sua cama. Mesmo com as cicatrizes e a evidente tristeza nos olhos, não deixa de ser uma das raparigas mais lindas que vi na vida. Os seus lábios parecem suaves e convidativos, e eu tento ignorar os nós no estômago, mas sempre que olho para a boca dela, a intensidade de me tentar refrear faz-me fazer uma careta. Tento não imaginar o que sentiria caso me debruçasse para a beijar, mas, com esta proximidade, desejei ter lido todos os romances de amor alguma vez escritos, pois o que quer dizer um beijo como nos livros? Preciso de saber para que possa acontecer.

Está deitada sobre o seu lado direito e, com o vestido que usa, expõe-se muita da sua pele. Vejo onde começam as cicatrizes, mesmo acima do pulso, até ao braço e o pescoço, derramando sobre a bochecha. Toco-lhe a cara como me tocava. Sinto-a hesitar sob a minha palma, uma vez que toco naquela parte onde não queria sequer que *olhasse* umas horas antes. Percorro-lhe o queixo com o polegar e depois deslizo a mão pelo seu pescoço. Onde quer que passa a minha mão, o seu corpo fica tenso.

— Isto chateia-te?

Os seus olhos cintilam de um lado para o outro entre os meus.

— Não sei — sussurra.

Pergunto-me se serei a única pessoa que alguma vez lhe tocou nas cicatrizes. No passado, tive acidentes em que me queimei a tentar cozinhar, por isso sei qual é a sensação de ter uma queimadura que sara. Mas as suas cicatrizes são muito mais salientes do que uma queimadura superficial. A sua pele é mais suave ao toque do que uma pele normal. Mais frágil. Há algo na sensação que tenho nas pontas dos dedos que me fez querer continuar a tocá-la.

Ela deixa. Durante vários minutos silenciosos, nenhum de nós fala enquanto lhe percorro o braço e o pescoço com os dedos. Os seus olhos humedecem, como se estivesse à beira de chorar. Faz-me pensar que se calhar não está a gostar. Percebo por que razão poderá sentir-se desconfortável, mas por um motivo qualquer estranho, sinto-me agora mais confortável do que no dia inteiro.

— Devia odiar isto por ti — murmuro, percorrendo-lhe as cicatrizes no antebraço com os dedos. — Devia estar furioso por ti, pois passar por isto deve ter sido extremamente doloroso. No entanto, por alguma razão, quando te toco... gosto da sensação da tua pele.

Não sei bem como reagirá a estas palavras que acabaram de me sair da boca. Mas é verdade. De repente, sinto-me agradecido pelas cicatrizes... porque me lembram que podia ter sido muito pior. Poderia ter morrido naquele incêndio, e agora não estaria aqui ao meu lado.

Deslizo a mão pelo seu ombro, pelo braço, pelo ombro outra vez. Quando cruzamos os olhares, percebo uma lágrima que lhe percorreu a bochecha.

— Uma das coisas de que tento sempre lembrar-me é que todos temos cicatrizes — diz ela. — Muitas delas piores que as minhas. A única diferença é que as minhas são visíveis e as da maioria das pessoas não são.

Não lhe digo que tem razão. Não lhe digo que queria ser tão belo por dentro como ela é por fora.

Fallon

— Merda. *Fallon!* Merda, merda, merda, porra, merda, merda.

Ouço o Ben a praguejar como um marinheiro, mas não percebo porquê. Sinto as suas mãos nos meus ombros.

— Fallon, «a Transitória», acorda para a vida!

Abro os olhos e está sentado na cama, passando a mão pelo cabelo. Parece irritado.

Sento-me na cama e esfrego o sono dos olhos. O sono.

Adormecemos?

Olho para o despertador e marca as 20h15. Pego nele para ver mais de perto. Não pode ser.

Mas é, são 20h15.

— Merda — digo.

— O jantar — diz o Ben.

— Eu sei.

— Dormimos duas horas.

— Pois. Eu sei.

— Perdemos *duas horas*, Fallon.

Ele parece genuinamente perturbado. Giro, mas perturbado.

— Peço desculpa.

Atira-me um ar de confusão.

— O quê? Não, não digas isso. Não é culpa tua.

— Ontem só dormi três horas — digo-lhe. — Estive cansada o dia inteiro.

— Pois — diz ele com um suspiro de frustração. — Também não dormi muito ontem à noite — diz, saindo da cama. — A que horas é o teu voo?

— 23h30.

— Esta noite?

— Sim.

— Tipo daqui a três horas?

Anuo com a cabeça.

Ele suspira e esfrega as mãos na cara.

— Merda — volta a dizer. — Isso significa que tens de ir embora — As suas mãos caem-lhe nas ancas e olha para o chão. — Significa que eu tenho de ir.

Não quero que se vá embora.

Mas preciso que vá. Não gosto da sensação de pânico que me abala o peito. Não gosto das palavras que lhe quero dizer. Quero dizer-lhe

que mudei de ideias, que pode ficar com o meu número de telefone. Porém, se lhe der o número de telefone, vou falar com ele. A toda a hora. Serei empatada por ele em cada mensagenzinha que me enviar, telefonema que fizer, e os dois falaremos o tempo todo por *Skype* e, antes que me aperceba, deixarei de ser Fallon, «a Transitória». Passarei a ser Fallon, «a Namorada».

A ideia deveria deixar-me mais desgostosa do que deixa.

— Devia ir-me embora. Tens provavelmente muito que fazer nos próximos minutos antes de chegares ao aeroporto.

Na verdade, não tenho. Já fiz as malas, mas não digo nada.

— Queres que me vá embora?

Percebo que espera que diga que não, mas há uma grande parte de mim que precisa que se vá embora, antes que o use como desculpa para não me mudar para Nova Iorque.

— Acompanho-te à porta — digo, numa voz fininha e apologética. Não reage logo às minhas palavras, mas acaba por morder os lábios e assentir.

— Pois — diz ele, aturdido. — Vá, acompanha-me à porta.

Calço os sapatos que ia usar esta noite para jantar. Nenhum de nós diz nada enquanto nos dirigimos com relutância à porta. Ele abre-a e sai primeiro, eu vou atrás. Observo-o a caminhar diante de mim pelo corredor. Segura o pescoço firmemente com a mão. Odeio que esteja chateado. Odeio que *eu* esteja chateada. Odeio que tenhamos adormecido e desperdiçado por completo as últimas duas horas que tínhamos para estar juntos.

Já estamos quase na sala de estar quando ele para e dá meia-volta. Mais uma vez, parece estar a ficar enjoado. Fico firme à espera do que vai dizer.

— Pode não ser digno de livro, mas terá de ser.

Avança dois passos para mim até me tocar no cabelo e beijar-me. Fico surpreendida e agarro-o pelos ombros, mas avanço a seu lado e deslizo as mãos pelo seu pescoço.

Empurra-me contra a parede e pressiona as mãos, o peito e os lábios contra mim. Segura-me a cara como se temesse deixar-me escapar, e eu luto por ar, porquanto já passou tanto tempo desde que beijei alguém. Penso que me esqueci como se beija bem. Suspende o beijo tempo suficiente para que possa respirar e depois volta e... mãos e... pernas e... língua.

Meu Deus, a língua.

Já lá vão dois anos desde que tive a língua de alguém na boca. Pensava que estaria mais hesitante do que estou. Mas no momento em que a língua passa pelos meus lábios, abro a boca de imediato e dou as boas-vindas ao calor de um beijo mais profundo. Brando. Hipnotizante. A sua boca, acompanhada do modo como a sua mão

desliza pelo meu braço, é demasiado intensa. Tão intensa. Tão boa. Tão boa. Acabei de choramingar.

Assim que o som sai da minha boca, empurra-me com mais força contra a parede. A sua mão esquerda acaricia-me a cara e a direita agarra-me o pulso, puxando-me para ele.

Já fiz as malas. Não tem de ir já embora.

Ou tem?

Não tem. De facto, não tem. O sexo liberta endorfinas e estas mantêm as pessoas acordadas, pelo que fazer amor com o Ben pode até ser benéfico para mim antes do voo. Não tive relações sexuais em todos os 18 anos da minha vida, por isso imaginem a quantidade de endorfinas que guardo cá dentro. Podíamos fazer amor antes do voo e não dormiria dias a fio. Imaginem quão produtiva seria quando chegasse a Nova Iorque.

Meu Deus, arrasto-o de volta ao quarto. Se vier comigo, não serei capaz de lhe dizer que não. Quero mesmo fazer amor com alguém que não voltarei a ver?

Sou louca. Não posso ter relações sexuais com ele. Nem sequer tenho preservativo.

Agora arrasto-o de volta ao corredor, para longe do meu quarto.

Céus, deve achar que sou louca.

Volta a encostar-me à parede e age como se os últimos dez segundos de indecisão não tivessem sequer acontecido.

Sinto-me tonta. Tão tonta, tão bem, a minha mãe é louca. É estúpido, absurdo, de loucos. Ela está errada. Por que razão haveria uma rapariga de tentar encontrar-se quando nunca conseguirá fazer-se sentir tão bem como um rapaz consegue? Tudo bem, agora sou eu quem está a ser estúpida. Mas o Ben está a fazer-me sentir coisas muito boas neste preciso momento.

Ele geme e então perco as estribeiras. Tenho as mãos no seu cabelo e ele tem a boca por todo o meu pescoço.

Agarra-me a mama, Ben.

Lê-me o pensamento e agarra-me a mama.

Agarra a outra.

Meu Deus, como ele é telepático.

Os seus lábios percorrem-me o pescoço até chegarem à boca, mas ainda tem as mãos nas minhas mamas. Tenho a certeza de que as minhas lhe apalpa o rabo, puxando-o ainda com mais força, mas estou demasiado envergonhada com o meu comportamento para reconhecê-lo neste momento.

— Ia perguntar se não queriam levar isso para o quarto, mas achei que foi isso que fizeram nas últimas duas horas.

Amber.

Que cabra. Vou-lhe dar porrada quando o Ben se for embora.

Nem acredito que tive aqueles pensamentos. É a minha melhor amiga.

As endorfinas são nocivas. São malévolas e más e fazem-me pensar coisas absurdas.

O Ben afasta a boca da minha quando ouve a voz dela. Pressiona a testa contra a parte lateral da minha cabeça e as mãos abandonam os lugares que ocupavam para encontrar a parede atrás de mim.

Respiro muito, muito fundo.

— A sério, pá — diz a Amber. — Eu e o Glenn vemos tudo o que se passa no corredor. Achei melhor intervir antes que engravidasses.

Anuo com a cabeça, mas estou incapaz de falar. Penso que a minha voz se perdeu algures na boca do Ben.

Ele recua e olha para mim. Se a Amber já não estivesse ali, estaria novamente a beijá-lo.

— A Fallon acompanhava-me à porta.

Tem rouquidão na voz, e isso faz-me sorrir, saber que está tão afetado fisicamente quanto eu.

— Está bem, está — replica a Amber. Quando desaparece da minha visão periférica, o Ben ri-se e volta a beijar-me. Sorrio enquanto me beija e agarro-o pela camisa, puxando-o mais para perto de mim.

— Ei, pessoal — suspira a Amber. — A sério. São dois metros para o quarto e quatro metros para a saída. Escolham.

Recua de novo, mas desta vez recua totalmente. Cerca de dois metros, até se encostar à parede por detrás dele. Tem o peito a arfar enquanto esfrega a cara com as mãos. Olha de novo para a porta do meu quarto, e depois para mim. Quer que tome uma decisão, mas não quero tomá-la. Estava a gostar de ele ter assumido o controlo e decidido beijar-me. Não quero que a próxima decisão esteja nas minhas mãos.

Olhamos um para o outro no que parece um minuto inteiro. Ele quer que o convide de volta ao quarto. Eu quero que me arraste para lá. Ambos sabemos muito bem que devíamos caminhar até à saída.

Ele recompõe-se, enfia as mãos nos bolsos e aclara a voz.

— Precisas de boleia para o aeroporto?

— A Amber leva-me — digo, algo desapontada por, na verdade, já ter boleia.

Ele assente e balança os pés de um lado para o outro.

— Bem, o aeroporto não é, de facto, na direção da minha casa, mas... finjo que é se quiseres que te dê boleia.

Bolas, ele é um querido. As suas palavras fazem-me sentir quente, confusa, e... *não sou um ursinho de peluche. Vou ter de aceitar.*

Não aceito logo a proposta. Eu e a Amber não nos vamos ver mais até que me visite em Nova Iorque em março, por isso não sei se ficaria chateada se lhe contasse que preferia a boleia de um tipo que conheço há menos de um dia.

— Não me importo — diz a Amber da sala. Eu e o Ben olhamos para o corredor. O Glenn e a Amber estão sentados no sofá a olhar para nós. — Não só vos conseguimos ver a curtir, como também ouvimos a vossa conversa.

Conheço-a bem o suficiente para saber que me está a fazer um favor. Pisca-me o olho e, quando volto a olhar para o Ben, percebo um pouco mais de esperança no seu rosto. Cruzo os braços e abano a cabeça.

— Por acaso vives perto do aeroporto?

A sua expressão transforma-se num largo sorriso.

— Por acaso vivo. Incrivelmente conveniente, não?

O Ben passa os minutos seguintes a ajudar-me com coisas de última hora. Dispo o vestido e visto umas calças de ioga e uma t-shirt para estar confortável na viagem. Ele pega nas minhas malas para as levar para o carro enquanto me despeço da Amber.

— Lembra-te, sou toda tua nas férias da primavera — diz ela. Abraça-me, mas nenhuma de nós é do tipo de mulher que chore numa despedida tola. Sabe tão bem como eu que esta mudança é boa para mim. Tem sido uma das minhas maiores apoiantes desde o acidente, esperando que encontre a confiança que perdi há dois anos. E não é neste apartamento que isso vai acontecer. — Telefona-me de manhã para saber que chegaste bem.

Terminamos as despedidas e depois sigo o Ben até ao carro. Ele dá a volta para me abrir a porta, mas antes de entrar dou mais uma olhada à porta do apartamento. É um sentimento agri-doce. Só visitei Nova Iorque um par de vezes e nem sei bem se vou gostar. Mas este apartamento é demasiado confortável, e o conforto pode por vezes ser um empecilho quando se trata de nos resolvermos a nós próprios. Os objetivos atingem-se com desconforto e trabalho árduo. Não se alcançam escondendo-nos num lugar agradável e aconchegante.

Sinto os braços do Ben a envolver-me por trás. Descansa o queixo no meu ombro.

— Estás a pensar duas vezes?

Abano a cabeça. Estou nervosa, mas não estou, de modo nenhum, a pensar duas vezes. *Por enquanto.*

— Ainda bem — diz-me. — É que não queria ter de te enfiar na bagageira e levar-te até Nova Iorque.

Rio-me, aliviada por não ser como o meu pai, a tentar demover-me de uma forma egoísta. Mantém os braços em meu redor quando me viro, mas agora estou encostada ao carro e ele olha para mim. Não tenho muito tempo livre antes do *check-in* no aeroporto, mas não me quero apressar a lá chegar quando posso aproveitar mais uns minutos. Se chegar atrasada, corro até à porta de embarque.

— Há uns versos do Dylan Thomas que me lembram de ti. É o meu

poeta preferido.

— Quais são os versos?

Rasga-se-me um sorriso na boca. Ele mergulha a cabeça e sussurra-me a frase contra os lábios.

— «Tenho desejado afastar-me, mas tenho medo; alguma vida, ainda não gasta, poderá explodir.»

Uau. Ele é bom. E torna tudo ainda melhor quando me beija com a sua boca quente, segurando-me a cara nas palmas das mãos. Enfio os dedos no seu cabelo, deixando que tenha o controlo total do ritmo e da intensidade do beijo. É brando e conciso, e eu imagino que beija tão bem como escreve. Suaves toques nas teclas, cada palavra bem pensada e completada com um propósito.

Beija-me como se quisesse tornar indelével este beijo. Para qual de nós, não sei, mas deixo-o aproveitar o máximo que consegue do beijo a que me entrego com tudo o que tenho. E é perfeito. Agradável. *Deveras* agradável.

É como se fosse mesmo meu namorado e isto é algo que devíamos fazer sempre. O que me leva de volta ao facto de que o conforto pode ser um empecilho. Com beijos como este, vejo-me a entrar na vida do Ben e esquecer-me de como viver a minha própria vida. É precisamente por isso que tenho de dar seguimento a esta despedida.

Quando o beijo enfim termina, ele esfrega a ponta do nariz na minha.

— Diz-me uma coisa. Numa escala de um a dez, quão digno de livro foi o nosso primeiro beijo?

A sua comicidade tem um sentido de oportunidade perfeito. Sorrio e mordisco-lhe o lábio inferior.

— Pelo menos sete.

Ele recua chocado.

— A sério? Só isso? Um sete?

Encolho os ombros.

— Já li sobre grandes primeiros beijos.

Deixa cair a cabeça num arrependimento fingido.

— Eu sabia que devia ter esperado. Podia ter chegado a dez se tivesse um plano — Dá um passo atrás, soltando-me. — Devia ter-te levado ao aeroporto e depois, assim que chegasses ao controlo de segurança, podia chamar o teu nome com dramatismo e correr para ti em câmara lenta — Simula a cena em câmara lenta, movendo-se sem sair do sítio enquanto me estende um braço. — Faaallllloooooon — diz, com uma voz longa e gasta. — Nãaaooo Meee Abandooooones!

Dou uma grande gargalhada quando acaba de simular a cena e me envolve a cintura com os braços.

— Se o fizesses no aeroporto, seria no mínimo um oito. Talvez nove, dependendo da verosimilhança.

— Um nove? Só? — diz. — Se isso é um nove, o que é um dez?

Penso na resposta. O que torna os beijos nos livros tão maravilhosos? Li tantos que devia saber.

— Angústia — respondo. — Sem dúvida, é preciso angústia para chegar a dez.

Ele parece confuso.

— Porque é que é necessário haver angústia para chegar a dez? Dá exemplos.

Encosto a cabeça ao carro e olho para o céu enquanto penso.

— Não sei, depende da circunstância. Talvez o casal não possa estar junto, e esse fator proibitivo cria a tal angústia. Ou quiçá sejam melhores amigos há tantos anos que a atração silenciosa cria angústia suficiente para o beijo chegar a dez. Por vezes, a infidelidade cria angústia boa, dependendo das personagens e da sua circunstância.

— Isso não faz sentido — diz ele. — Então dizes que se tivesse outra namorada e te beijasse daquela maneira no corredor, o beijo passaria de sete para dez?

— Se tivesses outra, nunca estarias no meu apartamento — De repente, fico tensa com a ideia. — Espera, não tens uma namorada verdadeira, ou tens?

Ele encolhe os ombros.

— Se tivesse, o nosso próximo beijo chegaria a dez?

Meu Deus, não me digas que me tornei na outra mulher.

Ele vê o temor nos meus olhos e ri-se.

— Tranquila. És a minha única namorada, e estás prestes a acabar comigo e mudar-te para o outro lado do país — diz, debruçando-se de seguida para me beijar na parte lateral da cabeça. — Vai com calma comigo, Fallon. O meu coração é frágil.

Encosto a cabeça ao seu peito e, embora saiba que está a brincar, parte de mim não consegue deixar de se sentir genuinamente triste por me ter de despedir dele. Leio muitas críticas aos audiolivros que narro, por isso já vi os comentários dos leitores que fariam tudo para tornar reais os namorados literários. Eis-me, convencida de estar nos braços de um deles, prestes a afastar-me.

— Quando é a tua primeira audição?

Ele tem mesmo muita fé em mim.

— Ainda não tratei disso. Para ser franca, a ideia até me assusta. Tenho medo que olhem para mim e soltem uma gargalhada.

— Que mal tem isso?

— Rirem-se de nós? — pergunto. — Para começar, é humilhante. E destrói a confiança.

Olha para mim fixamente.

— Espero que se riam de ti, Fallon. Se se riem de ti, significa que estás lá para se rirem de ti. A maioria das pessoas nem tem coragem

para dar esse passo.

Ainda bem que está escuro, pois sinto a cara corar. Está sempre a dizer coisas que parecem simples, porém profundas ao mesmo tempo.

— Lembras-me a minha mãe — digo-lhe.

— Era exatamente isso que queria — diz, com sarcasmo. Puxa-me para o seu peito e beija-me a cabeça. Tenho de ir para o aeroporto, mas tento adiar o mais possível porque a despedida iminente é como um assombro.

— Achas que nos vamos voltar a ver?

Aperta-me ainda mais.

— Espero que sim. Estaria a mentir se dissesse que não estou já a conspirar ir atrás de ti quando fizeres 23 anos. Mas cinco anos é muito tempo, Fallon. Quem sabe o que pode acontecer entretanto. Fogo, há cinco anos nem tinha pentelhos nos tomates.

Rio-me de novo, tal como fiz com quase tudo o que me disse hoje. Não sei se alguma vez me ri assim tanto e tão genuinamente com uma única pessoa.

— Devias mesmo escrever um livro, Ben. Uma comédia romântica. Até tens piada.

— A única maneira de escrever um romance de amor é se fores uma das personagens principais. E eu, claro — diz, sorrindo para mim. — Fazemos um acordo. Se prometeres fazer audições na Broadway, escrevo um livro sobre a relação que não pudemos levar a cabo graças à distância e à imaturidade.

Gostava que estivesse a falar com seriedade, pois adoro a ideia. Mas há um problema gritante.

— Mas nunca mais nos veremos. Como sabemos se o outro está a cumprir o prometido?

— Prestamos contas um ao outro — diz.

— Repito... nunca mais nos veremos. E não posso dar-te o meu número de telefone.

Sei que não devo dar-lhe uma forma de entrar em contacto comigo. Existem demasiadas coisas que tenho de fazer por mim e, se tivesse o meu número de telefone, estaria sempre focada na hora que é suposto ligar-me.

O Ben liberta-me e dá um passo atrás, cruzando os braços sobre o peito. Dá passos para a frente e para trás enquanto morde o lábio inferior.

— E se... — hesita, virando-se para mim. — E se nos encontrássemos no próximo ano no mesmo dia? E no ano a seguir a esse? Durante cinco anos. Mesma data, mesma hora, mesmo local. Retomamos onde ficámos esta noite, mas só naquela data. Certifico-me de que estás a fazer audições e que eu escrevo um livro sobre os nossos dias juntos.

Absorvo as suas palavras por um momento. Tento imitar o seu olhar sério, mas a perspectiva de o ver uma vez por ano enche-me de expectativa e faço o melhor para não parecer demasiado tontinha.

— Um encontro anual na mesma data parece uma boa base para um romance de amor. Se ficcionares a nossa história, vai diretamente para o topo da minha lista de livros a ler.

Agora está a sorrir. Assim como eu, uma vez que a ideia de poder olhar para além da data de hoje é algo que nunca pensei que acontecesse. O dia 9 de novembro tem sido um aniversário que temo desde a noite do incêndio, e esta é a primeira vez que essa data me dá um sentimento positivo.

— Estou a falar a sério, Fallon. Começo a escrever o raio do livro esta noite se isso significar que te vejo no próximo novembro.

— Eu também estou a falar a sério — digo. — Encontramo-nos todos os 9 de novembro. Entretanto, não poderá haver qualquer contacto.

— É justo. 9 de novembro ou nada. E paramos passados cinco anos? — pergunta. — Quando ambos tivermos 23 anos?

Anuo com a cabeça, mas não lhe pergunto aquilo que de certeza estamos ambos a pensar. Ou seja, o que acontece depois do quinto ano? Talvez fique para outro dia... quando percebermos se os dois nos mantivemos fiéis a este plano ridículo.

— Há uma coisa que me preocupa — diz, apertando o lábio superior entre os dedos. — É suposto que sejamos... tu sabes... monogâmicos? Se sim, considero injusto para os dois.

Rio-me perante aquele absurdo.

— Ben, nunca te pediria que fizesses isso durante cinco anos. Acho que a ideia de que vamos viver as nossas próprias vidas é o que o torna esta ideia tão boa. Ambos poderemos viver a vida como é suposto nesta fase, mas também nos encontramos uma vez por ano. É o melhor de dois mundos.

— Mas e se um de nós se apaixonar por outra pessoa? — pergunta. — Isso não arruinará o livro se no final não ficarmos juntos?

— Se o casal fica ou não junto no fim não determina se o livro tem ou não um final feliz. Desde que ambos acabem felizes, não interessa se ficam juntos e felizes para sempre.

— E se nos apaixonarmos um pelo outro antes de acabarem os cinco anos?

Detesto que a primeira coisa que me passa pela cabeça seja que não há hipótese de se apaixonar por mim. Não sei do que estou mais farta, se das cicatrizes na cara ou dos pensamentos depreciativos em relação a essas cicatrizes. Afasto os pensamentos e forço um sorriso.

— Ben, claro que te vais apaixonar por mim. Daí o motivo para a regra dos cinco anos. Precisamos de diretrizes firmes para que a

emoção não se apodere de nós antes de terminares o livro.

Percebo que pensa na ideia enquanto concorda. Ficamos ambos um momento calados ao considerarmos o acordo que fizemos. Mas depois encosta-se ao carro ao pé de mim e diz:

— Tenho de ler romances de amor. Preciso de sugestões.

— Claro que te dou sugestões. Talvez no próximo ano consigas aumentar o beijo de sete para dez.

Ri-se, apoiando um cotovelo no topo do carro enquanto me olha.

— Ora, só para ter a certeza, se as cenas de beijos são a coisa de que mais gostas nos livros, qual é a de que menos gostas? Preciso de saber para que não estrague a nossa história.

— Suspense — digo de imediato. — E amor instantâneo.

Ele faz uma careta.

— Amor instantâneo?

Anuo com a cabeça.

— Quando duas personagens se encontram e têm supostamente uma ligação muito profunda à primeira.

Ergue uma sobrancelha.

— Fallon, acho que podemos já estar em apuros se isso é uma das coisas de que menos gostas.

Penso um momento naquela afirmação. Pode ter razão. Foi um dia inacreditável para mim. Se escrever o dia de hoje, provavelmente reviro os olhos e afirmo que foi demasiado inautêntico e irrealista.

— Olha, não me proponhas em casamento antes do voo e acho que vai correr tudo bem.

Ri-se.

— Tenho a certeza de que te propus em casamento há bocado na cama. Mas vou tentar não te engravidar antes do voo.

Ambos sorrimos quando me abre a porta e sugere que entre dentro do carro.

Já a caminho do aeroporto, abro a bolsa e tiro uma caneta e um papel.

— O que estás a fazer?

— A dar-te trabalho de casa — digo. — Vou anotar cinco dos meus romances de amor preferidos para começares por aí.

A ideia de o Ben ficcionar a nossa história faz-me rir, mas espero verdadeiramente que o leve a cabo. Não é todos os dias que uma rapariga tem uma genuína obra de ficção livremente baseada na sua relação com o autor.

— É melhor que me tornes mais engraçada quando desenvolveres a minha personagem. E quero mamas maiores. E menos flacidez.

— O teu corpo é perfeito. O teu sentido de humor também — diz.

Não sei por que razão mordo o interior da bochecha como se tivesse vergonha de sorrir. Desde quando é que a adulação se tornou

embaraçosa? Talvez tenha sempre sido, mas nunca me bajularam o suficiente para que soubesse.

No topo da lista de livros, escrevo o nome do restaurante e a data de hoje, caso se esqueça.

— Pronto — digo, dobrando o papel e pondo-o no porta-luvas.

— Pega noutra folha — ordena-me. — Também tenho trabalho de casa para ti — Pensa um momento em silêncio e depois diz: — São algumas coisas. Número um...

Escrevo o número um.

— Garante que as pessoas se riem de ti. Pelo menos uma vez por semana.

Gozo com ele.

— Estás à espera que tenha audições todas as semanas?

Ele acena com a cabeça.

— Sim, até consegues o papel que desejas. Número dois, tens de namorar. Disseste há bocado que sou o primeiro gajo que levaste para o apartamento. É pouca experiência para uma rapariga da tua idade, sobretudo quando terei a nossa história como base de um romance de amor. Precisamos de um pouco mais de angústia. Tem no mínimo cinco encontros até nos vermos da próxima vez.

— *Cinco?* — Ele é louco. São cinco a mais do que o planeado.

— E quero que beijes pelo menos dois deles.

Olho para ele com descrença. Ele gesticula para o papel na minha mão.

— Escreve isso, Fallon. É a terceira tarefa. Beijar dois gajos.

— Agora vais-me dizer que a quarta tarefa é encontrar um chulo?

Ele ri-se.

— Não. São só três tarefas. Que se riem de ti uma vez por semana, que tenhas cinco encontros amorosos e que beijes dois gajos. Fácil.

— Talvez para ti.

Anoto as suas tarefas idiotas, dobro o papel e ponho-o na bolsa.

— E redes sociais? Podemos perseguir-nos no *Facebook*? — pergunta.

Merda. Não tinha pensado nisso, embora não tenha usado muito as redes sociais nos últimos dois anos. Pego no telefone do Ben.

— Bloqueamo-nos um ao outro — digo-lhe. — Assim não podemos trair.

Ele suspira, como se eu tivesse acabado de estragar-lhe os planos. Pego nos nossos telefones e procuro ambos os perfis, bloqueando-nos um ao outro em todas as redes sociais de que me lembro. Quando acabo de o fazer, devolvo-lhe o telefone e uso o meu para telefonar à minha mãe.

Tomei o pequeno-almoço com ela muito cedo antes de ir trabalhar. O pequeno-almoço também contou como despedida. Vai estar em

Santa Barbara por dois dias, motivo pelo qual seria a Amber a levar-me ao aeroporto.

— Olá — digo, quando ela atende a chamada.

— Olá, querida — diz ela. — Já estás no aeroporto?

— Quase. Envio-te uma mensagem quando aterrar em Nova Iorque, mas ainda vais estar a dormir.

Ela ri-se.

— Fallon, minha querida, as mães não dormem quando têm os filhos a voar pelo céu a oitocentos quilómetros por hora. Vou deixar o telefone ligado, por isso é melhor mandares mensagem mal aterres.

— Envio, prometo.

O Ben olha-me pelo canto do olho, provavelmente perguntando-se com quem estarei a falar.

— Fallon, fico mesmo contente por estares a fazer isto — diz-me ela. — Mas aviso-te, é possível que sinta muito a tua falta e que possa parecer triste quando me ligares, mas não tenhas saudades de casa. Eu fico bem. Prometo. Estou triste por deixar de te ver tantas vezes, mas estou feliz por tomares esse passo. E prometo que é tudo o que vou dizer quanto a isso. Amo-te e tenho orgulho de ti. Falamos amanhã.

— Também te amo, mãe.

Quando desligo a chamada, apanho o Ben a olhar de novo para mim.

— Nem acredito que ainda não me apresentaste à tua mãe — diz. — Já namoramos há dez horas. Se isso não acontecer em breve, vou levar a peito.

Rio-me enquanto enfio o telefone na bolsa. Ele pega na minha mão e segura-a durante o resto do caminho até ao aeroporto.

Ficamos bastante calados durante o resto da viagem. Para além de me pedir informações sobre o voo, a única outra coisa que diz é que chegámos.

Em vez de estacionar no parque de estacionamento como eu esperava, encosta à entrada do aeroporto. Sinto-me ridícula por ficar desiludida por não me acompanhar, pois trouxe-me até aqui. Não posso ser gananciosa.

Ele descarrega as minhas duas malas da bagageira e eu pego na bolsa e na bagagem de mão dentro do carro. Ele fecha a bagageira e depois aproxima-se de mim.

— Que tenhas um voo seguro — diz, dando-me um beijo na cara e um breve abraço. Aceno com a cabeça enquanto regressa ao carro.

— Não te esqueças, 9 de novembro! — grita.

Sorrio e aceno com a mão, mas por dentro estou confusa e desiludida pela falta de emoção nesta despedida.

No entanto, talvez seja melhor assim. Eu até temia ter de o ver a ir-se embora, mas aquela despedida *nada* digna de livro de alguma

maneira tornou tudo mais fácil. Talvez porque estou um bocado chateada quanto a isso.

Suspiro fundo ao ver o carro distanciar-se. Pego nas malas e entro no aeroporto em contrarrelógio. O aeroporto ainda está agitado, apesar de ser tão tarde, pelo que me enfilio pela multidão rumo a um quiosque. Imprimo o cartão de embarque, verifico as malas e dirijo-me ao controlo de segurança.

Tento não pensar no que estou a fazer, que me vou embora de um sítio onde vivi a vida inteira para uma cidade onde não conheço ninguém. O pensamento dá-me vontade de chamar um táxi e regressar ao apartamento, mas não consigo.

Tenho de fazer isto.

Tenho de me obrigar a fazer pela vida antes que a atual me consuma por completo.

Tiro a carta da condução da bolsa e entrego-a ao agente de segurança enquanto espero na fila. Estão cinco pessoas à minha frente.

Cinco pessoas é tempo suficiente para me demover de me mudar para Nova Iorque, por isso fecho os olhos e penso em todas as coisas que me entusiasmam em Nova Iorque. Rulotes de cachorros-quentes. Broadway. Times Square. Hell's Kitchen. A Estátua da Liberdade. O Museu de Arte Moderna. Central Park.

— Faaaalloon!

Arregalo os olhos.

Viro-me e vejo o Ben junto à porta giratória. Começa a correr na minha direção.

Em câmara lenta.

Levo a mão à boca e tento não me rir enquanto me estende lentamente um braço como se me tentasse alcançar. Ele grita «Nãooo váaaass jáaaa!» enquanto avança lentamente pela multidão.

As pessoas por todo o lado param para ver o motivo de tanta comoção. Quero escavar um buraco onde me possa esconder, mas rio-me demais para me preocupar com o embaraço. Mas que está ele a fazer?

Quando enfim me alcança, naquilo que pareceu uma eternidade, tem um enorme sorriso no rosto.

— Não pensaste mesmo que te ia deixar no aeroporto e ir-me embora daquela maneira, pois não?

Encolho os ombros, pois foi isso precisamente que pensei ter acontecido.

— Já devias conhecer melhor o teu namorado — diz, agarrando-me a cara com as mãos. — Tive de provocar angústia para tentar que este beijo seja um dez.

Pressiona a sua boca na minha e beija-me com tanta emoção que me esqueço de tudo o resto. De tudo. Esqueço-me de onde estou. De

quem sou. Um rapaz, uma rapariga, e beijamo-nos e sinto borboletas na barriga e nós no estômago e arrepios na pele e a mão no meu cabelo e os braços demasiado pesados e agora ele ri-se de orelha a orelha sobre os meus dentes.

Arregalo os olhos e *eu nem sabia que os beijos podiam fazer arregalar os olhos*. Mas fazem.

— Numa escala de um a dez? — pergunta.

Parece que tudo anda a volta, por isso respiro fundo e tento não vacilar.

— Um nove. Definitivamente, um bom nove.

Ele encolhe os ombros.

— Aceito. Mas no próximo ano vai ser um onze. Prometo.

Beija-me a testa e solta-me. Começa a andar para trás e percebo que todos nos olham, mas estou-me a borrifar. Mesmo antes de chegar à porta giratória, mete as mãos em concha à volta da boca e grita:

— Espero que todo o estado de Nova Iorque se ria de ti!

Acho que nunca sorri assim. Ergo uma mão e aceno-lhe adeus e ele desaparece.

Na verdade, foi mesmo um dez.

segundo

9 de novembro

As minhas lágrimas e a alma dela
vivem vidas paralelas.

Correr, sofrer, queimar.

Repetir.

As minhas lágrimas e a alma dela

Vivem vidas paralelas.

— BENTON JAMES KESSLER

Ben

*Quando balanças sobre uma memória
Tão negra e distante
És apanhada por um mistério
Que te guia o dia doravante.
Embora estejas débil
E não saibas recuperar
Estarei sempre aí contigo
Quando estiveres a chorar.*

Escrevi esta porcaria de poema na terceira classe. Foi a primeira coisa que mostrei alguém.

Na verdade, acho que nem o mostrei a ninguém. A minha encontrou-o no meu quarto, motivo pelo qual passei a respeitar a beleza da privacidade. Mostrou-o a todos os meus familiares, o que me fez não querer partilhar mais o meu trabalho com ninguém.

Agora percebo que a minha mãe não me queria envergonhar. Tinha, simplesmente, orgulho. Mas continuo sem mostrar a ninguém as coisas que escrevo. É quase como dizer tudo o que se pensa em voz alta. Algumas coisas simplesmente não são para consumo público.

Não sei como explicar isso à Fallon. Ela assume, com base no nosso acordo no ano passado, que escrevo um romance que um dia vai ler. E por mais que afirme ser ficção, todas as frases que escrevi no último ano são mais verdadeiras do que qualquer coisa que admita em voz alta. Espero que a partir de hoje possa rescrever tudo para lhe dar algo para ler, mas o último ano, a escrever a minha vida errática, até tem sido terapêutico.

Ainda que tenha estado ocupado com as aulas e com aquilo que agora chamo «terapia de escrita», consegui, não obstante, encontrar tempo para completar o trabalho de casa que me mandou. *E mais ainda.* Li 26 romances de amor, cinco dos quais recomendados pela Fallon. O que não me disse é que dois dos romances sugeridos eram os primeiros de uma série, por isso claro que tive de terminar as séries.

Até agora concluí, nas minhas «pesquisas», que a Fallon tem toda a razão. Os beijos dos livros não são exatamente a mesma coisa que os beijos na realidade. Sempre que leio um desses romances, fico com vergonha quando penso nas poucas vezes que beijei a Fallon no ano passado. Não foram, de modo nenhum, dignos de livro, e embora tenha lido muita coisa neste último ano, continuo sem saber o que torna um beijo digno de livro. Mas sei que merecia melhor do que aquilo que lhe dei.

Estaria a mentir se dissesse que não beijei ninguém desde que beijei a Fallon no novembro passado. Desde então, saí com algumas raparigas, e quando a Fallon me disse a brincar que queria que eu a comparasse a todas elas, consegui o que desejou. Foi exatamente isso que aconteceu com as duas raparigas que beijei. O sentido de humor de uma delas nem se compara ao da Fallon. A outra era demasiado ensimesmada. Nenhuma delas tinha bom gosto musical, mas isso não entra nas contas porque não faço ideia de qual é o gosto musical da Fallon.

É, sem dúvida, algo que planeei descobrir hoje. Tenho uma lista de coisas que preciso saber para poder trabalhar no romance *real* que lhe prometi. No entanto, parece que essa lista não terá resposta e que foi em vão o último ano de estudo de romances de amor e de escrita sobre o nosso primeiro 9 de novembro juntos.

Pois ela não apareceu.

Volto a olhar para o relógio para verificar se são as mesmas horas que tenho no telemóvel. *São*.

Pego na lista de trabalhos de casa para garantir que acertei na hora. *Acertei*.

Volto a olhar em meu redor para garantir que é o mesmo restaurante onde nos encontrámos no ano passado. *É*.

Sei isto porque o restaurante mudou de dono recentemente e tem um nome diferente. Mas é ainda o mesmo edifício e a mesma morada com o mesmo menu.

Portanto... *onde raio estás tu, Fallon?*

Está quase duas horas atrasada. A empregada de mesa já me reencheu a bebida quatro vezes. E cinco copos com água em duas horas é demais para a minha bexiga, mas vou esperar mais meia hora antes de ir à casa de banho, pois estou preocupado em não estar aqui sentado caso entre no restaurante e pense que eu não apareci e então também se vá embora.

— Peço desculpa.

O meu coração bate mais forte perante aquelas palavras e levanto logo a cabeça. Mas... *não é a Fallon*.

Desanimo de imediato.

— Chamas-te Ben? — pergunta a rapariga. Tem uma etiqueta com o nome. *Tallie*. A Tallie tem uma etiqueta do Pinkberry. Como é que a Tallie sabe o meu nome?

— Sim, sou o Ben.

Ela expira e aponta para a etiqueta.

— Trabalho ao fundo da rua. Telefonou para lá uma rapariga a dizer que é uma emergência.

Fallon!

Surpreendo-me com a velocidade com que saio da cabine e do

restaurante. Corro pela rua até chegar ao Pinkberry e abro a porta num movimento brusco. O homem atrás do balcão olha para mim com estranheza e recua um passo. Estou ofegante, mas aponto para o telefone por detrás dele.

— Está alguém em espera para mim?

Ele pega no telefone, carrega no botão e passa-me o auscultador.

— Alô? Fallon? Estás bem?

Não ouço logo a sua voz, mas percebo que é ela apenas pelo suspiro.

— Ben! Graças a Deus que ainda aí estás. Peço *tanta* desculpa. O voo está atrasado e tentei telefonar para o restaurante, mas o número estava desligado quando já embarcava no avião. Acabei por saber qual era o número quando aterrámos, telefonei muitas vezes mas sempre com sinal de interrompido, pelo que não sabia o que mais fazer. Agora estou num táxi e peço muitas, muitas desculpas por estar tão atrasada, mas não tinha outra forma de entrar em contacto contigo.

Não sabia que os meus pulmões conseguiam sustentar tanto ar. Expiro, aliviado e triste por ela, mas completamente entusiasmado por ter conseguido vir. Lembrou-se, veio e agora está a acontecer. Não importa que ela agora saiba que eu ainda estava à espera no restaurante há duas horas.

— Ben?

— Estou aqui — digo. — Não há problema, estou só feliz por teres conseguido. Mas é provavelmente mais rápido se nos encontrarmos na minha casa; o trânsito nesta zona é infernal.

Pede-me a morada e eu dou-lha.

— Está bem — diz ela. Parece nervosa. — Vemo-nos daqui a um bocado.

— Sim, lá estarei.

— Ah, espera! Ben? Hmm... por acaso disse à rapariga que atendeu o telefone que tu lhe darias 20 dólares se te levasse a mensagem. Desculpa por isso. Ela parecia que não o ia fazer, por isso tive de a subornar.

Rio-me.

— Não há problema. Até já.

Despede-se de mim e eu entrego o telefone à Tallie, que agora se encontra junto à caixa registadora. Ela estende a mão à espera do dinheiro. Tiro uma nota de vinte da carteira e entrego-lha.

— Teria pagado dez vezes mais por aquela chamada.

* * *

Ando para a frente e para trás pelo passeio.

O que estou a fazer?

Há tanto nisto que não bate certo. Mal *conheço* esta rapariga. Passei umas horas com ela e aqui estou, dedicado a escrever um livro sobre ela. Sobre *nós*? E se desta vez nem houver química? No ano passado, poderei ter experienciado um episódio maníaco e estar numa disposição excecionalmente boa e recetiva. Ela pode nem ser engraçada. Pode ser uma cabra. Pode estar stressada pelo atraso no voo e nem sequer *querer* cá estar.

Quer dizer, quem faz isso? Que pessoa sã atravessaria o país para se encontrar por um dia com alguém que mal conhece?

É provável que pouca gente. Mas hoje nem hesitaria a entrar no avião se tivéssemos marcado em Nova Iorque.

Esfrego as mãos na cara quando o táxi dobra a esquina. Tento convencer-me que isto é perfeitamente normal. Não é uma loucura. Não é um compromisso. Somos amigos. Os amigos atravessam o país para passarem tempo juntos.

Espera. *Somos amigos*? Nem sequer comunicamos, por isso nem sequer conhecidos somos.

O táxi vira para o edifício.

Foda-se, acalma-te, Kessler.

O carro para.

Abre-se a porta de trás.

Devia recebê-la à porta. É estranho por estar tão longe.

Dirijo-me ao táxi quando ela se prepara para sair.

Por favor, sê a mesma Fallon que conheci o ano passado.

Seguro a maçaneta e abro a porta por completo. Tento manter-me calmo, não mostrar sinais de nervosismo. Ou pior, de *entusiasmo*. Estudei romances de amor suficientes para saber que as mulheres gostam de homens que lhes mostrem indiferença. Li algures que esse tipo de homens são chamados machos-alfa.

Sê um cretino, Kessler. Só um bocadinho. Tu consegues.

Ela sai do carro, em câmara lenta, como nos filmes. Não é nada semelhante à minha versão de câmara lenta. Esta versão é muito mais elegante. Levanta-se vento e o cabelo esvoaça-lhe pela cara. Ergue a mão para tirar o cabelo da frente, quando reparo na diferença que um ano pode fazer.

Está diferente. Tem o cabelo mais curto. Tem franja. Veste uma blusa de manga curta, algo que admitira nunca vir a fazer antes do nosso primeiro encontro.

Está cheia de confiança, da cabeça aos pés.

É a coisa mais sensual que alguma vez vi na vida.

— Olá — diz ela, enquanto fecho a porta atrás dela. Parece feliz por me ver e só isso arranca-me um sorriso.

Lá se vai o ar de indiferença.

Durei literalmente zero segundos naquela coisa do alter ego

macho-alfa que tinha praticado.

Solto um suspiro reprimido há um ano e avanço para a puxar contra o abraço mais genuíno que alguma vez dei a alguém. Ponho a mão na sua nuca e puxo-a para mim, respirando o seu fresco aroma de inverno. Abraça-me e mergulha a cabeça no meu ombro. Sinto um suspiro escapar-se da sua boca enquanto ali estamos, na mesma posição, até o táxi desaparecer ao dobrar da esquina.

E mesmo assim não nos largamos.

Ela aperta as costas da minha camisa com as mãos em punho e tento não mostrar que poderei estar um pouco obcecado com o seu novo estilo de cabelo. Está mais suave, justo, leve, refrescante e *porra, como dói*.

Mais uma vez.

Por que razão é ela a única pessoa que me faz estremecer assim? Ela suspira contra o meu pescoço e eu quase que a afasto, pois *raios, isto é demais*. Não sei bem o que mais me importuna. Se o facto de parecer que continuámos exatamente onde ficámos no ano passado ou o facto de que o ano passado não foi uma casualidade. Para ser franco, aposto na primeira hipótese. Este ano que passou foi um inferno, ter de passar os dias inteiros com ela na cabeça sem saber se a veria mais alguma vez na vida. E agora que sei que está comprometida com este meu plano idiota de nos encontrarmos uma vez por ano, prevejo outro longo ano de agonia pela frente.

Já temo o momento da despedida, e acabou de chegar.

Ela levanta a cabeça do meu ombro e olha para mim. Afasto-lhe a franja para ver mais do seu rosto. Apesar da agitação que manifestou ao telefone, agora parece inteiramente tranquila.

— Olá, Fallon, «a Transitória».

O seu sorriso cresce ainda mais.

— Olá, Ben, «o Escritor». Porque é que pareces estar a sofrer?

Tento sorrir, ciente de que não tenho agora um aspeto muito atraente.

— Porque é doloroso ter a minha boca longe da tua.

Ela ri-se.

— Por mais que tenha a tua boca na minha, devo avisar-te que um beijo de cumprimento terá provavelmente apenas seis pontos.

Prometi-lhe um onze. Terá de esperar.

— Anda. Vamos para dentro para que eu possa descobrir a cor das tuas cuecas.

Ela ri aquele riso familiar quando a levo pela mão a caminho de casa. Sei bem que não tenho motivos de preocupação. É a mesma Fallon do ano passado. Talvez ainda um pouco melhor.

Portanto... isso talvez signifique que tenho *todos* os motivos para me preocupar.

Fallon

Não esperava isto quando me disse para nos encontrarmos na casa dele. Esperava mais um apartamento, mas é uma casa moderna de dois andares. Uma *casa-casa*. Ele fecha a porta da entrada atrás de mim e dirige-se às escadas. Vou atrás dele.

— Não trouxeste bagagem? — pergunta.

Não quero pensar no pouquíssimo tempo que vou cá estar.

— Regresso ainda esta noite.

Ele para a meio das escadas e vira-se para mim.

— Esta noite? Nem sequer passas a noite na Califórnia?

Abano a cabeça em jeito de negação.

— Não posso. Tenho de estar em Nova Iorque às 8 da manhã. O voo é às 22h30.

— O voo é de mais de cinco horas — diz ele, preocupado. — Com o fuso horário, só deves chegar a casa depois das seis da manhã.

— Durmo no avião.

Ele arqueia as sobrancelhas e aperta a boca.

— Não gosto que tenhas de fazer isso. Devias ter ligado. Marcávamos para outra data ou algo do género — diz.

— Não tenho o teu número de telefone. Além disso, isso arruinava toda a premissa do teu livro. É 9 de novembro ou nada, lembras-te?

Parece-me que está a fazer beicinho, mas recordo que a regra é dele.

— Desculpa pelo atraso. Ainda temos seis horas antes de ter de regressar ao aeroporto.

— Cinco horas e meia — clarifica.

Volta a subir as escadas. Sigo-o até ao quarto, mas agora sinto-o chateado comigo. Haveria provavelmente outros voos de ida e volta no mesmo dia, mas, para ser franca, nem sequer tinha a certeza se ele apareceria. Pensei que era provável que tivesse dias loucos e espontâneos com namoradas a fingir a toda a hora e que nem sequer se lembrasse de mim. Pensei que não me sentiria demasiado envergonhada comigo mesma por acreditar que ele apareceria, caso pudesse voltar ao avião algumas horas mais tarde e fingir que nada acontecera.

No entanto, não só apareceu, como ficou duas horas à minha espera.

Duas horas.

É de uma lisonja incrível. Eu teria provavelmente desistido passado

uma hora, pensando que me deixara pendurada.

O Ben abre uma porta e faz-me sinal para entrar primeiro. Sorri para mim enquanto entro no seu quarto, mas parece um sorriso forçado.

Não tem o direito de estar chateado comigo. Concordámos em encontrar-nos hoje e, sim, cheguei atrasada, mas apareci. Viro-me e ponho as mãos nas ancas, pronta a defender-me se disser mais uma palavra sobre o pouco tempo que temos. Ele fecha porta e encosta-se a ela, mas em vez de voltar a tocar no assunto, começa a descalçar os sapatos. Perdeu o ar de desilusão e, na verdade, parece... não sei... feliz.

Já descalço, avança para mim e empurra-me. Solto um guincho quando caio para trás, mas, antes de entrar em pânico, as minhas costas encontram uma nuvem. Ou uma cama. Seja o que for, é a coisa mais confortável onde me deitei.

Dá um passo em frente com um sorriso tolo na cara e um brilho nos olhos.

— E se nos puséssemos confortáveis? — diz ele. — Temos muito que conversar.

Está de pé, entre os meus joelhos, e levanta uma das minhas pernas para tirar o sapato. São sapatos sem salto, que ele tira com facilidade. Em vez de deixar cair o meu pé, percorre-me a perna lentamente com a mão enquanto a baixa até à cama.

Esqueci-me do calor que faz na Califórnia. Ele tem mesmo de ligar uma ventoinha.

Levanta a minha outra perna e remove o outro sapato da mesma maneira, descendo a mão pela minha perna naquele ritmo torturante, enquanto sorri de orelha a orelha.

A elevação aqui é diferente da de Nova Iorque? Como é difícil respirar neste quarto.

Comigo já descalça, ele senta-se à cabeceira da cama.

— Chega aqui — diz.

Ponho-me de barriga para baixo e ele está deitado sobre uma almofada com a cabeça apoiada na mão. Dá palmadinhas na almofada.

— Eu não mordo.

— Que pena — digo, arrastando-me para onde se encontra e encarando-o, deitada sobre a almofada. — Noventa por cento do tempo que passámos desde que nos conhecemos foi na cama.

— Não há mal nenhum nisso. Adoro o teu cabelo.

As suas palavras deixam-me nervosa e confusa, mas sorrio como se ouvisse aquilo todos os dias.

— Ah, obrigada.

Ficamos um momento calados a observar-nos um ao outro. Eu

começava a esquecer-me do seu aspeto, mas, agora que estou diante dele, é como se nunca tivesse ido embora. Agora parece menos adolescente do que no ano anterior. Faz-me pensar se, quando nos encontrarmos no próximo ano, já parecerá um homem adulto. Não que haja grande diferença entre um homem e um rapaz de 19 anos, porque vai dar ao mesmo.

— Não temos muito tempo — diz. — Tenho um monte de perguntas, um livro para escrever e não sei nada sobre ti.

Abro a boca para argumentar, pois parece saber tudo sobre mim. Mas depois fecho-a, porque suponho que não saiba assim tanto sobre mim. Apenas passámos um dia juntos.

— Escreveste alguma coisa este ano?

Ele assente com a cabeça.

— Escrevi. E tu, beijaste alguém este ano?

Anuo.

— Sim, e tu?

Ele encolhe os ombros.

— E tu, Ben?

Ele acena que sim.

— Algumas raparigas.

Tento não deixar que isso me afete, mas o que quer ele dizer com algumas?

— E comparaste-as a mim?

Ele abana a cabeça.

— Já te disse há um ano, é injustíssimo para a restante população feminina. És incomparável.

— Estou tão contente por ter vindo hoje. Não me interessa se não durmo durante uma semana, valerá a pena só por este elogio.

— E os teus rapazes? Tiveste os tais cinco encontros?

— Rapaz — corrijo. — Foi só um. Eu tentei.

Ele ergue uma sobrancelha, pelo que me ponho logo na defensiva.

— Ben, não podes esperar que me exponha toda num estado que me é novo quando nunca sequer me expus. Demora tempo. Fiquei muito orgulhosa quando beijei aquele rapaz. Ele pensou que eu fiquei excitada com o beijo, mas estava apenas feliz por cumprir uma tarefa dos trabalhos de casa.

Ele ri-se.

— Bem, um gajo chega, acho eu. Mas isso significa que o teu trabalho de casa para este ano ficou mais difícil.

— Tudo bem, mas o teu também. Por falar nisso, quero provas de que escreveste alguma coisa. Quero ler alguma coisa que escreveste sobre nós.

— Não — responde logo.

Sento-me na cama.

— O quê? Não? Não podes dizer-me que escreveste alguma coisa e depois não provares. Tens de me dar algo.

— Não gosto que as pessoas leiam o que escrevo.

Rio-me.

— A sério? É como uma cantora lírica recusar-se a cantar quando dá um concerto.

— Não tem nada a ver. Deixo que leias quando terminar.

— Vais fazer-me esperar *quatro anos*?

O seu lábio enrola-se num sorriso quando anui.

Volto a cair na almofada, uma queda derrotada.

— Suspiro.

— Acabaste de *dizer* suspiro? Em voz alta? Em vez de realmente *suspirares*?

— Revirar de olhos.

Ele ri-se e aproxima-se de mim. Agora olho para cima e ele para baixo, e não haveria problema nisso se não me olhasse como se estivesse a planear como juntar os meus lábios aos dele.

Respiro fundo quando me percorre o queixo com a mão.

— Tive saudades tuas, Fallon — sussurra. — Muitas. E não quero saber se não é suposto admiti-lo, mas tentei toda aquela coisa do macho-alfa durante dois segundos e simplesmente não o consigo fazer. Por isso, hoje não haverá o alfa-Ben. Lamento.

Uau... ele está...

Está, sim.

— Ben — digo, semicerrando os olhos. — Estás a... a dar uma de intelectual?

Ele ergue uma sobrancelha.

— Dar uma de intelectual?

— Pois. Quando um tipo atraente fala de livros com uma rapariga. É como mandar mensagens sensuais, mas em voz alta e com livros em vez de sexo. Nem tem que ver com mensagens de texto. Está bem, não é a mesma coisa, mas fez sentido na minha cabeça.

Ele cai de costas entre risos. Aproximo-me dele e coloco a mão no seu peito ao debruçar-me sobre ele.

— Não pares — brinco, num tom sedutor. — Quero mais, Ben. Leste e-books ou... — Passo o dedo lentamente pelo seu peito. — De capa *dura*?

Ele mete as mãos atrás da cabeça e a presunção apodera-se-lhe da cara.

— Hum, eram de capa dura, sim, senhora. E não sei se estás pronta para isto, mas... tenho a minha própria lista de livros para ler. Tens de vê-la, Fallon. É *enorme*.

Solto um gemido, mas não estou certa de que seja a fingir.

— Agora também já sei o que torna um beijo digno de livro — diz.

— Por isso, prepara-te — Volta a apoiar-se sobre o cotovelo e perde o sorriso. — Mas agora a sério. Esta atração feminina para com o macho-alfa tira-me a pica, pois não tenho nada que ver com os tipos que lêem os livros.

Pois. És melhor.

— Nunca andaria de mota, ou lutaria contra outro homem, apenas por diversão. E por mais que tenha fantasiado em fazer amor contigo este ano, acho que nunca conseguiria dizer que «és minha» com uma cara séria. E sempre quis fazer uma tatuagem, mas provavelmente pequena, porque nunca na vida conseguiria aguentar a dor. No geral, os livros foram interessantes, mas também me fizeram sentir bastante inadequado.

Não pode estar a falar a sério.

— Ben, nem todos os homens nos livros que leio são assim.

Ele abana a cabeça.

— Mas é evidente que gostas dos mauzões se gostas de ler sobre eles.

— Por acaso, não é verdade — digo-lhe. — Gosto de ler livros desses porque não é, de maneira nenhuma, a vida que levo. É completamente diferente de qualquer situação em que poderei estar, graças a Deus. Mas entretenho-me. Por mais que goste de ler sobre um tipo que diz a uma tipa que ela está tão, tão molhada por causa dele... se alguém me dissesse isso durante o sexo, não ficaria excitada. Ficaria assustada com a hipótese de ter feito chichi.

O Ben ri-se.

— E se estivéssemos a fazer amor e me dissesse que sou tua, rastejaria literalmente por baixo de ti, vestia-me, saía da casa e vomitava no jardim da frente. Portanto, só porque gosto de ler sobre esse tipo de homens não significa que preciso que os meus homens reais ajam assim.

Ele sorri.

— Podes ser minha?

Que pena que esteja apenas a brincar.

— Sou toda tua nas próximas cinco horas.

Ele empurra-me, mesmo estando eu de costas na cama.

— Fala-me desse *rapaz* que beijaste — O uso da palavra *rapaz* soa a insulto. Gosto disso. O Ben ciumento é giro. — Preciso de saber os pormenores do vosso beijo para poder acrescentar uma trama secundária ao livro.

— Trama *secundária*? — pergunto. — Isso significa que já tens trama principal?

Ele não vacila.

— Então e como é que o conheceste?

— Nos ensaios.

— E saíram juntos?

— Duas vezes.

— Porquê apenas duas vezes? O que aconteceu?

Quero dizer outra vez «suspiro» em voz alta. Não quero mesmo falar sobre ele.

— Não saiu nada dali. Queres mesmo falar sobre isso?

— Sim, faz parte do acordo.

Solto um gemido.

— Está bem. Chama-se Cody. Tem 21 anos. Fazíamos audição para a mesma peça e tivemos uma conversa agradável. Pediu-me o número de telefone e eu dei-lho.

— Deste-lhe o número de telefone? — pergunta o Ben, abatido. — E porque é que não me dás a mim?

— Porque gosto mesmo de ti. Qualquer forma, saímos esse fim de semana e beijámo-nos algumas vezes. Era porreiro. Engraçado...

O Ben faz uma careta.

— Mais engraçado do que eu?

— O teu sentido de humor não tem comparação, Ben. Para de me interromper. Portanto, concordei em sair com ele uma segunda vez. Fomos para casa dele ver um filme. Começámos a curtir e... eu simplesmente... não consegui.

— Não conseguiste aquilo? Ou apenas curtir com ele?

Não sei o que é mais estranho. Se falar com o Ben sobre curtir com outro tipo ou o facto de me sentir confortável a falar com ele sobre curtir com outro tipo.

Bem, seja como for, pelo menos até este ponto. Agora só me quero calar.

— Não consegui ambas as coisas. Foi... — Fecho os olhos, não lhe querendo dizer a verdadeira razão por que não consegui. Mas é o Ben. É fácil falar com ele. — Foi diferente. Fez-me sentir... tu sabes. *Deficiente*.

Percebo o nó na sua garganta quando engole.

— Podes explicar? — diz, com a voz recortada. Gosto que pareça um pouco chateado, como se não quisesse verdadeiramente que eu falasse sobre curtir com outra pessoa. Gosto sobretudo do ar protetor.

Creio que o Ben tem mais de alfa do que pensa.

Solto um suspiro pesado, preparando-me para a honestidade que não devia querer partilhar, mas que por algum motivo quero.

— No ano passado, quando me tocaste, fizeste-me sentir... bonita. E nunca me senti assim, nem pensei alguma vez vir a sentir-me assim. Por isso, quando estive com o Cody, reparei em tudo. Que apenas tocou no lado direito da minha cara. Que apenas beijou o lado direito do meu pescoço. Que, quando estávamos a curtir, insistiu que apagássemos as luzes.

O Ben faz uma careta, parecendo estar outra vez a sofrer, mas desta vez muito convincente.

— Continua — diz, forçando a palavra para fora da boca.

— A dada altura, tentou tirar-me o sutiã, e eu simplesmente não consegui. Não quis que a visse. Foi muito simpático em relação a isso e não me pediu para continuar. E, para ser franca, isso importunou-me um pouco. De certo modo, queria que me consolasse e agisse como se ainda me desejasse, mas parecia aliviado por eu ter posto o travão.

O Ben rebola, põe-se de barriga para cima e esfrega as mãos na cara. Passado um momento, volta à mesma posição, olhando para mim.

— Por favor, não voltes a dirigir uma única palavra a esse parvalhão.

Percorre-me o corpo uma surpreendente onda de calor ao ouvir aquelas palavras. Ele afaga-me o queixo com o polegar e a sua expressão está repleta de sinceridade.

— O que não querias que ele visse?

A confusão na minha cara leva-o a ser mais pormenorizado.

— Disseste «não quis que a visse». Mas, se já estavas sem a blusa e ele já tinha visto as cicatrizes, referes-te ao quê?

Engulo em seco. Quero pôr uma almofada na cara e esconder-me. Nem acredito que não deixou isso passar.

Na verdade, acho que vou mesmo pôr a almofada sobre a cara.

— Para — diz ele, quando tento puxar a almofada. Volta a pô-la sob a minha cabeça e debruça-se sobre mim. — Sou eu, Fallon. Não tenhas vergonha. Diz-me ao que te referias.

Respiro fundo, na esperança de que mais ar nos pulmões me dê mais coragem para lhe responder. E depois expiro o mais lentamente possível para adiar a resposta.

Cubro os olhos com o braço e digo o mais depressa que consigo:

— A minha mama esquerda.

Espero que faça mais perguntas, ou que me faça afastar o braço, mas não o faz. Nem acredito que lhe contei isso. Nunca contei a ninguém, nem à Amber. Durante o incêndio, não só se queimou a maior parte do lado esquerdo do corpo, mas, como se não fosse já punição suficiente, aleijei-me quando me tentaram tirar da janela do último andar. Por sorte, não me lembro de nada entre adormecer naquela noite e acordar no hospital, mas as cicatrizes são um lembrete diário. E a minha mama esquerda suportou o peso de quase tudo. Não sou estúpida, sei que para os homens as mamas devem ser belas e simétricas, e as minhas não são.

Sinto a mão do Ben encontrar o meu pulso e ele tira-me o braço da cara. Afaga-me a cara com gentileza.

— Porque é que te importuna que alguém a veja? Porque tem

cicatrizes?

Aceno, mas depois abano a cabeça.

— Isto é tão embaraçoso, Ben.

— Para mim não — diz. — E não devia também ser para ti. Já te vi sem blusa, lembras-te? Pelo que me lembro, era tudo magnífico.

— Já me viste sem blusa, mas não me viste sem sutiã. Ias perceber.

O Ben ergue-se de imediato sobre o cotovelo.

— Está bem.

Olho para ele com descrença.

— Isso não foi um convite.

— Mas eu quero vê-la.

Abano a cabeça. Chego inclusive a rir-me, porque não há hipótese de tirar a mama do sutiã para que possa ficar embasbacado com a fealdade.

— Quero fazer justiça ao livro, e as tuas lesões são uma coisa de que tenho de falar. Por isso, devias deixar-me vê-la. Pensemos nisso como pesquisa.

Parece que as suas palavras me atingiram o coração.

— O quê? — A minha voz está tão instável que parece que estou a chorar. Mas não estou. *Ainda*. — O que queres dizer que terás de falar sobre isso no livro? Não vais escrever sobre as minhas cicatrizes, pois não?

A confusão apodera-se da sua cara.

— Faz parte da tua história. Claro que vou escrever sobre isso.

Levanto-me, com o apoio dos cotovelos, e estreito os olhos na sua direção.

— Queria que me ficcionasses e me pusesses *bonita*, Ben. Não podes fazer da personagem principal uma aberração. Ninguém se quer identificar com isso. As personagens principais devem ser bonitas e...

O Ben rebola de imediato para cima de mim e cobre-me a boca com a mão. Respira fundo, preparando-se para o que aparenta ser um discurso. Expira depressa, com o queixo a contrair-se com a irritação.

— Tu ouve-me bem — diz, mantendo a mão segura sobre a minha boca para que não o possa interromper. — Irrita-me que deixes que algo tão trivial defina uma parte tão importante de ti. Não te posso pôr bonita neste livro, porque seria um insulto. Tu és linda de morrer. E és engraçada. E as únicas vezes em que não me sinto completamente apaixonado por ti são aquelas em que te sentes mal contigo mesma. Não sei se já te apercebeste, Fallon, mas estás viva. E, sempre que te olhas ao espelho, não tens o direito de odiar o que vês. Sobreviveste quando a maioria das pessoas não tem essa sorte. Por isso, a partir de agora, sempre que pensares nas cicatrizes, não tens autorização para guardar rancor. Vais aceitá-las nos teus braços, pois tens sorte em estar aqui neste mundo para as veres. Qualquer homem que deixes

tocar nas tuas cicatrizes deve agradecer o privilégio.

Dói-me o peito.

Não consigo respirar.

Ele tira a mão da minha boca e, quando o faz, falta-me o ar. Os meus olhos lacrimejam e não consigo deixar de tremer quando tento reprimir as lágrimas. O Ben baixa-se por completo sobre mim, embalando a minha cabeça nas suas mãos. Beija-me a cabeça e depois sussurra:

— Mereceste isso, Fallon.

Aceno em concordância, pois ele tem razão.

Tem razão.

Claro que tem razão. Estou viva e saudável e, sim, o incêndio deixou a sua marca na minha pele, mas não me levou as partes mais importantes. Não foi capaz de chegar ao que está por baixo da superfície. Porque estou eu, portanto, a tratar-me como se isso tivesse acontecido?

Tenho de parar de fazer isto a mim própria.

— Chiu — murmura, enxugando-me as lágrimas. Tenho as emoções à flor da pele. Estou tão irritada por ele achar ter o direito de falar assim comigo, mas ter falado comigo assim fez-me desejar ter lábios no coração para que o pudesse beijar. E estou irritada comigo mesma por ter sido tão fechada nos últimos anos. Evidentemente, o incêndio foi uma merda. Sim, gostava que nunca tivesse acontecido. Mas aconteceu, nada a fazer, por isso tenho de ultrapassá-lo.

Quero rir-me, pois tudo o que disse parece ter-me tirado um peso do peito, respirando pela primeira vez em três anos.

Tudo parece diferente. Mais novo. Como o ar que se agita, recordando-me da sorte que tenho em cá estar, e então respiro-o fundo.

Faço isso mesmo. Respiro fundo na concavidade do seu pescoço e do seu ombro.

— Obrigada, seu imbecil — sussurro.

Sinto-o a rir-se, pelo que me ponho de barriga para cima na almofada e deixo que me limpe mais lágrimas. Olha para mim como se eu fosse uma linda trapalhada, e não vou deixar-me questionar isso. Porque sou. Sou uma porra de uma linda trapalhada e ele tem sorte por estar agora em cima de mim.

Deslizo as mãos para o seu peito e sinto o seu coração bater debaixo da camisa. Bate tão forte quanto o meu.

Olhamo-nos nos olhos e ele não pede permissão quando mergulha de cabeça e me afaga a boca com a dele.

— Fallon, estou tão excitado. Vou agora mesmo beijar-te e não peço desculpa.

E então os seus lábios apoderam-se dos meus. Tenho a cabeça à

roda, sinto o corpo a flutuar e não consigo mexer os braços. Mas não tenho de o fazer, visto que me levanta as mãos para cima da minha cabeça e entrelaçamos os dedos, empurrando-os até ao colchão. Desliza a sua língua na minha com emoção imensa, como se me beijasse do mesmo modo que me olha. De dentro para fora.

Planta beijos lentamente no meu pescoço, segurando as minhas mãos à cama, não me deixando tocá-lo enquanto me explora a pele. *Meu Deus, como tinha saudades dele.* Sentia falta da forma como me sinto quando estou com ele. Gostava de poder ter isto todos os dias. Uma vez por ano não é suficiente.

Desaparece a pressão na minha mão direita enquanto me percorre o braço com os dedos até chegar ao pulso. A sua boca regressou à minha e beija-me de novo enquanto a sua mão se arrasta lenta debaixo da minha blusa. Sentir as pontas dos seus dedos na minha pele recorda-me dos motivos por que penso nele todas as noites quando caio na cama.

— Vou despir-te a blusa — diz.

Nem hesito.

Nem hesito?

Puxa-me a blusa pela cabeça e atira-a para trás dele. O seu olhar cai nas minhas mamas, cobertas por um sutiã de renda preta que eu pensava que não seria visto esta noite. Sorri um sorriso perverso enquanto passa as pontas dos dedos pela renda. Apalpa-me a mama direita, arrastando o polegar pelo tecido que me cobre o mamilo. Quando o faz, hesito, pois já li livros suficientes para saber que o próximo passo será tocar-me por baixo do tecido. Todo o meu corpo fica tenso porque não desejo que me tire o sutiã. Não quero que veja tudo. Nunca ninguém viu tudo.

— Querida — diz, arrastando os lábios sobre o meu peito. — Relaxa, está bem?

Podia tentar, mas agora estou tensa porque me chamou querida e não porque estás prestes a ir aonde nunca ninguém foi.

Sempre considerei esse termo de ternura um pouco irritante, mas funciona quando é ele a dizer.

Enfio os dedos pela parte de trás do seu cabelo e oriento-o ao encontro da minha mama esquerda, perguntando-me como passou isto do zero ao dez numa questão de segundos. *Meu Deus, está a puxar a alça do sutiã.* Tem a boca mesmo ali, arrastando-se sobre a curva da minha mama e o seus dedos a puxar o material mais para baixo... e *já está.*

Sinto o ar na minha mama exposta, mas tenho os olhos demasiado fechados para ver a sua cara. No entanto, sinto os seus lábios percorrerem-me o peito, aos beijos, sem hesitação, deslizando a língua sobre a minha pele, chupando e beijando e apertando e... *desfrutando.*

— Fallon.

Quer que olhe para ele, mas estou muito mais confortável de olhos fechados.

— Abre os olhos, Fallon.

Eu consigo fazer isto.

Abro os olhos e olho para o teto.

Eu consigo fazer isto.

Baixo lentamente a cabeça até cruzarmos os olhares.

— És linda. Tudo em ti é de uma grande beleza.

Beija-me entre os seios e depois arrasta os lábios pela minha pele, atravessando-me as cicatrizes com a língua. Espero que invente uma desculpa... que se afaste de mim.

Mas não o faz. Ao invés, sorri para mim.

— Estás bem? Posso continuar?

A minha primeira inclinação é de abanar a cabeça, pois não devia querer que prosseguisse. Sempre que imaginei isto acontecer, imaginei-me com um corpo perfeito, sem cicatrizes. Mas aqui estou eu, a olhar para o Ben enquanto me explora todas as partes de mim que desejo que fossem diferentes. E está mesmo a desfrutar.

E... eu também.

Aceno, e talvez também gemo, de novo, pois *porra como ele é atraente*. O facto de eu ser o motivo para aquele calor nos seus olhos faz-me sentir ainda mais desejada do que quando me imagino perfeita. Beija-me até ao pescoço, suspenso sobre mim. Desliza uma mão até à minha nuca e mergulha a cabeça.

— Peço desculpa. Não sei como me conter quando estou contigo.

Todavia, não só se contém, como para por completo quando a porta do seu quarto se abre.

O Ben deita-se sobre mim num ápice, cobrindo-me, mas não é rápido o suficiente para que eu não veja a rapariga que está à porta de olhos bem abertos.

Meu Deus. A porta. Uma rapariga.

— Ben? — diz ela.

Acho que vou entrar em pânico.

— Dás-nos um minuto, Jordyn? — diz o Ben, sem olhar para ela.

A porta fecha-se logo e sai uma desculpa abafada do outro lado.

— Desculpa! Oh, uau, peço *tantas* desculpas!

A reação dela não é a de uma namorada furiosa, o que me enche de alívio. No entanto, faz pouco para aliviar o meu embaraço.

— Desculpa — diz o Ben. — Não fazia ideia que estava em casa — Beija-me levemente a boca e depois levanta-se. — Não te preocupes. Isto é bem mais embaraçoso para ela do que para nós.

Volto a pôr o sutiã e sento-me na cama.

— Fala por ti.

O Ben tira a minha blusa dos pés da cama e devolve-ma. Está a sorrir.

— Não tem piada — sussurro.

Ele ri baixinho.

— Se conhecesses a Jordyn, saberias que isto é, na verdade, hilariante.

Sinto-me deslocada e só agora me apercebo de quão pouco sei sobre o Ben.

— Ela é tua irmã?

— Vai ser daqui a uns dias — diz, respondendo-me enquanto calça os sapatos. — Vai casar-se este fim de semana com o meu irmão Kyle. O casamento terá lugar nas traseiras da casa.

Ele tem um irmão?

Recordo o quão pouco sei sobre a sua família.

— Vai ser aqui o casamento? Eles vivem aqui?

Ele anui com a cabeça.

— Eu e os meus irmãos herdámos a casa depois de a minha mãe morrer. Vivemos aqui todos, pois há espaço de sobra. O meu irmão mais velho viaja muito, por isso está mais tempo fora do que cá. O Kyle e a Jordyn partilham o quarto de casal no andar de baixo.

Não sei por que motivo assumi que o Ben era filho único. Não fazia ideia de que a mãe dele tivesse morrido. Sinto que este tipo, cuja boca me devorava o peito, é um perfeito desconhecido. Ainda deve ver a confusão e o embaraço na minha cara, por isso debruça-se sobre mim e sorri para me tranquilizar.

— Mais logo jogamos ao verdade ou consequência e passarás a saber tudo sobre mim. Por mais aborrecida que seja a minha vida. Mas, por agora, quero que conheças a minha futura irmã.

Puxa-me pelos braços até me levantar. Calço os sapatos e sigo-o para fora do quarto. Chegamos ao topo das escadas, ele para e dá-me o beijo mais doce e brando de sempre antes de descer para procurar a Jordyn.

Culpem o facto de ser obcecada por romances de amor, mas estou convencida de que quanto mais grandioso é o gesto, maior é o amor. Algumas das minhas cenas preferidas dos livros que leio são aqueles pontos centrais no arco da história quando o homem declara o seu amor à amada de uma forma imponente. Mas o modo como este pequeno beijo do Ben me fez sentir, faz-me acreditar que tenho menosprezado as melhores partes dos romances de amor. Porventura os gestos mais grandiosos não interessam tanto como as coisas inconsequentes entre os dois protagonistas.

Faz-me querer voltar atrás e reler tudo aquilo que já li, agora que experiencio estas coisas com alguém na vida real.

— Peço tanta desculpa — diz alguém, quando o Ben me puxa para

a cozinha. — Não fazia ideia que estavas em casa, e procurava uma tesoura, mas *estás* em casa e ela não é, *definitivamente*, uma tesoura.

Ela é gira. Mais baixa do que eu, cabelo loiro californiano e um rosto que não consegue esconder uma única emoção. Neste preciso momento, apenas olhando para ela, percebo que está prestes a quebrantar-se.

— Jordyn, esta é a Fallon — diz o Ben, apontando para mim.

Eu aceno e a Jordyn atravessa de imediato a sala para me abraçar.

— Prazer em conhecer-te, Fallon. Não tenhas vergonha, é perfeitamente normal o Ben ter raparigas no quarto.

Olho logo para o Ben, que ergue as mãos na defensiva como se não fizesse ideia do que ela acabou de dizer. Levanto as palmas das mãos num gesto de «socorro», pois ela aperta-me tanto que nem sei bem o que fazer. O Ben aclara a voz e a Jordyn solta-me.

— Céus, aquilo foi inteiramente despropositado da minha parte — diz ela, agitando as mãos. — Não é normal ele ter raparigas no quarto, não foi isso que quis dizer — diz. — Apenas quero dizer que não é preciso ter vergonha, somos todos adultos. Não insinuei que és uma entre muitas. Na verdade, raramente traz raparigas aqui e foi por isso que não pensei duas vezes antes de entrar no quarto. Na medida em que é tão raro, nem pensei que lá estivesse. Contigo. Com uma rapariga — termina. Agora anda para a frente e para trás, e sempre que lhe vislumbro a cara, parece à beira das lágrimas. Nunca vi ninguém tão necessitado de um abraço como ela agora.

Dirijo-me a ela e ele para de se mexer. Ponho ambas as mãos nos seus ombros. Respiro fundo, endireitando a postura. Ela imita o movimento, enchendo os pulmões de ar. Expiro com calma, ela segue o meu exemplo. Sorrio.

— Não há problema, Jordyn. Eu e o Ben estamos bem com isso. Mas tu pareces precisar de uma bebida. Ou dez.

Ela assente fervorosamente com a cabeça e depois põe a mão na boca quando chegam as lágrimas.

Meu Deus, e agora? Olho para o Ben a pedir ajuda, mas ele olha para mim como se aquele comportamento fosse normalíssimo nela. Ainda assim, também se aproxima dela, virando-a para se olharem frente a frente.

— Então — diz o Ben com ternura, puxando-a para um abraço. — Que se passa?

Ela abana a cabeça, apontando para outra sala.

— Chegaram os marcadores e metade deles estão mal escritos e era suposto as mesas e as cadeiras chegarem esta manhã, mas adiaram a entrega para amanhã e amanhã não pode ser porque amanhã é suposto fazermos os últimos ajustes e agora tenho de cá estar quando entregarem aquilo e o voo da minha mãe foi cancelado e por isso não

me pode ajudar a acabar os arranjos florais esta noite e...

O Ben interrompe-a.

— Tem calma — diz ele. Aponta para o frigorífico, pelo que entro na cozinha e encontro uma garrafa de vinho meio cheia. Sirvo um copo à Jordyn enquanto o Ben a tenta acalmar. Quando lhe passo o copo, está sentada no banco junto ao bar limpando as lágrimas.

— Obrigada — diz, enquanto pega no copo. — Não costumo ser tão louca ou nervosa, mas é a pior semana da minha vida. Sei que no final valerá a pena mas... — Lança-me um olhar incisivo. — Nunca te cases. Nunca. A não ser que vás a Las Vegas.

Faço parecer que tenho em conta o seu conselho, mas o seu nível de stress é suficiente para que ninguém se queira casar.

— Espera — diz ela, apontando para mim. — Chamas-te Fallon? Tipo Fallon O'Neil?

Oh, não. Não me costumam reconhecer do programa, mas, quando isso acontece, costumam ser raparigas da idade da Jordyn. Raparigas que provavelmente viam o programa religiosamente.

— Por acaso não és a atriz que protagonizava aquela série de detetives?

O Ben põe o braço sobre o meu ombro como se tivesse orgulho daquilo.

— É sim, senhora.

— Não pode ser! — diz ela. — Eu estava sempre a ver o programa! Bem, pelo menos até te substituírem por aquela miúda que não valia nada como atriz.

Aquele comentário faz-me sentir bem. Nunca mais consegui ver a série depois de ser substituída, mas não vou mentir e dizer que não me senti um pouco aliviada que tenha sido cancelado depois de duas temporadas devido a uma quebra de audiência.

— Porque é que deixaste a série? — pergunta. — Ah, espera, já me lembro. Ficaste ferida, certo? Foi aí que ganhaste essas cicatrizes?

Sinto o braço do Ben ficar tenso.

— Jordyn — diz ele.

Tenho em apreço que tente interromper a conversa por mim, mas é difícil ficar ofendida com a Jordyn quando é evidente que apenas está curiosa e não a criticar.

— Não há problema — digo, quando parece prestes a pedir desculpa. — Foi um acidente infeliz, detestei ter de sair da série. Mas estou grata por ter sobrevivido. Podia ter sido muito pior.

Sinto o Ben beijar-me a cabeça, e deduzo que seja porque preza que aquelas palavras de encorajamento que me disse nas escadas tenham sido assimiladas.

A porta da frente fecha-se com força e a atenção de todos vira-se da conversa sobre a minha carreira para o som da voz de um homem.

— Onde está a minha cadela? — clama.

Oh, céus, espero que não seja o noivo.

— Chegou o Ian — diz o Ben. Pega-me na mão e leva-me até à sala de estar. — Anda conhecer o meu irmão mais velho.

Sigo o Ben até à sala e vejo um homem ajoelhado junto à porta da frente, fazendo festas a uma pequena cadela branca. — Aqui está a minha cadelinha — diz com ternura ao canídeo.

— Vejam bem o que trouxe o vento — diz o Ben, conseguindo a atenção do irmão.

Só quando se levanta é que reparo que o Ian veste um uniforme de piloto. O Ben aponta de imediato para mim. Não vou mentir, conhecer gente nova já é embaraçoso o suficiente, mas conhecer a família do Ben é outro nível de embaraço.

— Ian, esta é a Fallon. Fallon, Ian.

O Ian avança logo para me dar um passou-bem. Ele e o Ben são parecidos, não consigo não olhar fixamente para ele. Tem o queixo forte do Ben e a mesma boca, mas o Ian é um pouco mais alto e tem o cabelo loiro.

— E a Fallon é a tua... — Ele deixa a frase suspensa, esperando que o Ben a termine. Mas este olha para mim à espera que eu a termine.

Mas que raio? Por falar em estar numa situação embaraçosa.

— Sou a *trama* dele.

O Ben solta uma gargalhada, mas o Ian ergue uma sobrancelha curiosa. Ainda se parece mais com o Ben quando o faz.

— Estás finalmente a escrever um livro? — pergunta-lhe o Ian.

O Ben revira os olhos e pega-me pela mão para me levar de volta às escadas.

— Não é a minha trama, é minha namorada e hoje é o dia do nosso primeiro aniversário.

Agora a Jordyn está na sala de estar, junto ao Ian. Ambos olham para o Ben como se andasse a guardar o segredo mais bem escondido do mundo.

— Já namoram há um ano inteiro? — pergunta a Jordyn, dirigindo-se a mim. Antes de lhe poder dizer que ele está apenas a brincar, ela levanta as mãos em jeito de derrota. — Ben, não me disseste que vais levar acompanhante! Não encomendei cadeiras suficientes e *oh, meu Deus*, deve ser tarde demais! — exclama, saindo à pressa da sala para fazer um telefonema desnecessário.

Dou um murro no braço do Ben.

— Foste tão malvado! Ela já está tão stressada com tudo o resto.

Ele ri-se e revira os olhos com dramatismo e um gemido.

— Está bem — diz, indo atrás da Jordyn e, assim que estou apenas eu e o Ian na sala, abre-se a porta da frente. *Mais uma vez.* Pelo amor

de Deus, quantas pessoas cabem nesta casa?

Quando o próximo tipo entra pela porta, vê primeiro o Ian. Abraçam-se e dá-lhe uma palmadinha nas costas.

— Disseste que só vinhas amanhã.

O Ian encolhe os ombros.

— O Miles hoje voa por mim para que eu pudesse chegar mais cedo. É suposto estar mau tempo amanhã e eu não queria chegar atrasado.

O irmão que ainda não conheço diz:

— Meu, se faltasses ao jantar de ensaio, a Jordyn ter-me-ia... — diz, interrompendo-se, quando repara em mim no meio da sala de estar. Espero que diga alguma coisa, mas olha-me cuidadosamente de alto a baixo com suspeição, como se não costumassem ter visitas. O Ian intervém e gesticula para mim.

— Já conheceste a namorada do Ben?

A expressão do outro irmão não se altera, tirando um arquear da sobrancelha que quase passa despercebido. Endireita-se e caminha na minha direção.

— Kyle Kessler — diz, estendendo a mão. — E tu és?

— Fallon — digo, algo intimidada. — Fallon O’Niel.

Ao contrário do Ian e do Ben, o Kyle não é muito acolhedor. Não é que seja pouco afável... é só que não é nada como os irmãos. É mais sério. Mais intimidante. Por um momento, vejo-o olhar para o lado esquerdo da minha cara e faz-me pensar o que achará de o Ben trazer para casa alguém como eu. Mas depois recorro as palavras que me disse no andar de cima, da sorte que tem em trazer para casa alguém como eu. Em vez de seguir o meu instinto inicial de deixar cair o cabelo na cara, endireito-me, mais confiante. O Kyle liberta-me a mão quando o Ben regressa à sala.

— Está tudo bem com a Jordyn — diz. O Ben para de repente quando vê o Kyle. Abre bem os olhos, como se estivesse chocado por ver o Kyle, e eu percebo uma alteração no seu comportamento. Tenta escondê-la com um sorriso. — Disseste que não chegavas antes desta noite.

O Kyle atira as chaves para uma mesa e depois aponta para o Ben.

— Precisamos de falar.

Não percebo o tom de voz do Kyle. Não parece inteiramente furioso, mas também não parece estar contente com o Ben.

O Ben atira-me um sorriso reconfortante antes de seguir o Kyle para fora da sala.

— Venho já — diz.

Volto a ficar sozinha com o Ian. Enfio as mãos nos bolsos das calças, sem saber o que fazer enquanto espero pelo Ben.

O Ian agacha-se e faz festas na cadela aos seus pés. Aponta com a

cabeça para as escadas.

— Não tomo banho há três dias. É ali que vou estar se alguém perguntar.

— Está bem — digo. — Foi um prazer conhecer-te, Ian.

Ele sorri.

— A ti também, Fallon.

E agora estou sozinha. Estes últimos minutos têm sido de estranheza. A família do Ben é... interessante.

Olho em redor da sala, tentando encontrar pistas sobre quem é o Ben. Na cornija da lareira estão fotografias dele e dos irmãos. Pego numa delas para ver de perto. Agora é difícil de perceber, mas nas fotografias mais antigas é evidente que o Ben é o bebé e o Ian o mais velho. Só não faço ideia dos anos que os separam. Talvez dois ou três?

Não vejo fotografias da mãe deles em lado nenhum. Pergunto-me há quanto tempo terá morrido e onde estará o pai. O Ben ainda não fez qualquer menção sobre ele.

Ouçoo um baque ruidoso vindo do corredor. Preocupada por poder ser a Jordyn, caminho naquela direção. Paro de imediato quando vejo o Ben pressionado contra a parede com o braço do Kyle na garganta.

— És doido ou quê? — diz o Kyle entre dentes cerrados. O Ben olha para ele como se o quisesse matar, mas não faz qualquer esforço para ripostar. Quando estou prestes a apressar-me ao corredor para os afastar, o Ben avista-me pelo canto do olho. Então o Kyle vira-se para ver o que chamou a atenção do Ben e, assim que me vê, recua, soltando-o.

Estou tão confusa com o que acabou de acontecer. O Kyle está entre mim e o Ben, olhando para um e para o outro. Quando parece estar para se virar e ir embora, dá meia-volta e esmurra o olho direito do Ben, atirando-o contra a parede atrás dele.

— Mas o que foi isto! — grito ao Kyle. Corro para o Ben e ele levanta uma mão, mantendo-me afastada.

— Está tudo bem — diz. — Vai lá para cima. Vou daqui a um minuto.

Ele cobre o olho com a mão, e o Kyle ainda lá está, parecendo querer voltar a dar-lhe um murro. Mas recua logo quando a Jordyn dobra a esquina para entrar em cena. Olha chocada para o Kyle e para o Ben, como se aquilo não fizesse sentido nenhum.

O que torna toda esta cena ainda mais confusa. Não tenho irmãos e, pelo que sei, os irmãos andam constantemente à tarefa. Mas, a julgar pela reação da Jordyn, não é o caso deste agregado familiar. Ela deve estar prestes a romper-se em lágrimas neste momento.

— Acabaste de lhe *bater*? — pergunta ao Kyle.

Por um momento, o Kyle parece envergonhado, como se quisesse pedir desculpa. Mas depois expira e vira a atenção para o Ben.

— Mereceste isso — diz, saindo do corredor. — Foda-se, como mereceste!

Ben

Estamos na minha casa de banho e estou encostado à bancada enquanto ela aplica a toalha molhada no meu olho, limpando o sangue.

Nem acredito que o Kyle me bateu à frente dela. Estou tão furioso e tento acalmar-me, mas é difícil, sobretudo quando está assim junto a mim na casa de banho, a tocar-me na cara com as pontas dos dedos.

— Queres falar sobre o que se passou? — pergunta, pegando num penso e abrindo-o.

— Não.

Pressiona o penso na minha cara e alisa-o.

— Eu devia estar preocupada? — Atira o papel para o lixo e põe a toalha de rosto no lavatório.

Olho-me ao espelho enquanto me pressiona o inchaço à volta do olho.

— Não, Fallon. Nunca debes ficar preocupada comigo. Ou com o Kyle, já agora.

Ainda não consigo acreditar que me bateu. Em toda a minha vida, nunca me bateu. Por uma ou duas vezes, esteve perto de o fazer. Ou está mesmo muito preocupado com o casamento ou desta vez realmente o enfureci.

— Podemos ir embora daqui? — pergunto.

Ela encolhe os ombros.

— Acho que sim. Aonde queres ir?

— Escolhe tu.

Vê-la sorrir liberta-me a tensão.

— Tenho uma ideia — diz ela.

* * *

— Tens frio?

É a terceira vez que lhe pergunto e diz sempre que não, mas está a tremer. Puxo-a para mim e envolvo o cobertor à nossa volta com mais firmeza.

Ela quis vir à praia, apesar de ser quase noite e estarmos em novembro. Fomos buscar comida ao Chipotle, como é evidente, e ela montou um piquenique improvisado com cobertores que trouxemos da minha casa. Comemos há cerca de meia hora e só temos feito conversa fiada, conhecendo-nos melhor um ao outro. Mas com o peso do que

aconteceu na casa, todas as questões têm sido seguras até agora. Mas nenhum de nós faz uma pergunta ao outro há pelo menos dois minutos, por isso devemos ter esgotado a conversa fiada. Ou porventura o silêncio seja em si uma questão.

Seguro a sua mão debaixo do cobertor e ambos apenas observamos as ondas que embatem contra as rochas. Passado um bocado, ela encosta a cabeça ao meu ombro.

— Não vinha à praia desde os 16 anos — diz-me.

— Tens medo do mar?

Ela levanta a cabeça do meu ombro e põe os joelhos para cima, envolvendo-os com os braços.

— Antes estava sempre aqui. Sempre que tinha um dia livre, era aqui que vinha. Mas depois aconteceu o incêndio e demorei muito tempo a recuperar. Estava sempre a ir ao hospital para a fisioterapia. O sol não é bom para a pele quando tenta sarar, por isso... nunca mais voltei. Mesmo depois de não haver problema de estar ao sol, deixei de ter confiança para aparecer num lugar onde todos revelam a maior parte da pele possível.

Mais uma vez, não faço ideia do que lhe dizer. Detesto saber que o incêndio lhe tenha tirado tanta confiança, mas acho que ainda não tenho noção da quantidade que realmente lhe tirou.

— Sabe bem voltar aqui — sussurra.

Aperto-lhe a mão, com a certeza de que é tudo o que deseja.

Voltamos a ficar sentados em silêncio, e a minha mente não cessa de voltar ao que aconteceu com o Kyle no corredor. Não sei quanto ouviu, mas ainda cá está, por isso não deve ter sido muito. No entanto, afirmar que viu um outro lado do Kyle que não queria que visse é um eufemismo. Ela provavelmente considera-o um imbecil e, com base nos poucos minutos que estive com ele, não a posso culpar.

— Quando andei na quarta classe, havia um miúdo mais velho que costumava meter-se comigo — digo-lhe. — Batia-me ou ofendia-me todos os dias no autocarro. Durou meses, e algumas vezes cheguei a sair do autocarro com sangue no nariz.

— Meu Deus — diz ela.

— O Kyle tem mais dois anos do que eu. Ele estava na escola preparatória, mas apanhávamos o mesmo autocarro porque a escola era muito pequena. Certo dia, depois de o miúdo me bater nas barbas do Kyle, esperei que me defendesse. Que desse um enxerto de porrada ao puto, pois sou o seu irmão mais novo. É isso que os irmãos mais velhos devem fazer. Proteger os irmãos mais novos dos rufias — Estico as pernas e suspiro. — Mas o Kyle nem se mexeu, olhando para mim. Nunca interveio. Quando chegámos a casa, estava furioso com ele. Disse-lhe que era sua obrigação enquanto irmão dar uma lição aos rufias. Ele riu-se e disse «E como é que isso te vai ensinar alguma

coisa?».

» Não sabia o que dizer, pois não fazia a menor ideia do que era suposto aprender ao levar porrada todos os dias. O Kyle disse «O que vais aprender ao deter um rufia? Nada. Se eu interviesse, o que ganharias com isso além de dependeres de outra pessoa além de ti próprio? Haverá sempre rufias, Ben. Tens de aprender a lidar com eles por contra própria. Tens de aprender a não os deixares importunar-te. Se eu batesse num puto qualquer por ti não aprenderias nada».

A Fallon encara-me.

— E deste-lhe ouvidos?

Abano a cabeça.

— Não, fui para o meu quarto e chorei porque achei que estava só a ser mau para mim. Depois daquilo, o miúdo continuou a meter-se comigo durante várias semanas. Mas depois, certo dia, caiu-me a ficha. Não sei o que foi, mas comecei a defender-me. Não mais o deixei meter-se comigo daquela maneira. Deixei de agir com tanto medo quando estava perto dele. E, passado algum tempo, quando percebeu que os insultos não me importunavam, deixou de me chatear.

Ela está calada, mas percebo que se pergunta por que razão lhe conto esta história.

— É um bom irmão — digo-lhe. — É boa pessoa. Detesto que tenhas visto hoje aquela faceta dele, pois não tem nada que ver com ele. Tinha direito a estar chateado comigo e não, não quero falar sobre isso. Mas os meus irmãos são boas pessoas e quero que saibas isso.

Olha para mim agradecida. Ponho o braço em seu redor e puxo-a para o meu peito ao deitar-me no cobertor entre nós. Agora olho para as estrelas, surpreendido com o tempo que passou desde a última vez que lhes pus a vista em cima.

— Estava entusiasmada com a ideia de ter um irmão — diz ela. — Sei que no ano passado, quando o meu pai me contou, agi como se não estivesse contente, mas sempre quis ter uma irmã ou um irmão. Infelizmente, pelos vistos, a rapariga com quem o meu pai estava noivo não estava grávida. Ela pensava que ele tinha dinheiro graças ao seu estatuto de semi-celebridade. Quando descobriu que estava falido, deixou-o.

Uau. Já não me sinto tão mal com o meu drama familiar que ela hoje testemunhou.

— Isso é horrível — digo-lhe. — Ele ficou em baixo?

Não é que me importe se ficou em baixo. O homem merece todo o *karma* negativo que lhe foi retribuído pela forma como a tratou naquele dia.

Ela encolhe os ombros.

— Não sei. Foi a minha mãe que me contou. Não falo com ele

desde o ano passado.

Fico triste por ela. Por mais parvalhão que seja, não deixa de ser pai dela, por isso sei que deve doer.

— Mas quem é que finge uma gravidez para encurralar um homem? Isso é de loucos. Ainda que pareça um grande enredo para um livro.

Volta a rir-se no meu peito.

— É um disparate e demasiado usado enquanto trama secundária.

Descansa o queixo nos meus braços e sorri para mim. O luar bate-lhe no rosto, brilhando sobre ela como se estivesse em palco.

O que me faz lembrar...

— Alguma vez me vais falar dos ensaios que mencionaste antes? São ensaios para o quê?

Perde o sorriso.

— Teatro comunitário — diz ela. — Amanhã é a estreia e temos ensaio geral de manhã, motivo pelo qual tenho de voltar tão cedo. Não sou protagonista e não me pagam nada, mas gosto porque muitos atores procuram a minha ajuda. Não sei porquê, talvez porque adquirir muita experiência no passado, mas sabe bem. É agradável não estar enfiada no meu apartamento a toda a hora.

Gosto de ouvir isso.

— Então e trabalho?

— Tenho um horário flexível. Ainda gravo audiolivros e tenho trabalho suficiente para pagar as contas, o que é bom. Embora tivesse tido de mudar de casa porque a renda era excessiva, mas... no geral está tudo a correr bem. Estou feliz.

— Ainda bem — digo-lhe, penteando-lhe o cabelo com os dedos.

— Estou feliz por estares feliz em Nova Iorque.

E estou mesmo. Mas não vou mentir, uma parte de mim esperava com egoísmo vê-la hoje e ela dizer-me que as coisas não estavam a correr nada bem. Que voltou para Los Angeles e pensa que a regra dos cinco anos é estúpida e me quer ver já amanhã, e todos os dias depois desse.

— Tens trabalho? — pergunta-me. — Nem acredito que nem isso sei sobre ti. Deixo-te acariciar-me as mamas e nem sei como ganhas a vida.

Rio-me.

— Estudo na UCLA. Estudante a tempo inteiro a tirar duas licenciaturas, pelo que tenho pouco tempo para trabalhar. Mas não tenho muitas contas para pagar. Tenho dinheiro suficiente de parte, devido à herança da minha mãe, para poder pagar os estudos, por isso por agora não tenho de trabalhar.

— Quais são as licenciaturas?

— Escrita Criativa e Comunicação. A maioria dos escritores não

tem muita sorte a encontrar uma carreira que os sustente, por isso tenho um plano alternativo.

Ela sorri.

— Não precisas de um plano alternativo porque daqui a uns anos terás um romance bestseller para te pagar as contas.

Espero que não pense mesmo isso.

— Qual é o título? — pergunta.

— Qual é o título do quê?

— O nosso livro. Qual vai ser o título?

— Nove de Novembro.

Observo a sua reação, mas a sua expressão não revela nada do que pensa sobre o título. Passado alguns segundos, encosta a cabeça ao meu peito para que eu não veja mais a sua cara.

— Não te contei no ano passado — diz ela, mais baixinho do que antes. — Mas 9 de novembro é o aniversário do incêndio. E ser capaz de ter vontade de te ver nesta data faz-me deixar de temer o aniversário como temia. Por isso, obrigada.

Respiro com brevidade, mas antes de lhe conseguir dar uma resposta, aproxima-se e pressiona os lábios aos meus com firmeza.

Fallon

— Não tens dúvidas em relação a isto?

Ele assente, mas tudo o resto no seu comportamento diz o contrário.

Há meia hora, beijávamo-nos na praia. Volvidos cinco minutos após o beijo, endireitou-se e anunciou que queria fazer uma tatuagem. «Esta noite», disse ele. «Já.»

Por isso, cá estamos nós. Está sentado na cadeira, à espera do artista, e eu estou encostada à parede, à espera que se acobarde.

Não me diz o que significa a tatuagem. Vai tatuar a palavra *poético* no pulso esquerdo, escrita dentro de uma pauta musical. Não sei porque não me diz qual o significado por detrás, mas ao menos não é o meu nome. Quer dizer, eu gosto dele. Muito. Mas pintar permanentemente o nome de uma rapariga na pele é uma coisa bastante macho-alfa de se fazer tão cedo na relação. Sobretudo no pulso. E porque é que me referi a isto como relação?

Meu Deus. Será que é por isso que vai fazer uma tatuagem? E se está a querer parecer um durão? Devia avisá-lo que está a ir pelo caminho errado.

Aclaro a garganta para captar a sua atenção.

— Hum. Detesto ter de dizer isto, Ben, mas tatuar no pulso a palavra *poético* não é muito macho-alfa. Na verdade, é o oposto. Tens a certeza de que não preferes uma caveira? Algum arame farpado? Talvez até algo sangrento?

O seu lábio franze-se num sorriso torto.

— Não te preocupes, Fallon. Não faço isto para impressionar as raparigas.

Não sei por que motivo gosto tanto da resposta. O tatuador volta à sala e aponta para o pulso do Ben, para o sítio onde desenhou o contorno da tatuagem alguns minutos antes.

— Se gostas do sítio, podemos começar.

A tatuagem está esboçada em tinta de um lado ao outro do pulso. Ele anui com a cabeça e diz que está pronto. O Ben gesticula para mim.

— Ela pode sentar-se no meu colo e distrair-me?

O tipo encolhe os ombros, puxando o braço do Ben para si, mas não diz nada. Quando penso que este tipo está provavelmente a perguntar-se o que está o Ben a fazer com alguém com o meu aspeto físico, o Ben interrompe o meu acesso de insegurança.

— Vem cá — diz, dando palmadinhas na perna. — Distrai-me.

Faço o que me diz, mas a única maneira de me sentar ao seu colo é de pernas abertas. Ao menos estou de calças, mas ainda me sinto esquisita por me sentar assim no meio de um estúdio de tatuagem. O Ben descansa a mão na minha cintura e aperta. Ouço o zumbido da agulha e a pequena diferença sonora quando é pressionada contra a pele. Nem sequer faz uma careta, para além de sorrir para mim. Faço o que posso para o distrair, pelo que continuo a conversa fiada que partilhámos na praia.

— Qual é a tua cor preferida?

— Verde malaquita.

Faço uma careta.

— É um verde muito específico, mas está bem.

— É a cor dos teus olhos. É também o meu mineral preferido.

— Tens um *mineral* preferido?

— Agora sim.

Olho para baixo para evitar que veja o meu sorriso envergonhado. Sinto a sua mão apertar-me novamente a cintura. Creio que a agulha esteja a distraí-lo mais do que eu, pelo que chuto outra pergunta.

— Qual é o teu prato favorito?

— Pad Thai — responde. — E o teu?

— Sushi. É quase a mesma coisa.

— Nem de perto.

— É tudo comida asiática. Qual é o teu filme favorito?

— Que perguntas entediadas. Tenta melhor.

Deixo a cabeça cair para trás e olho para o teto enquanto penso.

— Está bem, quem foi a tua primeira namorada? — pergunto, voltando a olhá-lo nos olhos.

— Brynn Fellows. Eu tinha 13 anos.

— Pensava que se chamava Abitha.

Ele sorri.

— Tens boa memória.

Ergo a sobrancelha com seriedade.

— Não é que tenha boa memória, Ben. Sou é loucamente ciumenta e instável quando se trata dos teus amores passados.

Ele ri-se.

— A Abitha foi a primeira rapariga que beijei, não a minha primeira namorada. Tinha 15 anos, namorámos durante um ano.

— Porque é que acabaram?

— Tínhamos 16 anos — diz, como se fosse uma razão válida. Ele percebe a dúvida na minha cara e diz: — É o que se faz quando se namora aos 16 anos. Acaba-se. E tu? Quem foi o teu primeiro namorado?

— Verdadeiro ou a fingir?

— Ambos.

— Foste tu — Olho-o de perto para ver se encontro compaixão nos seus olhos, mas é mais orgulho. — Com quantas pessoas já foste para a cama?

Ele aperta os lábios.

— Não vou responder a isso.

— Mais de dez?

— Não.

— Menos de uma?

— Não.

— Mais do que cinco?

— Não falo da minha vida privada em público.

Rio-me.

— Falas, sim. Daqui a cinco anos, falarás ao mundo inteiro sobre nós no nosso livro.

— Quatro anos — clarifica.

— Quando é o teu aniversário? — pergunto-lhe.

— Quando é o *teu*?

— Perguntei primeiro.

— Mas e se fores mais velha do que eu? Isso não é pouco atrativo para as raparigas? Namorar rapazes mais novos?

— Não é pouco atrativo para os rapazes namorarem com raparigas com cicatrizes em mais de metade da cara?

Aperta-me ainda mais a cintura e olha-me com dureza.

— Fallon — diz o meu nome como se isso fosse uma lição em si.

— Estava a tentar ter piada — digo.

Ele não sorri.

— Não creio que a autodepreciação tenha muita piada.

— Só é assim porque não és a pessoa que se deprecia.

Ele torce o canto da boca enquanto tenta reprimir o sorriso.

— Quatro de julho — diz. — O país inteiro celebra todos os anos o meu aniversário. É bastante épico.

— Vinte e cinco de julho, o que significa que és oficialmente mais velho do que eu. Agora posso perseguir-te à vontade sem ser a mulher mais velha que anda com mais novos.

Ele arrasta a mão alguns centímetros para cima da minha cintura, e depois o polegar move-se lentamente de um lado para o outro.

— A vontade não se força, Fallon.

Oh, porra. Ele merece um beijo por esse comentário, mas está um tipo com uma pistola de tatuagem a meio metro de distância e não sou o género de rapariga que ande aos beijos com um gajo em público. Pelos vistos, estabeleço o limite de me sentar de pernas abertas.

— Há algo que preciso de saber em relação a ti — diz, com um olhar penetrante. — E quando te fizer a pergunta, quero que penses

muito bem na resposta, pois pode melhorar ou acabar com esta ligação que temos.

Engulo em seco.

— Está bem. O que queres saber?

Ele contrai-se um pouco, e não sei ao certo se é por causa da pistola de tatuagem ou dos nervos por me fazer a tal pergunta.

— Ora — diz. — Se apenas pudesses ouvir uma banda para o resto da tua vida, que banda escolherias, e porquê?

Fico logo mais calma. Esta é fácil. Pensei que iria bem mais longe do que a minha banda preferida.

— X Ambassadors.

— Nunca ouvi falar — diz ele.

— Já os vi duas vezes — diz o tipo com a pistola na mão. Eu e o Ben olhamos para ele, mas está concentrado no trabalho.

Viro-me para o Ben e arqueio a sobrancelha.

— Porque é que a minha banda favorita poderia melhorar ou acabar com a nossa relação?

— Muito se pode saber de uma pessoa pelo seu gosto musical. Estou certo de que li isso num dos livros que me emprestaste. Se escolhesses uma banda que odeio, seria como um repelente.

— Bem, podes ainda odiá-la quando a ouvires, por isso ainda não estamos a salvo.

— Nessa caso, nunca a ouvirei — diz, com confiança.

— Não que eu tenha alguma coisa que ver com isso.

— Qual é a tua letra preferida deles? — pergunta-me.

— Muda consoante o estado de espírito.

— Muito bem, então e qual é a tua letra favorita neste momento?

Cerro brevemente os olhos e cantarolo uma das canções na cabeça até chegar à letra que se adegue ao momento. Abro os olhos e sorrio.

— És tão linda, porque me fazes sentir lindo.

Ele esboça um leve sorriso.

— Gosto — diz, afagando-me a pele da cintura com o polegar. Olhamo-nos nos olhos durante um bocado. Vejo o seu peito a expandir-se, e saber que está a ficar excitado, apesar de ter uma agulha a espetar-se-lhe na pele, faz-me sentir um pouco triunfante.

Penso na possibilidade de me inclinar para a frente e dar-lhe um beijinho na boca, mas, antes de o conseguir fazer, o tatuador afirma:

— Já está!

Deslizo do seu colo e olhamos para o produto final antes de levar ligaduras. Foi um excelente trabalho, mas ainda não sei o que o instigou e por que razão tinha de o fazer esta noite, mas estou contente por poder cá estar com ele.

Ele levanta-se e tira a carteira do bolso para dar uma gorjeta ao tatuador. Quando me pega na mão e me leva de volta ao carro, cada

passo que dou torna-se cada vez mais pesado. Sei que, a cada passo, estamos mais próximos da despedida.

A caminho do aeroporto, vou sempre inquieta. Não deixo de me interrogar se esta nova vontade de não querer entrar no avião de regresso a Nova Iorque é resultado dos meus sentimentos pelo Ben ou por Nova Iorque.

Sei que lhe disse na praia que estou feliz em Nova Iorque, mas estou lá quase tão infeliz como estava aqui. Apenas não quero que ele saiba isso. Espero que o meu envolvimento no teatro comunitário me ajude a fazer mais amigos. Afinal de contas, só passou um ano. Mas foi um ano difícil. E por mais que tenha tentado cumprir o trabalho de casa que me mandou, andar de audição em audição é esgotante quando tudo o que recebo são rejeições. Faz-me pensar se o meu pai não terá razão. Posso estar a sonhar demasiado alto. E apesar de o Ben me ter devolvido grande parte da minha confiança, não torna menos frívola uma indústria baseada na beleza física.

A Broadway está tão fora do meu alcance que chega a ser hilariante. A quantidade de gente que aparece nas audições faz-me sentir como uma pequena formiga numa enorme colónia. A única hipótese que tenho de me destacar é se o papel exige alguém que tenha, de facto, cicatrizes faciais. Até agora, não tive sorte.

— Precisas de outra cena dramática no aeroporto? — pergunta-me ao aproximarmo-nos do terminal.

Rio-me e não digo absolutamente nada, pelo que desta vez estaciona no parque de estacionamento. Antes de entrarmos no aeroporto, puxa-me para si. Vejo tristeza nos seus olhos e sei sem dúvida alguma que ele vê na minha expressão o quanto não me quero despedir. Ele percorre-me a cara com as costas dos dedos e sinto um calafrio.

— Para o ano vou a Nova Iorque. Onde te queres encontrar comigo?

— Em Brooklyn — digo-lhe. — É onde vivo. Quero mostrar-te o meu bairro e há um restaurante de tapas que tens mesmo de experimentar.

Digito a morada de um dos meus restaurantes preferidos no seu telefone. Também digito a data e a hora, não que seja difícil de lembrar. Devolvo-lhe o telefone.

Ele mete o telefone no bolso de trás e puxa-me para mais um abraço. Sustemos o abraço durante uns bons dois minutos, sem que nenhum de nós queira soltar-se. Tem a mão aninhada na minha nuca e eu tento memorizar a sensação. Tento memorizar como cheira à praia onde passámos três horas desta noite. Tento memorizar como a minha boca descansa à altura do seu pescoço, como se os seus ombros fossem feitos para eu descansar a cabeça.

Inclino-me para ele e beijo-lhe o pescoço. Um beijinho e nada mais. Ele levanta-me a cabeça do seu ombro, virando-me a cara para a dele, estudando-me as feições.

— Pensei que fosse mais forte do que uma palavra — diz. — Mas acabei de descobrir que ter de te dizer adeus é uma das coisas mais difíceis que tive de fazer na vida.

Quero dizer «Então implora-me que fique», mas tem a boca dele na minha, e beija-me, apaixonadamente. Diz adeus na forma como os seus lábios se movimentam sobre os meus, na forma como as suas mãos me acariciam a cara, na forma como a boca dele se move para a minha e me dá um único e gentil beijo antes de me libertar. Praticamente me empurra, como se a distância entre nós pudesse tornar as coisas mais fáceis. Ele anda para trás até se encontrar à beira do lancil, e todas as palavras estão alojadas na minha garganta, pelo que aperto os lábios e tento não os soltar. Olhamo-nos nos olhos vários segundos, evidenciando-se a dor da despedida no ar entre nós. Então ele vira-se e trota de volta ao parque de estacionamento.

Tento não chorar, seria tolo.

Certo?

* * *

Nunca gostei dos lugares à janela. Por conseguinte, quando ouço a mulher no lugar do corredor a dizer algo sobre o quanto detesta os lugares do corredor, ofereço-lhe o meu.

Não tenho medo de voar, a não ser que olhe pela janela. E se estiver num lugar à janela, sinto que tomo isso como garantido se *não* olhar pela janela. Então passo o voo inteiro a olhar para o mundo debaixo de nós e entro mais em pânico do que se não me pusesse naquela situação.

Ponho a bolsa debaixo do assento à minha frente e tento pôr-me confortável. Estou aliviada por o Ben vir a Nova Iorque para o ano, pois o voo de Los Angeles para Nova Iorque é das coisas de que menos gosto.

Fecho os olhos na esperança de dormir umas horas. Não terei tempo para dormir antes dos ensaios de amanhã, e poderia inclusive dormir até tarde, mas amanhã é a estreia e tenho de lá estar para o ensaio geral.

— Olá.

Ouçõ a voz do Ben e sorrio. Significa que vou dormir muito bem se já confundo a realidade com os sonhos.

— Fallon.

Abro os olhos. Vejo o Ben ao meu lado. *Mas que raio vem a ser isto?* Olho para a mão dele, segura um bilhete de avião.

Endireito-me.

— O que estás a fazer?

Alguém tenta passar por ele, pelo que se movimenta para o mais perto de mim que consegue. Quando o homem passa, o Ben ajoelha-se.

— Esqueci-me de te passar trabalho de casa para este ano — diz, entregando-me uma folha de papel dobrada. — Tive de comprar bilhete para que o recebesses antes de descolares, por isso tens de o levar a cabo ou então perco muito dinheiro em vão. É tudo. Não é um ato típico de macho-alfa, mas pouco importa.

Olho para a folha na minha mão e depois para ele. *Acabou mesmo de comprar um bilhete só para me dar trabalho de casa?*

— És louco.

Ele sorri, mas depois tem de voltar a levantar-se para deixar outra pessoa passar. Uma comissária de bordo diz-lhe que tem de sair do corredor e tomar o seu lugar. Ele pisca-me o olho.

— É melhor ir andando antes que fique preso no avião.

Debruça-se sobre mim e dá-me um beijinho na boca.

Tento esconder a centelha de tristeza que os meus olhos devem evidenciar. Forço um sorriso mesmo antes de se virar e dirigir-se à saída. É intercetado por uma comissária de bordo que lhe pergunta porque não está sentado. Balbucia qualquer coisa sobre uma emergência familiar, portanto ela deixa-o passar, mas mesmo antes de sair da minha linha de visão, dá meia-volta e pisca-me o olho.

E depois desaparece.

Aquilo acabou mesmo de acontecer?

Olho para o papel que tenho nas mãos e estou nervosa só por o abrir, interrogando-me qual será o trabalho de casa que possa valer a compra de um bilhete de avião.

Fallon,

Menti. Mais ou menos. Não tenho muito trabalho de casa para ti porque acredito que estás a fazer um bom trabalho a amadureceres. Queria entregar-te esta carta sobretudo porque te queria agradecer por teres aparecido hoje. Esqueci-me de agradecer há bocado. É mau que tenhas de ir sem dormir, mas significa muito para mim que tenhas sacrificado esse sono para cumprir o nosso acordo. No próximo ano compenso-te, prometo. Quanto a este ano, há só uma coisa que quero que faças.

Vai visitar o teu pai.

Eu sei, sei. É um imbecil. Mas é o único pai que tens, e quando me disseste que não falas com ele desde o ano passado, não consegui deixar de me sentir culpado por isso. Sinto-me culpado pela discussão que tiveram porque o meu

intrometimento não ajudou em nada. Não me devia ter metido, mas se não o tivesse feito, não teria tido o privilégio de descobrir as cuecas que tinhas vestido. Por isso, creio que afirmo que não me arrependo realmente de me ter intrometido, mas sinto-me mal porque a tua relação com o teu pai não estaria tão tensa caso não tivesse metido o nariz onde não era chamado. Portanto, quanto a isso, acho que devias dar-lhe outra oportunidade.

Quando me apercebi que me esqueci de te pedir esta pequena coisa, dar 400 dólares pelo bilhete era justificado. Por isso, não me desiludas, está bem? Telefona-lhe amanhã. Por mim.

Para o ano que vem, quero todas as horas do dia 9 de novembro que puder ter contigo. Encontramo-nos uma hora mais cedo e fico até à meia-noite.

Entretanto, espero que ainda se riam de ti.

Ben

Volto a ler a carta antes de a dobrar. Estou contente por já não estar a bordo, pois o sorriso que carrego é embaraçoso.

Nem acredito que acabou de fazer isto. E nem acredito que vou engolir um sapo e telefonar ao meu pai amanhã só porque o Ben me pediu.

Mas, ainda mais do que isso, estou em choque por ele ter gastado tanto dinheiro no bilhete só para me entregar esta carta. Parece mais um gesto grandioso do que um momento inconsequente. E gosto tanto, para não dizer mais, quanto todas as coisas inconsequentes que ele faz.

Talvez não saiba nada sobre paixão, pois tenho dito a mim própria que ainda não estou apaixonada por ele. Que é cedo demais.

Mas não é. O que acontece no meu coração neste momento é demasiado consequente para se negar. Creio que tenho vindo a avaliar mal todo o conceito de amor instantâneo. Pudessemos eu imaginar como terminaremos estes próximos anos com um final feliz.

terceiro

9 de novembro

Ela «amou-me» entre aspas
Ela beijou-me em negrito
TENTEI MANTÊ-LA em caixa alta
Foi-se embora com reticências...

— BENTON JAMES KESSLER

Fallon

Trouxe comigo um caderno para o restaurante.

É um pouco embaraçoso, mas aconteceu tanta coisa este ano que comecei a tirar notas logo em janeiro. Sou também obcecada com a ordem, por isso, a esse respeito, o Ben tem sorte. Não terá de investigar muito sobre mim, pois está lá tudo. Os quatro rapazes com quem saí, todas as audições em que participei, o facto de ter voltado a falar com o meu pai, as quatro chamadas de volta que recebi, o pequeno papel que consegui numa peça fora da Broadway. Por mais entusiasmada que me tenha deixado, sinto mais falta do teatro comunitário do que esperava. Talvez porque gostava que todos me pedissem conselhos. Agora que consegui um pequeno papel numa produção ligeiramente maior, a sensação é diferente. Todos tentam ascender ao topo e passam por cima de qualquer pessoa para lá chegar. Existe muita gente competitiva no mundo, e descobri que não sou uma delas. Mas hoje não me vou afligir com o que corre bem ou mal na minha vida, na medida em que hoje tem tudo que ver comigo e com o Ben.

Tenho o dia inteiro organizado. Depois de tomarmos o pequeno-almoço, vamos fazer coisas típicas de turista. Já vivo em Nova Iorque há dois anos e nunca fui ao Empire State Building. No entanto, depois de almoço é a parte que mais me entusiasma. Há duas semanas, passava eu por um estúdio de arte, reparei num panfleto para um evento chamado «A vida e morte de Dylan Thomas. Mas sobretudo a morte.» Ele já mencionou o nome de Dylan Thomas um par de vezes, por isso sei que gosta da sua obra. E o facto de o evento ter lugar naquele estúdio no dia de hoje, não chega a ser tão fascinante como o que descobri também naquele panfleto.

Dylan Thomas morreu em Nova Iorque em 1953.

No dia 9 de novembro.

Qual é a probabilidade? Tive de procurar no Google essa informação só para garantir que estava certa. Está. E não faço ideia se o Ben sabe isso sobre Dylan Thomas. Espero que não saiba, quero ver a expressão na sua cara quando lhe contar.

— É a Fallon?

Olho para a empregada de mesa. É a mesma empregada que me reencheu a Diet Pepsi por duas vezes. Mas desta vez tem um ar pesaroso... e um telefone nas mãos.

Aperta-se-me o coração.

Por favor, que esteja atrasado. Que não esteja a ligar porque não vem hoje.

Anuo.

— Sim, sou.

Ela estende-me o telefone.

— Ele diz que é uma emergência. Por favor, leve o telefone para a bancada quando terminar.

Tiro-o das suas mãos e coloco-o sobre o peito com as duas mãos. Mas depois afasto-o logo, temendo que ouça o bater do meu coração do outro lado da linha. Olho para o telefone e respiro fundo.

Nem acredito que estou a reagir assim. Não fazia ideia de quanto antecipava este dia até a ameaça de mo tirarem. Ergo lentamente o telefone ao ouvido. Fecho os olhos e murmuro:

— Alô?

Reconheço de imediato o suspiro que vem do outro lado da linha. É de loucos não ter sequer de ouvir a sua voz para o reconhecer. Eis quão embutido está na minha mente. Até o som da sua respiração me é familiar.

— Olá — diz ele.

Não é o género de cumprimento desesperado que queria ouvir. Preciso que pareça estar em pânico... atrasado. Como se estivesse neste momento a sair do telefone e temesse que eu me fosse embora antes de conseguir cá chegar. Ao invés, é um cumprimento preguiçoso. Como se estivesse sentado numa cama algures, relaxado. Não está em pânico para chegar até mim.

— Onde estás? — solto a temida pergunta, sabendo que está prestes a dar-me uma resposta que se encontra a quase 5 mil quilómetros de Nova Iorque.

— Los Angeles — diz. Fecho os olhos e espero por mais palavras, que teimam em não sair. Ele não consegue prosseguir com uma explicação, o que significa que se sente culpado.

Conheceu alguém.

— Ah — digo. — Está bem.

Tento não ser transparente, mas a minha tristeza é audível.

— Lamento muito — diz. Percebo a verdade nas suas palavras, mas isso pouco faz para me tranquilizar.

— Está tudo bem?

Não responde de imediato à minha pergunta. O silêncio adensa-se entre nós até que ele respira fundo.

— Fallon — diz, com a voz a vacilar ao proferir o meu nome. — Nem sei como dizer isto com gentileza, mas... o meu irmão? O Kyle? Ele... teve um acidente há dois dias.

Cubro a boca com a mão quando as palavras entram em mim.

— Oh, não. Ben, ele está bem?

Mais silêncio, e depois um frágil «não».

A palavra é proferida com tanta calma, que parece estar num estado de descrença.

— Ele...hum... não se safou, Fallon.

Sou incapaz de dar resposta a essa frase. Não sei o que dizer. Não tenho quaisquer palavras que tenham alguma utilidade. Não conheço o Ben suficientemente bem para saber como consolá-lo ao telefone, e não conhecia o Kyle bem o suficiente para expressar a minha tristeza para com a sua morte. Passam vários segundos antes de o Ben voltar a falar.

— Teria telefonado antes, mas... tu sabes. Não sabia como te contactar.

Abano a cabeça como se me pudesse ver.

— Para com isso. Não há problema. Lamento muito, Ben.

— Pois — diz ele, entristecido. — Eu também.

Quero perguntar-lhe se há alguma coisa que possa fazer, mas sei que deve estar farto de ouvir isso. Submerge mais silêncio na chamada e estou furiosa comigo por não saber dar resposta a isto. É tão inesperado, e eu nunca experienciei nada semelhante ao que deve estar a passar neste momento, pelo que nem tento fingir empatia.

— Isto está a deixar-me de rastos — diz, num sussurro. — Mas vemo-nos para o ano, prometo.

Cerro os olhos com firmeza. Percebo a dor do seu lado da nossa conversa e isso faz-me sofrer por ele.

— Para o ano à mesma hora? — pergunta. — Mesmo sítio?

— Claro que sim.

Tento dizer alguma coisa antes de irromper em lágrimas. Antes de lhe dizer que não posso esperar mais um ano.

— Está bem, então — diz. — Tenho de ir. Lamento muito.

— Eu fico bem, Ben. Não te sintas mal... eu entendo.

Fica um silêncio suspenso entre nós, até que ele suspira.

— Adeus, Fallon.

A chamada desliga-se antes que eu possa voltar a falar. Olho para o telefone e as lágrimas ofuscam-me a vista.

Estou desolada. De rastos.

E não passo de uma imbecil, pois por mais que me tente convencer que choro por causa da morte do irmão dele, não é verdade. Choro por razões inteiramente egoístas, e perceber que sou um ser humano patético faz-me chorar ainda mais.

Ben

Aperto o telemóvel na mão numa tentativa de evitar ter de esmurrar a porta do meu quarto. Tinha a esperança de que a empregada me dissesse que ela não estava lá. Tinha a esperança de que não aparecesse para não ter de a desapontar. Preferia que tivesse conhecido outra pessoa, que se tivesse apaixonado e esquecido de mim, do que ser responsável pela desilusão que acabei de ouvir na voz dela.

Encosto-me e deixo a cabeça cair contra a porta. Olho para o teto e luto contra as lágrimas que tentam apoderar-se de mim desde que soube do acidente do Kyle.

Ainda não chorei. Nem uma única vez.

De que serviria à Jordyn eu estar um farrapo quando lhe dei a notícia de que o marido morreu a uma semana do seu primeiro aniversário de casamento? Três meses antes do nascimento do primeiro filho. E de que serviria ao Ian se eu estivesse uma lástima ao telefone quando lhe tive de contar que o irmão morreu? Sabia que tinha de fazer preparativos para vir logo para casa depois de eu desligar a chamada, por isso precisava que soubesse que eu estava bem. Tinha aqui as coisas sob controlo e não era preciso apressar-se.

Foi agora, ao telefone com a Fallon, que estive mais perto do choro. Por algum motivo, foi mais difícil dar-lhe a notícia do que a qualquer outra pessoa. Creio que tenha sido porque sabia que a morte do Kyle não era o verdadeiro motivo da nossa conversa. Era antes o facto não dito de que ambos ansiávamos este dia desde que nos separámos no ano passado.

Por mais que quisesse garantir-lhe que estaria lá no ano seguinte, tudo o que queria fazer era cair de joelhos e suplicar-lhe que viesse. Hoje. Nunca senti a necessidade de abraçar alguém como agora, e faria tudo para a ter aqui comigo. Poder esfregar a cara no seu cabelo e sentir os braços dela à volta da minha cintura, as mãos dela nas minhas costas. Nada no mundo me consolaria como ela, mas não lhe disse isso. Não consegui. Talvez o devesse ter feito, mas pedir-lhe que viesse ter comigo em cima da hora é um pedido que não podia fazer.

Toca a campainha, ponho-me em posição de sentido, afastando-me do remorso que sinto pelo telefonema que acabei de fazer. Atiro o telemóvel para a cama e desço as escadas.

Quando chego ao último degrau, o Ian está a abrir a porta. Entra a Tate e os seus braços envolvem o pescoço dele. Não fico surpreendida

por ver aqui a Tate e o Miles. O Miles e o Ian são melhores amigos desde antes do meu nascimento, pelo que fico feliz por o Ian os ter como amigos. Faz-me chafurdar um pouco na lama da autocomiseração, saber que os seus melhores amigos estão cá com ele e que a única pessoa que desejava aqui comigo se encontra a cinco mil quilómetros de distância.

A Tate solta o Ian e abraça-me. O Miles entra e abraça o Ian, mas nada diz. A Tate vira-se e alcança uma das malas na mão do Miles, mas ele afasta-a dela.

— Deixa — diz, com o olhar a cair na barriga dela. — Eu levo tudo para o quarto. Tu vai à cozinha e come alguma coisa, ainda não tomaste o pequeno-almoço.

O Ian fecha a porta atrás dele e olha para a Tate.

— Ainda não te deixa pegar em nada?

Ela revira os olhos.

— Nunca pensei vir a cansar-me de ser tratada como uma princesa, mas estou tão farta. Não posso esperar que este bebé saia e a atenção se vire toda para ele e não para mim.

O Miles sorri para ela.

— Isso não vai acontecer. A minha atenção será de sobejo para os dois.

O Miles acena para mim em jeito de cumprimento, dirigindo-se ao quarto das visitas.

A Tate olha para mim.

— Alguma coisa que eu possa fazer? Dá-me algo para fazer, se faz favor. Preciso de me sentir útil por uma vez.

Faço-lhe sinal para me seguir até à cozinha. Ela para quando vê a bancada.

— Chiça!

— Pois — digo, olhando para aquela comida toda. O pessoal tem deixado cá comida nos últimos dois dias. O Kyle trabalhava numa empresa de *software* que emprega cerca de duzentas pessoas e o edifício encontra-se a cerca de dez quilómetros da nossa casa. Decerto que mais de metade trouxe para cá comida nos últimos dias. — Já enchemos o frigorífico, além do da garagem. Mas sinto-me mal por deitar coisas fora.

A Tate arregaça as mangas da blusa e passa depressa por mim.

— Não fico com problemas de consciência por deitar boa comida fora — Ela abre um dos recipientes, cheira-o e faz uma careta. Fecha-o logo. — Este não é definitivamente para guardar — diz, deitando a comida toda no lixo. Estou de pé na cozinha a observá-la, dando conta pela primeira vez de que parece estar grávida há tanto tempo quanto a Jordyn. Talvez até há mais tempo.

— É para quando o parto?

— Daqui a nove semanas — diz. — Duas semanas antes da Jordyn — Olha para mim, levantando a tampa de outro recipiente. — Como é que ela está?

Sento-me junto ao bar, respirando fundo.

— Não está muito bem. Não consigo que coma nada. Nem sequer sai do quarto.

— Está a dormir?

— Espero que sim. A mãe dela chegou a noite passada, mas a Jordyn também não quer interagir com ela. Esperava que pudesse ajudar.

A Tate acena que sim, mas reparo que limpa uma lágrima quando se vira para mim.

— Nem consigo imaginar o que está a passar — sussurra.

Eu também não. Nem quero tentar. Há demasiadas coisas para fazer antes do funeral do Kyle. Não quero ser apanhado entre o que vai acontecer à Jordyn e ao bebé.

Dirijo-me ao quarto do Ian e bato à porta. Quando entro, está a trocar de camisa. Tem os olhos vermelhos e esfrega-os rapidamente antes de se agachar para calçar os sapatos. Finjo não ter reparado que tem estado a chorar.

— Estás pronto? — pergunto-lhe. Ele responde que sim e segue-me para fora do quarto.

Tem sofrido muito com isto tudo, como era esperado. Mas é só mais um motivo pelo qual não me posso deixar abater. Por enquanto. Neste momento, sou a única pessoa a manter-nos unidos.

Há alguns dias, pensava que passaria o dia de hoje com a Fallon em Nova Iorque. Nunca imaginei passá-lo numa casa funerária a escolher um caixão para a única pessoa no mundo que me conhecia melhor do que o resto.

* * *

— O que planeiam fazer com esta casa? — pergunta o meu tio. Tira uma cerveja do frigorífico. Quando fecha a porta, volta a abri-la e tira uma caçarola. Levanta a tampa e cheira, depois encolhe os ombros e tira um garfo da gaveta.

— O que queres dizer com isso? — pergunto, no momento em que enfia uma garfada de massa fria na boca.

Gesticula com o garfo em redor da cozinha.

— A casa — diz ele de boca cheia. Engole e volta a espetar o garfo na caçarola. — De certeza que a Jordyn se vai mudar para o Nevada com a mãe. Vais ficar aqui sozinho?

Nunca tinha pensado nisso, mas tem razão. É uma casa grande, e duvido que eu queira ficar aqui sozinho. Mas a ideia de a vender

enche-me de medo. Vivo nesta casa desde os 14 anos. Sei que a minha mãe já não se encontra connosco, mas nunca queria que vendêssemos a casa. Ela própria o disse.

— Não sei. Ainda não pensei no assunto.

Levanta a argola da lata de cerveja.

— Bem, mas se planeares vendê-la, não te esqueças de me dizer. Posso ajudar a conseguires uma boa quantia.

A minha tia interrompe por detrás de mim.

— A sério, Anthony? Não achas que é cedo demais? — Ela olha para mim. — Desculpa, Ben. O teu tio é um idiota.

Agora que fala nisso, também acho que é de mau gosto discutir isto comigo dez minutos depois de aparecerem.

Perdi a conta de todas as pessoas que estão aqui em casa neste momento. Já são quase 7 da tarde e já passaram por cá pelo menos cinco primos. Dois casais de tios trouxeram-nos comida e o Ian e o Miles estão no alpendre das traseiras. A Tate ainda anda pela casa em limpezas, apesar dos pedidos desesperados do Miles para descansar. E a Jordyn... pois. Ainda não saiu do quarto.

— Ben, chega aqui! — grita o Ian, do alpendre. Fico contente por escapar da conversa com o meu tio e abro a porta mosquiteira. Tanto o Ian como o Miles estão sentados nos degraus do alpendre, a observar o quintal.

— O que foi?

O Ian vira-se para trás.

— Telefonaste para a empresa onde trabalhava e informaste-os? Nem sequer pensei nisso.

Anuo com a cabeça.

— Sim, liguei ontem.

— E aquele amigo dele ruivo?

— O que estava no casamento?

— Esse mesmo.

— Ele sabe. Toda a gente sabe, Ian. Chama-se *Facebook*.

Ele acena e depois volta a virar-se para a frente. Raramente cá está, por causa dos seus horários, por isso acredito que aparecer e não saber o que fazer para ajudar o faça sentir-se inútil. No entanto, não é inútil. Na verdade, o simples facto de me deixar levar a cabo as tarefas chatas ajuda um pouco. Sobretudo depois de não poder ver a Fallon hoje como era suposto.

Fecho a porta das traseiras e choco contra a Tate.

— Desculpa — diz ela, contornando-me. — Acho que consegui convencer a Jordyn a comer qualquer coisa.

Ela apressa-se a ir ao frigorífico e atira um olhar feio ao meu tio quando o vê a espetar o garfo em cada um dos recipientes de comida.

— Para de petiscar e vamos embora — diz-lhe a minha tia. —

Combinámos jantar com a Claudia e o Bill.

Abraçam-me em jeito de despedida e dizem que nos vemos no funeral. Quando a minha tia não está a ver, o meu tio Anthony passa-me o seu cartão de agente imobiliário. Quando fecho a porta da frente, encosto-me e suspiro.

Penso que ter de interagir com todas as visitas é a pior parte desta coisa de falecer um familiar. Não me lembro de as visitas serem tão frequentes quando a minha mãe morreu há vários anos, mas nessa altura o Kyle estava vivo para desempenhar o papel que eu agora desempenho. Fechei-me lacrimoso no quarto como a Jordyn faz agora, escondendo-me de toda a gente. Pensar no Kyle, quando tratou das coisas no passado, sendo tão novo, enche-me de um sentimento de culpa. De certeza que sofria pela sua morte tanto quanto eu, mas eu precisei que não deixasse as coisas desabar quando eu próprio desabava.

Esfrego a cara com as mãos, desejando que tudo isto acabe. Quero que o dia acabe para que possamos levar o amanhã a cabo e o funeral passar num instante. Apenas quero que as coisas voltem ao normal. E daí, tenho medo de como me sentirei quando o pó tiver por fim oportunidade de assentar.

Dou um pontapé na porta e dirijo-me à cozinha quando toca a campainha. *Mais uma vez.* Solto um gemido, no momento em que a Tate passa por mim com um prato de comida.

— Eu até ia lá, mas... — diz, olhando para o prato e a bebida nas mãos.

— Se conseguires que ela coma alguma coisa, eu entretenho os milhões de visitas.

A Tate assente que sim por simpatia, voltando ao quarto da Jordyn.

Abro a porta.

Pisco os olhos duas vezes para garantir que é mesmo ela.

A Fallon olha para mim e eu não digo nada. Tenho medo que, se falar, a visão desapareça.

— Eu teria telefonado antes — diz ela, parecendo nervosa. — Não sabia o teu número. Mas eu apenas... — diz, respirando depressa. — Apenas queria garantir que estavas bem.

Abro a boca para falar, mas levanta uma mão para me travar.

— Desculpa, acabei de te mentir. Não estou aqui para ver se estás bem. Sei que não estás bem. Apenas fiquei petrificada depois de desligares a chamada. A ideia de não te ver hoje e ter de esperar mais um ano destruiu-me por completo e...

Avanço e calo-a com a minha boca.

Ela suspira nos meus lábios e abraça-me, entrelaçando as mãos nas minhas costas. Beijo-a com paixão, incapaz de acreditar que está

mesmo cá. Que foi direita ao aeroporto depois do telefonema e gastou dinheiro num bilhete a fim de viajar até Los Angeles só para me ver.

Continuo a beijá-la enquanto a puxo para dentro de casa. Tenho o braço à volta da sua cintura, segurando-a, temendo que, se a soltar, se dissipe pelo ar.

— Tenho de...

Ela tenta falar, mas a minha boca na dela impede-a. Ela abre a porta da frente e tenta soltar-se de mim. Liberto-a o suficiente para que possa então falar.

— Tenho de dizer ao taxista que já pode ir embora. Não tinha a certeza se me quererias aqui.

Contorno-a e abro mais a porta. Faço sinal ao taxista para se ir embora. Em seguida, fecho a porta e pego na mão dela.

Levo-a pelas escadas, rumo ao meu quarto.

Longe de todas as pessoas do mundo que não quero ver ou com quem estar neste momento.

É a única pessoa que queria aqui comigo hoje, e cá está ela. Só para mim. Porque sentiu a minha falta.

Se ela não tiver cuidado, posso apaixonar-me por ela.

Esta noite.

Fallon

Ele fecha a porta do quarto e puxa-me para um longo abraço.

Duvidei da minha decisão de aparecer hoje desde que comprei o bilhete. Quase voltei para trás umas centenas de vezes. Pensei que não me queria ver por tudo o que se passa agora na sua vida. Pensei que ficasse furioso por aparecer sem aviso, depois de me ter dito que nos veríamos no próximo ano.

Nunca previ que o alívio se apoderaria do seu rosto quando abriu a porta. Nunca previ que me beijaria como se tivesse tantas saudades quanto eu. Nunca pensei que me abraçaria tão longamente como me está a abraçar. Ainda não me dirigiu uma única palavra, mas as suas ações já disseram um milhão de obrigados.

Fecho os olhos e mantenho a cabeça no peito dele. Tem uma mão na minha nuca e a outra a segurar-me as costas. Podia ficar aqui assim a noite inteira. Se é apenas isto que vamos fazer — se nem disser uma palavra — já vale a viagem.

Pergunto-me se se sente da mesma maneira. Se pensamentos de mim o consomem o dia inteiro como eu sou consumida por pensamentos dele. Se, o que quer que faça e para onde quer que vá, deseja partilhar tudo comigo?

Beija-me o topo da cabeça e depois planta as mãos na minha cara, inclinando-me a cabeça para a dele.

— Ainda não consigo acreditar que estás aqui — diz ele.

Percebo um sorriso a lutar contra a devastação no seu rosto. Não falo, ainda não sei o que dizer. Apenas lhe acaricio a cara e afago-lhe os lábios com o polegar.

Não me devia surpreender por este ano estar ainda mais atraente do que no anterior. Está um homem feito. Perdidos estão os pedaços de rapaz que ainda consegui vislumbrar na última vez que o vi.

— Como é que te estás a aguentar?

Ainda lhe acaricio a cara e ele a minha, mas não me responde. Ao invés, liga os seus lábios aos meus e leva-me para trás, para longe da porta. Baixa-me com gentileza para cima da cama, ajustando-me até ficar deitada sobre a almofada. Interrompe o beijo e desliza por cima de mim. Nem sequer se deita juntinho a mim. Em vez disso, pressiona a cabeça contra o meu peito e ouve o bater do meu coração enquanto me abraça com firmeza. Levo a mão para cima e acaricio-lhe o cabelo em movimentos longos e lentos.

Ficamos deitados em silêncio durante tanto tempo que começo a

pensar que terá adormecido. No entanto, volvidos alguns minutos, o seu aperto torna-se desesperado. Inclina o rosto até o mergulhar por completo na minha blusa, e os seus ombros tremem até começar a chorar.

Sinto que o meu coração se estilhaça em milhões de pequenas lágrimas, e quero envolver-me nele enquanto chora. Mas o choro é tão silencioso que percebo que não queira admitir. Só precisa que o deixe chorar, pelo que é exatamente isso que faço.

* * *

Passam cinco minutos até se conseguir recompor, mas só passado meia hora é que consegue soltar-se de mim. Levanta a cabeça do meu peito e deita-se a meu lado na almofada. Rebolo para o encarar. Ainda tem os olhos vermelhos, mas já não chora. Alcança-me o rosto e afasta uma mecha de cabelo, olhando para mim com gratidão.

— Como é que aconteceu? — pergunto.

A tristeza volta a entrar de imediato nos seus olhos mas não hesita a responder.

— Ele estava a caminho de casa do trabalho quando o carro saiu da estrada — diz. — Um lapso de atenção. Três segundos e embateu contra a porra de uma árvore. Ele e a Jordyn iam de férias nessa noite e estou certo que lhe estaria a enviar uma mensagem quando houve o acidente, de acordo com o que a polícia me contou. Espero que ela ainda não tenha percebido isso. Espero que nunca saiba — Começo a traçar os meus dedos com calma na sua mão. — Ela está grávida — acrescenta.

Os meus dedos param de mexer e arquejo.

— Eu sei — diz. — Que puta de sorte. Este fim de semana celebravam o primeiro aniversário de casamento.

Não tinha pensado nisso, mas assim que tocou no assunto, penso na Jordyn o ano passado e no seu frenesim a preparar o casamento com o Kyle. E agora, apenas um ano depois, tem de se preparar para o funeral.

— Isso é tão triste. Já está grávida de quanto tempo?

— É para fevereiro.

Tento colocar-me no lugar dela. Tenho quase a certeza de que agora tem 24 anos. Não consigo imaginar ser tão jovem e perder o marido antes do nascimento do primeiro filho. Está fora de qualquer compreensão.

— Quando é que regressas a Nova Iorque? — pergunta.

— Amanhã de manhãzinha. Mas esta noite posso dormir na casa da minha mãe, se tiver de ser. Tenho de me levantar muito cedo.

Ele leva a sua boca à minha.

— Não vais dormir em mais lado nenhum que não seja nesta cama.

Um bater ruidoso na porta impede que os seus lábios cheguem aos meus e a sua atenção volta-se para a porta. Abre-se e entra o Ian, que olha para mim e depois reage tardiamente.

Aponta para mim, mas olha para o Ben.

— Está uma miúda na tua cama.

Ambos nos sentamos. Quando o fazemos, o Ian empertiga a cabeça, estreitando os olhos na minha direção.

— Espera. Já nos conhecemos antes. Fallon, certo?

Não vou mentir; fico contente por o seu irmão se lembrar de mim. Não é que seja difícil alguém esquecer-se da minha cara. Mas não tinha de se lembrar do meu nome, porém lembrou-se, pelo que isso só pode significar que o Ben não costuma ter amiúde raparigas na cama.

— É simpático da tua parte teres aparecido — diz o Ian. — Tens fome? Vim cá dizer ao Ben que o jantar está na mesa.

O Ben geme ao sair da cama.

— Deixa-me adivinhar. Guisado na caçarola?

O Ian abana a cabeça.

— A Tate suspirava por pizza. Por isso, encomendámos.

— Graças a Deus — O Ben levanta-me. — Vamos comer.

Ben

— Deixa ver se percebo bem — diz o Miles, olhando para mim e para a Fallon do outro lado da mesa. — Bloquearam-se nas redes sociais. Não sabem o número de telefone um do outro, por isso não estão contactáveis. Mas encontram-se todos os anos desde os vossos 18 anos de idade?

— De loucos, não? — diz a Fallon, pousando o copo na mesa.

— Um pouco como o *Sintonia de Amor* — diz a Tate.

Abano logo a cabeça.

— Nem pouco mais ou menos. Eles só concordaram encontrar-se uma vez.

— É verdade. Então é como o *Um Dia*. Aquele filme com a Anne Hathaway?

Mais uma vez, rejeito a comparação.

— Esse filme foca-se num dia específico, mas os dois interagem normalmente ao longo do ano. Eu e a Fallon não temos contacto.

Não sei porque estou tanto na defensiva. Penso que os escritores ficam naturalmente na defensiva quando as suas ideias são comparadas a outras ideias, mesmo que seja feito de uma forma inocente. Mas a minha história com a Fallon é única, e, de alguma maneira, sinto que a devo proteger. Na verdade, que devo protegê-la com unhas e dentes.

— E quando é que isso acaba? Ou planeiam fazê-lo para o resto da vida?

A Fallon olha para mim e sorri.

— Acaba quando tivermos 23 anos.

— Porquê 23? — pergunta o Ian.

A Fallon responde às perguntas seguintes que disparam contra nós, pelo que aproveito a oportunidade para sair da conversa e buscar mais bebida. Debruço-me sobre a bancada e observo-os a interagir na cozinha.

Estou feliz por ela cá estar. A presença dela parece atenuar a dor que todos sentem. Não tinha qualquer ligação ao Kyle, motivo pelo qual ninguém se vê forçado a andar com pezinhos de lã à sua volta. É como a lufada de ar fresco que todos precisávamos esta semana. Sei que já lhe agradeço por ter vindo hoje, mas um dia digo-lhe realmente o que significa para mim ter comparecido.

Olha para mim do seu lugar, e quando vê o pequeno sorriso na minha cara, pede permissão para sair da mesa e vem até à cozinha.

Todo o meu corpo relaxa quando os seus braços me envolvem a cintura. Planta um beijo no meu braço e depois contém um bocejo.

— Estás cansada?

Olha para mim e anui.

— Sim. Ainda com o horário de Nova Iorque, e lá já passa da meia-noite. Importas-te que tome banho antes de dormir?

Ergo o dedo à sua boca.

— Tens algo nos dentes — Ela mostra os dentes e eu limpo o que parece um grão de pimenta. — Já está — digo-lhe, dando-lhe um beijinho na boca. — E, sim, podes usar a minha casa de banho para tomar banho. Diz-me se precisas de ajuda — digo, piscando-lhe o olho, no momento em que o Ian se encosta à bancada atrás de nós, estreitando os olhos para mim.

— Acabaste de tirar uma coisa dos dentes dela?

Não digo nada porque não sei o que planeia fazer com a minha resposta.

— Estou a falar a sério — diz ele, agora a olhar para a Fallon. — Ele acabou de te tirar uma coisa dos dentes?

Ela assente com hesitação.

O Ian sorri como um tolo.

— Uau. O meu irmão está apaixonado por ti.

Sinto a Fallon petrificar-se junto a mim.

— Não vejo estranheza nisso — digo, com sarcasmo.

O Ian abana a cabeça com um ligeiro sorriso.

— Não é estranho, Ben. É giro. Estás apaixonado.

— Para com isso — digo-lhe.

O Ian sorri com alegria e, por uma vez, não me importo que se meta comigo. Há dois dias que não entrava tanto ar nesta casa.

— As pessoas só fazem essas coisas nojentas quando estão apaixonadas — diz a Tate, sentada à mesa. — É um dado adquirido. Vi na Internet ou algo assim.

Pego na mão da Fallon e tiro-a da cozinha, para longe da brincadeira.

— Boa noite, pessoal. A Fallon tem assuntos de higiene urgentes a que devo atender.

Ouçó-os às gargalhadas ao sairmos da cozinha e subirmos as escadas juntos.

Para o meu quarto.

Onde passaremos a noite.

Juntos.

Na minha cama.

É difícil saber que não a verei por mais um ano, pelo que não faço ideia quão longe está disposta a ir. Penso que dependerá de quão longe foi com outros rapazes no passado.

Claro que não quero imaginá-la com outra pessoa, mas é para isso que nos encontramos todos os anos. Quero garantir que está a ter experiências próprias da idade, e isso significa experimentar pessoas diferentes. Mas todas as noites, quando fecho os olhos, rezo, com egoísmo, que esteja a dormir sozinha.

Quero perguntar-lhe sobre isso, mas não sei ao certo como tocar no assunto.

Abro a porta do meu quarto e sigo-a para dentro. Desta vez, é diferente entrar com ela no quarto. Quase parece que existem expectativas que têm de ser cumpridas antes de sairmos deste quarto pela manhã. Conversas que têm de acontecer. Corpos que têm de se tocar. Mentes que precisam de dormir. E pouco tempo para tudo isso antes de me deixar até ao ano que vem.

Fecho e tranco a porta. Ela está de frente para a cama enquanto dá um nó no cabelo, segurando-o com um elástico que teve o dia inteiro no pulso. Dedico um momento a admirar a perfeição da curva entre o pescoço e o ombro. Avanço e envolvo-lhe a cintura com os braços para que a possa beijar exatamente naquele local. Lavo-a com beijos brandos do ombro até à orelha e de volta ao ombro. Beijo os arrepios pelos quais sou responsável. Ela faz um barulho tácito, algures entre o suspiro e o gemido.

— Vou deixar que tomes banho — digo, sem a soltar. — Há toalhas debaixo do lavatório.

Ela aperta-me as mãos que estão em redor da sua cintura e depois afasta-se de mim. Em vez de se dirigir à casa de banho, espreita o meu *closet*.

— Posso dormir com uma das tuas camisolas? — pergunta.

Olho para o *closet* e depois para ela. Tenho lá o manuscrito, a descansar na estante. Pelo menos, aquilo que já escrevi. Neste momento, a última coisa que quero que faça é ler uma palavra que seja. Pego nas costas da camisola que tenho vestida e puxo-a pela cabeça.

— Toma — digo, passando-lha. — Usa esta.

Ela tira-me a camisola das mãos, mas, assim que olha para mim, interrompe. Engole em seco, olhando fixamente para a minha barriga.

— Ben?

— Sim?

Aponta para a minha barriga.

— Tens abdominais?

Rio-me e olho para o meu abdómen. Disse-o como se fosse uma pergunta, pelo que lhe dou a resposta óbvia.

— Pois... acho que sim. E então?

Ela cobre a boca com a minha camisola, escondendo o sorriso.

— Uau — diz ela, com a voz abafada sob a camisola. — Gosto

delas.

Depois apressa-se a ir à casa de banho e fecha a porta.

Fallon

Certifiquei-me de que a porta ficava fechada antes de entrar na banheira. Não que não quisesse tomar banho com ele, só que ainda não cheguei a esse ponto. Para mim, tomar banho com alguém está no topo da minha escala de potencial humilhação do que a maioria das coisas, incluindo sexo. Ao menos no sexo estarei escondida debaixo dos lençóis num quarto escuro.

Sexo.

Penso nessa palavra. Chego até a enrolá-la na língua enquanto enxaguo o amaciador do cabelo.

— Sexo — digo silenciosamente. Que palavra tão esquisita.

Com o passar dos anos, mais apreensiva fico com a ideia de perder a virgindade. Por um lado, estou pronta a averiguar porque falam todos tanto nisso. Tem de ser espetacular ou não seria um fator tão importante nas nossas vidas. Mas isso também me assusta, pois se venho a *não* gostar de sexo, ficarei um pouco desiludida com a humanidade no geral. Porque parece ser a raiz de muita maldade, pelo que, se for medíocre, e não quiser logo mais, sentir-me-ei um pouco enganada pelo mundo inteiro.

Talvez esteja a ser um pouco melodramática, mas pouco importa. Estou demasiado nervosa para sair do chuveiro, ainda que tenha enxaguado o amaciador há vários minutos. Não faço ideia das expetativas do Ben para esta noite. Se quiser dormir, percebo perfeitamente. Ele foi e veio do inferno nesta semana. Mas se quiser fazer alguma coisa além de dormir, participarei por completo, sem sombra de dúvida, de boa vontade.

Depois de me secar, visto a sua camisola. Olho-me ao espelho, a admirar a forma como se ajusta aos meus ombros. Nunca antes vesti a camisola de outro rapaz, e sempre me perguntei se a sensação seria tão boa como imaginava.

E é.

Puxo a toalha da cabeça e percorro o cabelo com os dedos algumas vezes. Pego na pasta de dentes do Ben, ponho um bocado no dedo, e depois esfrego os dentes com ela. Quando termino, respiro fundo, apagando a luz e abrindo a porta de seguida.

Tem o candeeiro ligado e está deitado na cama com as mãos atrás da cabeça. Empurrou os cobertores para o chão e não veste nada além de umas meias e uns *boxers*. Fico um momento a admirá-lo, visto ter os olhos fechados. Pode até estar a dormir, o que não me desilude. A

noite hoje é só dele, pois sei que está a sofrer. Apenas o quero ajudar enquanto cá estou, pelo que, se precisa de dormir, farei o que puder para garantir que será o melhor sono da sua vida.

Aproximo-me do candeeiro e desligo-o e depois tiro os cobertores do chão. Sento-me com brandura na cama e cubro-nos ao deitar-me a seu lado de costas para ele. Tento não o acordar enquanto me ajusto à almofada.

— Merda.

Viro-me quando ouço a sua voz. O quarto está escuro, por isso não percebo se fala a dormir ou se está acordado.

— O que foi? — sussurro.

Sinto um braço a envolver-me a cintura, e ele puxa-me para mais perto.

— Deixei a luz ligada para te poder ver sair da casa de banho com a minha camisola, mas tomas banhos muito longos. Acho que devo ter adormecido.

Sorrio.

— Ainda a tenho vestida. Queres que ligue o candeeiro?

— Foda-se, claro que sim. Por favor.

Rio-me e alcanço o candeeiro. Ligo-o e viro-me de novo para ele. Os seus olhos estão imóveis, sobre mim.

— Levanta-te — diz ele, erguendo-se com o apoio do cotovelo. Levanto-me e o seu olhar nunca se cruza com o meu. Vagueia pelas minhas coxas, ancas, seios. Não me importo por não olhar para a minha cara. Não me importo nada.

A bainha da sua camisola cai-me vários centímetros acima dos joelhos. Comprimento suficiente para não perceber que não tenho roupa interior vestida. Curto o suficiente para que possa pensar que poderei não estar a usar roupa interior neste momento.

O seu olhar cai-me nas pernas e começa a falar lentamente, como se recitasse poesia.

— O único mar que eu via, Era o que havia no balançar, Contigo a navegar, Deita-te, deita-te lentamente, Deixa-me naufragar nas tuas coxas — diz, com o seu olhar a arrastar-se pelo meu corpo até encontrar o meu. — Dylan Thomas — diz ele.

Expiro lentamente.

— Uau. Pornografia poética. Quem diria?

O Ben sorri para mim com indolência. Levanta um dedo e aponta para mim.

— Agora, gostava que me devolveses a camisola.

— Agora?

Ele acena que sim.

— Já. Antes que desligues o candeeiro. Despe-a, é minha.

Rio-me com nervosismo e alcanço o candeeiro. Antes de o

conseguir desligar, levanta-se num salto e anda pelo colchão, saltando para o chão mesmo à minha frente. Está com cara de brincalhão, ainda que sério ao mesmo tempo. Agarra a bainha da minha camisola e tira-a de mim sem hesitação, puxando-a pela minha cabeça. Atira-a para algures atrás dele e eu fico imóvel diante dele, completamente exposta. Os seus olhos estudam todas as curvas do meu corpo antes de expirar com instabilidade.

— Meu Deus — murmura.

Não me lembro de uma única vez, mesmo antes do incêndio, em que me tivesse sentido assim tão bonita. Ele absorve-me como se fosse um privilégio e não um favor. Quando se debruça sobre mim e me pega na cara com as mãos, separo os lábios e espero pelo beijo, porque nunca o quis tanto como quero agora.

Ele tem os lábios húmidos, e beija-me de pleno direito. A sua língua é rude e orgulhosa, e eu adoro isso. Adoro sentir-me necessitada desta maneira. Percebo, enquanto os seus dedos me percorrem lentamente a espinha, que a angústia, afinal de contas, não tem de ser um fator para que um beijo chegue aos dez pontos. Porque a angústia não se encontra neste beijo, e já chegou aos nove.

Puxa-me direitinha para ele, com o meu peito nu contra o dele. *Está bem, chegou aos dez.*

Ele vira-nos aos dois e deita-me na cama, mas não se deita em cima de mim. Ajusta-nos até ficarmos lado a lado e a minha cabeça na almofada, mas ainda me beija. Começam a sair sons calmos e cheios de desejo da minha boca, resultado direto do que este beijo faz crescer em mim.

Nem me interessa se o candeeiro ainda está aceso. Se isso significar que me olhará outra vez como me olhou antes do beijo, deixo que ligue todas as luzes. Até deixo que instale lâmpadas fluorescentes.

— Fallon — diz rapidamente depois de separar a boca dele da minha. Abro os olhos e vejo-o a olhar para mim. — Lemos os mesmos livros. Conheces as regras. Se quiseres que pare ou abrande, basta...

Abano a cabeça.

— Está perfeito, Ben. Tão perfeito. Eu aviso se houver alguma coisa que não queira que faças, ou se ficar nervosa. Prometo.

Ele assente com a cabeça, porém ainda parece que há mais alguma coisa que me quer dizer. Ou perguntar. Então recordo que nunca chegámos a ter esta conversa.

— Nunca fiz isto, mas isso não significa que não esteja pronta — digo-lhe.

Sinto o seu corpo enrijecer-se ligeiramente.

— És virgem — diz, mais como percepção do que pergunta.

— Sim, mas só por mais uns minutos.

O meu comentário força-lhe um sorriso, mas depois é consumido

pela preocupação. Os seus olhos ficam sóbrios e o sorriso cai numa linha sombria. Abana suavemente a cabeça.

— Não quero ser o teu primeiro, Fallon. Quero ser o teu último.

Respiro fundo ao assimilar as suas palavras. Já nem sequer me beija, e aquelas palavras fizeram este momento chegar aos doze pontos. Toco-lhe a cara com a ponta dos dedos e sorrio.

— Quero que sejas o meu primeiro e último.

O olhar do Ben escurece e depois desliza o corpo sobre o meu, enjaulando-me nos seus braços. Sinto-o firme e tento não choramingar.

— Fallon, não podes dizer essas coisas, a não ser que seja verdade.

Foram palavras inteiramente sinceras. Pela primeira vez, percebo que não me interessam os cinco anos. Não me interessa não ter 23 anos. Tudo o que importa é o Ben e como me sinto quando estou com ele, e que quero muito mais disto tudo.

— Quero que sejas o meu *único* — digo, num tom mais calmo, mas mais decidido.

Ele contrai-se como se estivesse a sofrer, mas já sei que isso é bom. Muito bom.

Ele passa o polegar pelos meus lábios.

— *Quero* ser o teu único, Fallon. Quero isso mais do que qualquer outra coisa. Mas não acontecerá esta noite a não ser que me prometas que poderei ouvir a tua voz amanhã e todos os dias seguintes.

Anuo, surpreendida por estarmos a ter esta conversa. Não previ isto quando entrei no avião esta manhã. Mas sei que está certo. Nunca conhecerei ninguém que me faça sentir como ele me faz. As pessoas não têm esta sorte mais do que uma vez na vida.

— Prometo.

— Estou a falar a sério — diz ele. — Quero o teu número de telefone antes de ires embora de manhã.

Volto a assentir.

— Vais tê-lo. *Quero* que o tenhas. E o meu e-mail. Até vou comprar uma impressora com fax para que também possas ter esse número.

— Querida — diz ele, com os lábios a formarem um sorriso. — Já tornaste esta cópula a melhor que já tive, e ainda nem estou dentro de ti.

Mordo os lábios ao percorrer-lhe os braços com os dedos, arrastando-os até ao pescoço até lhe segurar a cara.

— Estás à espera do quê?

Ele inspira com aspereza.

— De acordar, acho eu — Ele desce a boca e beija-me o pescoço.

— Estou a sonhar, certo?

Abano a cabeça, no momento em que encosta as coxas às minhas. Escapa-se-me um gemido da boca e o beijo suave no meu pescoço

torna-se mais selvagem.

— Estou *definitivamente* a sonhar — murmura. A sua boca encontra a base do meu pescoço e toca-me a pele com a ponta da língua, arrastando-a pela minha garganta até me beijar de novo. É de longe a coisa mais sensual que alguma vez senti.

Os segundos transformam-se em minutos. Os dedos transformam-se em mãos. A provocação transforma-se em tortura. A tortura transforma-se num prazer inimaginável.

Os seus *boxers* encontraram o seu destino no chão do quarto. Numa insuperável exibição de força de vontade, está pressionado contra mim, mas ainda não está dentro.

— Fallon — sussurra-me, arrastando os lábios lentamente sobre os meus. — Obrigado por esta linda prenda.

No momento em que aquelas palavras se pincelam sobre a minha boca, cobre-me de um beijo profundo. Todo o meu corpo fica tenso da explosão de dor que me trespassa quando entra em mim, mas a perfeição do modo como encaixamos um no outro torna a dor uma mera inconveniência.

É lindo.

Ele é lindo.

Por algum motivo, pela forma como olha para mim, chego a acreditar que *eu* sou linda.

Ele põe a boca no meu ouvido e sussurra:

— Nenhuma combinação de palavras escritas faria justiça a este momento.

Sorrio entre os gemidos.

— Então como vais escrever?

Ele beija-me, com gentileza, mesmo no canto da boca.

— Acho que terei de me deixar levar...

* * *

Não tenho a certeza se é suposto que o sexo nos faça sentir que acabámos de perder parte de nós para a pessoa dentro de nós, mas foi exatamente essa a sensação que tive. Senti que, no momento em que nos unimos, uma pequena parte das nossas almas ficou confusa e uma parte da dele entrou em mim e uma parte da minha entrou nele. Foi, de longe, o momento mais intenso que alguma vez partilhei com quem quer que seja.

Sinto um calor subir-me pela cara, como se quisesse chorar, mas controlo as lágrimas. Apenas sei que não lhe conseguirei dizer adeus depois disto. Ficarei desolada, muito mais do que no ano passado. Não conseguirei viver mais um dia sem que ele faça parte da minha vida quotidiana. Depois disto, já não é possível.

Tem-me envolta no seu braço, e embora já tenham passado vários minutos e já tenha ido à casa de banho e voltado à cama, ainda respira como se tivesse estado dentro de mim segundos atrás. Creio que gosto desta parte do sexo. O depois. A calma. Sentirmo-nos ainda ligados depois de desaparecer a união física.

Os seus lábios encontram o meu ombro — o da cicatriz — e ele beija-me a pele com brandura. Tão brando e atento, parece muito mais do que um beijo. Parece uma promessa, e neste momento daria tudo para poder ler-lhe a mente.

— Fallon — sussurra, puxando-me para mais perto dele. — Sabes todos aqueles romances de amor que me fizeste ler por pesquisa?

— Foram só cinco. Os restantes foram por tua própria conta.

Ele esfrega o nariz pela minha linha do maxilar até que os seus lábios se encontram no meu ouvido.

— Ora — continua —, estava a pensar nalgumas coisas que aqueles tipos dizem quando estão com uma rapariga. Aquelas que dissemos que nunca diríamos? Como quando um tipo diz a uma rapariga que ela é dele? Sei que já gozámos com isso antes, mas... *cum catano* — Ele afasta-se e cativa-me com um olhar intenso. — Nunca quis dizer nada como quis dizer-te aquelas coisas quando estava dentro de ti. Para não o dizer, tive de dar tudo de mim.

Jamais pensei que uma frase me levasse a fazer um queixume, mas faz.

— Se dissesse, não te diria para parares.

Percorre-me a bochecha com os lábios até chegar à boca.

— Só te digo essas coisas quando fores realmente minha.

Abraça-me, embalando-me nele, suplicando-me sem palavras para o que quer que não diz. Sinto. O desespero.

— Fallon — diz ele, com as palavras tensas na garganta. — Não te quero dizer adeus quando acordarmos.

As suas palavras escavam-me um buraco mesmo no meio do coração.

— Desta vez ficarás com o meu número. Podes ligar sempre que quiseres.

— Todos os dias? — pergunta, esperançoso.

— Fico furiosa se não o fizeres.

— Duas vezes por dia?

Rio-me.

— Posso *ver-te* todos os dias?

Abano a cabeça, porque isso não é possível.

— Ficava muito caro — digo-lhe.

— Não se eu viver na mesma cidade que tu.

Desaparece-me logo o sorriso. Não porque a ideia não seja agradável, mas porque não é um comentário inocente. As pessoas não

podem simplesmente ameaçar mudar-se para a outra ponta do país por alguém se não estiverem a falar a sério.

Engulo o nó na garganta.

— O que estás a dizer, Ben?

Ele põe-se de lado e coloca a cabeça na mão.

— Estou a pensar em vender a casa, se o Ian não se importar. Segundo a mãe da Jordyn, ela vai voltar para casa. O Kyle já não se encontra connosco. O Ian quase nunca cá está. A única pessoa que quero por perto vive em Nova Iorque. Pergunto-me o que ela achará da ideia de eu me mudar para lá.

Nem acredito que estamos a ter esta conversa. Mesmo sabendo que temos de falar disto sem a adrenalina do sexo a enevoar-nos a mente, não consigo pensar em nada que queria tanto quanto vê-lo todos os dias. Que faça parte da minha vida.

A não ser um pequeno pormenor.

— Então e o livro? — pergunto. — O combinado é encontrarmos-nos mais três vezes. Não o queres acabar?

Ele pensa um pouco na pergunta antes de abanar lentamente a cabeça.

— Não — diz ele. — Se isso significa que não podemos estar juntos, não.

A sua expressão não vacila. Está sério. Quer mesmo mudar-se para Nova Iorque. E eu quero-o lá mais do que qualquer outra coisa que quis na vida.

— Vais precisar de um casaco.

O seu sorriso altera-lhe a cara toda. Levanta uma mão à minha cara e delinea-me o queixo, afagando-me os lábios com o polegar.

— E viveram felizes para sempre.

* * *

Ontem à tarde, quando abriu a porta e vi-o pela primeira vez num ano, percebi a dor que carregava. Como se a morte do irmão o tivesse envelhecido cinco anos.

Neste momento, porém, está mais parecido com o rapaz que conheci pela primeira vez. Despenteado e mal-arranjado. Adorável. Belo. Desde que cheguei, ainda não o tinha visto tão em paz.

Dou-lhe um beijinho na cara e saio da cama sem o acordar. Visto-me e escapo do quarto, dirigindo-me ao andar de baixo para averiguar se há limpezas que possa levar a cabo antes de o acordar para me despedir.

Já são quase quatro da manhã. A última coisa que espero é ver alguém na cozinha, mas a Jordyn está sentada junto ao bar.

Olha para mim assim que entro. Tem os olhos vermelhos e

inchados, mas não está a chorar. Tem diante dela uma caixa inteira de pizza e dá uma dentada numa fatia de pizza de salame.

Sinto-me mal por interromper o seu momento. Com base na minha conversa com o Ben, nos últimos dias só tem querido estar sozinha. Coloco-lhe a hipótese de voltar para o quarto do Ben e dar-lhe alguma privacidade. Deve perceber a minha hesitação, pois desliza a caixa para a minha frente.

— Tens fome? — pergunta-me.

Até tenho. Sento-me a seu lado e pego numa fatia de pizza. Ficamos sentadas em silêncio até que ela termina a segunda fatia. Levanta-se e leva a caixa para o frigorífico. Dá-me um refrigerante quando regressa ao bar.

— Então, és a rapariga sobre quem o Ben está a escrever um livro?

Paro a lata junto aos lábios, chocada por ela saber disso. Mais ninguém ao jantar sabia alguma coisa. Anuo com a cabeça e depois dou um gole na bebida.

Ela força um sorriso e olha para as mãos entrelaçadas no bar diante dela.

— Ele é um grande escritor — diz. — Acho que o livro vai ser muito importante para ele. É uma ideia inteligente.

Aclaro a garganta, esperando que não perceba o choque na minha voz.

— Já leste alguma coisa do livro?

— Uns excertos — diz, voltando a sorrir. — É muito picuinhas em relação às partes que me deixa ler, mas eu tenho licenciatura em Estudos Ingleses, pelo que por vezes me pede a opinião.

Dou mais um gole, só para me impedir de falar já. Quero saber mais, mas não quero que saiba que ainda não li uma única palavra.

— O Kyle ficou tão feliz por ele quando assinou com o agente.

Os seus olhos enchem-se de névoa quando menciona o nome do Kyle.

Desvio o olhar.

Um agente?

Porque é que não me contou que assinou com um agente?

— Como é que ele está?

— O Ben?

Ela confirma com um aceno.

— Ainda não interagi realmente com ninguém. Sei que é egoísmo da minha parte, pois não sou a única pessoa a sofrer. Só que...

Ponho a mão sobre a dela e aperto.

— Ele está bem. E ele percebe, Jordyn. Todos percebem.

Ela limpa uma lágrima com um guardanapo. Vendo-a a tentar sustê-la provoca-me uma certa pressão no peito. Sofro por ela, sobretudo sabendo o que estás prestes a enfrentar sozinha.

— Sinto-me mal. Fiquei tão abalada com tudo o que perdi nos últimos dois dias, que nem pensei no quanto também terá afetado o Ian e o Ben. Quer dizer, vivem os dois aqui. E agora têm de lidar com uma rapariga que está prestes a dar à luz. A última coisa que quero é que se sintam obrigados a ajudar-me, mas... não quero mesmo voltar para o Nevada. Não posso ir viver com a minha mãe, visto esta ser a minha casa. Só que... — Pressiona as mãos na cara. — Não sei o que fazer. Não quero ser um fardo para ninguém, mas tenho medo de não conseguir fazer isto sozinha.

Ponho os braços em seu redor e ela começa a chorar na minha camisola. Não fazia ideia que não quer ir viver com a mãe. Pergunto-me se o Ben saberá disto.

— Jordyn.

Ambas erguemos o olhar quando o Ben o chama pelo seu nome. Está de pé à porta da cozinha com um ar perturbado.

Quando ela olha para ele, começa a chorar ainda mais. Ele aproxima-se dela e abraça-a, pelo que me levanto para lhes dar espaço.

— Não vais para lado nenhum, está bem? — diz ele. — És minha irmã. Irmã do Ian. E o nosso sobrinho vai crescer na casa onde tu e o Kyle queriam que crescesse — Ele afasta-se um pouco e tira-lhe o cabelo da cara. — Promete-me que nos deixas ajudar-te.

Ela diz que sim, limpando mais lágrimas. Mal consegue dizer *obrigada* entre os soluços.

Não consigo mais vê-la chorar. Eu própria estou à beira das lágrimas só por saber quão assustada está. Apresso-me pelas escadas rumo ao quarto do Ben, onde poderei recompor-me. Tanta coisa que me passa pela cabeça, sobretudo medos. Tenho medo que esteja a tomar uma decisão à pressa. Tenho medo que, se lhe disser que quero muito que venha para Nova Iorque, ele venha realmente, e é evidente que a sua cunhada precisa dele aqui. Para não falar das oportunidades que perderia ao desistir do livro. Penso que, quanto mais genuína é a história, maiores serão as hipóteses de conseguir vender o livro. Sim, adorava começar já uma relação séria, mas não foi isso que acordámos no início. Se quebrarmos o acordo a meio, sem continuarmos a encontrar-nos a 9 de novembro, desistirá daquilo que o seu agente obviamente pensou ser um grande livro.

Nem acredito que tem um agente.

É uma coisa gigantesca, e não sei por que razão não me contou. Por mais que queira acreditar que não tem problemas em não acabar o livro, temo que tome essa decisão com base nas emoções fortes dos últimos dias. A última coisa que quero é que tome uma decisão tão grande, como a de mudar-se para a outra ponta do país, e arrepender-se logo de seguida. Claro que daria tudo para tê-lo comigo todos os

dias, mas, mais do que isso, quero que seja feliz com qualquer decisão que tome. Sei que três anos é muito tempo de espera, mas esses três anos podem fazer uma enorme diferença no seu êxito enquanto autor. O facto de a nossa história ser verdadeira pode torná-la atraente aos olhos dos leitores, e ainda que não tenha lido nada, estou convencida que tem de o acabar.

Não quero ser o motivo pelo qual não acaba o que começou. Daqui a vários anos, olhará para a noite de hoje e perguntar-se-á se tomou a decisão errada. Se as nossas vidas teriam sido iguais e teríamos ficado juntos na mesma, mas ao esperarmos três anos também cumpriria o objetivo de escrever o livro que prometeu escrever.

Ele tem feito uma diferença enorme na minha vida. Mais do que alguma vez poderá imaginar. Se não fosse a ele, penso que nunca mais recuperaria a minha confiança. Sei que não teria coragem de fazer audições onde quer que fosse. Tê-lo na minha vida apenas uma vez por ano teve um efeito tão positivo em mim, que ficaria muito mal comigo mesma se fizesse o oposto por ele.

E nada disso inclui o que acabou de acontecer nos últimos dez minutos. Ele não pode mudar-se para Nova Iorque quando a família precisa dele agora mais do que nunca. A Jordyn precisa dele muito mais do que eu preciso dele em Nova Iorque. Tanto ele como o Ian precisam de cá estar por ela e recuso-me a ser a pessoa que o convence a deixá-la num momento como este.

Pego no telefone e chamo um táxi antes que mude de ideias.

Ben

Fecho a porta do quarto da Jordyn quando ouço os passos da Fallon a descer as escadas. Dobro a esquina e encontro-a a arquejar, com a mão ao peito.

— Assustaste-me — diz ela, depois do último passo. — Como é que ela está?

Olho para o fundo do corredor para o quarto da Jordyn.

— Está melhor, acho que a pizza ajudou — digo.

A Fallon sorri com apreço.

— Não foi a pizza o que a fez sentir-se melhor, Ben.

Dá mais dois passos, desta vez rumo à porta de entrada. Reparo enfim na bolsa à volta do ombro e nos sapatos nos pés. Parece pronta a ir-se embora.

Arrasta-se, pondo o peso todo num só pé. Encolhe os ombros, como se lhe tivesse feito uma pergunta, e depois olha para mim.

— Há bocado...

— Fallon — interrompo. — Por favor, não mudes de ideias.

Ela hesita, olhando para cima e para a direita como se tentasse sustar as lágrimas. *Não vai mudar de ideias. Não pode.* Corro para ela e seguro-lhe as mãos. — *Por favor.* Nós conseguimos fazer isto. Talvez não possa mudar-me já, mas vou. As coisas só têm primeiro de assentar por estes lados.

Ela aperta-me as mãos e solta um suspiro.

— A Jordyn contou-me que arranjaste um agente.

O seu tom parece algo ofendido, e tem todo o direito de estar. Devia-lhe ter contado antes de o ouvir da boca de outra pessoa, mas a minha mente hoje tem estado ocupada com outras preocupações.

Anuo com a cabeça.

— Sim, há um par de meses. Enviei a ideia do livro para alguns agentes e este gostou mesmo muito — Percebo para onde isto vai, pelo que abano a cabeça. — Não importa, Fallon. Posso escrever outra coisa.

Um feixe de luz passeia pelas paredes, e ela olha para trás do ombro. Chegou o táxi.

— Por favor — suplico. — Ao menos dá-me o teu número de telemóvel. Amanhã ligo-te e então decidimos o que fazer, está bem?

Tento manter a minha voz calma e esperançosa, mas é difícil esconder o pânico que me cresce no peito.

Olha-me fixamente com um olhar que parece de compaixão.

— Foram dois dias muito emotivos, Ben. Não é justo que tenhas de tomar esse tipo de decisão neste momento.

Beija-me a cara e depois vira-se para a porta da frente. Sigo-a até ao exterior, determinado a não a deixar mudar assim de ideias.

Quando chega ao táxi, encara-me com firmeza.

— Nunca me perdoaria se não te encorajasse a seguires os teus sonhos como me encorajaste a seguir os meus. Por favor, não me peças que seja o motivo pelo qual desististe dos teus. Não é justo.

Sinto o desespero nas suas palavras, empurrando-me todas as palavras pela goela abaixo. Ela abraça-me, pressionando a cara contra o meu pescoço. Seguro-a com firmeza, esperando que, ao sentir o quanto preciso que fique aqui comigo, talvez mude de ideias. Mas não muda. Solta-me e abre a porta do táxi.

Nunca quis usar força física contra uma rapariga, mas quero empurrá-la para o chão e deixá-la lá até o táxi se ir embora.

— Venho daqui a um ano — diz ela. — Quero conhecer o teu sobrinho. Encontramo-nos outra vez no restaurante, está bem? Mesma hora, mesmo local.

O quê?

Mas vivemos a mesma coisa nas últimas oito horas?

Ela caiu das escadas e bateu com a cabeça?

Não, não vou concordar com isto. É louca se pensa que lhe vou dar mais cinco e dizer-lhe que nos vemos daqui a um ano. Abano a cabeça com dureza e fecho a porta do táxi, recusando-me a deixá-la entrar.

— Não, Fallon. Não podes simplesmente dizer que me amas, e depois retirar o que disseste porque pensas que não é o melhor para mim. Não é assim que funciona.

Está assustada pelas minhas palavras. Acho que esperava que eu a deixasse partir sem dar luta, mas não é do género de raparigas por quem escolhemos as batalhas. É do género de rapariga por quem lutamos até à morte.

Ela encosta-se ao táxi e cruza os braços sobre o peito. Tem os olhos fixos no chão, mas os meus estão fixos nela.

— Ben — diz ela, quase num sussurro. — Não precisas de estar em Nova Iorque. Precisas de estar aqui. Serei só uma distração, e nunca acabarás o livro. São só mais três anos. Se fomos feitos um para o outro, três anos não é nada.

Rio-me, mas o riso é curto e sem humor.

— Feitos um para o outro? Estás a ouvir bem o que dizes? Isto não é um dos teus romances de amor, Fallon. Isto é a *vida real*, e na vida real temos de nos esfalhar por aquela coisa de sermos felizes para sempre! — Levo uma mão à cabeça e afasto-me um passo dela, tentando controlar e reprimir a frustração, mas falho sempre que penso na facilidade com que pode entrar no táxi, saber que não nos

veremos por mais um ano. — Quando se encontra o amor, fica-se com ele. Segura-se com as duas mãos e faz-se tudo o que está ao alcance para não o deixar escapar. Não se pode fugir dele e esperar até se estar pronto.

Não sei de onde isto vem. Nunca estive chateado com ela, mas estou furioso porque isto dói. Dói saber que partilhámos o que acabámos de partilhar no meu quarto e, depois de pensar um pouco no assunto, ela decidir que não significou nada para ela. Que *eu* não valho nada para ela.

Tem os olhos bem abertos e vê-me a lutar com todas as emoções que uma pessoa pode ter. Esta semana tem sido cheia de emoções. A morte do Kyle, ter de telefonar à Fallon ontem de manhã, vê-la à porta da minha casa, descontrolar-me junto a ela na minha cama, fazer amor com ela nesse mesmo local. Se pusesse as emoções desta semana num gráfico, pareceriam ondas gigantes.

Vejo-a a olhar para o táxi como se pensasse na decisão. Avanço e ponho as mãos nos seus ombros, forçando a sua atenção.

— Não fujas disto.

Os seus ombros caem com um suspiro. Abana levemente a cabeça.

— Ben, não estou a fugir disto. Não estou a fazer nada que não acordámos no primeiro dia que nos conhecemos. Sou a única pessoa a manter-se fiel às regras. Concordámos cinco anos. E, sim, tivemos um pequeno contratempo lá em cima onde quase desistimos e...

Interrompo-a.

— Um contratempo? — Aponto para a casa. — Acabaste de te referir a começarmos uma relação como um... *contratempo*?

Mostra-se arrependida, mas não quero ouvir desculpas. É evidente que estou errado, pois quando fizemos amor soube logo que o que estava a acontecer entre nós era algo que a maioria das pessoas nem sabe que existe. E se ela sentiu o mesmo, nunca diria as coisas que está a dizer agora.

Aperta-se-me o estômago e quero dobrar-me com as dores. Mas, em vez disso, fico firme e dou-lhe uma última hipótese de me provar que o que aconteceu no dia anterior não foi unilateral.

Aperto-lhe a cara até lhe envolver a nuca com os dedos. Percorro-lhe as bochechas com os polegares e encorajo-a a olhar para mim. Toco-a com gentileza, a gentileza com que os meus dedos são capazes de a tocar. Ela engole em seco, e percebo que a minha mudança de comportamento a pôs nervosa.

— Fallon — digo, com um tom calmo e sincero. — Não me interessa o livro. Nem sequer o quero terminar. Tudo o que me interessa és tu. Estar contigo todos os dias. Ver-te todos os dias. Ainda não acabei de me apaixonar por ti. Mas se não queres acabar de te apaixonar por mim, então tens de mo dizer já. Queres que eu faça

parte da tua vida em mais do que apenas nos dias 9 de novembro? Se disseres que não, dou meia-volta e volto para casa e as coisas podem voltar ao que eram antes de apareceres aqui ontem. Continuarei a escrever o livro e encontramo-nos daqui a um ano. No entanto, se disseres que sim... se me disseres que queres passar todos os dias a apaixonar-te por mim, beijo-te logo. E prometo que será um beijo de onze pontos. E passarei todos os dias depois de hoje a provar-te que tomaste a decisão acertada.

Mantenho as mãos firmes na sua cara. Os seus olhos mantêm-se firmes nos meus.

E então começa a formar-se uma lágrima que lhe desliza pelo rosto. Ela abana a cabeça.

— Ben, não podes...

— Sim ou não, Fallon. É tudo o que quero saber.

Por favor, diz que sim. Por favor, diz-me que ainda não acabaste de te apaixonar por mim.

— Tens de cá estar com a tua família este ano. Sabes isso tão bem quanto eu, Ben. A última coisa de que precisamos é de uma relação pelo telefone. E é exatamente isso que vai acontecer, porque passaremos o tempo todo a querer falar um com o outro em vez de nos concentrarmos nos nossos objetivos. Alteraremos tudo só para estar juntos, e não é assim que deve ser. Ainda não. Temos de acabar o que começámos.

Deixo aquilo entrar por um ouvido e sair pelo outro, pois não é a resposta que quero ouvir. Baixo-me até ficar com os olhos à altura dos dela.

— Sim. Ou não.

Ela respira fundo. E depois, num esforço débil de parecer sincera, diz:

— Não. Não, Ben. Volta para dentro e acaba o livro.

Cai mais uma lágrima, mas desta vez cai do *meu* olho.

Dou um passo atrás e liberto-a. Quando se senta no banco de trás do táxi, baixa a janela, mas não a olho na cara. Olho para o chão, à espera de ver se não se divide ao meio e me engole por inteiro.

— A única coisa que quero mais do que tudo é que o mundo inteiro se ria de ti, Ben — Ouço as lágrimas na sua voz. — E isso não vai acontecer se eu não fizer por ti o que fizeste por mim no dia em que nos conhecemos. Deixaste-me ir. *Encorajaste-me* a partir. E eu quero o mesmo para ti. Quero que sigas a tua paixão, em vez do coração.

O táxi começa a afastar-se, e por um pequeno momento penso que talvez perceba o quão equivocadas estão as suas prioridades, pois *é ela* a minha paixão. O livro foi só uma desculpa.

Equaciono correr atrás dela, dar-lhe um desempenho digno de

livro. Podia perseguir o táxi e, quando parasse, podia abrir a porta e levá-la para os meus braços e dizer-lhe que estou completamente apaixonado por ela. Que acabei o processo de me apaixonar por ela logo depois de o começar, porque foi um mergulho direito de cima a baixo. Um silvo. Um instante. Amor instantâneo.

Mas ela detesta o amor instantâneo. Ao que parece, detesta o amor semi-instantâneo, o amor lento, o amor a passo de caracol e o amor em geral...

— Foda-se!

Praguejo para a rua vazia, pois recebo, pela primeira vez, exatamente aquilo que mereço.

quarto

9 de novembro

Na sua escuridão, está em silêncio.

Na minha escuridão, ela grita.

— BENTON JAMES KESSLER

Fallon

Mesmo na noite em que me chamaram por ser a atriz substituta, não estava assim tão nervosa. Cheguei mais de uma hora mais cedo, mas a nossa cabine já estava ocupada quando cheguei de manhã, pelo que escolhi a do lado.

Tamborilo os dedos na mesa, com os meus olhos a virarem-se para a porta sempre que alguém entra ou sai.

Não faço ideia de como vou começar esta conversa. Como lhe direi que, assim que me fui embora no ano passado, soube que cometi o maior erro da minha vida? Como lhe digo que tomei aquela decisão de última hora em seu benefício? Que pensei que, se lhe dissesse que não me queria apaixonar por ele, que o estaria a ajudar de alguma maneira? Mais importante, como abordo a questão que voltei para Los Angeles por causa dele? Bem, não propriamente só por causa dele. Há uns meses, realizei uma enorme mudança de carreira.

Quando estava no teatro comunitário, pediam-me muitas vezes que ajudasse nas falas porque as pessoas confiavam no meu talento. Penso que se pode afirmar que, em certo sentido, dei aulas de representação. O prazer que tinha nisso entrou em mim e, ao longo do tempo, percebi que gostava mais de ajudar os atores nos seus papéis do que gostava de *ser* atriz.

Demorei alguns meses a aceitar finalmente que o meu objetivo já não era ser atriz. As pessoas mudam. Crescem. As paixões evoluem, e a minha evoluiu para querer ajudar os outros a desenvolver os seus talentos. Procurei escolas em todo o país, mas com a minha mãe, a Amber e, sim, o Ben, a viverem em Los Angeles, foi fácil escolher a cidade.

Por mais que questione a minha decisão de não ficar com ele o ano passado, sei que, a longo prazo, foi pelo melhor. Nunca antes estive tão em paz com a minha decisão de carreira como agora, e não tenho a certeza se isso aconteceria se estivesse com o Ben a meu lado. Por isso, embora se tenham cometido erros, não me arrependo de nada. Creio que as coisas decorrem exatamente como deviam.

Contudo, como tanto eu como o Ben provavelmente reconhecemos, muito pode mudar num ano, pelo que estou assustada com a possibilidade de ter mudado de ideias. Pode nem querer estar comigo como no ano passado. Pode ainda estar tão furioso que nem aparece.

Mas esse não é o principal motivo pelo qual estou nervosa.

Estou nervosa porque sei que vai aparecer. Aparece sempre. No

entanto, este ano não sei em que pé estamos. O ano passado acabámos às turras e eu assumo a culpa, mas ele tem de perceber que, se estivesse no meu lugar, faria o mesmo. Se eu tivesse realizado uma declaração tão importante no meio de tanto sofrimento, ele reconheceria que talvez eu não estivesse no lugar certo para tomar uma decisão tão transformadora. E decerto que não me pode culpar por o encorajar a ficar e ajudar a sua família. O irmão acabara de morrer. A cunhada precisava dele. O sobrinho precisaria dele. Foi a coisa mais acertada de se fazer. Ele teria feito o mesmo por mim. Levou tudo tão a peito porque a semana lhe estava a ser já demasiado emotiva.

Quase que sinto que ter aparecido sem aviso foi uma má ideia. Sinto que o tempo que lá passei fez mais mal que bem.

Interrompo o pensamento quando uma mão descansa no meu ombro. Olho para cima, esperando ver o Ben. E vejo... mas não está sozinho. Está com um *bebé*.

O seu sobrinho.

Sei de imediato, porque tem os seus olhos. Os olhos do *Kyle*.

Tudo isto me atinge de uma vez e tento processar as informações em separado. Em primeiro lugar, o facto de o Ben ter aparecido. E ele sorri para mim quando me levanto para o abraçar, e isso é suficiente para me provocar um enorme suspiro de alívio.

Em segundo lugar, tem o braço à volta de um menino empoleirado na sua anca, com a cabeça encostada ao seu peito. Vê-lo assim com o sobrinho assegura-me que ambos tomámos a decisão acertada no ano passado, quer tenha concordado na altura ou não.

Esperava conhecer o seu sobrinho hoje, mas pensava que primeiro teria a oportunidade de falar com o Ben, cara a cara, sobre como deixámos as coisas no ano passado. Mas posso adaptar-me. Sobretudo por um bebé tão bonito como este.

Sorri timidamente para mim e vejo tanto da Jordyn nele. É quase metade Jordyn, metade Kyle. Pergunto-me como será isso para ela... ver tanto do Kyle quando olha para o filho.

Quando o Ben me liberta do abraço, sorri para o menino.

— Fallon, gostava de te apresentar o meu sobrinho Oliver — diz, pegando no pequeno pulso do bebé e acenando-o para mim. — Oliver, esta é a Fallon.

Levanto a mão e o Oliver estende de imediato os braços para mim. Surpreendida, deixo-o vir, encostando-o a mim da mesma maneira que o Ben o segurava. Há muito tempo que não segurava um bebé, mas prefiro que o sobrinho do Ben queira que o segure do que chore, se eu tentar.

— Ele gosta das bonitas — diz o Ben, piscando o olho, libertando-o depois de já estar seguro nos meus braços. — Deixa-me buscar uma

cadeirinha de bebé.

O Ben afasta-se, pelo que me sento com o Oliver, colocando-o sobre a mesa diante de mim.

— És tão querido — digo-lhe. E é. Parece um bebé muito feliz e isso deixa-me feliz pela Jordyn. Ainda assim, fico triste quando penso que o Kyle nunca poderá conhecer o filho. Afasto o pensamento da mente quando o Ben regressa com a cadeirinha.

Ele mete-a à ponta da cabine e depois coloca o bebé lá em segurança. Nem tinha reparado na mala de fraldas que tem ao ombro até que a tira para se sentar. Remexe na mala até encontrar um recipiente de aperitivos, e depois coloca uns Cheerios sobre a mesa diante do sobrinho, mas não sem antes a limpar. Durante o tempo todo, fala com o bebé com respeito e como igual. Não faz linguajar infantil, e estaria a mentir se afirmasse que não é adorável vê-lo interagir com um bebé como se estivessem ao mesmo nível.

O Ben está mesmo comprometido com isto do bebé. É impressionante. E... chega a ser sensual.

— Que idade tem ele agora?

— Dez meses — diz o Ben. — Nasceu no Dia de Ano Novo. Umass semanas mais cedo do que o previsto, mas correu tudo bem.

— Então o mundo inteiro celebra o seu aniversário com fogo de artifício, tal como celebram o teu?

O Ben esboça um sorriso de orelha a orelha.

— Sabes, nem sequer tinha pensado nisso.

O Oliver brinca com os Cheerios diante dele, contente por não ser o centro das atenções. O que é um alívio, porque assim talvez eu e o Ben possamos ter uma conversa séria apesar de estarmos na companhia do sobrinho.

O Ben estende a mão sobre a mesa e aperta a minha, e o meu peito aquece com o pequeno gesto.

— É bom voltar a ver-te, Fallon — diz ele, acariciando-me o polegar com o dele. — Mesmo bom.

A sinceridade nos seus olhos faz-me querer arremessar-me sobre a mesa para o beijar. Ele não me odeia. Não está furioso comigo. Sinto como se tivesse respirado ar fresco pela primeira vez num ano inteiro.

Estendo as mãos para segurar as dele mas, quando o faço, ele afasta-as para colocar os Cheerios do Oliver mais perto dele.

— Desculpa por ter de o trazer aqui comigo. A Jordyn teve de ir trabalhar e a ama cancelou à última hora.

— Não há problema — digo-lhe. Para ser franca, não há mesmo. Adoro vê-lo a interagir com o sobrinho. Acrescenta-lhe mais uma camada que nunca tinha visto. — Como está a Jordyn?

— Está boa — diz o Ben, anuindo como se tentasse convencer-se disso. — Está muito bem. É muito boa mãe. O Kyle ficaria orgulhoso

— diz esta última frase mais baixinho que as outras. — Então e tu? Como está Nova Iorque?

Não sei como responder a isso. Não creio que seja o momento certo para tocar no assunto, pelo que evito a pergunta.

— Isto é sempre tão estranho — digo. — Ver-te pela primeira vez passado um ano. Nunca sei o que dizer ou fazer.

Estou a mentir. Nunca antes foi estranho, mas, graças ao ano passado, hoje parece muito estranho.

Ele estende a mão sobre a mesa e coloca-a sobre o meu punho, apertando-o levemente.

— Eu também estou nervoso — tranquiliza. O seu olhar cai nas nossas mãos, e de seguida encosta-se e aclara a voz. É giro a forma como tenta ser respeitador em frente ao Oliver. — Já pediste alguma coisa? — diz, pegando na ementa e olhando-a em silêncio, mas percebo que não a lê.

Está mais nervoso do que devia, mas a verdade é que no ano anterior deixámos as coisas num lugar estranho. Preocupa-me que não sejam os nervos a apoquentá-lo, mas talvez um pouco de amargura. Sei que o feri no ano passado, mas decerto que teve tempo para perceber os motivos pelos quais o fiz. E espero que saiba que afastar-me dele daquela maneira quando passava por uma má fase foi provavelmente mais difícil para mim do que para ele. Passei o último ano com um aperto no peito, porque isso não me sai da cabeça.

Ambos pedimos algo para comer e ele não se esquece de pedir puré de batata para o Oliver, o que considero amoroso da sua parte. Tento aliviar os nossos nervos com conversa de ocasião. Conto-lhe como decidi o meu novo objetivo de vida de abrir uma escola de talentos. Ele sorriu e disse que já deixei de ser Fallon, «a Transitória». Perguntei-lhe qual era o meu novo cognome. Olhou para mim pensativo e disse Fallon, «a Professora». E eu adorei como soa aos meus ouvidos.

Ele disse que acabou a universidade no passado mês de maio e fiquei triste por não ter estado lá, mas sei que haverá muitos marcos a celebrar no futuro. Estarei na sua cerimónia de formatura quando chegar à pós-graduação, pois diz-me que é esse o seu próximo plano. Arranjou um trabalho de *freelance* numa revista *online* e decidiu prosseguir a carreira com um mestrado em escrita técnica.

Durante um vazio na nossa conversa, o Ben enfia uma colherada de puré de batata na boca do Oliver. O bebé esfrega os olhos e parece à beira de dormir dentro da tigela.

— Ele já diz algumas palavras?

O Ben sorri para o Oliver, afagando-lhe a cabeça com a mão.

— Uma ou outra. Tenho a certeza de que diz algumas por acaso. Na maioria das vezes são sons inarticulados — O Ben ri-se e depois

volta a falar. — Mas por acaso já disse a sua primeira asneira. Deixamos o monitor ligado de noite, e na semana passada disse, claro como água, a palavra *merda*. De pequenino se torce o pepino — diz ele, beliscando a bochecha do Oliver por brincadeira. O Oliver sorri para ele e, quando o faz, cai-me a ficha.

O Ben trata o Oliver como um pai trata o filho.

O Oliver olha para o Ben como se fosse seu pai.

O Ben referiu-se a ele e à Jordyn como «*nós*».

E deixam o monitor ligado de noite... o que significa que...
partilham o mesmo quarto?

Respiro fundo quando sinto que o meu mundo está prestes a desabar. Seguro a mesa quando a clareza me atinge.

Sinto-me tão idiota.

O Ben percebe logo uma mudança no meu comportamento, e quando o meu olhar cruza com o dele, ele abana ligeiramente a cabeça, percebendo que cometeu um deslize.

— Fallon — diz ele com calma. Mas não acrescenta mais palavras. Fica claro que eu já sei, e ele nada faz para afastar essa ideia. Está mergulhado num mar de desculpas.

Ciumeira instantânea.

Uns ciúmes crescentes, irados e *dementes*. Sou obrigada a levantar-me e apressar-me à casa de banho, porque me recuso a deixá-lo ver o quanto isto me destruiu numa questão de segundos. Chama por mim, mas eu não paro. Estou grata por ter trazido o Oliver com ele, pois agora não pode correr atrás de mim.

Corro para o lavatório e seguro-me à beira, olhando-me fixamente ao espelho.

Acalma-te, Fallon. Não chores. Guarda o desgosto para quando chegares a casa.

Não estou preparada para isto. Não sei como lidar com isto. Sinto o coração literalmente a despedaçar-se. A rachar mesmo ao meio, a sangrar para o meu peito, enchendo-me os pulmões de sangue, impossibilitando a respiração.

Suster as lágrimas revela-se uma coisa ainda mais difícil quando a porta da casa de banho se abre e fecha. Olho para trás e vejo o Ben com o Oliver ao colo, olhando-me com uma camada profunda de arrependimento.

Fecho os olhos para não ter de ver o seu reflexo ao espelho. Deixo a cabeça cair entre os ombros e começo a chorar.

Ben

Não era assim que queria que descobrisse. Ia contar-lhe, em breve, mas queria ir devagar. Não que esperasse que ficasse desolada com o facto de namorar com a Jordyn. Na verdade, pensei que eram maiores as hipóteses de ficar feliz por mim do que as hipóteses de ficar chateada. Nunca esperei dela esta reação. Porque é que age como se se importa assim tanto quando no ano passado deixou claro que não estava interessada em nada mais além do combinado?

Mas é evidente, pela forma como reage, que se importa. Que se importava. Porém, por algum motivo, recusou-se a ficar comigo quando mais precisei dela.

Tento não me descontrolar, tendo em conta que tenho o Oliver ao colo, mas todo o meu corpo quer cair de joelhos e gritar.

Avanço alguns passos hesitantes até me encontrar mesmo atrás dela. Seguro-lhe o cotovelo com gentileza, querendo que se vire para mim, mas afasta-me a mão e caminha para a outra ponta da casa de banho. Pega numa toalha de papel e limpa os olhos, ainda de costas para mim.

— Não quis que acontecesse.

Aquelas palavras saem-me da boca, como se de alguma maneira a pudessem confortar. Quero de imediato retirar o que disse. Não interessa que a Fallon tenha deixado um vazio tão grande no meu coração, não estava nas minhas mãos que alguém encontrasse o caminho para dentro dele. Não interessa que eu e a Jordyn tenhamos ficado desolados com a morte do Kyle. Não interessa que as coisas só progrediram entre nós muito depois do nascimento do Oliver. Não importa que nunca venha a sentir a mesma ligação com a Jordyn que senti com a Fallon, mas o Oliver compensa tudo o que falta à nossa relação.

A única coisa que interessa à Fallon é a reviravolta inesperada que aconteceu na nossa história. Uma reviravolta que nenhum de nós esperava. Uma reviravolta que nenhum de nós queria que acontecesse. Uma reviravolta pela qual ela tem alguma culpa. Tenho de recordá-la disso. Por maior que seja a dor que sente agora, feriu-me por igual, se não mais, quando escolheu Nova Iorque em vez de mim.

Olho para o Oliver, que descansa a cabeça no meu peito de olhos fechados. Já passa da hora da sua sesta matinal, pelo que o ajusto para ficar deitado nos meus braços. Sempre que olho para ele, sinto um inchaço no coração. Uma sensação tão diferente de qualquer sensação

que a Fallon ou a Jordyn me poderão provocar. Tenho de me lembrar disso. Não se trata de nenhuma dela. Trata-se deste pequenote nos meus braços e do que é melhor para ele. É a única coisa que deve importar, e digo isso para mim próprio há vários meses. Pensei que essa noção era tudo o que precisava para ultrapassar este momento com a Fallon, mas agora já não sei bem.

A Fallon inspira e expira fundo antes de se virar. Quando cruza o olhar com o meu, fica evidente quanto dela acabei de destruir. O meu instinto é melhorar a situação, dizer-lhe como me sinto realmente. Como, desde que beijei a Jordyn pela primeira vez, me tenho sentido tão confuso.

Na verdade, tenho estado tão confuso desde que a Fallon se foi embora naquele táxi no ano passado.

— Estás apaixonado por ela? — Cobre de imediato a boca com a mão, abanando a cabeça, arrependida de ter perguntado aquilo. — Por favor, não respondas a isso — Avança para mim e deixa o olhar cair no chão. — Tenho de ir embora — diz ela ao passar por mim.

Recuo até ficar de costas para a porta, mantendo-a fechada.

— Assim não. Por favor, não vás já. Deixa-me explicar.

Não posso deixá-la ir-se embora sem que perceba bem a situação. Mas, sobretudo, espero que explique o que raio aconteceu no ano passado e por que razão age como se esta notícia a afetasse tanto.

— Explicar o quê? — diz ela com calma. — Queres que fique aqui de pé a ouvir-te explicar que não era tua intenção apaixonares-te pela mulher do teu falecido irmão? Queres que discuta contigo quando me disseres que já não se trata só de ti, mas sobre o que é melhor para o teu sobrinho? Queres que peça desculpa por ter mentido no ano passado quando disse que não te queria amar?

Cada palavra da última frase que lhe sai da boca é como um peso enorme sobre mim, imergindo-me num lago profundo. *Ela mentiu-me?*

— Já sei, Ben. A culpa é minha. Fui eu quem se foi embora no ano passado quando tentaste amar-me.

Tenta alcançar a maçaneta atrás de mim, mas mexo-me para a bloquear. Puxo-a para mim, pondo a minha mão livre na sua nuca e puxando a sua cara para o meu ombro. Beijo-lhe a cabeça, tentando não me deixar afetar pela forma como a sinto nos meus braços. Agarra a minha camisola e começa de novo a chorar. Quero puxá-la para mais perto, segurá-la com mais firmeza nos meus braços, mas o Oliver impede-me que o faça, por mais do que um motivo.

Quero dizer algo que a reconforte, mas estou, ao mesmo tempo, furioso com ela. Com a forma descuidada como afastou o meu coração quando lho entreguei no ano anterior. Com a forma como o faz novamente, agora que é tarde demais.

É tarde demais.

O Oliver começa a contorcer-se nos meus braços, pelo que sou obrigado a soltá-la para que não acorde. Ela aproveita para contornar-me e sair da casa de banho.

Sigo-a e vejo-a pegar na bolsa que está na cabine e dirigir-se à porta de saída. Dirijo-me à cabine e pego na mala das fraldas. A nossa comida ainda está lá, mas creio que é seguro afirmar que não a vamos comer. Atiro dinheiro sobre a mesa e saio do restaurante.

Ela está junto a um carro, mexendo desajeitadamente na bolsa. Quando encontra as chaves, já estou junto a ela. Tiro-lhe as chaves das mãos e caminho para o meu carro, estacionado mesmo ao lado do dela.

— Ben! Dá-me as minha chaves! — grita.

Abro o carro e ligo-o. Baixo as janelas e depois mudo-me para o banco de trás e prendo o Oliver na sua cadeirinha. Quando me certifico que ainda dorme, volto ao carro dela.

— Não podes ir embora a odiar-me — digo, colocando as chaves na sua mão. — Não depois de tudo aquilo que...

— Não te *odeio*, Ben — interrompe, num tom ofendido, ainda com uma lágrima a percorrer-lhe a cara. — Fazia parte do acordo, não é? — Ela limpa os olhos, quase furiosamente, e depois continua. — Vivemos as nossas vidas. Saímos com outras pessoas. Apaixonamo-nos pelas mulheres dos nossos irmãos falecidos. E depois vemos o que acontece. Ora, chegámos ao fim, Ben. Um pouco cedo demais, mas é *definitivamente* o fim.

Desvio o olhar por vergonha.

— Ainda temos mais dois anos, Fallon. Não temos de acabar hoje.

Ela abana a cabeça.

— Sei que prometi, mas... não consigo. Nunca na vida passarei outra vez por isto. Não fazes ideia de como me sinto — diz ela, segurando a mão no peito.

— Por acaso, Fallon, sei *exatamente* como te sentes.

Fixo o meu olhar nela, querendo que veja que não arco com as culpas todas por isto. Se no ano passado não tivesse ido embora, deixando-me desolado, não teria passado a maior parte do ano magoado com ela. Nunca me teria posto numa situação com ninguém, muito menos a Jordyn, onde arriscasse aquilo que tinha com a Fallon. Mas senti que apenas sentia uma ínfima parte daquilo que eu sentia por ela.

Ela não faz ideia de quão inconsolável me deixou. Não faz ideia que a Jordyn esteve lá para mim na sua ausência. Estive lá para a Jordyn na ausência do Kyle. E depois de perdermos duas pessoas que ambos amávamos, para de seguida nos unirmos pelo Oliver... não foi nada que tivéssemos planeado. Nem sei ao certo se o queria. Mas aconteceu, e agora sou o único pai que o Oliver conhece. E porque é

que agora parece tudo errado? Porque é que parece que destruí ainda mais a minha vida?

A Fallon empurra-me para tentar abrir a porta do seu carro. E é aí que sinto como se me tivessem esmurrado a barriga.

Não consigo respirar.

Não sei porque demorei tanto tempo a perceber. Pego na sua mão e aperto-a antes de abrir a porta. A súplica silenciosa obriga-a a parar e olhar para mim.

Olho de relance para o carro dela e depois para ela de novo.

— Porque é que vieste aqui de carro hoje?

A confusão inunda-lhe o rosto. Abana a cabeça.

— Era o nosso acordo. Hoje é 9 de novembro.

Aperto ainda mais a sua mão.

— Exatamente. Costumas vir direta do aeroporto quando nos encontramos. Porque estás de carro e não de táxi?

Ela olha para mim, com a derrota a consumir-lhe os olhos. Expira rapidamente e olha para o chão.

— Voltei para cá — diz ela, encolhendo os ombros. — Surpresa.

As suas palavras espetam-se-me no peito e estremeço.

— Quando?

— No mês passado.

Encosto-me ao seu carro e enterro a cara nas palmas das mãos, tentando não me deixar abater. Vim aqui hoje à espera de clareza. Na esperança de que vê-la pudesse acabar com a guerra que é travada dentro de mim desde que as coisas começaram com a Jordyn.

E clareza é exatamente aquilo que recebo. Desde que entrei no restaurante e a vi que aquele sentimento me voltou ao peito. O sentimento que nunca antes senti por outra rapariga. Aquele que me deixa tão apavorado, que sinto o coração prestes a explodir.

Nunca senti isso por ninguém além da Fallon, mas ainda não sei se é o suficiente para fazer diferença. Porque a Fallon tinha razão quando disse que não se trata daquilo que *eu* quero. Trata-se daquilo que é melhor para o Oliver. Mas mesmo isso não me parece lógico quando me encontro diante da única rapariga que alguma vez me fez sentir assim.

Agora que o Oliver, já fora dos meus braços, dorme que nem uma pedra no carro a nosso lado, puxo a Fallon para mim. Abraço-a desesperadamente, precisando de a sentir contra mim. Fecho os olhos e tento pensar em palavras que remedeiem isto tudo, mas todas as que me saem da boca são aquelas que não devia dizer.

— Como é que deixámos isto acontecer?

Sei logo, assim que as palavras me saem da boca, que estou a ser injusto com a Jordyn. Mas ela também está a ser injusta comigo, porque nunca me amará como amava o Kyle. E ela tem de saber que

nunca sentirei o mesmo por ela que sinto pela Fallon.

A Fallon tenta esquivar-se, mas seguro-a com firmeza.

— Espera. Por favor, responde só a uma pergunta.

Ela cede e fica envolta nos meus braços.

— Voltaste a Los Angeles por minha causa? Por nós?

Assim que faço a pergunta, sinto-a desanimar-se. Sinto o meu coração desabar pelas paredes do meu peito. O facto de não negar obriga-me a apertá-la ainda com mais força.

— Fallon — sussurro. — *Meu Deus*, Fallon — Levanto-lhe o queixo e obrigo-a a olhar para mim. — Amas-me?

Ela abre ainda mais os olhos pelo medo, como se não fizesse ideia de qual é a resposta a essa pergunta. Ou talvez a pergunta lhe meta medo porque sabe exatamente o que sente por mim, mas que deseja não sentir. Volto a perguntar. Desta vez, imploro.

— Por favor. Não posso tomar esta decisão até saber que não estou sozinho naquilo que sinto por ti.

Olha-me fixamente nos olhos com um o abanar de cabeça determinado.

— Não vou competir com uma mulher que cria um filho por conta própria, Ben. Não serei aquela que te tirou das suas mãos quando já passou por tanta coisa. Por isso, não te preocupes, não tens de tomar nenhuma decisão. Já a tomei por ti.

Tenta passar por mim, mas agarro-lhe na cara e tento implorar. Vejo a determinação nos seus olhos antes de sequer conseguir falar.

— Por favor — murmuro. — Outra vez não. Não conseguimos ultrapassar isto se te fores embora de novo.

Olha para mim exaltada.

— Desta vez não me deste outra hipótese, Ben. Apareceste apaixonado por outra. Partilhas a cama com outra mulher. As tuas mãos tocam outra pele que não a minha. Os teus lábios fazem promessas sobre outra pele. E de quem quer que seja a culpa, seja minha por ter ido embora, ou tua por não perceberes que o fazia pelo teu bem, nada disso altera a situação. É o que é — diz, soltando-se do meu aperto e abrindo a porta do carro, olhando-me com pestanas húmidas. — Eles têm sorte em ter-te a seu lado. És mesmo um bom pai para ele, Ben.

Ela entra no carro, sem notar por completo que está prestes a partir com o meu coração. Fico aqui, petrificado, incapaz de a travar. Incapaz de falar. Incapaz de suplicar. Porque sei que não há nada que possa dizer que altere a situação. De qualquer forma, hoje não. Pelo menos até fazer as coisas bem noutros setores da minha vida.

Ela baixa a janela, limpando mais uma lágrima da cara.

— Para o ano que vem não estarei cá. Lamento que tenha arruinado o teu livro, era a última coisa que queria. Mas não consigo

mais fazer isto.

Não pode desistir para sempre. Seguro-me à porta do seu carro e debruço-me sobre a janela aberta.

— Que se *foda* o livro, Fallon. Nunca foi o mais importante. A importância estava em ti, sempre esteve.

Ela olha para mim em silêncio. Em seguida, fecha a janela e vai-se embora, nunca abrandando enquanto lhe bato na parte de trás do carro, perseguindo-a até não mais poder.

— Merda! — grito, dando pontapés no cascalho sob os meus pés. Volto a pontapeá-lo, fazendo subir o pó. — Pooorrraa!

Como é que poderei agora voltar à Jordyn sem um coração para lhe entregar?

quinto

9 de novembro

Tenho os defeitos envoltos na sua compaixão
Venerados pela sua falsa percepção
E com os seus lábios na minha pele
Despirá a minha ilusão.

— BENTON JAMES KESSLER

Fallon

Antes, quando pensava na minha vida, organizava os eventos na mente por ordem cronológica como *antes do incêndio* e *depois do incêndio*.

Já deixei de fazer isso. Não porque tenha amadurecido. Aliás, muito pelo contrário, pois agora penso na minha vida em termos de *antes de Benton James Kessler* e *depois de Benton James Kessler*.

Sei bem que é ridículo. Mais ainda porque já passou exatamente um ano desde que seguimos as nossas vidas em separado e ainda penso nele tanto quanto pensava antes do *depois de Benton James Kessler*. Mas não é assim tão fácil deixar de pensar em alguém que teve um impacto tão grande na minha vida.

Não lhe desejo mal. Nunca desejei. Sobretudo depois de saber quão desolado ficou com a sua decisão quando fomos por caminhos opostos no ano anterior. Tenho a certeza de que se chorasse e suplicasse que optasse por mim, que o teria feito. Mas nunca querei ficar com alguém porque tive de suplicar. Nem sequer quero ficar com alguém se existe a mais ínfima possibilidade de haver uma terceira pessoa em jogo. O amor deve ser entre duas pessoas e, se não for, prefiro retirar-me a participar no jogo.

Não sou pessoa para acreditar que as coisas acontecem por um motivo, pelo que me recuso a acreditar que foi o destino que nos separou. Se acreditasse nisso, então teria de acreditar que foi o destino que matou o Kyle em tão tenra idade. Prefiro acreditar que o azar acontece porque sim.

Ficaste ferido num incêndio? *Azar*.

Perdeste a carreira? *Azar*.

Perdeste o amor da tua vida para uma viúva com bebé? *Azar*.

A última coisa que quero acreditar é que o meu destino já foi traçado e que não tenho uma palavra a dizer no decurso da minha vida. Mas se for esse o caso e a minha vida será sempre a mesma, independentemente das escolhas que faço, então que importa se deixar o meu apartamento esta noite?

Não importa. Mas a Amber parece acreditar que importa muito.

— Não podes cá ficar a lamentar-te — diz ela, refastelando-se no sofá junto a mim.

— Não me estou a lamentar.

— Estás sim.

— Não estou.

— Então porque é que não saís connosco?

— Não quero fazer de vela.

— Então telefona ao Teddy.

— Theodore — corrijo.

— Sabes bem que não consigo chamar-lhe Theodore sem me rir. Esse nome devia estar reservado aos membros da família real.

Gostava que ultrapassasse a questão do nome. Já saí com ele várias vezes e ainda não deixou de trazer a questão do nome à baila. Ela percebe a irritação na minha cara, pelo que continua a defender-se.

— Ele usa calças com pequenas baleias bordadas, Fallon. E nas duas vezes que saí convosco, tudo o que ele fez foi contar histórias sobre ter crescido em Nantucket. Mas posso garantir-te que em Nantucket ninguém fala como um surfista.

Ela tem razão. Ele fala de Nantucket como se todos devessem invejá-lo por ser de lá. Mas apesar dessa sua particularidade e da escolha pretensiosa de calças, é um dos poucos homens com quem estive que consegue tirar-me o Ben da cabeça por mais de uma hora.

— Se o odeias como pareces odiar, porque insistes que o convide a sair connosco esta noite?

— Não o odeio — diz a Amber. — Apenas não gosto dele. E prefiro que venhas hoje com ele a que fiques aqui sentada a lamentares-te sobre ser 9 de novembro e não estares com o Ben.

— Não é por isso que me lamento — minto.

— Talvez não, mas ao menos podemos concordar que te estás a lamentar — Ela pega no meu telefone. — Estou a enviar uma mensagem ao Teddy para que se encontre connosco no bar.

— Isso vai ser estranho para ti e o Glenn, tendo em conta que não vou lá estar.

— Que disparate. Anda, veste-te. Usa algo bonito.

* * *

Ela ganha sempre. Aqui estou eu... no bar. Não estou em casa, a lamentar-me no sofá como queria.

E porque é que o Theodore teve de voltar a vestir calças com baleias? Isso só torna a Amber vencedora e certa.

— Theodore — diz a Amber, tocando na borda do copo quase vazio. — Tens algum diminutivo ou todos te tratam por Theodore?

— Só Theodore — diz ele. — O meu pai é Teddy, pelo que o diminutivo torna-se confuso se ambos o usarmos. Sobretudo quando estamos em Nantucket com a família.

— Que fascinante — diz ela, desviando o olhar para mim. — Vens comigo ao balcão?

Aceno que sim e saio da cabine. A caminho do balcão, a Amber

entrelaça os dedos nos meus e aperta. — Por favor, diz-me que não foste para a cama com ele.

— Ainda só saímos quatro vezes — digo-lhe. — Não sou assim tão fácil.

— Foste para a cama com o Ben no terceiro encontro — retorque.

Detesto que tenha trazido o Ben à baila, mas suponho que quando se fala com alguém sobre a sua vida sexual o único homem com quem se dormiu faça certamente parte da conversa.

— Talvez, mas foi diferente. Já nos conhecíamos há mais tempo.

— Conheciam-se há três dias — diz ela. — Não podem contar anos inteiros quando apenas interagiram uma vez por ano.

Chegamos ao balcão.

— Mudemos de assunto — digo. — O que queres beber?

— Depende — diz ela. — Estamos a beber porque queremos recordar esta noite para sempre? Ou porque queremos esquecer o passado?

— Esquecer, como é evidente.

A Amber vira-se para o barista e pede quatro *shots*. Quando os põe à nossa frente, erguemos o primeiro copo e fazemos um brinde.

— Um brinde a entrarmos no dia 10 de novembro sem nos lembrarmos do dia 9 — diz ela.

— Um brinde a isso.

Pousamos os copos e depois pegamos de imediato nos outros dois. Não costumo beber muito, mas faço o que for necessário para apressar a noite.

* * *

Passa meia hora e os *shots* fizeram o seu efeito. Sinto-me bem e alegre, e nem me importo que o Theodore esteja a tocar-me mais do que o costume. A Amber e o Glenn saíram da cabine há uns minutos para ir dançar, e o Theodore conta-me tudo sobre... *merda*. Não faço ideia sobre o que é que ele está a falar. Acho que não prestei nenhuma atenção.

O Glenn volta à cabine e tento manter-me concentrada na cara do Theodore para que pense que estou a ouvi-lo a tagarelar sobre uma viagem de pesca que costuma fazer com o primo durante o solstício de Verão. Eu nem sei quando é o solstício.

— Posso ajudar-te? — diz o Theodore ao Glenn, o que é estranho, tendo em conta que o disse de uma maneira desagradável. Viro-me para o Glenn.

Só que... não é o Glenn.

Olhos castanhos olham para mim e de repente quero tirar as mãos do Theodore de cima de mim e arrastar-me para o outro lado da mesa.

Merda para ti, destino. Foda-se para ti.

Um sorriso vagaroso percorre o rosto do Ben quando vira a sua atenção para o Theodore.

— Peço desculpa por interromper — diz o Ben —, mas ando de mesa em mesa a colocar algumas questões a casais para um trabalho de universidade. Importam-se de responder a algumas perguntas?

O Theodore acalma-se assim que percebe que o Ben não está aqui para marcar território. Ou assim o pensa.

— Sim, com certeza — diz o Theodore. Estende a mão para o cumprimentar. — Sou o Theodore, esta é a Fallon — diz ele, apresentando-me ao único homem que alguma vez esteve dentro de mim.

— Prazer em conhecer-te, Fallon — diz o Ben, apertando-me a mão com as suas duas. Passa rapidamente os polegares pelo meu pulso, e o contacto da sua pele na minha é abrasador. Quando me liberta a mão, olho para o pulso para verificar se deixou marca.

— Sou o Ben.

Ergo aquilo que espero que pareça uma sobranceira desinteressada e preguiçosa. *Mas que raio está ele a fazer aqui?*

O olhar do Ben passa dos meus olhos para a minha boca, mas depois concentra-se no Theodore.

— Então e há quanto tempo vives em Los Angeles, Theodore?

Tanto para processar neste momento, na minha mente encharcada de álcool.

O Ben está aqui.

Aqui.

E sonda a minha companhia por informações.

— A maior parte da minha vida. Já lá vão para aí 20 anos.

Olho para o Theodore.

— Pensava que tinhas crescido em Nantucket.

Ele remexe-se no seu lugar e ri-se, apertando-me a mão que descansa sobre a mesa.

— Nasci em Nantucket, mas não cresci lá. Mudámo-nos para cá quando tinha quatro anos.

O Theodore vira a atenção para o Ben, *e porra*, a Amber volta a vencer.

— Portanto — diz o Ben, apontando o dedo entre mim e o Theodore. — Vocês namoram?

O Theodore põe o braço à minha volta e puxa-me para ele.

— Estamos a trabalhar para isso — diz, sorrindo para mim. Mas depois olha para o Ben. — São perguntas estranhamente pessoais. Que tipo de trabalho é?

O Ben estala o pescoço com a mão.

— Estudo a probabilidade de existirem almas gémeas.

O Theodore ri entre dentes.

— Almas gémeas? E isso é trabalho universitário? Deus nos ajude.

O Ben ergue uma sobancelha.

— Não acreditas em almas gémeas?

O Theodore põe o braço à minha volta e recosta-se no assento.

— Estás a dizer que acreditas? Já encontraste a tua alma gémea?

— O Theodore olha para o bar meio a brincar. — Ela está aqui contigo esta noite? Como se chama? Cinderella?

Os meus olhos fazem uma viagem rumo aos olhos do Ben. Não sei bem se quero ouvir já o nome dela. Ele olha-me fixamente, trocando olhares com os dedos que me percorrem o braço.

— Não está aqui comigo — diz o Ben. — Na verdade, hoje até me deixou pendurado. Esperei mais de quatro horas, mas nunca apareceu.

As suas palavras são como sincelos. Belos e afiados como facas. Engulo o nó na garganta.

Ele apareceu mesmo? Mesmo depois de lhe dizer no ano passado que eu não ia? As suas palavras fazem-me muitas coisas neste momento, e parece tudo errado quando estou junto a um tipo que gostava que parasse de me tocar.

— Mas que rapariga vale a espera de quatro horas? — diz o Theodore a rir-se.

O Ben recosta-se no seu lugar, mas eu estudo todos os seus movimentos.

— Só esta — diz ele com tranquilidade para ninguém em específico. Ou talvez as suas palavras fossem só para mim.

Por falar na Amber. Ou talvez *não* estivesse a falar da Amber, já não sei, agora que o Ben está aqui e o meu cérebro não funciona como deve ser. Mas a Amber está de volta.

Abro mais os olhos quando olho para ela. Olha entre mim e o Ben como se um de nós fosse uma miragem. Percebo perfeitamente, mas sinto o mesmo. Ainda assim, pode ser do álcool. Abano a cabeça e abro mais os olhos para que saiba que não pode admitir que conhece o Ben. Espero que entenda as minhas instruções silenciosas.

O Glenn aparece por detrás dela e eu tento fazer o mesmo com ele, mas assim que chega à cabine, sorri e grita:

— Ben! — Desliza para o seu lado e põe um braço à sua volta como se tivesse encontrado o melhor amigo.

Sim, o Glenn está bêbado.

— Conheces este tipo? — pergunta o Theodore, apontando para o Ben.

O Glenn começa por apontar para mim, e é aí que percebe a minha cara. Ainda bem que não está bêbado ao ponto de não a conseguir decifrar.

— Hum... — gagueja. — Nós... hum. Conhecemo-nos há bocado,

na casa de banho.

O Theodore engasga-se com a bebida.

— Conheceram-se na *casa de banho*?

Aproveito para deslizar para fora da cabine, desesperada por uma pausa. Isto é demais para mim.

— Queres que vá contigo? — pergunta a Amber, segurando-me pelo braço.

Abano a cabeça. Acho que ambas sabemos que espero que o Ben venha atrás de mim para que possa explicar o que raio está ele aqui a fazer.

Caminho depressa para a casa de banho, meio envergonhada pela velocidade com que escapei dali. É engraçado o modo como um adulto se esquece de funcionar adequadamente na presença de outra pessoa. Mas sinto que as minhas entranhas estão tão quentes que começam a queimar-me os ossos. Tenho as bochechas quentes. O pescoço quente. Tudo em mim está quente. Tenho de lavar a cara com água.

Entro na casa de banho e, embora não precise de fazer chichi, faço na mesma. Vesti uma saia que a Amber me obrigou a usar e é fácilimo usar a casa de banho quando se está de saia, é estúpido não tirar vantagem da oportunidade. Além disso, tenho a certeza de que irei de táxi para casa depois de esmurrar o Ben na cara, por isso é melhor usar a casa de banho enquanto cá estou.

Porque é que me estou a justificar por estar a fazer chichi?

Talvez porque saiba que tudo o que faço é perder tempo. Não sei se quero já sair da casa de banho.

Enquanto lavo as mãos, reparo no quanto elas tremem. Respiro para me tranquilizar enquanto olho para o meu reflexo no espelho. Agora, olhar ao espelho é muito diferente do que antes de conhecer o Ben. Já não fico obcecada com os meus defeitos. As inseguranças ocasionais ainda lá estão, mas, graças a ele, aprendi a aceitar-me e a ter gratidão por estar viva. Parte de mim odeia que ele seja responsável por esta nova autoconfiança, pois quero odiá-lo. A minha vida seria tão mais fácil se o odiasse, mas o tipo é difícil de odiar depois de ter tido um impacto tão positivo na minha vida. É o impacto negativo que teve sobre mim no ano passado que me faz apreciar a Amber, por me ter forçado a fazer um esforço à minha aparência esta noite. Uso um top roxo justinho que realça o verde dos meus olhos, e o meu cabelo cresceu uns centímetros no último ano. Ao menos o Ben vê esta versão de mim em vez daquela que se lamentava no sofá, duas horas antes. Não me quero vingar dele, mas seria bom que, quando olhasse para mim, soubesse bem o que perdeu. Sentir-me-ia vingada se ele estivesse apaixonado por outra, se eu soubesse que estava arrependido.

Tantas perguntas me invadem a mente quando acabo de usar o

lavatório. Porque não está aqui com a Jordyn? Terão acabado? Porque é que está aqui? Como sabia que eu estaria por cá? Ou apareceu aqui por acaso? E o que esperava quando hoje foi ao restaurante? Que eu lá estivesse?

O meu reflexo não revela nenhuma resposta, pelo que inicio a corajosa viagem rumo à saída, sabendo que deve lá estar algures. À espera.

Assim que abro a porta da casa de banho, uma mão segura-me o braço e leva-me pelo corredor para longe da multidão. Nem tenho de olhar para saber que é ele. O meu corpo inteiro sente o familiar zumbido de eletricidade que se movimenta entre nós sempre que estamos juntos.

Estou de costas para a parede, mãos seguram-me a cabeça, os seus olhos trespassam os meus.

— Quão séria é a relação que tens ali com o *Calças de Baleia*?

Porra, se não me faz rir de imediato. Resmungo.

— Odeio aquelas calças.

Um sorriso torto e convencido percorre-lhe a cara, mas, assim que aparece, desaparece, substituído por um lampejo de desilusão.

— Porque é que não apareceste hoje? — pergunta.

Já não percebo a diferença entre o bater do meu coração e a base da música. Estão em perfeita sintonia, no mesmo volume, graças à proximidade do Ben.

— No ano passado disse-te que não ia aparecer hoje — Olho pelo corredor, para o bar. Está escuro aqui, depois das casas de banho, depois das pessoas. De alguma maneira, num edifício cheio de corpos quentes, temos privacidade. — Como é que sabias que eu estaria aqui hoje?

Abana a cabeça com desdém.

— A resposta a essa pergunta não é, nem pouco mais ou menos, tão significativa quanto a resposta à minha. Quão séria é a tua relação com aquele gajo?

Fala baixinho, com o rosto perto do meu. Sinto o calor a irradiar-lhe da pele. É difícil concentrar-me neste ambiente disperso.

— Esqueci-me do que acabaste de me perguntar. — Balanço um pouco, mas os seus dedos espalham-se pelas minhas ancas e ele mantém-me direita.

Ele semicerra os olhos.

— Estás bêbada?

— Alegre. Há uma grande diferença. Como está a *Jordyn*?

Não sei porque digo o nome dela com despeito. Não guardo qualquer rancor dela. Está bem, talvez um pouco. Mas não muito, pois o Oliver é um menino tão doce e é difícil ficar furiosa com alguém que consegue fazer um menino tão doce.

O Ben suspira, desviando o olhar por um segundo.

— A Jordyn está bem. Eles estão bem.

Ainda bem. Ainda bem para eles. Ainda bem para ele e para o Oliver e para a sua adorável familiazinha.

— Ainda bem, Ben. Tenho de voltar à minha companhia.

Tento passar por ele, mas encosta-se a mim, empurrando-me contra a parede. Encosta a testa à minha. Solta um suspiro. Sentir a sua respiração nos meus lábios obriga-me a fechar os olhos.

— Não sejas assim — sussurra-me ao ouvido. — Tentar encontrar-te hoje foi um caminho árduo.

Tremo pelo modo como as suas palavras me enrolam o estômago. Envolve-me com os braços e puxa-me para ele. Parece mais forte. Mais definido. Ainda mais homem. Contraio-me quando lhe faço mais uma pergunta.

— Ainda estás com ela?

Parece desanimado quando afirma:

— Conheces-me melhor do que isso, Fallon. Se tivesse namorada, não estaria certamente aqui contigo a tentar convencer-te a vires comigo para casa.

Ele examina a minha cara à espera de uma reação, estudando as minhas feições, de olhos arregalados. Tento não reparar, mas está pressionado contra mim, a minha coxa firme entre as suas pernas. É óbvio, pela rigidez escaldante com que me aperta a coxa, que é um olhar genuíno.

Senti-lo assim outra vez, com a boca tão perto da minha, lembra-me a noite que passei com ele. A única vez em que permiti que um homem me consumisse por inteiro, o coração, o corpo e a alma, e a ideia do que me fez naquela noite quase me faz lamentar.

Mas sou mais forte do que as minhas hormonas. Tenho de ser. Não posso passar por outro desgosto de amor como aquele que ainda tento sarar. As feridas ainda estão frescas, é como se as abrisse com as próprias mãos.

— Vem comigo para casa — murmura.

Não. Não, não, não, Fallon.

Abano a cabeça com muito esforço, de modo a garantir que não cedo por acidente.

— Não, Ben. *Não.* Este último ano foi o mais difícil da minha vida. Não podes esperar que eu simplesmente volte a entrar no jogo só porque apareceste esta noite.

Percorre-me as maçãs do rosto com as costas dos dedos.

— Não espero isso, Fallon. Mas rezo por isso. Todas as noites, de joelhos, a qualquer Deus que me possa ouvir.

As suas palavras parecem penetrar as paredes do meu peito e todo o ar me fuge dos pulmões. Fecho os olhos quando o seu fôlego me

roça o queixo. Ele tira vantagem da privacidade e da minha fraqueza e eu quero esmurrá-lo por isso, mas primeiro preciso de saber se tem o mesmo sabor. Se a língua dele ainda se mexe da mesma maneira. Se ainda me toca como se fosse um privilégio.

Sou amparada por uma parede atrás de mim e pelo Ben à minha frente, mas, ainda assim, quando a mão dele cai na minha coxa e os seus dedos começam a subir-me a saia, sinto que estou à beira de cair direitinha ao chão. Há tanto que precisa de ser discutido entre nós, mas, seja por que motivo for, o meu corpo quer que a minha boca fique fechada para que a sua mão continue a mexer-se. Senti tanto a falta do seu toque, e ainda que tenha feito o esforço de sair e tentar ultrapassá-lo, não tenho a certeza se alguma vez conseguiria este género de ligação física com outra pessoa. Ninguém me faz sentir tão desejada quanto ele. Tive saudades. Do modo como olha para mim, como me toca, a maneira como me faz sentir que as minhas cicatrizes são uma qualidade em vez de um defeito. É difícil rejeitar esta sensação, por mais magoada que tenha ficado com o que aconteceu no ano passado.

— Ben — sussurro, não tanto por protesto, como era minha intenção que soasse o seu nome. Ele mergulha a cara no meu pescoço e respira-me, e esqueço-me de tudo aquilo que sobre o queria protestar. Volto a encostar a cabeça à parede, e depois a sua mão desliza para a parte de trás da minha coxa. Os seus dedos roçam a borda das minhas cuecas e, quando os sinto deslizar sob a bainha, todo o meu corpo treme. Vejo-me obrigada a mergulhar a cara no seu ombro e segurar a parte de trás da sua camisola para me manter de pé. Tudo o que fez foi tocar no meu rabo e eu sinto que já nem consigo manter-me mais de pé. Devia estar embaraçada.

Ele recua, só um pouquinho, para que possa olhar para trás. Não sei quem ou o que é que procura, mas quando não vê ninguém atrás de nós, tenta alcançar uma porta à minha direita. Gira a maçaneta e esta cede. O Ben não perde um segundo. Agarra-me pela cintura e empurra-me pela porta, para dentro de um quarto escuro, e depois a porta fecha-se atrás de nós, abafando o som da música.

Agora percebo a dificuldade com que respiro.

— Arrecadação — diz ele, empurrando-me contra a porta. — Perfeito.

De seguida, sinto a sua respiração nos meus lábios, seguidos de perto pela sua boca que se roça na minha. Quando o sinto, aquele pico de eletricidade disparado pela boca dele contra todos os nervos no meu corpo, empurro-lhe o peito.

— Para — digo-lhe, com a voz alta.

A mão dele voltou aonde estava antes... a roçar a borda das minhas cuecas... fechando-me os olhos como se isso fizesse alguma

diferença aqui.

— Estou a tentar — murmura, enfiando no meu cabelo a mão que não está na minha saia. Segura-me pela nuca.

— Pede outra vez.

Abro a boca para voltar a dizê-lo, mas encontro-me com um calor, uma língua e uns lábios que sabem trabalhar muito bem em conjunto. Em vez da palavra *para*, tudo o que recebe é um gemido e uma mão no cabelo, puxando, empurrando, indecisa.

Ele aperta-me, com a perna entre as minhas. Beija-me com tanta paixão que a minha mente ainda está envolta em todas as maneiras como a sua língua se mexe, antes de reparar na sua mão a arrastar-se para a parte da frente da minha coxa. E sei que devia travá-lo. Devia afastá-lo e obrigá-lo a explicar-se, mas a sua mão sabe bem demais para isso. As minhas pernas ficam tensas e eu seguro a manga da sua camisola com uma mão enquanto lhe puxo o cabelo com a outra, afastando-o da minha boca para que possa respirar. Respiro fundo antes que volte à minha boca, ainda com mais fome do que antes.

E a mão dele. Meu Deus, os seus dedos delineiam devagar a parte da frente das minhas cuecas. Volto a gemer. Duas vezes. Ele põe espaço suficiente entre as nossas bocas para me poder ouvir arfar quando desliza a mão para dentro das minhas cuecas.

Os meus joelhos fraquejam. Não tenho a certeza se sabia que o meu corpo era capaz de sentir este género de coisas. Acho que me apaixonei ainda mais pelo meu corpo.

— Meu Deus, Fallon — diz o Ben, masturbando-me, arfando sobre a minha boca. — Estás tão molhada.

Por mais delicioso que seja ouvir isso, não consigo conter uma gargalhada. Quando o faço, ponho a mão rapidamente na boca, mas já é tarde demais. Ele ouviu o meu riso no meio do mais surpreende ato de sedução que alguma vez experimentei.

Deixa cair a testa sobre a minha cabeça e ouço-o a rir-se silenciosamente. Descansa a boca no meu ouvido e juro que ouço o sorriso na sua voz quando diz:

— Meu Deus, tinha tantas saudades tuas.

Aquela frase afeta-me mais do que qualquer outra coisa que tenha dito a noite inteira, e não sei se é porque por um momento parecemos os velhos Fallon e Ben, ou porque tirou a mão e me envolveu nos seus braços, puxando-me para mais um dos seus abraços que esmagam a alma. Ele descansa a testa na minha, e quase que desejo que tivesse continuado com aquelas coisas mais físicas, pois são mais fáceis que as emocionais.

Por melhor que saiba estar de volta aos seus braços, tenho medo de estar a estragar tudo. Não sei o que fazer. Não sei se devia deixar que volte a entrar na minha vida com tanta facilidade, porque o

reencontro devia ser tão difícil quanto a despedida, e isto está a ser demasiado fácil para ele. Preciso de tempo, creio eu. Não sei. Agora não me sinto capaz de tomar esse género de decisão.

— Fallon — diz baixinho.

— Sim?

— Vem comigo para casa. Quero falar contigo, mas não quero fazê-lo aqui.

Voltamos ao mesmo. Pergunto-me se não estará a ser tão insistente porque faltam poucas horas deste 9 de novembro e ele quer aproveitar ao máximo, ou se também me quer nos outros dias todos.

Tento encontrar a maçaneta atrás de mim. Quando a encontro, empurro o peito do Ben e abro a porta. Quando saio da arrecadação, ele tem a mão no meu cotovelo direito e outra pessoa segura-me o esquerdo. Suspiro quando o meu olhar se cruza com o da Amber.

— Estava à tua procura — diz ela. — O que estás a fazer na...

Ela interrompe a pergunta quando vê o Ben a sair depois de mim. E depois:

— Peço desculpa por interromper a reunião, mas o Teddy está preocupado contigo.

Ela olha para mim como se estivesse desiludida com a minha decisão de curtir com o Ben numa arrecadação escura quando a minha companhia se encontra no mesmo edifício, e *Oh, meu Deus*, agora que penso nisso, é uma coisa muito má de se fazer a alguém.

— Merda! — exclamo. — Tenho de voltar à mesa.

O Ben faz uma careta como se fosse a última coisa que esperasse ouvir de mim.

— Boa escolha — diz a Amber, olhando para o Ben.

Ele pode encontrar-me mais tarde. Tenho de voltar à mesa antes que o Theodore perceba quão ridícula sou. Sigo a Amber até à cabine, mas por sorte está demasiado barulho para que perceba o que está a dizer. No entanto, percebo que me está a repreender. Assim que entramos na cabine, o Ben pega numa cadeira e mete-a à ponta da mesa. Senta-se e cruza os braços à sua frente.

O Theodore coloca os braços sobre os meus ombros e inclina-se.

— Estás bem?

Forço um sorriso breve e anuo com a cabeça, mas não lhe dou mais nada, tendo em conta que o Ben parece estar à beira de gatinhar sobre a mesa e arrancar o braço do Theodore para longe do meu corpo.

Ajusto-me no meu assento para que o Theodore não pense que o afeto é recíproco. Debruço-me para a frente, para longe do seu braço, como se tivesse algo para dizer à Amber. Assim que abro a boca, a mão do Ben toca-me no joelho por baixo da mesa. Os meus olhos voam para os do Ben e ele atira-me um olhar inocente.

Por sorte, o Glenn rouba a atenção do Theodore, por isso não repara quando o meu corpo fica tenso. O Ben começa a tatear-me a coxa com os dedos, pelo que lhe afasto a mão debaixo da mesa. Ele sorri e recosta-se na cadeira.

— Portanto — diz a Amber, virando a atenção para o Ben. — Visto que nos conhecemos há quinze minutos e não sei absolutamente nada sobre ti, visto que nunca estivemos contigo, pois somos uns desconhecidos, porque não nos falas sobre ti? O que fazes? O Theodore diz que és escritor. Andas a escrever algo de interessante? Uma história de amor, talvez? Como está a correr?

Dou um pontapé à Amber por baixo da mesa. Não podia ser mais óbvia?

O Ben ri-se, e agora que a Amber deixou escapar a pergunta mais aleatória do mundo, tanto o Glenn como o Theodore olham para o Ben à espera que responda.

— Bem... — diz o Ben, endireitando-se na cadeira. — Por acaso, sim, sou escritor. No entanto, este ano vivi um episódio sério de bloqueio de escrita. Foi mesmo terrível. Não escrevo uma única palavra há 365 dias. Mas, por mais estranho que pareça, creio que realizei um avanço importante nos últimos minutos.

— E esta, hein? — diz a Amber, revirando os olhos.

Inclino-me para a frente, decidida a entrar nesta conversa enigmática.

— Sabes, Ben, os bloqueios podem ser uma coisa manhosa. Só porque fizeste um avanço há minutos não significa que seja permanente.

Ele finge dar ao meu comentário um momento para pensar, mas depois abana a cabeça.

— Não. Não, sei que faço progressos quando isso acontece. E de certeza que o que experimentei há bocado foi um dos avanços mais surpreendentes na história da humanidade.

Ergo uma sobranceira.

— Existe uma linha ténue entre a confiança e a arrogância.

O Ben imita-me a expressão quando a sua mão regressa à minha perna por baixo da mesa, fazendo-me retesar.

— Pois bem, sento-me nessa linha como se fosse a coxa de uma morena de pernas longas.

Meu deus, aquelas palavras.

O Glenn ri-se, mas o Theodore debruça-se para a frente para captar a atenção do Ben.

— Tenho um tio em Nantucket que publicou um livro. É uma coisa muito difícil de...

— Theodore — interrompe o Ben. — Pareces... boa pessoa.

— Obrigado — diz o Theodore, sorrindo.

— Deixa-me acabar — diz o Ben, com o dedo levantado em jeito de aviso. — É que estás prestes a odiar-me. Eu menti. Não estou a escrever um trabalho para a universidade — Aponta para o Glenn. — Este gajo disse-me hoje onde aparecer esta noite para encontrar a rapariga com quem devo passar o resto da minha vida. Lamento, mas acontece que essa rapariga é a tua companhia desta noite. E estou apaixonado por ela. Tipo, mesmo apaixonado por ela. Um amor incapacitante, debilitante e paralisante. Por isso, por favor aceita as minhas sinceras desculpas, pois esta noite ela vem comigo para casa. Espero eu. Rezo por isso — o Ben atira-me um olhar ternurento. — Sim? De outro modo, este discurso far-me-á parecer um completo idiota e isso não será bom quando contarmos esta história aos nossos netos.

Ele estende a mão para que eu pegue nela, mas estou tão paralisada quanto o Theodore.

O Glenn cobre a boca, tentando esconder o seu riso de bêbado. Por uma vez, a Amber está, de facto, sem palavras.

— Foda-se — diz o Theodore. Antes que consiga sair do seu caminho, ele alcança o Ben por cima de mim, pegando-o pelo colarinho da camisola, puxando-o para que o possa estrangular ou esmurrá-lo ou... Não sei bem o que está a fazer, mas baixo-me e saio da cabine para não ficar no meio. Quando me viro, o Theodore está de joelhos em cima da mesa a fazer uma gravata ao Ben. O Ben tenta alcançar o braço do Theodore, tentando afastá-lo da garganta. Tem os olhos bem abertos e olha diretamente para mim.

— Seu imbecil! — grita o Theodore.

O Ben liberta-se do braço do Theodore e dobra o dedo da mão para mim, querendo que me aproxime. Dou um passo em frente, sem saber bem o que fazer para o libertar da confusão. Quando me encontro a cerca de dois passos deles, o Ben esforça-se para falar.

— Fallon — diz ele, ainda agarrado ao braço que lhe aperta o pescoço. — Vens... vens comigo para casa ou não?

Meu Deus, ele é implacável. E está a ser retirado do aperto do Theodore por dois seguranças que intervieram. Mas agora tanto o Ben como o Theodore são escoltados para o exterior, e eu, a Amber e o Glenn seguimo-los. A Amber dá um murro no ombro do Glenn.

— Disseste ao Ben onde íamos estar esta noite? — pergunta, esganiçada.

O Glenn esfrega o braço.

— Ele hoje apareceu na nossa casa à procura da Fallon.

A Amber goza com ele.

— Então e disseste-lhe, sem mais nem menos, onde íamos estar? Porque é que foste fazer uma coisa dessas?

— Ele tem *piada*! — diz o Glenn, como se fosse um argumento

legítimo.

A Amber olha-me sobre o seu ombro, como que a pedir desculpa. Não lhe digo que não há problema nenhum. Até agora, estou contente por o Glenn ter contado ao Ben onde estaríamos esta noite. Sinto-me bem por saber que esperou quatro horas no restaurante e depois foi à minha procura no meu velho apartamento, na esperança de que o Glenn e a Amber ainda lá vivessem. É um pouco lisonjeiro, ainda que não compense aquilo que me fez passar.

Já no exterior, dirijo-me de imediato ao Theodore, que anda de um lado para o outro no passeio com cara de furioso. Ele para quando me vê diante dele e aponta na direção do Ben.

— É verdade? — diz ele. — Vocês os dois... foda-se, já nem sei. O que são? Namorados? Ex-namorados? Tenho algum papel nisto tudo ou estou só a perder tempo?

Abano a cabeça, completamente perdida. Não sei como responder a isso, pois não sei honestamente o que há entre mim e o Ben. Mas sei o que há entre mim e o Theodore, por isso talvez comece por aí.

— Desculpa — digo. — Juro que, antes desta noite, não falava com ele há um ano. Não quero que penses que me encontrava com os dois ao mesmo tempo, mas... lamento. Talvez só precise de algum tempo para pensar nas coisas.

O Theodore endireita-se, como se tivesse ficado chocado com o que acabou de ouvir. — Tempo para pensar? — diz, abanando a cabeça. — Não tenho tempo para esta merda — Começa a andar na direção oposta, mas ainda está perto o suficiente quando o ouço murmurar. — Nem sequer és assim tão bonita.

Ainda assimilo o insulto quando vejo o Ben a passar por mim a correr. Antes que consiga ajustar a vista, o punho dele voa. Vejo o Glenn apressar-se para intervir, mas... espera. Não. O Glenn *também* esmurra o Theodore.

Por sorte, os seguranças ainda não voltaram a entrar no bar e os três são separados antes que alguém se magoe a sério. O Theodore luta para se libertar de um dos seguranças e grita a cada instante todo o tipo de obscenidades contra o Ben. Entretanto, a Amber está de pé junto a mim, encostada a um parquímetro enquanto descalça um dos seus sapatos altos.

— Quero que todos vocês saiam já do local antes que chame a polícia! — grita um dos seguranças.

— Só um momento — diz a Amber, com um dedo levantado enquanto tira o sapato. — Ainda não acabei — Leva o sapato na mão e atira um olhar ameaçador ao Theodore, recuando de seguida para o arremessar, atingindo-o mesmo entre as pernas. — Detesto essas tuas calças ridículas, seu anormal! — grita. — A Fallon merece melhor que tu, e NANTUCKET TAMBÉM!

Uau. Força, Amber!

O segurança que segura o Theodore pergunta-lhe onde tem o carro estacionado. Escolta-o naquela direção enquanto a Amber recupera o sapato. O Ben e o Glenn só são libertados quando o segurança regressa sem o Theodore.

— Vocês os quatro. Vão-se embora. Já.

Quando o segurança liberta os braços do Ben, ele corre logo para mim, segurando-me a cara com as mãos, inspecionando-me para ver se me feri. Ou talvez verifique as minhas emoções, sei lá. Seja como for, parece preocupado.

— Estás bem?

Percebo, pelo som tranquilizador da sua voz, que se preocupa se o Theodore me feriu os sentimentos.

— Estou bem, Ben. Os insultos daquele gajo sobre a minha aparência não têm muito peso quando ele usa aquelas calças de livre e espontânea vontade.

Vejo alívio no sorriso do Ben e ele beija-me a testa.

— Trouxeste carro? — pergunta o Glenn ao Ben. Este confirma e diz:

— Sim, dou-vos boleia aos dois para casa.

— Aos três — digo ao Ben, insinuando que lá porque me tenha defendido, não significa que vá automaticamente para casa dele. — Preciso que me deixes em casa.

A Amber suspira e depois limpa-me o ombro.

— Anda lá, perdoa-o já — diz ela. — O Glenn encontrou um membro do sexo masculino de quem gosta realmente, e se não o perdoares vais partir-lhe o coração.

O Ben e o Glenn olham os dois para mim. O Glenn faz-me olhos de cachorrinho e o Ben faz beicinho.

Nem acredito. Encolho os ombros, assumindo a derrota.

— Ora bem, como o Glenn gosta tanto de ti, parece que me resta apenas uma opção. Tenho mesmo de ir contigo para tua casa.

O Ben nem sequer desvia o olhar de mim quando estica o braço para o Glenn com a mão em punho. O Glenn embate com o punho no dele e depois deixam cair os braços, sem dizer uma palavra.

Quando passo pelo Ben e dirijo-me ao parque de estacionamento, estreito os olhos para ele e aponto.

— Tens muito que explicar. *Muito*. Tens de te rebaixar ainda mais.

— Sou perfeitamente capaz de ambas as coisas — diz o Ben, seguindo-me.

— E tens de me fazer o pequeno-almoço — acrescento. — Gosto de bacon bem passado e de ovo estrelado frito dos dois lados.

— Entendido — diz o Ben. — Explicar-me, depois rebaixar-me, depois caminha e pequeno-almoço — diz, pondo o braço sobre o meu

ombro e redireccionando-me para o seu carro. Abre-me a porta do passageiro, mas, antes de entrar, pega-me na cara e beija-me. Quando se afasta, fico surpreendida pela quantidade de emoções que manifesta depois dos ridículos últimos quinze minutos. — Não te vais arrepender, Fallon. Prometo.

Espero que não.

Beija-me a cara e espera que entre dentro do carro.

Umas mãos seguram-me os ombros por trás e a cara do Glenn surge do banco de trás junto à minha.

— Eu também prometo — diz ele, dando-me uma beijoca ruidosa na bochecha.

Quando saímos do parque de estacionamento, olho pela janela porque não quero que os três vejam as lágrimas.

Porque, sim, ouvir o insulto do Theodore não só me feriu os sentimentos, como foi também um dos momentos mais embaraçosos da minha vida. Mas saber que estes três me defenderam sem pensar duas vezes quase faz valer a pena o insulto.

Ben

Ficamos calados, pelo menos durante um quilómetro, depois de deixarmos o Glenn e a Amber. Ela tem estado a olhar pela janela a viagem inteira e eu gostava que olhasse para mim. Sei que aquilo por que a fiz passar no ano passado a feriu mais do que eu possa imaginar, e espero que perceba que vou remendar a situação. Se for preciso o resto da minha vida, remendo. Pego na sua mão.

— Preciso de pedir desculpa — digo-lhe. — Não devia ter dito aquelas coisas...

Ela abana a cabeça, interrompendo-me silenciosamente.

— Não retires o que disseste. Achei admirável que tenhas sido honesto com o Theodore. A maioria dos homens ter-se-ia amedrontado e não diria nada e roubaria a rapariga pelas costas do amigo.

Ela não faz ideia daquilo que me faz sentir mal.

— Não me desculpava por isso. Desculpo-me porque nunca deveria ter dito em voz alta que estava apaixonado por ti, quando as palavras não foram proferidas diretamente a ti. Mereces mais do que um *amo-te* em segunda mão.

Ela olha-me fixamente, sem dizer uma palavra, mas depois volta a olhar pela janela. Volto a olhar para a estrada, olhando-a de soslaio. Vejo a sua cara irromper num sorriso quando me aperta a mão.

— Quem sabe, se correrem bem as explicações e o rebaixamento, podes tentar outra vez esse *amo-te* antes de me preparares o pequeno-almoço amanhã.

Sorriso, pois sei, sem sombra de dúvida, que rebaixar-me e preparar o pequeno-almoço será fácilimo.

O que me assusta são as explicações. Ainda temos uma viagem de mais ou menos 15 minutos, pelo que decido avançar e começar já.

— Saí de casa logo depois do Natal. Eu e o Ian deixámos a Jordyn e o Oliver ficar com a casa.

Sinto o aperto da sua mão quando menciono o nome da Jordyn. Detesto isso. Detesto que tenha provocado aquilo tudo e que agora não lhe sairá da cabeça para o resto das nossas vidas. Quer queira, quer não, a Jordyn é mãe do Oliver e o Oliver é como um filho para mim. Farão sempre parte da minha vida, aconteça o que acontecer.

— Acreditas se te disser que as coisas estão muito bem entre nós? Entre mim e a Jordyn?

Olha-me de soslaio.

— Muito bem em que aspeto?

Tiro a mão da dela e seguro o volante para que possa aliviar a tensão do queixo com a outra.

— Quero que me ouças antes de falares, está bem? Posso dizer coisas que não queres ouvir, mas preciso que as ouças.

Ela acede, pelo que respiro fundo para ganhar coragem.

— Há dois anos... quando fizemos amor... dei-te tudo o que tinha. Alma e coração. Mas depois, quando decidiste passar mais um ano sem me ver, não consegui perceber o que se passou. Não percebi como poderia ter sentido o que senti e tu nada. E doeu muito, Fallon. Foste-te embora e eu fiquei furioso e nem te consigo explicar quão difíceis foram os meses seguintes. Não estava de luto só pelo Kyle, estava de luto também por te ter perdido.

Olho para a frente porque não quero ver a reação dela às minhas palavras.

— Quando o Oliver nasceu, foi a primeira vez que me senti feliz desde que apareceste sem aviso à porta da minha casa. E foi a primeira vez que a Jordyn sorriu desde a morte do Kyle. Por isso, nos meses seguintes, passámos o tempo todo juntos com o Oliver. Ele era a única luz nas nossas vidas. E quando duas pessoas amam alguém como nós o amamos, cria-se uma ligação que não dá para explicar. Nos meses seguintes, ela e o Oliver tornaram-se aquilo que encheu os enormes vazios que tu e o Kyle deixaram no meu coração. Acredito que, de certo modo, preenchi o vazio que o Kyle deixou no coração *dela*. Quando as coisas progrediram entre nós, nem sei bem se algum de nós pensou nisso antes de acontecer. Mas aconteceu, e não estava lá ninguém para me dizer que um dia me viria a arrepender.

» Quer dizer, havia uma parte de mim que acreditava que ficarias feliz por mim quando nos encontrássemos no novembro seguinte. Pensei talvez que era isso que querias, que eu seguisse em frente e deixasse de me segurar àquilo que tu vias como uma relação ficcionada que criámos aos 18 anos.

» Mas depois, quando apareci naquele dia... a última coisa que esperava era que ficasses magoada. E no momento em que percebeste que andava com a Jordyn, vi nos teus olhos o quanto me amavas e tornou-se um dos piores momentos da minha vida, Fallon. Ainda sinto as feridas que as tuas lágrimas deixaram no meu peito sempre que respiro.

Seguro o volante e expiro com firmeza.

» Quando a Jordyn chegou a casa naquela noite, viu a mágoa nos meus olhos. E sabia que não tinha sido ela a colocá-la lá. Surpreendeu-me não ter ficado triste. Falámos sobre o assunto durante cerca de duas horas seguidas. Sobre o que eu sentia por ti e sobre o que ela sentia pelo Kyle e como sabíamos que nos feríamos aos dois ao mantermos uma relação que nunca se equipararia àquela que

tínhamos no passado com outra pessoa. Por isso, acabámos. Naquele mesmo dia. Tirei as minhas coisas do seu quarto e levei-as para o meu até encontrar um sítio onde viver.

Ouso olhar na sua direção, mas ainda olha pela janela. Vejo-a limpar uma lágrima do rosto, e espero que não tenha ficado furiosa.

» Não estou a pôr as culpas em ti, Fallon. Está bem? Só falei de te teres ido embora porque preciso que saibas que foste sempre tu a dona do meu coração. E nunca deixaria que alguém ficasse com ele sabendo que havia uma hipótese de o queres de volta.

Vejo os seus ombros a tremer, e detesto fazê-la chorar. Detesto. Não quero que esteja triste. Olha para mim com lágrimas a jorrar-lhe dos olhos.

— Então e o Oliver? — pergunta. — Já não vais viver mais com ele? — Limpa mais uma lágrima. — Sinto-me *horrível*, Ben. Sinto que te afastei do teu menino.

Ela cobre a cara com as mãos, soluça, e eu já não aguento mais. Encosto o carro e ligo os quatro piscas. Tiro o cinto de segurança, puxo-a para mim.

— Querida, não — sussurro. — Por favor, não chores por causa disso. Eu e o Oliver... estamos muito bem. Vejo-o sempre que quero, quase todos os dias. Não tenho de viver com a mãe dele para o amar.

Penteio-lhe o cabelo com as mãos e beijo-lhe a cabeça.

— Está tudo bem, as coisas correm bem, Fallon. A única coisa que me corre mal na vida é o facto de não fazeres parte dela todos os dias.

Ela afasta-se do meu ombro e funga.

— Essa é a única coisa que não corre bem na *minha* vida, Ben. Tudo o resto está perfeito. Tenho os dois melhores amigos do mundo. Adoro a escola. Adoro o meu trabalho. Tenho um progenitor e meio perfeitos — diz, entre risos. — Mas a única coisa que me deixa triste, a maior delas todas, é que penso em ti a toda a hora e não sei como te esquecer.

— Não o faças — imploro-lhe. — Por favor, não me esqueças.

Ela encolhe os ombros com um sorriso hesitante.

— Não consigo. Bem tentei, mas acho que tenho de fazer uma desintoxicação ou algo assim. Creio que já fazes parte da minha composição química.

Rio-me, aliviado por ela... por ela simplesmente existir. E por sermos sortudos o suficiente para existirmos no mesmo tempo, na mesma zona do mundo, no mesmo estado. E por, passados todos estes anos, não mudar uma única coisa sobre o que, afinal de contas, nos juntou.

— Ben? — diz ela. — Parece que estás outra vez a ficar maldisposto.

Rio-me e abano a cabeça.

— Não estou. Apenas preciso mesmo de te dizer que te amo, mas sinto que te devo avisar antes de o fazer.

— Está bem — diz ela. — Avisar-me do quê?

— Que ao concordares em amar-me de volta, assumes uma grande responsabilidade. Porque o Oliver vai fazer parte da minha vida para sempre. E não falo como um tio e o seu sobrinho, mas como se fosse meu filho. Aniversários, jogos de beisebol e...

Ela leva a mão à minha boca para me calar.

— Amar alguém não inclui só essa pessoa, Ben. Amar alguém é também aceitar tudo e todos aqueles que essa pessoa ama. E conta comigo para isso. Prometo.

Não a mereço *mesmo*. Mas puxo-a para mim e coloco-a entre mim e o volante. Levo a boca dela à minha e digo:

— Amo-te, Fallon. Mais do que poesia, mais do que palavras, mais do que música, mais do que as tuas mamas. As duas. Fazes ideia da quantidade de amor que isso é?

Ela ri-se e chora ao mesmo tempo, e beijo-a, querendo recordar mais este beijo do que qualquer outro beijo que lhe tenha dado. Ainda que dure apenas dois segundos, pois recua e diz:

— Eu também te amo. E acho que foi uma excelente explicação, uma explicação que não precisa de grandes lamúrias, por isso gostava de voltar ao teu apartamento e fazer amor contigo.

Beijo-a depressa, pondo-a de volta no assento enquanto me preparo para voltar à autoestrada. Ela põe o cinto e diz:

— Mas ainda espero pequeno-almoço amanhã.

* * *

— Tecnicamente, desde que nos conhecemos, passámos, no total, apenas vinte e oito horas juntos — diz ela.

Estamos na minha cama. Está enroladinha em mim, tateando-me o peito com os dedos. Assim que chegámos ao apartamento, fizemos amor. Duas vezes. E se não parar de me tocar desta maneira, vai acontecer uma terceira vez.

— É tempo mais do que suficiente para se saber se se ama alguém — digo.

Temos estado a contar quanto tempo passámos juntos no decurso de quatro anos. Para ser franco, pensava que seria mais tempo, pois é essa a sensação, mas ela tinha razão quando disse que não chegaria a dois dias inteiros.

— Vê as coisas por este prisma — digo, repartindo ainda um pouco mais o tempo. — Se tivéssemos uma relação tradicional, teríamos saído algumas vezes, talvez uma ou duas vezes por semana, durante algumas horas. É uma média de cerca de doze horas no primeiro mês.

Digamos que saímos um par de vezes à noite no segundo mês. Desta feita, um casal entra no terceiro mês a ter passado vinte e oito horas juntos no total. E o terceiro mês é, por excelência, o mês dos «amo-te». Por isso, tecnicamente estamos no caminho certo.

Ela morde o lábio para travar o sorriso.

— Gosto do teu raciocínio. Sabes bem o quanto detesto o amor instantâneo.

— Oh, não deixou de ser amor instantâneo — digo-lhe. — Mas o nosso é legítimo.

Ela apoia-se no cotovelo, olhando para mim.

— Quando é que soubeste? Ou seja, em que instante tiveste a certeza de que estavas apaixonado por mim?

Nem sequer hesito.

— Lembras-te de quando nos beijámos na praia e eu te disse que queria fazer uma tatuagem?

Ela sorri.

— Foi tão por acaso, como me poderia esquecer?

— Foi por isso que fiz a tatuagem. Porque soube, naquele preciso momento, que me apaixonara pela primeira vez por uma rapariga. Tipo amor *verdadeiro*. Amor *altruísta*. E a minha mãe disse-me uma vez que eu saberia logo quando encontrasse o amor altruísta, e que devia fazer alguma coisa para recordar esse momento porque não acontece a todos. Por isso... sim.

Ela pega-me no pulso e olha para a minha tatuagem. Delineia-a com o indicador.

— Fizeste-a por minha causa? — pergunta, olhando-me nos olhos. — Mas o que significa? Porque escolheste a palavra *poético*? E uma pauta musical?

Olho para a tatuagem e pergunto-me se deveria entrar em pormenores sobre o motivo pelo qual optei por isso. Mas isso obscureceria este momento, e eu não quero que isso aconteça.

— Motivos pessoais — digo, forçando um sorriso. — Um dia conto-te, mas agora só quero que voltes a beijar-me.

Não demoro dez segundos até a ter de barriga para cima e entrar dentro dela. Desta vez, fazemos amor devagar, não aquela correria das duas vezes anteriores. Beijo-a, da boca até às mamas e de volta à boca, beijando cada centímetro da sua pele que tenho o privilégio de tocar.

E desta vez, quando acabamos, não falamos depois. Ambos fechamos os olhos, e eu sei que quando acordar a seu lado amanhã de manhã, farei minha missão perdoar-me por todas as vezes que lhe escondi a verdade no passado.

Depois de lhe fazer o pequeno-almoço.

Fallon

O meu estômago queixa-se, lembrando-me de que nem sequer jantei ontem à noite. Saio da cama em silêncio e procuro a minha roupa, mas, depois de localizar a saia, não encontro mais nada. Não quero acender a luz para encontrar a minha blusa, pelo que vou ao *closet* do Ben para procurar uma t-shirt ou algo assim, para partir rumo ao frigorífico.

Sinto-me uma idiota, procurando às cegas, com um sorriso na cara, uma camisola no seu armário. Quando acordei esta manhã, nunca esperei que o dia acabasse assim. *Absolutamente perfeito.*

Decido fechar a porta e acender a luz de dentro do *closet*, não lhe perturbando o sono. Encontro uma fina e suave t-shirt e tiro-a do cabide. Quando a visto, prestes a desligar a luz, algo me salta à vista.

Na prateleira de cima, junto a uma caixa de sapatos, está uma pilha de papéis. Para um manuscrito.

Será que...

Desperta-me a curiosidade. Estico-me na ponta dos pés até o alcançar, mas só tiro a folha de cima para ver o que é.

9 de Novembro

de

Benton James Kessler

Olho para a folha durante vários segundos. Tempo suficiente para travar uma guerra com a minha consciência. Não devia ler isto. Devia devolver a folha ao seu lugar.

Mas tenho o direito de ler. *Creio eu.* Quer dizer, é sobre a minha relação com o Ben. Sei que me disse que não queria que lesse até que acabasse, mas agora que parou de escrever, decerto que isso cancela a sua única regra.

Ainda não decidi o que fazer quando tiro o manuscrito inteiro da prateleira. Vou levá-lo para a cozinha. Arranjo qualquer coisa para comer. E *depois* decido o que fazer.

Desligo a luz e abro lentamente a porta do *closet*. O Ben está na mesma posição, respirando profundamente, à beira do que pode ser considerado risonhar.

Saio do quarto dele rumo à cozinha.

Coloca cuidadosamente o manuscrito sobre a mesa à minha frente. Não sei porque me tremem as mãos. Talvez porque os seus

pensamentos verdadeiros sobre nós e tudo aquilo por que passámos se encontra mesmo diante dos meus olhos. E se eu não gostar da verdade? As pessoas têm o direito à privacidade, e o que estou prestes a fazer viola a sua privacidade por inteiro. Não é uma boa maneira de começar uma relação.

E se lesse apenas um excerto? Apenas um par de páginas e depois volto a pô-lo no sítio e ele nunca descobre.

Já sei sobre o que quero ler. Tem-me consumido desde que aconteceu.

Quero saber por que razão o Kyle o esmurrou no corredor no nosso segundo ano juntos. Não teve nada que ver comigo, pelo que deve ser um excerto seguro o suficiente para ler sem sentir demasiados remorsos depois.

Faço o melhor para não absorver as frases enquanto examino o manuscrito. O Ben facilitou a procura, tendo em conta que dividiu os capítulos pela sua idade. A briga aconteceu no segundo ano em que estivemos juntos, pelo que encontro o capítulo intitulado «Dezanove Anos» e ponho-o à minha frente. Ignoro o seu diálogo interno quando esperou no restaurante que eu aparecesse. Espero que um dia me deixe ler isto, pois anseio saber os seus pensamentos verdadeiros. Mas recuso-me a ler tudo. Comprometendo-me com a minha culpa apenas lendo algumas páginas faz-me sentir uma merda. Imagino como me sentiria se lesse tudo.

Os meus olhos deslizam sobre a página até que vejo o nome do Kyle. Ponho a página à minha frente e começo a lê-la a meio de um parágrafo.

— Vai ficar tudo bem, Jordyn. Prometo.

Abre-se a porta da frente e ela desvia o olhar. Percebo, pelo seu entusiasmo, que é provável que seja o Kyle.

Revolve-se-me o estômago por causa dos nervos que se tornaram mais pesados que pedras. *Foda-se*. Ele disse que só estaria em casa depois das 7 da noite.

— É o Kyle? — pergunto à Jordyn.

Ela acena com a cabeça, passando por mim.

— Ele saiu mais cedo para me ajudar — diz ela, dirigindo-se ao lavatório. Pega num guardanapo e enxuga os olhos. — Diz-lhe que saio já. Não quero que saiba o quanto já chorei hoje, sinto-me cá uma anormal.

Merda.

Talvez se tenha esquecido. Já passou tanto tempo e nunca falámos sobre isso. Respiro fundo e volto à sala de estar, tentando esconder o pânico. Não me pode estragar isto.

— Está tudo bem com a Jordyn — digo ao entrar na sala, esperando afastar os nervos. Paro de repente quando o vejo, pois a expressão do seu rosto sugere que se lembra de tudo. E está furioso.

O queixo do Kyle franze-se. Ele atira as chaves para cima da mesa de entrada e aponta para mim.

— Precisamos de falar.

Ao menos, leva-me para longe da Fallon, para discutirmos o assunto. É um alívio. Não me parece que diga alguma coisa diante dela. Posso lidar com ele em privado, essa questão nem se põe. Posso lutar para sair da lama onde me coloquei, mas a última coisa que quero é que a Fallon se envolva.

Sorrio para a Fallon porque percebo, pela expressão da sua cara, que sabe que algo se passa com o Kyle. Quero garantir-lhe que está tudo bem, embora esteja longe disso.

— Venho já.

Ela acede, pelo que sigo o Kyle pelo corredor. Ele para mesmo em frente à porta do seu quarto.

Aponta na direção da sala.

— Podes, por favor, explicar-me o que raio se está a passar?

Volto a olhar para a sala, imaginando como poderei sair desta situação. Mas sei que não acreditará em nada mais além da verdade.

Ponho as mãos nas ancas e olho para o chão. É difícil olhar para a desilusão nos seus olhos.

— Somos amigos — digo-lhe. — Conheci-a no ano passado num restaurante.

O Kyle solta um riso de descrença.

— Amigos? — diz ele. — É que o Ian acabou de apresentá-la como sendo tua namorada, Ben.

Merda.

Faço o que posso para atenuar o seu temperamento. Nunca o vi assim tão furioso.

— Juro que as coisas não são bem assim. Só que... — Porra, isto não está a correr nada bem. Levanto as mãos em jeito de derrota. — Gosto dela, está bem? Não consigo evitar. Não é que tenha sido uma coisa a que me tenha proposto.

O Kyle desvia o olhar, levando as mãos à cara, por frustração. Quando se vira novamente para mim, não estou preparado para o que acontece. Empurra-me, com força, e eu embato contra a parede atrás de mim. Tem as mãos pressionadas contra os meus ombros e prende-me contra a parede.

— Ela sabe, Ben? Ela tem alguma ideia que foste tu quem começou o incêndio? Que és o motivo pelo qual quase *morreu*?

Sinto o meu queixo enrijecer-se. Não pode fazer isto. Hoje não. A ela não.

— Cala-te — digo, de dentes cerrados. — Por favor, ela está na sala, pelo amor de Deus! —

Tento afastá-lo de mim, mas põe o braço contra a minha garganta.

— Mas em que sarilhos te meteste, Ben? És estúpido ou quê?

Quando a pergunta lhe sai da boca, vejo-a a dobrar a esquina. Ela para de repente quando vê o que vê, e o choque na sua cara assegura-me que não ouviu nada.

Fallon

Volto a pôr as páginas em cima das outras.

Ele não bate bem.

O Ben é um escritor com a mente distorcida, fodido da cabeça. Como é que se atreve a pegar em algo real... algo que me fez sofrer tanto... e transformá-lo numa ficção com um enredo ridículo.

Estou furiosa. *Como é que foi capaz?* Mas também, não acabou a história, por isso terei sequer o direito de ficar chateada?

Mas porque é que o fez? Não sabe quão pessoal essa história é para mim? Não consigo acreditar que tentasse aproveitar-se de uma tragédia tão horrível.

Quase preferia que contasse a verdade e *tivesse* realmente provocado o incêndio. Assim, ao menos, não sentiria que se estivesse a aproveitar da minha história.

Porque é que inventaria parte da discussão quando tudo o resto realmente aconteceu? Terá realmente inventado alguma coisa?

Rio-me de mim própria. Não é verdade. Só me conheceu dois anos após o incêndio. É impossível que pudesse lá ter estado. Além disso, quais eram hipóteses de se deparar comigo no aniversário do incêndio, exatamente dois anos depois? Só se andasse a perseguir-me desde então.

Não me perseguia.

Ou sim?

Preciso de água.

Vou buscar água.

Tenho de voltar a sentar-me.

Sento-me.

Gira, gira, gira. A rede de mentiras possíveis gira, a minha mente gira, o meu estômago gira. Até o sangue que me corre nas veias parece girar. Arrumo as páginas do manuscrito numa pilha, tal como as encontrei.

Porque é que escreverias isto, Ben?

Olho para a capa e percorro o título com os dedos. *9 de Novembro.*

Ele precisava de um bom enredo. Foi isso que fez? Simplesmente fabricou o enredo?

É impossível que tenha sido responsável pelo incêndio. Não faz qualquer sentido. A culpa é do meu pai. Ele sabe, a polícia sabe e eu sei.

Vejo-me a levantar a capa do manuscrito. Olho para a primeira

página, e faço a única coisa que posso para encontrar mais respostas.
Leio.

9 de Novembro

de
Benton James Kessler

«Começar, pelo princípio.»
— DYLAN THOMAS

Prólogo

Todas as vidas começam com uma mãe. A minha não é diferente.

Ela era escritora. Dizem-me que o meu pai era psiquiatra, mas nunca saberei ao certo pois nunca tive a oportunidade de lhe perguntar. Morreu quando eu tinha 3 anos. Não tenho qualquer memória dele, mas creio que seja pelo melhor. É difícil sofrer por pessoas que não conhecemos.

A minha mãe tinha mestrado em poesia e completou a sua tese sobre o poeta galês Dylan Thomas. Costumava citá-lo amiúde, embora as citações preferidas não fossem dos seus textos mais famosos, mas sim dos seus diálogos do dia a dia. Nunca percebi se respeitava o Dylan Thomas como poeta ou como pessoa. Pois pelo que aprendi dele nas minhas pesquisas, não havia muito a respeitar do seu carácter. Ou talvez seja isso a ser respeitado, o facto de que o Dylan Thomas pouco fez para ganhar popularidade como pessoa e tudo fez para a ganhar como poeta.

Suponho que deva prosseguir com a maneira como a minha mãe morreu. Devo provavelmente prosseguir com a maneira como uma rapariga que me inspirou a escrever este livro se relaciona com uma história que começa com a minha mãe. E suponho que, se prosseguir com ambas as coisas, também devo prosseguir com a maneira como o Dylan Thomas se relaciona com a vida da minha mãe, sobretudo com a sua morte, e como isso tudo me conduziu à Fallon.

Parece tão complicado, quando, na verdade, é muito simples.

Tudo se relaciona.

Está tudo ligado.

E tudo começa no dia 9 de novembro. Dois anos antes de ficar cara a cara com a Fallon O'Neil pela primeira vez.

9 de novembro.

A primeira e última vez que a minha mãe morreria.

9 de novembro.

A noite em que comecei intencionalmente o incêndio que quase matou a rapariga que um dia salvaria a minha vida.

Fallon

Olho para as páginas diante de mim em completa descrença. A bÍlis sobe e desce pela minha garganta.

O que fiz eu?

Engulo em seco para travar a bÍlis e arde muito.

A que tipo de monstro entreguei o coração?

Tenho as mãos a tremer. Não me consigo mexer. Não consigo decidir se preciso de ler mais, chegar à página seguinte, onde obviamente poderei verificar que tudo o que leio é obra da magnificente, ainda que retorcida, imaginação do Ben. Que ele encontrou uma maneira de tornar a nossa história vendável ao misturar factos com ficção. Leio mais?

Ou fujo?

Como poderei fugir de alguém a quem me entreguei paulatinamente nos últimos quatro anos?

Ou já serão seis?

Conhece-me desde os 16?

Já me conhecia no dia em que nos encontrámos no restaurante?

Estava lá por minha causa?

Tanto sangue, todo ele, cada gota corre-me pela cabeça, até os meus ouvidos doem. O medo aperta-me o corpo como se eu fosse um desfiladeiro e ele balança-se da minha beira. Aperta todas as partes de mim.

Tenho de sair daqui. Pego no telefone e chamo um táxi.

Dizem-me que está um ao fundo da rua que chegará dentro de poucos minutos.

Sou consumida pelo medo. Medo destas páginas na minha mão. Medo da desilusão. Medo do homem que dorme no quarto, a quem prometi todos os meus amanhãs.

Afasto a cadeira para me recompor, mas, antes de me levantar, ouço a porta do quarto abrir-se. Em alerta máximo, espreito por sobre o ombro. Ele está à porta, limpando o sono dos olhos.

Se pudesse congelar este momento, aproveitaria para o estudar. Passaria os dedos pelos seus lábios para ver se são realmente tão brandos quanto as palavras que de lá saem. Pegaria nas suas mãos e passaria os polegares pelas palmas das suas mãos para ver se são realmente capazes de acariciar as cicatrizes pelas quais são responsáveis. Poria os meus braços em seu redor e, de biquinhos de pés, sussurraria ao seu ouvido «Porque não me disseste que a base

onde me ensinaste a estar é de areia movediça?».

Vejo o seu olhar virar-se para as páginas do manuscrito que seguro na mão. Em poucos segundos, todos os seus pensamentos lampejam-lhe pela cara.

Pergunta-se como o encontrei.

Pergunta-se quanto já terei lido.

Ben, «o Escritor».

Quero rir-me, pois Benton James Kessler não é escritor nenhum. É ator. Mestre do engano que terminou uma atuação de quatro anos.

Pela primeira vez, já não o olho como o Ben por quem me apaixonei. O Ben que, sozinho, mudou a minha vida.

Neste momento, vejo-o como um estranho.

Alguém de quem nada sei.

— O que estás a fazer, Fallon?

A sua voz faz-me hesitar. Soa exatamente à mesma voz que disse «amo-te» uma hora atrás.

Só que agora a voz enche-me de pânico. O terror consome-me quando uma onda de inquietação se apodera de mim.

Não faço ideia de quem ele é.

Não faço ideia de quais foram os seus objetivos nos últimos anos.

Não faço ideia do que é capaz.

Avança para mim, pelo que faço a única coisa de que me lembro. Corro para o outro lado da mesa, esperando manter uma distância de segurança entre mim e aquele homem.

A tristeza apodera-se do seu rosto quando vê a minha reação, mas não sei se é genuína ou ensaiada. Não sei se devo acreditar em tudo o que li... ou se inventou tudo em nome do enredo.

Na minha vida, já chorei por muitos motivos. Sobretudo por tristeza, por vezes por frustração ou raiva. Mas esta é a primeira vez que se me escapa uma lágrima por medo.

O Ben observa a lágrima a deslizar pela minha cara e levanta uma mão tranquilizante.

— Fallon — diz, de olhos bem abertos, revelando tanto medo quanto eu. Mas já não sei se o que vejo na sua cara é real. — Fallon, por favor. Deixa-me explicar.

Parece tão preocupado. Tão genuíno. Talvez seja ficção. Talvez tenha transformado a nossa história em ficção. De certeza que não me fez aquilo. Aponto para o manuscrito, esperando que não repare na minha mão trémula.

— Aquilo é verdade, Ben?

Ele olha para o manuscrito, mas depois volta a olhar para mim, como se não aguentasse ver aquelas páginas sobre a mesa. *Abana a cabeça, Ben. Nega tudo. Por favor.*

Não faz nada.

A falta de negação atinge-me com força e respiro com dificuldade.

— Deixa-me explicar. Por favor.

Começa a avançar para mim, pelo que caio para trás contra a parede.

Tenho de sair daqui. Tenho de fugir dele.

Ele vira para a direita em vez de se voltar para a esquerda, colocando-se mais longe da porta do que eu. Eu consigo. Se for rápida o suficiente, chego à porta antes dele.

Mas porque deixa que isso aconteça? Porque me dá a oportunidade de fugir?

— Quero ir embora — digo-lhe. — Por favor.

Ele assente com a cabeça, mas ainda tem uma mão levantada, com a palma virada para mim. O seu assentimento diz-me uma coisa, mas a mão diz-me para ficar quieta. Sei que me quer dar explicações... mas se não for para me dizer que o que li não é verdade, então não quero ficar aqui a ouvir mais nada do que tem para dizer.

Só preciso que me diga que não é verdade.

— Ben — murmuro, com as mãos na parede. — Diz-me, por favor, que o que li não é verdade. Diz-me, por favor, que não sou a reviravolta do teu *enredo*?

As minhas palavras arrancam a única expressão que não esperava ver. *Arrependimento*.

Volto a sentir a bÍlis.

Aperto o estômago.

— Meu Deus.

Quero sair. Tenho de sair daqui antes de ficar demasiado maldisposta e fraca para conseguir fazê-lo. Os segundos seguintes são uma mancha nebulosa quando volto a murmurar «Meu Deus» e corro para o sofá. Preciso da minha bolsa. Dos meus sapatos. Quero sair, quero sair, quero sair. Alcanço a porta e giro a lingueta para a direita, mas as mãos dele seguram as minhas e o seu peito embate contra as minhas costas, pressionando-me contra a porta.

Fecho os olhos quando sinto a sua respiração no pescoço.

— Desculpa, desculpa, desculpa, desculpa — as suas palavras são tão desesperadas quanto o aperto que usa para me virar para ele. Limpa-me as lágrimas e as suas começam a formar-se nos olhos. — Desculpa. Por favor, não vás.

Não vou mais cair nisto. Não vou deixar que me engane de novo. Empurro-o, mas segura-me os pulsos, colocando-os no seu peito enquanto encosta a testa à minha.

— Amo-te, Fallon. Meu Deus, amo-te tanto. Por favor, não vás. Por favor.

E é então que tudo em mim se transforma de uma ponta à outra. Já não estou assustada.

Estou irritada.

Furiosa.

Porque ouvir aquelas palavras saírem-lhe da boca faz-me refletir sobre a diferença entre ouvi-las agora e ouvi-las uma hora antes. Como se atreveu a mentir-me. Usar-me em nome de um livro. Fazer-me acreditar que viu o meu Eu verdadeiro e não as cicatrizes.

As cicatrizes pelas quais é responsável.

— Benton James Kessler. Tu *não* me amas. Nunca mais digas essa palavra. Nem para mim, nem para ninguém. Essa palavra é uma vergonha quando sai da tua boca.

Ele abre mais os olhos e cai para trás quando o empurro. Não lhe dou tempo para cuspir mais mentiras e falsas desculpas.

Fecho a porta com força e atrapalho-me com a correia da bolsa, colocando-a sobre o ombro. Os meus pés descalços encontram o passeio e eu corro rumo ao táxi que vejo a encostar. Ouço-o chamar o meu nome.

Não.

Não vou ouvir. Não lhe devo nada.

Abro a porta do táxi e entro. Digo ao taxista a minha morada, mas quando a coloca no GPS, o Ben já chegou junto ao táxi. Antes de me aperceber que a janela está aberta, mete a mão no interior e cobre o botão de abrir e fechar. Tem o olhar suplicante.

— Toma — diz ele, atirando-me as páginas. Caem-me no colo, algumas deslizam para o chão.

— Se não me deixas explicar, então lê. Tudo. Por favor, só...

Pego num punhado de folhas do meu colo e atiro-as para o lugar do lado. Pego nas que me restam no colo e tento atirá-las pela janela, mas ele apanha-as e volta a atirá-las para dentro do táxi.

Fecho a janela quando o ouço murmurar algo baixinho.

— Por favor, não me odeies.

Mas temo que seja tarde demais.

Digo ao taxista para partir, e quando me encontro a uma distância segura do estacionamento, o táxi para antes de virar para a estrada. Olho de novo para ele. Está de pé junto à porta do apartamento, com as mãos a segurar a nuca. Vê-me partir. Pego no máximo de páginas que consigo do manuscrito e atiro-as pela janela. Antes de o táxi partir enfim, viro-me mesmo a tempo de o ver cair de joelhos no passeio em jeito de derrota.

Demorei quatro anos a apaixonar-me por ele.

Apenas precisei de quatro páginas para deixar de o amar.

sexto

9 de novembro

Fado.

Uma palavra que significa destino.

Fado.

Uma palavra que significa fatalidade.

— BENTON JAMES KESSLER

Fallon

Acabei de viver o minuto mais longo da minha vida.

Sentada no sofá, observando os ponteiros do relógio moverem-se a passo de caracol enquanto muda a data de 8 para 9 de novembro.

Embora não fizesse som quando o segundo ponteiro chegou à meia-noite, o meu corpo inteiro estremeceu como se cada badalo de todos os relógios em todas as paredes de todas as casas acabasse de tocar na minha cabeça.

O meu telefone vibra a dez segundos da meia-noite. É uma mensagem da Amber.

É apenas uma data no calendário como qualquer outra. Amo-te, mas a minha oferta ainda está de pé. Se quiseres passar o dia comigo, envia mensagem.

Também reparei numa mensagem perdida da minha mãe que recebi há duas horas.

Amanhã levo-te pequeno-almoço. Eu entro em casa quando aí chegar, por isso não vale a pena pões despertador.

Merda.

Não quero mesmo companhia quando acordar. Nem da Amber, nem da minha mãe, nem de ninguém. Ao menos sei que o meu pai não se lembrará do aniversário. É um aspeto positivo da nossa relação esporádica.

Carrego no botão na parte lateral do telemóvel para o bloquear, e depois volto a envolver os joelhos com os braços. Estou sentada no sofá, vestida com uns pijamas que só planeio despir no dia 10 de novembro. Não saio desta casa nas próximas 24 horas. Não vou falar com ninguém. Quer dizer, exceto a minha mãe quando trazer o pequeno-almoço, mas depois disso tiro folga do mundo.

Decidi, depois daquilo por que passei com o Ben no último ano, que esta data está amaldiçoada. Daqui em diante, por mais velha e casada que esteja, nunca mais sairei de casa no dia 9 de novembro.

Também reservei o dia para ser o único em que penso no incêndio. Em que penso no Ben. Em que penso em todas as coisas que desperdicei com ele. Ninguém merece tanta mágoa. Não há desculpa suficientemente boa que justifique o que me fez.

E é por isso que quando deixei o meu apartamento no ano passado

fui direitinha à esquadra da polícia e requeri uma providência cautelar contra ele.

Já passou exatamente um ano e nunca mais tive notícias dele desde aquela noite.

Nunca contei a ninguém o que aconteceu. Nem ao meu pai, nem à Amber, nem à minha mãe. Não porque não quisesse metê-lo em apuros, pois acredito que merece pagar pelo que fez.

Mas porque fiquei envergonhada.

Confiei naquele homem. Amei-o. Acreditei, do fundo do coração, que a ligação entre nós era rara e real e que éramos uns dos poucos sortudos que encontram aquele amor.

Ter descoberto que mentiu durante a relação é algo que ainda estou a assimilar. Todos os dias acordo e obrigo-me a afastar da cabeça os pensamentos sobre ele. Segui a minha vida como se o Benton James Kessler nunca nela tivesse entrado. Por vezes funciona, outras não. A maioria das vezes não funciona.

Pensei em consultar uma psicóloga. Pensei em contar à minha mãe sobre ele e da sua responsabilidade no incêndio. Cheguei até a pensar falar com o meu pai sobre ele. Mas é difícil trazê-lo à baila quando a maior parte do tempo tento fingir que nunca existiu.

Digo várias vezes para mim própria que as coisas vão ficar mais fáceis. Que um dia conhecerei alguém que será capaz de me fazer esquecer o Ben, mas até agora nem consigo confiar em alguém o suficiente para namoriscar.

Uma coisa é viver questões de confiança com homens por causa de infidelidade. Mas o Ben mentiu tanto que já nem sei o que era verdade, o que era mentira e o que era fabricado naquele livro. A única coisa que sei ao certo é que foi de alguma maneira responsável pelo incêndio que quase me roubou a vida. E não me interessa se foi intencional ou acidental, não é isso que me enfurece mais.

Sinto-me mais de rastos quando penso nas vezes em que fez as minhas cicatrizes parecerem bonitas, nunca admitindo que era ele o responsável por elas.

Nenhuma desculpa alguma vez justificará aquelas mentiras. Por conseguinte, nem vale a pena ouvi-las.

Na verdade, nem vale a pena permitir-me pensar nisso ainda mais do que já pensei. Devia era ir para a cama. Porventura, por algum milagre, dormirei a maior parte do dia de amanhã.

Alcanço e desligo o candeeiro ao lado do sofá. Quando me dirijo à casa de banho, alguém bate à porta.

Amber.

Ela portou-se bem em só ter mencionado a data de hoje até ontem. Fingiu que queria cá dormir umas horas atrás, mas eu rejeitei. Sei que não quer que fique sozinha esta noite, mas é muito mais fácil

lamentar-me sem ninguém a fazer juízos de valor.

Destranco a porta do apartamento e abro-a.

Não está ninguém.

Arrepiam-se-me os braços. A Amber não faria uma coisa destas. Não acharia cómico pregar uma partida a uma hora destas a uma rapariga que vive sozinha.

Volto de imediato para dentro de casa para fechar bem a porta, mas mesmo antes de a fechar, olho para o chão e vejo uma caixa de cartão. Não tem embrulho, mas tem um envelope por cima com o meu nome.

Olho à volta, mas não está ninguém. Porém, há um carro que se afasta, e gostava que não tivesse tão escuro para poder reconhecer o veículo.

Volto a olhar para o pacote, pegando nele e voltando para dentro, fechando a porta.

Parece uma daquelas caixas de cartão que as lojas usam para empacotar camisolas, mas o conteúdo é muito mais pesado. Ponho-a na bancada da cozinha e tiro o envelope de cima.

Não está selado. A aba está apenas enfiada na parte de trás do envelope, pelo que tiro o papel e desdobro-o.

Fallon,

Passei a maior parte da minha vida a preparar-me para escrever algo tão importante quanto esta carta. No entanto, pela primeira vez, não sinto que a língua inglesa tenha desenvolvido letras suficientes no alfabeto para expressar adequadamente as palavras que te quero dizer.

No ano passado, quando partiste, partiste com a minha alma nas mãos e o meu coração nos dentes, e soube logo que nunca mais os recuperaria. Podes ficar com eles, já não preciso mais deles.

Não escrevo esta carta na esperança de que me perdoes. Mereces melhor. Sempre mereceste. Nada do que possa dizer tornaria os meus pés dignos de caminhar pelo mesmo chão que tu pisas. Nada do que possa fazer tornaria o meu coração digno de partilhar um amor com o teu.

Não peço que me procures. Apenas peço que leias as palavras das páginas que se encontram na caixa na esperança de que te permita, e talvez até a mim, afastares-te disto com o mínimo de dano possível.

Podes não acreditar em mim, mas tudo o que quero é que sejas feliz. É tudo o que sempre desejei. E farei tudo para que isso aconteça, mesmo que isso signifique ajudar-te a esquecer-me.

As palavras que estás prestes a ler nunca foram lidas por ninguém além de ti, e nunca serão lidas por ninguém além de ti. É a única cópia. Quando acabares, podes fazer o que quiseses com ela. E sei que não me deves nada, mas não peço que leias o manuscrito por mim. Quero que o leias por ti. Quando se ama alguém, deve-se ajudar a que ele seja a melhor versão dele próprio. E por mais que me doa admiti-lo, a tua melhor versão não tem espaço para mim.

Ben

Coloco as páginas cuidadosamente na mesa junto à caixa.

Levo uma mão à cara, à procura de lágrimas, pois nem consigo acreditar que não as haja. Pensei, com toda a certeza, que se voltasse a ter notícias dele ficaria destroçada emocionalmente.

Mas não estou. Não tenho as mãos a tremer. Não me dói o coração.

Levo os dedos à garganta para ver se tenho pulso. Porque decerto que não passei tanto tempo do último ano a construir um muro emocional tão alto que até as palavras que acabei de ler não o conseguem penetrar.

Mas temo que seja exatamente isso que aconteceu. Não só o Ben nunca conseguirá derrubar o muro, como temo que me forçou a construí-lo tão grosso e alto que me esconderei atrás dele para sempre.

No entanto, numa coisa ele tem razão. Não lhe devo nada.

Vou para o quarto e entro na cama, deixando todas as páginas por ler sobre a bancada da cozinha.

* * *

São 11h15.

Semicerro os olhos, o que significa que o sol já nasceu. O que significa que são 11h15 da manhã.

Levo a mão à cara e cubro os olhos. Espero alguns segundos e depois pego no telemóvel.

É 9 de novembro.

Merda.

Quer dizer, não é surpresa nenhuma que não tenha dormido 24 horas seguidas, por isso não sei o que me chateia. Sobretudo tendo em conta as 11 horas de sono que *realmente* dormi. Não tenho a certeza se alguma vez dormi tanto desde a adolescência. E não dormi assim tanto neste aniversário. Nem sequer costumo dormir.

Estou ao meio do quarto e penso em como passar o dia. Por detrás da porta número um encontra-se a casa de banho, a minha escova de dentes e o chuveiro.

Por detrás da porta número dois está um sofá, uma televisão e um

frigorífico.

Escolho a porta número dois.

Quando a abro, desejo logo ter aberto a porta número um.

A minha mãe está sentada no sofá.

Merda. Esqueci-me de que vinha trazer o pequeno-almoço. Agora vai pensar que não faço mais nada além de dormir o dia inteiro.

— Olá — digo-lhe ao sair do quarto. Ela olha para mim, e fico de imediato confusa com a expressão do seu rosto.

Ela chora.

A primeira coisa que penso é o que terá acontecido e quem é o responsável? O meu pai? A minha avó? Primos? Tias? Tios? *Boddle*, o cão da minha mãe?

— O que se passa? — pergunto-lhe.

Mas depois olho para o seu colo e percebo que *tudo* está mal. Está a ler o manuscrito.

O manuscrito do Ben.

A nossa história.

Desde quando é que começou a invadir a privacidade dos outros? Aponto para o manuscrito e atiro-lhe um olhar ofendido.

— O que estás a fazer?

Ela pega num lenço e limpa os olhos.

— Peço desculpa — diz ela, fungando. — Vi a carta. E eu nunca leria as tuas coisas pessoais, mas estava aberta quando cheguei de manhã com o pequeno-almoço e eu só... peço desculpa. Mas depois — Ela pega numas páginas do manuscrito e agita-as de um lado para o outro — li a primeira página e tenho estado aqui sentada há quatro horas e não consegui parar.

Está a lê-lo há quatro horas?

Aproximo-me dela e tiro-lhe os papéis do colo.

— Já leste quanto? — Levo o manuscrito para a cozinha. — E porquê? Não tens nada que o ler, mãe. Pelo amor de Deus, nem acredito que tenhas feito isso.

Volto a tapar a caixa de cartão e levo-a para o lixo. Piso a alavanca para abrir a tampa do caixote, e a minha mãe anda mais depressa do que alguma vez a vi andar.

— Fallon, não te atrevas a deitar isso fora! — diz ela. Ela tira-me a caixa das mãos e abraça-a sobre o peito. — Porque é que farias uma coisa dessas? — Coloca a caixa sobre a bancada, acariciando o topo como se se tratasse de um bem valiosíssimo que acabei de estragar.

Não percebo os motivos pelos quais reage assim a algo que a devia enfurecer.

Ela respira depressa e depois olha-me firmemente nos olhos.

— Queriduxa — diz ela. — Alguma coisa disto é verdade? Estas coisas aconteceram realmente?

Nem sei o que lhe dizer, pois não faço ideia a que «coisas» se refere. Encolho os ombros.

— Não sei. Ainda não li nada — Passo por ela e caminho para o sofá. — Mas se te referes ao Benton James Kessler e ao facto de que me deixou apaixonar-me por completo por uma versão ficcionada dele próprio, então sim. Aconteceu — Levanto uma das almofadas do sofá à procura do comando. — E se te referes ao facto de que descobri que ele foi de alguma maneira responsável pelo incêndio que quase me tirou a vida, falhando em apontar esse pormenor quando me apaixonava por ele, então sim, isso também aconteceu.

Encontro enfim o comando da televisão.

Sento-me no sofá e cruzo as pernas, preparando-me para uma empreitada de 12 horas de televisão real. Agora seria o momento perfeito para a minha mãe se ir embora, mas, ao invés disso, senta-se junto a mim no sofá.

— Ainda não leste nada disto? — pergunta, colocando a caixa sobre a mesa de centro à nossa frente.

— Li o prólogo no ano passado. Não consegui mais.

Sinto a sua mão quente cobrir a minha. Viro lentamente a cabeça para descobrir que me olha com um sorriso carinhoso.

— Minha querida...

A minha cabeça cai nas costas do sofá.

— Os teus conselhos podem, por favor, esperar até amanhã?

Ela suspira.

— Fallon, olha para mim.

É o que eu faço, porque é minha mãe e eu amo-a e, por algum motivo, apesar de já ter 23 anos, ainda faço o que me diz para fazer.

Ela leva uma mão à minha cara e enfia-me o cabelo por trás da orelha. O seu polegar acaricia-me as cicatrizes do rosto, e eu contraio-me, porque é a primeira vez que toca nelas de propósito. Além do Ben, nunca deixei que alguém tocasse nelas.

— Amava-lo? — pergunta.

Não faço nada durante alguns segundos. A minha garganta parece estar a arder, pelo que, em vez de dizer que sim, aceno com a cabeça.

A boca dela contrai-se e ela pisca os olhos duas vezes, como se tentasse não chorar. Ainda me acaricia a cara com o polegar. Os olhos dela desviam-se dos meus e desloca o olhar das cicatrizes para o pescoço.

— Não vou fingir que sei aquilo por que passaste. Mas depois de ler aquelas páginas, posso garantir-te que não foste a única pessoa a ficar com cicatrizes por causa daquele incêndio. Só porque escolheu não te mostrar as suas cicatrizes, não significa que não existam. — Pega na caixa e põe-na no meu colo. — Aqui estão. Ele revelou-te as suas cicatrizes, e tens de lhe mostrar o respeito que te mostrou ao não

se afastar delas.

A primeira lágrima do dia escapa-se dos meus olhos. Já devia saber que não conseguiria evitar não chorar no dia de hoje.

Ela levanta-se e pega nas suas coisas. Deixa o meu apartamento sem dizer mais uma palavra.

Abro a caixa, pois é minha mãe e eu amo-a, e porque, mais uma vez, apesar de já ter 23 anos, ainda faço o que me diz para fazer.

Folheei o prólogo que li no ano passado. Nada mudou. Salto para o primeiro capítulo e começo do princípio.

Romance do Ben — PRIMEIRO CAPÍTULO

9 de Novembro

Dezasseis Anos

«É no sol que irrompem até que o sol se extinga, e a morte perderá o seu domínio1.»

— DYLAN THOMAS

A maioria das pessoas não conhece o som da morte.

Eu conheço.

A morta soa à ausência de passos no corredor. Soa a um duche matinal que não é tomado. A morte soa à falta de voz que devia gritar o meu nome da cozinha, dizendo-me para sair da cama. A morte soa à ausência do bater à minha porta que costuma chegar momentos antes do despertador tocar.

Algumas pessoas dizem que sentem isto nas profundezas da sua barriga quando pressentem que algo de mal está para acontecer.

Neste momento, não tenho essa sensação nas profundezas da minha barriga.

Tenho essa sensação no corpo inteiro, desde o cabelo aos braços, à pele, aos ossos. E a cada segundo que passa sem um único som a chegar do outro lado da porta do meu quarto, essa sensação fica mais pesada, entrando vagarosamente na minha alma.

Fico vários minutos deitado na cama, à espera de ouvir o fechar da despensa da cozinha ou a música que ela liga sempre na televisão da sala. Nada acontece, mesmo depois de tocar o despertador.

Estendo a mão para o desligar, os meus dedos tremem ao tentar recordar-me como calar a mesma porra de alarme que sempre calei com facilidade desde que o recebi no Natal há dois anos. Quando os guinchos terminam, obrigo-me a vestir-me. Pego no telemóvel sobre a cómoda, mas só tenho uma mensagem da Abitha.

Hoje tenho ensaio da claqué depois da escola. Vemo-nos às cinco?

Ponho o telemóvel no bolso, mas depois volto a tirá-lo e seguro-o nas mãos. Não me perguntem como sei, mas posso precisar dele. E o tempo necessário para o tirar do bolso pode ser tempo precioso desperdiçado.

O quarto dela é lá em baixo. Vou para lá e fico junto à porta. Tento ouvir, mas tudo o que ouço é silêncio. Tão alto quanto se pode ouvir o silêncio.

Engulo o medo alojado na minha garganta. Digo a mim próprio que me rirei disto daqui a alguns minutos. Depois de abrir a porta e descobrir que já

saiu para o trabalho. Podem tê-la chamado mais cedo e simplesmente não me quis acordar.

Gotas de suor começam a alinhar-se na minha testa. Limpo-as com a manga da camisola.

Levanto a mão e bato à porta, mas já tenho a mão na maçaneta antes de esperar pela resposta.

Mas não me pode responder. Quando abro a porta, não está cá.

Já se foi embora.

A única coisa que encontro é o seu corpo sem vida no chão do seu quarto, com sangue alagado em redor da cabeça.

Mas não está aqui.

Não. A minha mãe foi-se embora.

* * *

Passaram-se três horas desde que a encontrei até ao momento em que saíram da casa com o seu corpo. Tiveram muito que fazer, desde fotografar tudo no seu quarto, fora do quarto, na casa toda, a interrogarem-me e examinar os seus pertences à procura de provas.

Se pensarmos nisso, três horas não é muito tempo. Se pensassem que podia ter sido um ato criminoso, teriam vedado a casa. Ter-me-iam dito que precisava de encontrar outro sítio onde ficar enquanto conduziam a investigação. Teriam tratado o assunto com mais seriedade do que trataram.

Afinal de contas, quando se encontra uma mulher morta no chão do quarto com uma pistola na mão e uma carta de suicídio sobre a cama, três horas é tudo o que é preciso para determinar que é ela a culpada.

O Kyle demora três horas e meia a chegar da sua residência, pelo que estará cá daqui a meia hora.

Trinta minutos é muito tempo para sentar e olhar para as marcas de sangue no tapete. Se inclinar a cabeça para a esquerda, parece um hipopótamo de boca bem aberta, prestes a devorar a sua presa. Mas se inclinar a cabeça para a direita, parece a fotografia de rosto do Gary Busey.

Pergunto-me se se teria suicidado se soubesse que as marcas de sangue se assemelhavam ao Gary Busey?

Não passei muito tempo no quarto junto ao seu corpo. Apenas o tempo que demorei a marcar o 112 e para os primeiros chegarem, o que, apesar da sensação de eternidade, apenas terá demorado uns minutos. Mas nesses poucos minutos, aprendi mais sobre a minha mãe do que achava possível em tão curto espaço de tempo.

Estava de barriga para baixo quando a encontrei, e usava uma blusa de alças que revelava as últimas palavras de uma tatuagem que fez vários meses antes. Sabia que era uma citação sobre amor, mas é tudo o que sabia. Provavelmente do Dylan Thomas, mas nunca sequer lhe perguntei.

Puxei a borda da blusa para o lado para conseguir ler a citação completa.

Mesmo que os amantes se percam, continuará o amor2.

Levantei-me e afastei-me alguns passos do seu corpo, esperando que os arrepios passassem com a mesma velocidade com que chegaram. A citação nunca significou nada até agora. Quando fez a tatuagem, presumi que, só porque duas pessoas se deixam de amar, não quer dizer que o amor nunca tenha existido. Nunca me identifiquei com a tatuagem, mas agora esta parece que foi uma premonição. Como se a tivesse feito porque me queria

fazer ver que, embora tenha partido, o amor ficou.

E irrita-me que não tenha sabido identificar-me com aquelas palavras no seu corpo até o seu corpo não ser nada mais além de um corpo.

Depois reparo na tatuagem no seu pulso esquerdo, aquela que está lá desde antes de eu nascer. É a palavra *poético* escrita sobre uma pauta musical. Sei o significado desta porque me explicou há uns anos quando estávamos só os dois no carro a falar. Falávamos de amor e eu perguntava-lhe como sabemos que estamos realmente apaixonados por alguém. De início, deu a resposta típica, «Simplesmente sabemos». Mas, quando olhou para mim e percebeu que a resposta não me satisfazia, a expressão do seu rosto tornou-se séria.

— Ah — disse ela —, desta vez perguntas a sério? Não como um miúdo curioso, mas como alguém que precisa de conselhos? Sendo assim, vou-te dar a resposta verdadeira.

Senti a minha cara corar, porque não queria que soubesse que eu achava que podia estar apaixonado. Tinha apenas 13 anos e aqueles sentimentos eram novidade para mim, mas tinha a certeza de que a Brynn Fellows seria a minha primeira namorada verdadeira.

A minha mãe voltou a olhar para a estrada e eu vi um sorriso abrir-se na sua cara.

— Quando digo que simplesmente sabemos, é porque é isso que acontece. Nem questionamos. Não nos perguntamos se o que sentimos é, de facto, amor, pois quando é, ficamos absolutamente assustados. Quando isso acontece, as nossas prioridades alteram-se. Deixamos de pensar em nós e na nossa felicidade. Apenas pensamos naquela pessoa, que faríamos qualquer coisa para a ver feliz. Mesmo que isso implique afastarmo-nos dela e sacrificarmos a nossa própria felicidade pela dela.

Olhou-me de soslaio.

— É isso o amor, Ben. Amor é sacrifício — Tocou na tatuagem do pulso esquerdo. A tatuagem que já lá estava desde antes de eu nascer. — Fiz esta tatuagem no dia em que senti esse tipo de amor pelo teu pai. Escolhi-a porque se naquele dia tivesse de descrever o amor, diria que eram as minhas duas coisas favoritas reunidas e amplificadas. Como o meu verso favorito misturado na letra da minha canção preferida. — Olhou de novo para mim, com muita seriedade. — Saberás, Ben. Quando estiveres disposto a largar aquilo que mais significa para ti só para ver o outro feliz, é isso o amor verdadeiro.

Olhei um bocado para a tatuagem, perguntando-me se algum dia amaria assim alguém. Não sabia ao certo se queria largar as coisas que mais amava se isso significasse que não receberia nada em troca. Pensava que a Brynn Fellows era linda, mas não tinha a certeza se lhe daria o meu almoço se tivesse muita fome. Decerto que não faria uma tatuagem por causa dela.

— Então é porque é que fizeste a tatuagem? — perguntei-lhe. — Para que o pai soubesse que o amavas?

Ela abana a cabeça.

— Não a fiz nem pelo teu pai, nem por causa dele. Fi-la sobretudo por mim, pois sabia com toda a certeza que aprendera a amar com altruísmo. Foi a primeira vez que quis mais a felicidade de outra pessoa do que a minha. E uma mistura das minhas duas coisas preferidas foi a única maneira de que me lembrei para descrever o sentimento desse género de amor. Queria lembrá-lo para sempre, caso nunca mais o voltasse a sentir.

Não cheguei a ler a carta de suicídio que deixou, mas tinha curiosidade

em saber se mudou de ideias em relação ao amor altruísta. Ou se talvez amasse o meu pai com altruísmo, mas nunca os próprios filhos. Pois o suicídio é o ato mais egoísta que alguém pode realizar.

Depois de a encontrar, procurei certificar-me de que estava mesmo morta e telefonei para o 112. Tive de ficar ao telefone com o operador até chegar a polícia, pelo que não tive oportunidade de procurar uma carta de suicídio. A polícia encontrou-a e pegou nela com uma pinça, colocando-a num saco de plástico. Depois de o fecharem como prova, não tive coragem de lhes perguntar se a podia ler.

Um dos meus vizinhos, o Sr. Mitchell, estava cá quando se foram embora. Disse a um polícia que tomaria conta de mim até os meus irmãos chegarem, pelo que fiquei ao seu cuidado. No entanto, assim que se foram embora, disse-lhe que ficava bem e que precisava de fazer uns telefonemas a familiares. Disse-me que, de qualquer forma, precisava de ir aos Correios e que voltaria mais tarde para ver se estava tudo bem comigo.

Era como se tivesse morrido o meu cãozinho e ele me dissesse que ia ficar tudo bem, que depois podia arranjar um novo.

Arranjaria um Yorkshire Terrier, pois é esse o aspeto das marcas de sangue se cobrir o olho direito e semicerrá-lo.

Não sei porque não estou em choque. Será por isso que não choro?

A minha mãe ficaria furiosa por eu não estar agora a chorar. Tenho a certeza de que a atenção terá desempenhado o seu pequeno papel na sua decisão. Ela adorava atenção, e não num sentido negativo. É apenas um facto. E não sei se estarei a dar à sua morte a atenção devida, pois ainda nem estou a chorar.

Penso que esteja sobretudo confuso. Ela pareceu-me feliz durante a maior parte da minha vida. Claro que houve dias de tristeza. Relações que foram por água abaixo. A minha mãe adorava amar, e até ao momento em que rebentou com a sua cara, era uma mulher atraente. Assim pensavam muitos homens.

Mas a minha mãe era também inteligente. E embora uma relação que achava prometedora tivesse acabado há uns dias, não parecia o tipo de pessoa que tiraria a sua própria vida para provar a um homem que devia ter ficado com ela. E nunca amou um homem o suficiente para sentir que não conseguia viver sem ele. Seja como for, esse género de amor não é verdadeiro. Se há pais que sobrevivem à perda dos filhos, então homens e mulheres conseguem facilmente viver com o fim de uma relação.

Passaram 15 minutos desde que comeci a pensar nos motivos pelos quais faria uma coisa destas, e estou tão longe da resposta quanto antes.

Decidi investigar. Sinto-me um pouco culpado, porque é minha mãe e merece a sua privacidade. Mas se uma pessoa tem tempo de escrever uma carta de suicídio, decerto tem tempo de destruir coisas que nunca quereria que os filhos descobrissem. Passei a meia hora seguinte (porque é que o Kyle ainda não chegou?) a vasculhar os seus pertences.

Verifico o telemóvel e o correio eletrónico. Lidos vários e-mails e mensagens escritas, estou convencido que sei exatamente as razões que a levaram a matar-se.

O nome dele é Donovan O'Neil.

2 Tradução de Fernando Guimarães (in *A Mão ao Assinar Este Papel*, Assírio & Alvim, 1998, Lisboa). [*N. do T.*]

Fallon

Deixo cair a página com o nome do meu pai. Esvoaça até ao chão com algumas das outras páginas que acabei de ler.

Tiro o manuscrito do colo e levanto-me depressa. Apresso-me a chegar ao quarto e escolho a porta número um. Tomo um duche, esperando acalmar-me o suficiente para continuar a ler, mas choro o tempo todo. Ninguém de 16 anos devia passar por aquilo que o Ben passou, mas continua a não responder a todas as perguntas que tenho sobre como é que isto se relaciona comigo. Mas agora que sei que o meu pai esteve, até certo ponto, envolvido na morte da mãe do Ben, sinto que estou perto. Não tenho a certeza se quero continuar a ler, mas, agora que comecei, não consigo parar. Apesar de me sentir maldisposta, e as minhas mãos tremerem há 15 minutos seguidos, e estar demasiado assustada para ler o que tem o meu pai que ver com isto tudo, obrigo-me a avançar.

Só passado uma hora é que ganho coragem para regressar ao manuscrito. Volto a sentar-me no sofá e retomo a história onde a deixei.

Romance do Ben — SEGUNDO CAPÍTULO

Dezasseis Anos

«Quando queimamos uma das nossas pontes, que fogo agradável se manifesta.»

— DYLAN THOMAS

O Kyle chegou enfim a casa. Assim como o Ian. Sentamo-nos à mesa da cozinha e falamos de tudo exceto os motivos pelos quais a nossa mãe odiava mais a sua vida do que nos amava. O Kyle diz-me que hoje fui valente. Trata-me como se ainda tivesse 12 anos, ainda que tenha sido o homem da casa desde que ela se foi embora há seis meses.

O Ian telefona a uma daquelas empresas que prestam serviços de limpeza depois de uma morte. Um dos polícias deve ter deixado o cartão de visita na bancada, sabendo que íamos precisar. Nem sabia que existiam, mas o Ian falou de um filme que viu há uns anos, intitulado *Serviços de Limpeza*, sobre duas mulheres que o faziam para ganhar a vida.

A empresa envia dois homens. Um homem que não fala inglês e um que não fala nada. Ele anota tudo num bloco que guarda no bolso da frente.

Quando acabam o serviço, encontram-me na cozinha e entregam-me uma nota.

Não entrem no quarto durante pelo menos quatro horas para que a alcatifa seque. O preço total é de 200 dólares.

Encontro o Kyle na sala.

— Custa 200 dólares.

Ambos procuramos o Ian, mas não o encontramos. O carro não está cá e é o único com esse dinheiro. Encontro a bolsa da minha mãe na bancada da cozinha.

— Tem dinheiro suficiente na carteira. Achas que não há problema se o usarmos?

O Kyle tira-me o dinheiro da mão e sai da cozinha para pagar aos tipos.

O Ian regressa ao fim da tarde. Ele e o Kyle discutem se ele nos informou ou não de que ia à esquadra, pois o Kyle não se lembra de o Ian sair e o Ian diz que o Kyle apenas não estava a prestar atenção.

Seja como for, ninguém pergunta porque foi à esquadra. Penso que talvez quisesse ler a carta de suicídio, mas não lhe pergunto. Depois de ler o quão apaixonada estava por aquele tal de Donovan, a última coisa que quero ler é como não conseguia viver sem ele. Irrita-me que a minha mãe tivesse deixado que o fim de uma relação com um homem a devastasse mais do que a ideia de não voltar a ver os filhos. Nem devia ser uma escolha.

Quase consigo imaginar como se desenrolou a decisão. Imagino-a sentada na cama na noite anterior, chorando por aquele cretino ridículo. Imagino-a a segurar uma fotografia dele na mão direita e uma fotografia comigo, o Kyle e o Ian na esquerda. Olha para uma e para outra, concentrando-se no Donovan. *Acabo já com a minha vida para não viver mais um dia sem este homem?* E depois olha para a nossa fotografia. *Ou acabo com esta dor e passo o resto da minha vida com este três homens que são gratos por me terem como mãe deles?*

O que não consigo imaginar é o que a terá motivado a escolher a fotografia na mão direita em detrimento da fotografia na mão esquerda.

Sei que, se não vir com os meus próprios olhos o que era tão especial em relação àquele homem, isso me vai consumir. Uma mastigação lenta e dolorosa que me atacará os ossos até me sentir tão inútil quanto ela se sentiu quando meteu a ponta da pistola sobre os lábios.

Espero algumas horas até o Kyle e o Ian irem para os seus quartos e depois entro no quarto dela. Pesquiso por todas as coisas que li antes, as mensagens de amor, as discussões, a prova de que a relação deles era tão tumultuosa como um furacão. Quando localizo enfim algo com informações suficientes sobre ele para procurar a sua morada no *Google*, saio de casa.

Sinto-me estranho a levar o carro dela. Acabei de fazer 16 anos há quatro meses. Ela andava a juntar dinheiro para me ajudar a comprar o meu primeiro carro, mas ainda não tínhamos chegado aí, pelo que usava o dela quando estava disponível.

É um bom carro. Um Cadillac. Por vezes perguntava-me porque é que não o vendeu para poder comprar dois carros mais baratos, mas esse pensamento deixava-me com remorsos. Era um miúdo de 16 anos e ela era uma mãe solteira que trabalhara no duro para chegar onde chegou na carreira. Não era justo pensar que merecíamos as mesmas coisas.

Já passa das 10 da noite quando chego ao bairro do Donovan. É um bairro bem mais agradável do que aquele onde vivemos. Não que o nosso bairro não seja agradável, mas este tem um portão de entrada. Não dá muita privacidade, pois o portão está aberto. Penso se devo ou não voltar para trás, mas depois lembro-me daquilo que vim fazer, que não é nada de ilegal. Tudo o que faço é estudar a casa do homem responsável pelo suicídio da minha mãe.

De início, é difícil ver as casas. Há caminhos muito longos com muito

espaço entre as frações. Mas quanto mais avanço, mais escassas ficam as árvores. Quando me aproximo da morada, sinto o batimento cardíaco nos ouvidos. Sinto-me ridículo por estar tão nervoso por ver uma casa, mas a minha mão escorrega no volante devido ao suor na palma das minhas mãos.

Quando chego por fim à casa, não me deixo impressionar. É como todas as outras. Telhados inclinados e pontiagudos. Uma garagem de dois lugares. Relvados bem cuidados e caixas de correio envoltas em pedra que combina com as casas.

Esperava mais do Donovan.

Estou impressionado com a minha valentia quando passo pela casa, dou meia-volta, e estaciono o carro umas casas abaixo para que possa olhar para ela. Desligo o motor e depois desligo as luzes manualmente.

Será que ele sabe?

Não sei como poderá saber, a não ser que tenham amigos em comum.

É provável que saiba. Tenho a certeza de que a minha mãe tinha vários amigos e colegas e um lado da sua personalidade que nunca conheci.

Pergunto-me se terá chorado quando soube a notícia. Pergunto-me se terá remorsos. Pergunto-me se, caso tivesse a oportunidade de voltar atrás e sarar-lhe o coração, o faria.

E agora sussurro a «Unbreak my Heart» da Toni Braxton. Merda para ti, Donovan O'Neil.

O meu telemóvel vibra no assento. É uma mensagem do Kyle.

Kyle: Onde estás?

Eu: Tive de ir à loja.

Kyle: Já é tarde. Volta assim que puderes. Temos de estar na casa funerária às 9 da manhã.

Eu: Mas és minha mãe, ou quê?

Espero que responda com algo como *cedo demais, meu*. Mas não o faz. Olho mais um bocado para o telemóvel, esperando que responda. Não sei porque enviei aquela mensagem. Agora sinto-me mal. Devia haver um botão de «desenviar».

Espetáculo. Agora canto as palavras *desenvia a minha mensagem* com a melodia da «Unbreak my Heart» da Toni Braxton.

Vai-te lixar, Toni Braxton.

Afundo-me no assento quando reparo em luzes a virem na minha direção. Afundo-me mais quando vejo que estacionam junto à casa do Donovan.

Paro de cantarolar e mordo o interior da bochecha enquanto espero que ele saia do carro. Detesto que esteja tão escuro. Quero ver, ao menos, se é bonito. Não que o seu nível de beleza pudesse ter desempenhado o seu papel na decisão da minha mãe de deixar este mundo.

Uma das portas de garagem abre-se. Quando ele entra, a outra também começa a abrir-se. Lâmpadas fluorescentes irradiam sobre ambos os veículos na garagem. Ele desliga o motor do Audi e depois sai do carro.

Ele é alto.

É tudo. É a única coisa que percebo a esta distância. Pode ter cabelo castanho-escuro, mas nem disso tenho a certeza.

Ele tira outro carro da garagem. É algum tipo de carro clássico, mas não percebo nada de carros. É vermelho e lustroso e, quando sai dele, levanta o capô.

Nos minutos seguintes, observo-o a remexer debaixo do capô. Faço todo o tipo de observações sobre ele. Sei que não gosto dele, é um dado adquirido. Sei também que é provável que não seja casado. Ambos os carros

parecem veículos masculinos e não há espaço na garagem para outro carro, pelo que deve viver sozinho.

É mais do que provável que seja divorciado. Deduzo que a minha mãe gostasse do encanto deste bairro e da perspectiva de irmos viver com ele para que eu pudesse ter uma figura paternal na vida. É provável que tivesse a vida deles pensada e esperasse que ele a propusesse em casamento, quando, em vez disso, rompeu com ela.

Ele passa os minutos seguintes a lavar e polir o carro, o que considero estranho visto ser tão tarde. Talvez esteja sempre fora durante o dia. Deve ser irritante para os vizinhos, ainda que as casas vizinhas estejam separadas a distância suficiente para que ninguém repare no que se passa na casa ao lado.

Vai buscar uma lata de gasolina à garagem e enche o carro de combustível. Pergunto-me se é uma gasolina especial, na medida em que não deposita numa gasolinera.

Pousa a lata de gasolina à pressa junto ao carro, e depois pega no telemóvel. Olha para o ecrã e leva o telemóvel ao ouvido.

Não sei com quem está a falar. Pergunto-me se será outra mulher, se é esse o motivo pelo qual deixou a minha mãe.

Mas depois percebo, no modo como segura leva a mão à cabeça. Na forma como descai os ombros e na maneira como abana a cabeça. Começa a andar de um lado para o outro, preocupado, transtornado.

Quem quer que esteja do outro lado da linha acabou de lhe contar que a minha mãe morreu.

Seguro o volante e debruço-me para a frente, assimilando todos os seus movimentos. Será que vai chorar? Ela era digna de o fazer cair de joelhos? Serei capaz de o ouvir a gritar angustiado a esta distância?

Ele encosta-se ao seu precioso carro e desliga a chamada. Olha 17 segundos para o ecrã. Sim, contei.

Volta a enfiar o telemóvel no bolso e em seguida, numa exibição gloriosa de mágoa, dá um murro no ar.

Não esmurres o ar, Donovan. Esmurra o teu carro, vais sentir-te muito melhor.

Pega no trapo que usou para secar o carro e atira-o ao chão.

Não, Donovan, o trapo não. Dá um murro no teu carro. Mostra-me que a amavas mais do que amas o teu carro e então talvez não venha a odiar-te tanto.

Ele recua o pé e dá um pontapé na lata de gasolina, fazendo-a voar vários metros pelo relvado.

Dá um murro na porcaria do teu carro, Donovan. Ela pode estar a observar-te neste preciso momento. Mostra-lhe que estás tão destroçado que já nem te importas com a tua própria vida.

O Donovan desilude-nos a ambos quando entra em casa de rompante, nunca sequer tocando no carro. Sinto-me mal pela minha mãe por ele não se ter passado da cabeça. Nem tenho a certeza se chorou, estava demasiado longe para ver.

Apagam-se as luzes fluorescentes na garagem.

As portas da garagem começam a baixar-se.

Ao menos está demasiado transtornado para pôr o carro lá dentro.

Observo a casa mais uns minutos, perguntando-me se voltará a sair. Como não o faz, começo a ficar impaciente. Uma grande parte de mim quer ir-se embora e não voltar mais a pensar neste homem, mas uma pequena parte fica cada vez mais curiosa a cada segundo que aqui passo.

Mas o que tem de especial aquele maldito carro?

Quem quer que recebesse uma notícia tão devastadora como ele recebeu, queria pontapear a primeira coisa que lhe aparecesse à frente. Qualquer homem normal apaixonado teria esmurrado o capô do carro. Ou, dependendo de quanto se amasse a mulher, até esmurraria o limpa-para-brisas. Mas este cretino pega num trapo e atira-o ao chão. Escolheu canalizar a fúria num velho e leve trapo.

Devia ter vergonha.

Eu devia ajudá-lo a afligir-se como deve ser.

Devia esmurrar-lhe o capô *por* ele. E embora saiba que nada de bom virá disto, já saí do carro e estou a meio caminho, antes de me convencer que não é boa ideia. Mas quando se trata de uma batalha entre a adrenalina e a consciência, a adrenalina vence sempre.

Chego ao carro e nem me preocupo em olhar em redor para ver se está alguém a ver. Sei que não há ninguém. Já passa das 11 da noite. Nem sequer deve haver alguém acordado nesta rua e, mesmo que houvesse, não me ia importar.

Pego no trapo e inspeciono-o, na esperança de que haja algo de especial em relação a ele. Não há, mas decido usá-lo para a abrir a porta do carro. Não quero deixar impressões digitais se riscar o carro por acidente.

O interior do automóvel é ainda mais bonito que o exterior. Em muito bom estado. Assentos de couro cor de cereja. Acabamentos com grão de madeira. Há um maço de cigarros e alguns fósforos no painel, e desilude-me que a minha mãe se apaixonasse por um fumador.

Volto a olhar para a casa e depois novamente para os fósforos. Mas quem é que ainda usa fósforos? Juro que não paro de encontrar mais razões para o odiar.

Volta para o carro, Ben. Já chega de excitação por hoje.

A adrenalina volta a vencer a minha consciência. Volto a olhar para a lata de gasolina.

E se...

O Donovan ficaria mais transtornado se eu pegasse fogo ao seu precioso carro do que pela morte da minha mãe?

Presumo que vamos descobrir em breve, pois a adrenalina leva-me a pegar na lata de gasolina e a verter o líquido sobre a roda e a parte lateral do carro. Ao menos a minha consciência está suficientemente alerta para saber que devo colocar a lata no sítio para onde a chutou. Acendo um, apenas um dos fósforos, e depois atiro-o com os dedos, tal como nos filmes, regressando logo ao meu carro.

O ar faz um som de combustão por trás de mim. A noite reluz como se alguém tivesse ligado as luzes de Natal.

Quando chego ao carro, estou a sorrir. É a primeira vez que sorrio hoje.

Ponho o carro em marcha e vou embora pacientemente, sentindo-me algo justificado pelo que fez a si própria. Pelo que me fez.

Por fim, pela primeira vez desde que encontrei o corpo dela esta manhã, cai-me uma lágrima do olho.

E depois outra.

E ainda outra.

Começo a chorar tanto, que se torna difícil ver a estrada diante de mim. Encosto junto a uma colina. Debruço-me sobre o volante e o choro transforma-se em soluços. Sinto tanto a sua falta. Nem sequer passou um dia e já sinto tanto a sua falta e não faço ideia dos motivos pelos quais me fez isto. Parece tão pessoal, e detesto que esteja a ser egoísta ao ponto de acreditar que teve alguma coisa que ver comigo, mas não teve? Vivia com

ela. Era a única pessoa que restava lá em casa. Sabia que seria eu a encontrá-la. Sabia o que isto me faria e, não obstante, fê-lo, e nunca amei ninguém que odeio tanto, e nunca odiei ninguém que amo tanto.

Choro durante tanto tempo que me começam a doer os músculos da barriga. Dói-me os maxilares devido à tensão. Doem-me os ouvidos pelo retumbar das sirenes enquanto passam.

Olho pelo retrovisor e vejo o carro dos bombeiros a descer a encosta.

Vejo o brilho alaranjado contra o céu negro e é mais brilhante do que esperava.

As chamas estão bem mais altas do que deviam.

O meu coração bate mais forte do que eu queria.

Que fui eu fazer?

Que fiz eu?

As minhas mãos tremem tanto, que nem consigo ligar a ignição. Não consigo recuperar o fôlego. O meu pé escorrega no travão.

Que fiz eu?

Conduzo. Continuo a conduzir. Tento respirar, mas os meus pulmões parecem estar cheios de fumo denso e negro. Pego no telemóvel. Quero dizer ao Kyle que posso estar a viver um ataque de pânico, mas não consigo acalmar a mão tempo suficiente para digitar o número. O telemóvel escapa-se-me das mãos e aterra no chão do carro.

Só faltam 3 quilómetros. Eu consigo.

Conto até 17, exatamente 17, e depois já voltei à estrada.

Entro em casa aos tropeções, grato por o Kyle ainda estar acordado e na cozinha. Não tenho de tentar subir as escadas para o quarto dele.

Ele põe as mãos nos meus ombros e leva-me para uma cadeira. Espero que também entre em pânico quando vir a minha cara de olhos bem abertos e cheios de lágrimas, mas, em vez disso, vai-me buscar um copo com água. Fala-me com calma, mas não faço ideia do que diz. Diz-me para me concentrar nos seus olhos, nos seus olhos, nos seus olhos.

— Concentra-te nos meus olhos — diz ele. É o primeiro som que assimilo. — Respira, Ben.

A voz dele fica mais alta.

— Respira.

O meu pulso encontra gradualmente o seu ritmo.

— Respira.

Os meus pulmões começam a deixar entrar ar e eu expulso-o como é suposto.

Inspiro e expiro e bebo mais água e depois, quando já consigo falar, não quero nada mais além de contar este segredo antes que expluda.

— Fiz merda da grossa, Kyle — Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro. Sinto as lágrimas na minha cara e ouço o tremor na minha voz. Aperto a cabeça com as mãos. — Juro que não queria fazer, não sei por que razão o fiz.

O Kyle interrompe-me a meio do discurso. Agarra-me pelos ombros e inclina a cabeça, olhando-me fixamente nos olhos.

— O que fizeste, Ben?

Respiro fundo e expiro quando me afasto dele. E depois conto-lhe tudo. Conto-lhe como as marcas do sangue dela pareciam a cabeça do Gary Busey e que li todas as cartas que o Donovan lhe escreveu e como queria apenas ver por que razão gostava mais de um homem do que de nós e que ele não ficou furioso o suficiente quando descobriu que ela morrera e que eu não queria pegar fogo à casa dele, nem sequer queria pegar fogo ao *carro* dele,

não foi por isso que lá fui.

Agora estamos sentados. À mesa da cozinha. O Kyle ainda não disse muita coisa, mas o que me diz de seguida assusta-me mais do que qualquer outra coisa na minha vida inteira.

— Alguém ficou ferido, Ben?

Quero abanar a cabeça, mas não a consigo mexer. Não me sai a resposta, porque não sei. Claro que ninguém ficou ferido. O Donovan estava acordado, terá saído a tempo.

Certo?

Tento respirar quando vejo a preocupação nos olhos do Kyle. Ele sai logo da mesa e dirige-se à sala. Ouço a televisão ligar-se e, por um momento, vem-me à cabeça que será provavelmente a última vez que a televisão se voltará a ligar no canal Bravo, agora que a minha mãe não estará cá para o ver.

Depois ouço os canais a mudar várias vezes. Então ouço as palavras «incêndio» e «Hyacinth Court» e «um ferido».

Ferido. Talvez tenha tropeçado a sair da casa e cortado o dedo ou algo assim. Não é assim tão mau. De certeza que tinha seguro de casa.

— Ben.

Levanto-me para me juntar ao Kyle na sala. Decerto que me chama para me dizer que está tudo bem e que eu devia ir dormir.

Quando chego à porta da sala, os meus pés param de avançar. Está uma fotografia no canto superior direito do ecrã. Uma rapariga. Parece familiar, e não percebo logo quem seja, mas não é preciso porque o repórter fá-lo por mim.

— As últimas informações indicam que Fallon O'Neil, protagonista de 16 anos da série televisiva Gumshoe, foi transportada do local. Não há informações sobre o seu estado, mas manter-vos-emos atualizados assim que chegarem notícias.

O Kyle não me diz que vai ficar tudo bem.

Não diz nada de nada.

Estamos de pé em frente à televisão, assimilando as notícias que chegam entre os anúncios. Um pouco depois da uma da manhã, sabemos que a rapariga foi para uma unidade de queimados em South Bay. Passados dez minutos, vimos a saber que se encontra em estado crítico. Por volta da 1h30 da madrugada, sabemos que sofreu queimaduras em quarto grau em mais de 30 por cento do corpo. Às 1h45, sabemos que deve sobreviver, mas que será submetida a uma reconstrução cirúrgica e reabilitação intensivas. À 1h50, os repórteres afirmam que o proprietário admitiu ter vertido gasolina junto a um carro estacionado fora da garagem. Os inspetores afirmam que não têm motivos para acreditar que o incêndio foi intencional, mas seguir-se-á uma investigação completa para corroborar as afirmações do proprietário.

Um repórter sugere que a carreira da vítima poderá ficar indefinidamente em águas de bacalhau. Outro diz que os produtores terão uma grande decisão a tomar quando se tratar de voltar a fazer audições para o papel ou colocar as filmagens em espera enquanto a vítima recupera. As notícias transitam de atualizações sobre o estado da vítima a para quantos prêmios Emmy Donovan O'Neil foi nomeado durante o auge da sua carreira.

O Kyle desliga a televisão por volta das 2 da manhã. Pouso o comando com cuidado, em silêncio, no braço do sofá.

— Alguém testemunhou o que aconteceu? — pergunta, com o olhar fixo no meu, e eu abano a cabeça de imediato.

— Deixaste alguma coisa para trás? É possível que haja provas?

— Não — sussurro. Aclaro a garganta. — Ele tem razão. Ele pontapeou a lata de gasolina e depois entrou em casa. Depois disso, ninguém viu o que fiz.

O Kyle anui com a cabeça. Avança um passo.

— Então *ninguém* sabe que estiveste lá?

— Só tu.

Em seguida, encurta a distância entre nós. Acho que pode querer dar-me um murro. Não sei bem, mas a raiva no seu queixo indica que é possível. Não o culpo.

— Quero que me ouças com atenção, Ben — A sua voz é baixa e firme. Eu anuo. — Despe toda a roupa que tens vestida e mete-a na máquina de lavar. Vai tomar banho. E depois vai para a cama e esquece que isto aconteceu, está bem?

Volto a aquiescer. Não sei bem, mas é possível que vomite.

— Nunca deixarás o mínimo rasto que te ligue ao que aconteceu esta noite. Nunca procures essa gente na Internet. Nunca mais passes pela casa deles. Fica longe de tudo o que te ligue ao que aconteceu. E nunca, mas nunca, digas mais uma palavra sobre isto. Nem a mim, nem ao Ian, nem a ninguém. Estás a ouvir?

Estou mesmo a ficar maldisposto, mas ainda lhe consigo responder que sim.

Ele estuda-me o rosto durante um minuto, certificando-se de que pode confiar em mim. Não me atrevo a mexer-me. Quero que saiba que pode confiar em mim.

— Temos muito que fazer amanhã para preparar o funeral. Tenta dormir.

Não digo mais nada, pois vai-se embora, desligando as luzes pelo caminho.

Fico vários minutos no meio da escuridão. Em silêncio...quieto...sozinho.

Devia estar preocupado com a possibilidade de ser apanhado. Devia estar transtornado por, daqui em diante, vir a sentir sempre um sentimento de culpa sempre que o Kyle olhar para mim. Devia estar preocupado que esta noite, a par desta manhã e de ter encontrado a minha mãe, mexa comigo de alguma forma. Talvez venha a sofrer de Perturbação de Stress Pós-Traumático ou de depressão.

Mas nada disso importa.

Porque subo as escadas a correr, abro a porta da casa de banho e expulso o conteúdo do estômago para dentro da sanita. A única coisa em que penso é naquela rapariga e como lhe arruinei a vida.

Deixo cair a testa no braço, aqui sentado com um aperto de morte sobre cerâmica.

Não mereço viver.

Não mereço viver.

Imagino se as marcas do meu sangue se parecerão com as de Gary Busey.

Fallon

Quase que não chego à sanita antes de vomitar.

Caem-me gotas de suor da testa.

Não consigo.

Não consigo ler mais.

É demais para mim. É demais e é demasiado difícil e agora estou demasiado enjoada para continuar a ler.

De alguma maneira, consigo levantar-me e chegar ao lavatório. Lavo as mãos. Ponho-as em concha sob o fluxo de água e levo as mãos à boca, balançando a água. Faço-o várias vezes, tirando o sabor a bÍlis da boca.

Vejo as cicatrizes, que vão da cara até ao pescoço, ao espelho. Dispo a camisola e olho para as cicatrizes no braço, no peito e na cintura. Percorro várias vezes o braço, o pescoço e a cara com os dedos da mão direita. Em seguida, percorro-os pelo peito e pela cintura.

Debruço-me até ficar rente à bancada... o mais perto possível do espelho. E observo-as mesmo. Observo-as com uma atenção como jamaís lhes dei, porque o que sinto deixa-me confusa.

É a primeira vez que olho para elas sem um rasto de raiva.

Até ler as palavras do Ben, nunca soube o quanto culpava o meu pai pelo que me aconteceu. Odiei-o durante tanto tempo. Dificultei-lhe poder lamentar-se comigo pelo que sucedeu. Encontrava culpa em tudo o que dizia. Todas as conversas que tivemos transformaram-se em discussões.

Não o desculpo por ser um cretino insensível. Sempre *foi* um cretino insensível. Mas também sempre me amou, e agora que tenho uma imagem mais clara daquilo que aconteceu naquela noite, devia deixar de o culpar de se ter esquecido de mim.

Apenas ficava na casa dele uma vez por semana, e ele acabara de descobrir que morrera alguém que amava. Devia ter a cabeça em cacos. Além disso, esperar que reagisse com uma precisão perfeita ao ver a casa em chamas é mais do que devia esperar dele. Em poucos minutos, lamentou-se, enfureceu-se e depois entrou em pânico por causa do incêndio. Esperar que se lembrasse logo que lhe enviara uma mensagem 12 horas antes a informá-lo que dormiria na casa dele naquela noite é completamente irrealista. Não vivia lá. Não era como viver na casa da minha mãe e ser a primeira coisa de que ela se lembraria numa situação de pânico. A situação do meu pai era

inteiramente diferente, e é assim que devo tratá-la. E embora tivéssemos mantido o contacto nos últimos anos, a nossa relação deixou de ser o que era. Assumo metade das culpas. Não podemos escolher os nossos pais, e os pais não podem escolher os filhos. Mas podemos escolher quão no duro estamos dispostos a trabalhar para aproveitar da melhor forma aquilo que recebemos.

Tiro o telemóvel do bolso e escrevo uma mensagem ao meu pai.

Eu: Olá, pai. Amanhã queres tomar o pequeno-almoço comigo? Saudades.

Depois de a enviar, volto a vestir a camisola e regresso à sala. Olho para o manuscrito, perguntando-me quanto mais conseguirei aguentar. É tão difícil de ler, não consigo imaginar aquilo por que o Ben e os irmãos passaram.

Faço uma reza rápida pelos Kessler, como se o que estou a ler acontecesse agora e o Kyle ainda cá estivesse para ser rezado.

Em seguida, retomo a leitura onde a deixei.

Romance do Ben — TERCEIRO CAPÍTULO

Dezasseis Anos

*«Maior se torna a mão que estende o seu domínio sobre o homem por ter
escrito um nome3.»*

— DYLAN THOMAS

Sabem o que é pior que o dia em que a nossa mãe se mata?

O dia *seguinte* à nossa mãe se matar.

Quando alguém sofre bastante dor física, digamos que corta a mão por acidente, o corpo humano produz endorfinas. Estas endorfinas agem de modo semelhante a drogas, como morfina e codeína. Por conseguinte, é normal não sentir muita dor logo após um acidente.

A dor emocional deve funcionar de igual modo, uma vez que a dor de hoje é muito maior que a de ontem. Ontem estava numa espécie de estado onírico, como se a minha consciência não me deixasse acreditar por inteiro que ela tinha, de facto, partido. Na minha cabeça, segurava-me àquele pequeno fio de esperança de que, de alguma maneira, o dia não estava realmente a acontecer.

Esse fio já não está lá, por mais que o tente alcançar.

Ela está morta.

Se eu tivesse dinheiro e contactos, entorpeceria a dor com todas as drogas que encontrasse.

Esta manhã, recusei-me a sair da cama. O Ian e o Kyle tentaram lutar para que eu fosse com eles à casa funerária, mas eu venci. Na verdade, tenho vencido o dia inteiro.

— Come qualquer coisa — disse o Kyle ao almoço.

Não comi. Ganhei.

— Estão cá a tia Chele e o tio Andrew — disse o Ian por volta das 2 da tarde.

Mas já se foram embora e ainda estou na cama, pelo que voltei a vencer.

— Ben, anda jantar. Há muita coisa para comer, as pessoas têm trazido comida o dia inteiro — disse o Kyle quando enfiou a cabeça no meu quarto por volta das 6 da tarde.

Mas escolhi ficar na cama e não tocar naqueles guisados simpáticos, tornando-me mais uma vez vencedor.

— Fala comigo — disse o Ian.

Gostava de dizer que venci esta etapa, mas ainda está sentado na minha cama, recusando-se a ir embora.

Puxo os cobertores sobre a minha cabeça. Ele volta a puxá-los para baixo.

— Ben, se não saíres da cama, vou perder a cabeça. Não me queres obrigar a chamar um psiquiatra, ou queres?

Meu Deus!

Sento-me na cama e esmurro a almofada.

— Deixa-me dormir, porra!

Ele não reage à minha gritaria. Somente me olha com complacência.

— Tenho-te deixado dormir. Já lá vão quase 24 horas. Tens de sair da cama, lavar os dentes ou tomar banho ou comer *qualquer coisa*.

Volto a deitar-me. O Ian levanta-se e resmunga.

— Benton, olha para mim!

O Ian nunca grita comigo, único motivo pelo qual tiro os cobertores de cima da cara e olho para ele.

— Não és o único a sofrer, Ben! Temos coisas para decidir! Tens 16 anos e não podes viver aqui sozinho, e se não queres descer as escadas e provar-me a mim e ao Kyle que isto não te enlouqueceu por completo, então é provável que tomemos a decisão errada por ti!

Ele contrai o queixo. Está tão furioso.

Penso um momento no assunto. Sobre o facto de nenhum deles aqui viver. O Ian estuda numa escola de aviação. O Kyle começou a universidade. A minha mãe está morta.

Um deles terá de voltar para casa porque ainda sou menor.

— Achas que a mãe pensou nisso? — pergunto, voltando a sentar-me na cama.

O Ian abana a cabeça frustrado. Deixa cair as mãos nas ancas.

— Pensou no *quê*?

— Que a decisão de se matar obrigaria a que um de vocês tivesse de desistir do sonho? Que voltaria para casa para tomar conta do irmão mais novo?

O Ian abana a cabeça, confuso.

— *Claro* que pensou nisso.

Rio-me.

— Não, não pensou. Não passa de uma cabra egoísta.

O seu rosto fica tenso.

— Para com isso.

— Odeio-a, Ian. Ainda bem que está morta. E ainda bem que fui quem a encontrou, pois agora terei sempre a imagem de como o buraco negro na sua cara combinava com o buraco negro da alma.

Ele encurta a distância entre nós e pega-me pelo colarinho, empurrando-me para a cama. Aproxima o rosto do meu e fala-me com os dentes bem cerrados.

— Tu cala-me essa boca, Ben. Ela amava-te. Era boa mãe para todos nós e tu vais respeitá-la, estás a ouvir bem? Não me interessa se neste momento te consegue ver ou não, vais respeitá-la nesta casa até à morte.

Os meus olhos lacrimejam e sufoco-me com ódio. Como é que a consegue defender?

Creio que seja mais fácil porque não carrega a imagem que tenho de quando entrei naquele quarto.

Cai uma lágrima do olho do Ian que aterra na minha bochecha.

O seu aperto afrouxa-se à volta do meu pescoço e ele vira-se e enterra a cabeça nas mãos.

— Desculpa — diz ele, num tom choroso. — Desculpa, Ben.

Eu não peço desculpa.

Ele vira-se e olha para mim, sem esconder as lágrimas.

— É que... como é que consegues dizer isso? Sabendo aquilo por que passava...

Rio baixinho.

— Ela acabou com o namorado, Ian. Isso não chega a ser miséria.

Vira-se até me encarar na cama. Inclina a cabeça.

— Ben, não chegaste a lê-la?

Encolho os ombros.

— Ler o quê?

Ele suspira profundamente, levantando-se de seguida.

— A nota dela. Não leste a carta que deixou antes de a polícia a levar?

Engulo em seco. Sabia que foi lá que ele foi ontem. Eu sabia.

Ele passa as mãos pelo cabelo.

— Meu Deus, pensava que tinhas lido — diz, saindo do meu quarto. — Volto daqui a meia hora.

Ele não está a mentir. Passam exatamente 33 minutos até regressar à porta do meu quarto. Passei o tempo todo a imaginar o que poderia estar naquela carta que fizesse diferença entre eu odiá-la e o Ian sentir pena dela.

Ele tira uma folha de papel do bolso.

— Ainda não podem divulgar a carta em si. Tiraram uma foto e imprimiram, mas ainda a podes ler — diz, passando-me a folha.

Ele sai do meu quarto e fecha a porta.

Sento-me na cama e leio as últimas palavras que a minha mãe alguma vez me dirá.

Aos meus filhos,

Passei a vida inteira a estudar escrita. Nenhum curso de escrita... nenhum tipo de faculdade... nenhuma experiência de vida pode alguma vez preparar alguém para escrever uma carta de suicídio apropriada aos seus filhos. Mas vou tentar na mesma.

Em primeiro lugar, quero explicar os motivos pelos quais o fiz. Sei que não percebem. E, Ben, serás provavelmente o primeiro a ler isto, pois tenho a certeza de que foste o primeiro a encontrar-me. Peço-te, por favor, que leias a carta toda antes de decidires odiar-me.

Há quatro meses descobri que tenho cancro nos ovários. Um cancro brutal, invencível e silencioso que se espalhou antes mesmo de sentir sintomas. E antes que fiques furioso e digas que desisti, sabe que seria a última coisa que eu faria. Se a minha doença fosse algo que pudesse combater, vocês sabem que a combateria com tudo o que tenho. Mas o cancro é mesmo isso. Chamam luta, como se o mais forte vencesse e o mais fraco perdesse, mas o cancro não é isso, de maneira nenhuma.

O cancro não é um dos jogadores do jogo. O cancro é o jogo.

Não importa a resistência que tenhamos. Não importa quanto treinámos. O cancro é a causa primordial do desporto, e a única coisa que podemos fazer é

aparecer no jogo com o equipamento vestido. Pois nunca sabemos... podemos ser obrigados a sentar no banco o jogo inteiro. Podem nem nos dar oportunidade de competir.

É o meu caso. Sou obrigada a sentar-me no banco até o jogo terminar, porque não há nada mais que possa ser feito por mim. Posso entrar em pormenores, mas o buslís da questão é que o descobriram tarde demais.

Agora vem a parte complicada.

Espero? Deixo que o cancro me tire lentamente tudo aquilo que tenho? Vocês lembram-se do avô Dwight, de como o cancro o engoliu por completo, recusando-se a cuspi-lo para fora durante meses? A avó teve de mudar a sua vida para cuidar dele. Perdeu o emprego, as contas do médico amontoaram-se, e acabaram por perder a casa. Ela foi despejada duas semanas depois de ele morrer. Tudo porque o cancro lhe tirou o tempo precioso com ele.

Não quero que isso aconteça. Não aguento a ideia de vocês terem de cuidar de mim. Sei que, se não acabar com a minha vida, posso ter a sorte de viver mais seis meses. Talvez nove. Mas cada um desses meses vos tirará a mãe que conheciam. E depois, quando a minha dignidade e as minhas células não forem suficientes, o cancro tirar-me-á tudo aquilo que conseguir tirar. A casa. As poupanças. Os vossos fundos universitários. Todas as memórias felizes que partilhámos.

Sei que, por mais que tente justificar a minha decisão, vocês vão sofrer mais do que sofreram em toda a vossa vida. Mas sabia que, se falasse convosco antes de o levar a cabo, ter-me-iam demovido.

As minhas desculpas dirigem-se sobretudo a ti, Ben. Meu doce, doce menino. Peço tantas desculpas. De certeza que poderia ter feito melhor, pois nenhum filho deve ver a sua mãe naquela condição. Mas sei que se não o fizer esta noite antes de chegares, talvez nunca o venha a fazer. E para mim essa seria uma decisão ainda mais egoísta do que esta. Sei que me vais encontrar de manhã, e sei que te vai destruir por dentro porque me destrói por dentro só por pensá-lo. Seja como for, vou estar morta antes de completares 16 anos. Assim será rápido e fácil. Podes telefonar ao 112, eles levam o meu corpo, e tudo acabará passadas poucas horas. Algumas horas para eu morrer e ser levada de casa é muito melhor do que os vários meses que poderão demorar ao cancro a fazer o seu trabalho.

Sei que será difícil lidares com isto, motivo pelo qual tentei, dentro do possível, facilitar a vida a todos. Alguém terá de limpar depois de me levarem o corpo, por isso deixei um cartão na bancada da cozinha da empresa a que devem ligar. Há dinheiro suficiente na minha bolsa. Deixei-a também na bancada da cozinha.

Se procurarem no meu escritório, na terceira gaveta à direita a contar de cima, encontrarão toda a papelada necessária para requerer pensão de sobrevivência. Certifiquem-se de que fazem isso bem. Assim que a papelada for apresentada, recebem um cheque passadas algumas semanas. A casa ainda está hipotecada, mas haverá dinheiro suficiente para pagar as propinas de cada um de vós. Preparei isso tudo com o nosso advogado.

Por favor, fiquem com a casa até crescerem e assentarem. É uma boa casa e, apesar disto, temos muitas boas memórias aqui.

Saibam, por favor, que vocês os três deram sentido à minha vida. Se eu pudesse mandar o cancro embora, fá-lo-ia. Seria muito egoísta em relação a isso: provavelmente dá-lo-ia a alguém para que o sofresse só para que eu pudesse passar mais tempo convosco. Para verem o quanto eu vos amo.

Por favor, perdoem-me. Tinha duas más opções, não queria nenhuma delas. Escolhi aquilo que seria mais benéfico para todos a longo prazo. Espero que um dia possam entender. E espero que, ao optar por isto, não vos estrague esta data.

O dia 9 de novembro significa muito para mim, na medida em que é o mesmo dia da morte do Dylan Thomas. E vocês sabem o quanto significa para mim a poesia dele. Ajudou-me muito na vida, sobretudo aquando da morte do vosso pai. Mas o que espero é que no futuro esta data seja para vocês apenas uma data sem significado e com poucas desculpas para lamúrias.

Por favor, não se preocupem comigo. O meu sofrimento acabou. Nas palavras sábias do Dylan Thomas... Após a primeira morte, não há nenhuma mais.

*Com todo o amor,
Mãe*

Ofuscado pelas lágrimas, mal consigo ler a assinatura da minha mãe. O Ian regressa ao quarto, depois de vários minutos, e volta a sentar-se junto a mim.

Quero agradecer-lhe por me ter dado a carta para ler, mas estou tão furioso, que nem consigo falar. Se ao menos tivesse lido a carta antes de a polícia a levar, saberia logo tudo. Os últimos dois dias teriam sido tão diferentes. Se tivesse lido logo a carta, talvez não tivesse ficado em estado de choque. Também não teria interpretado mal tudo e presumido que um homem pudesse estar ligado à sua decisão.

E teria ficado em casa naquela noite, em vez de decidir entrar no carro dela, conduzir até à casa de um estranho e começar um incêndio que ficou descontrolado.

Quando me contorço com os soluços, o Ian põe o braço à minha volta e puxa-me para um abraço. Sei que pensa que choro por causa do que li, e em parte tem razão. É provável também que presuma que choro porque disse coisas tão horríveis sobre a minha mãe, também tem em parte razão quanto a isso.

Mas o que não sabe é que a maioria destas lágrimas não são lágrimas de tristeza.

São lágrimas de culpa por ser responsável por arruinar a vida de uma rapariga inocente.

Fallon

Pouso a página e pego noutro lenço. Creio que ainda não parei de chorar desde que comecei a ler.

Verifico o telemóvel e já recebi resposta do meu pai.

Pai: Olá! Adorava, também sinto muitas saudades. Diz-me onde e quando e lá estarei.

Tento não chorar ao ler a mensagem, mas não consigo deixar de sentir que a minha amargura desperdiçou imensas boas memórias que poderia ter com ele. Teremos de compensar nos próximos anos.

Fiz alguns intervalos para comer. Para pensar. Para respirar. Já são quase 7 da tarde e só li ainda metade do manuscrito. Costumo terminar a leitura de livros em poucas horas, mas esta tem sido a coisa mais difícil que alguma vez li na vida. Não consigo imaginar quão difícil deve ter sido para o Ben escrever isto.

Olho para a página seguinte, tentando decidir se preciso de mais um intervalo antes de recomeçar. Quando vejo que o próximo capítulo é sobre o dia em que nos conhecemos no restaurante, decido continuar a ler. Preciso de saber o que o motivou a aparecer naquele dia. Acima de tudo, por que razão tomou a decisão de entrar na minha vida.

Recosto-me no sofá e respiro fundo. De seguida, começo a ler o quarto capítulo do manuscrito do Ben.

Romance do Ben — QUARTO CAPÍTULO

Dezoito Anos

«Alguém me está a aborrecer. Penso que esse alguém sou eu.»

— DYLAN THOMAS

O meu braço pende pelo lado da cama, e percebo, pela forma como a minha mão se deita sobre a alcatifa, que a cama não tem estrado ou molas. É apenas um colchão no chão.

Estou de barriga para baixo. Há um lençol enrolado sobre mim e tenho a cara na almofada.

Detesto estes momentos. Quando acordo demasiado confuso para saber onde estou ou quem poderá estar junto a mim na cama. Costumo ficar quieto tempo suficiente para ganhar consciência da minha circunstância antes de me mexer, na esperança de não acordar quem quer que esteja comigo no quarto. Mas esta manhã é diferente, pois quem esteve aqui comigo na cama já está acordado. Ouço o barulho do chuveiro.

Tento contar as vezes em que isto aconteceu, em que fiquei tão bêbado

que mal consigo recordar alguma coisa no dia seguinte. Creio que foram cerca de cinco vezes este ano, mas esta é, de longe, a pior. Costumo ao menos lembrar-me em que festa estive. Com que amigo estive. Que rapariga namorisei antes de tudo ficar negro. Mas neste momento não me lembro de nada.

O meu coração bate tão forte quanto o martelo na minha cabeça. Sei que tenho de me levantar e encontrar a minha roupa. Tenho de olhar à volta e perceber onde estou. Tenho de descobrir onde deixei o carro. Posso até ser obrigado a telefonar ao Kyle outra vez. Mas é o meu último recurso, pois não tenho disposição para mais uma lição de moral.

Dizer que tem estado desiludido com o meu comportamento é um eufemismo. As coisas não têm sido iguais em casa desde que a minha mãe morreu há dois anos.

Bem... *eu* não tenho sido igual. O Kyle e o Ian esperam que a minha espiral descendente encontre em breve uma subida. Esperavam, assim que terminasse o secundário, que levasse a universidade a sério, mas tal não aconteceu na forma como talvez pensem. Na verdade, as minhas notas são tão más, por faltar às aulas, que nem tenho a certeza se conseguirei acabar o semestre.

Mas tento. Ai se tento. Todos os dias acordo e digo para mim mesmo que hoje será melhor. Hoje será o dia em que resolvo a questão da culpa. Mas depois acontece algo que acende esse sentimento que quero afogar mais depressa do que apareceu. E é exatamente isso que faço. Afogo tudo com álcool, amigos e raparigas. Assim, no resto da noite não tenho de pensar nos erros que cometi. Na vida que arruinei.

Esse pensamento obriga-me a abrir os olhos e enfrentar a luz do Sol que entra no quarto. Semicerro os olhos e cubro-os com a mão. Espero um momento antes de tentar levantar-me e encontrar a roupa. Quando me levanto, localizo as calças. Encontro a t-shirt que me lembro de vestir ontem antes das aulas.

Mas e depois disso? Nada. Não me lembro absolutamente de nada.

Encontro os sapatos e calço-os. Quando acabo de me vestir, dou mais uma olhadela sobre o quarto. Nada me parece familiar. Dirijo-me à janela e olho para o exterior para ver que me encontro num prédio. Não obstante, não reconheço nada, mas talvez seja porque não consigo abrir os olhos o suficiente para ver ao longe. Tudo me dói.

Contudo, estou prestes a descobrir onde me encontro, pois a porta da casa de banho abre-se atrás de mim. Fecho bem os olhos, uma vez que não faço ideia de quem ela é ou do que está à espera. — Bom dia, alegria!

A sua voz familiar voa pelo quarto à velocidade de torpedo e vai direitinha ao meu coração. Sinto os joelhos prestes a dobrar-se. Na verdade, acho que é isso que está a acontecer. Alcanço uma cadeira e sento-me de imediato, deixando cair a cabeça nas mãos. Nem consigo olhar para ela.

Como poderia fazer isto ao Kyle?

Como é que *me* deixou fazer isto ao Kyle?

A Jordyn aproxima-se de mim, mas recuso-me a olhar para ela.

— Se estás à beira de vomitar, é melhor que o faças na casa de banho.

Abano a cabeça, desejando que a sua voz desapareça, desejando que o seu apartamento desapareça, desejando que desapareça a segunda pior coisa que fiz na vida.

— Jordyn — Quando ouço a fraqueza na minha voz, percebo porque é que pensa que estou maldisposto. — Como é que isto aconteceu?

Ouçó a queda no colchão quando se estatela na cama a pouco menos de

um metro à minha frente.

— Bem... — diz ela. — De certeza que começou com um ou dois *shots*. Algumas cervejas. Algumas raparigas bonitas. E depois acabou contigo a telefonar-me ontem à meia-noite, a divagar sobre a data e que precisavas de ir para casa mas estavas demasiado enfrascado e não querias ligar ao Kyle porque ele ficaria chateado contigo — Ela levanta-se e dirige-se ao *closet*. — Acredita em mim, ele ia ficar mesmo chateado. E se lhe contares que te deixei dormir aqui para que ele não descobrisse, ele fica chateado é comigo. Por isso, é melhor que não me denuncies, Ben. Eu mato-te.

A minha mente tenta acompanhar o discurso, mas ela fala depressa demais.

Então liguei-lhe? A pedir ajuda?

Nós não...

Céus, não. Ela não faria isso. Eu, por outro lado, pareço não ter controlo sobre o que faço quando chego àquele estado. Mas ao menos liguei-lhe antes de fazer algo estúpido. Ela e o Kyle estão juntos há tempo suficiente para que seja como uma irmã para mim, e eu confio nela para não contar ao Kyle. Mas a questão permanece... *por que razão eu estava nu na cama dela?*

Ela regressa do *closet* e é a primeira vez que hoje olho para ela. Parece normal. Sem demonstrar quaisquer remorsos. Um pouco cansada, talvez, mas sorridente como sempre.

— Vi o teu rabo esta manhã — diz ela, rindo. — Mas que raio fizeste tu? Disse-te para usares o meu chuveiro, mas podias ter voltado a vestir-te — Faz uma careta. — Agora tenho de lavar os lençóis.

Ela começa a tirar os lençóis do colchão.

— Espero que quando for viver com o Kyle comeces a usar boxers ou algo assim. E não posso crer que fui obrigada a dormir no meu próprio sofá enquanto o teu rabo bêbado roubava a minha cama — Quero dizer-lhe para abrandar, mas sempre que fala sinto-me cada vez mais aliviado. — Ficas a dever-me uma.

O seu rosto perde o sorriso quando se volta a sentar no colchão. Inclina-se para a frente e olha-me com sinceridade.

— Não me quero meter na tua vida, mas amo o teu irmão e, assim que acabar o meu aluguer, vamos todos viver juntos. Por isso, vou só dizer isto uma vez. Estás a ouvir?

Anuo com a cabeça.

— Apenas recebemos uma mente e um corpo quando nascemos. E são nossos para sempre, pelo que é da nossa conta tomarmos conta de nós. Detesto ter de o dizer, Ben, mas neste momento és a pior versão de ti próprio que podes ser. Estás deprimido. Andas temperamental. Só tens 18 anos, e nem sei onde arranjas o álcool, mas bebes demais. E por mais que os teus irmãos te tenham tentado ajudar, ninguém te pode obrigar a quereses ser melhor pessoa. Só tu o podes fazer, Ben. Portanto, se ainda houver esperança dentro de ti, sugiro que a procures bem, pois se não a encontrares, nunca serás a melhor versão de ti próprio. E vais levar os teus irmãos contigo, uma vez que te amam muito.

Ela olha para mim tempo suficiente para as palavras fazerem sentido na minha cabeça. Parece a minha mãe, e esse pensamento atinge-me com força. Levanto-me.

— Já acabou? É que agora gostava de encontrar o meu carro.

Ela suspira com desilusão e isso faz-me sentir mal, mas recuso-me a deixá-la ver que tudo aquilo em que consigo pensar agora é na minha mãe e, caso me visse hoje, o que pensaria de mim?

Depois de algumas mensagens a amigos, descobri onde deixei o carro. Quando a Jordyn me leva para lá, penso em pedir-lhe desculpa. Demoro-me junto ao carro, com a porta ainda aberta, pensando no que dizer. Por fim, curvo-me e olho para ela.

— Peço desculpa pelo meu comportamento há bocado. Agradeço teres-me ajudado ontem à noite, e obrigado pela boleia.

Estou à beira de fechar a porta quando ela me chama e sai do carro. Olha para mim sobre o capô.

— Ontem à noite... quando telefonaste? Não paravas de dizer qualquer coisa sobre a data de hoje, e... não me quero meter. Mas sei que é o aniversário do que aconteceu à tua mãe. Acho que te faria bem se a fosses ver — diz, olhando para baixo e tamborilando no capô. — Pensa nisso, está bem?

Olho um momento para ela, depois aceno rapidamente com a cabeça antes de entrar no meu carro.

Sei que já lá vão dois anos. Não preciso de lembrete. Todo o santo dia em que me levanto e respiro, penso naquele dia.

* * *

Seguro o volante, incerto se sairei do meu carro. Basta já ter vindo aqui ao cemitério. Nunca antes visitei o seu jazigo. Não sinto essa necessidade porque não sinto que esteja realmente lá. Por vezes, falo com a minha mãe. Claro que as conversas são unilaterais, mas falo com ela, ainda assim. Não sinto que tenha de olhar para uma lápide para que isso aconteça.

Então porque é que estou aqui?

Talvez esperasse que isso pudesse ajudar. Mas a questão é que aceitei a morte da minha mãe. Percebo os motivos pelos quais o fez. E sei que se não tomasse a decisão de acabar com a própria vida, o cancro acabaria com ela pouco depois. Mas na minha família todos parecem pensar que não consigo seguir em frente. Que sinto tanto a sua falta que isso me afeta a vida.

Sinto mesmo a sua falta, mas já ultrapassei isso. O que ainda não ultrapassei foi o que fiz naquela noite.

Dei ouvidos ao Kyle quando me disse para não voltar a mencionar a Fallon ou o pai dela. Não os procuro na Internet. Não passo de carro pelas casas onde possam viver. Chica, nem sei onde vivem. E não planeio descobrir. O Kyle tinha razão quando disse que me devia manter afastado daquilo. Consideraram aquilo um acidente, e a última coisa de que preciso é que alguém levante suspeitas em relação àquela noite.

Mas ainda penso todos os dias naquela rapariga. Perdeu a carreira por minha culpa. Uma *boa* carreira. Uma carreira com que muitos sonham. E os meus atos naquela noite vão persegui-la para o resto da vida.

Por vezes pergunto-me como se está a safar. Houve muitas vezes em que tentei pesquisá-la, talvez até vê-la de perto, só para saber quão ferida ficou no incêndio. Não sei porquê. Talvez pense que me ajudará se vir que leva uma boa vida. Mas a única coisa que me impede de a procurar é o facto de que pode estar a levar uma vida má. A vida dela pode ser muito pior do que eu possa pensar, e temo a minha reação se for esse o caso.

Quando estou para ligar o carro, outro carro estaciona junto ao meu. A porta do condutor abre-se e, antes mesmo de sair, sinto a segura alastrar-se

pela minha garganta.

O que está ele a fazer aqui?

Sei que é ele, pela parte de trás da cabeça, pela altura, pelo modo como se preocupa consigo. O Donovan O'Neil tem uma presença inconfundível, e tendo em conta que o vi escarrapachado na televisão na noite do incêndio, a sua cara nunca mais me sairá da cabeça.

Olho em redor, contemplando se deveria ligar o carro e ir embora antes que repare em mim. Mas ele nem tem consciência do que o rodeia. Na mão direita, segura um ramalhete de hortênsias. Dirige-se ao jazigo.

Ele está aqui para ver a minha mãe.

De repente, sou levado à noite em que estive sentado neste mesmo carro, observando-o do outro lado da rua. A sensação é idêntica, só que agora observo-o por curiosidade em vez de ódio. Não fica muito tempo no seu jazigo. Substitui as flores murchas pelas novas. Olha um momento para a lápide, regressando de seguida ao carro.

Ele tem uma rotina, como se fizesse isto muitas vezes. Por um momento, sinto-me culpado por pensar que nunca se importou com ela. É evidente que se preocupou, dado ainda visitar o jazigo passados dois anos.

Ele olha para o relógio a caminho do carro, e depois apressa o passo. Está atrasado para qualquer coisa. Pergunto-me se, por algum milagre, terá algo que ver com a filha. Admoesto-me para parar quando alcanço a ignição. Digo «Não faças isto, Ben» em voz alta, esperando dar ouvidos a mim próprio.

Mas hoje vence a curiosidade, uma vez que sigo o carro dele para fora do cemitério e não faço ideia porque o faço.

* * *

Estaciono a uns carros de distância do dele. Observo-o a entrar num restaurante. Vejo alguém levantar-se para o abraçar, *uma rapariga*, e aperto tanto o meu queixo que chega a doer.

Tem de ser ela.

As palmas das minhas mãos começam a suar. Não sei se quero mesmo vê-la. Mas de certeza que não me vou embora, tendo-a aqui tão perto, sem ao menos entrar e passar pela mesa deles. Tenho de saber. Preciso de saber o que lhe fiz.

Pego no portátil antes de entrar, para ter algo em que me concentrar quando estiver sentado sozinho. Ou fingir concentrar-me. Quando entro no restaurante, não consigo ver o seu rosto, para confirmar que é a Fallon. Está de costas para mim. Tento não olhar porque não quero que o pai me veja a prestar atenção.

— Mesa ou cabine? — pergunta a empregada de mesa.

Aponto para a cabine atrás da deles.

— Posso ficar com aquela?

Ela ri-se e pega na ementa.

— Hoje está sozinho?

Respondendo que sim e ela leva-me à cabine. O meu coração bate tão depressa, que nem encontro coragem para olhar para ela quando passo pela sua cabine. Sento-me de modo a ficar virado para o lado oposto. Já ganho coragem daqui a uns minutos. Não há nada de errado em estar aqui. Não sei por que razão me sinto a violar a lei quando apenas estou sentado à espera de comida.

Estou de mãos dadas à minha frente na mesa. Tento encontrar motivos para me virar e olhar sobre o ombro, mas temo que quando o faça não consiga parar de olhar. Não tenho ideia dos danos que lhe terei provocado, e tenho medo de a olhar nos olhos e perceber que está triste.

Mas tenho medo de que se *não* a olhar nos olhos possa não vir a descobrir que está feliz.

— Só estou atrasado meia hora, Fallon. Não seas tão dura comigo — diz-lhe o pai.

Ele disse o nome dela. É ela, de certeza. Nos minutos seguintes, poderei estar cara a cara com a rapariga cuja vida quase terminei.

Por sorte, aparece um empregado de mesa e anota o meu pedido, distraíndo-me de mim próprio. Não tenho muita fome, mas peço algo na mesma, pois quem é que entra num restaurante e não pede comida? Não quero virar as atenções para mim.

O empregado tenta começar uma conversa comigo sobre o facto de o tipo atrás de nós ser muito parecido com o Donovan O'Neil, o ator que fez de Max Epcott. Finjo não saber de quem se trata e ele fica muito pouco impressionado. Só quero que se vá embora, o que acontece, por fim. Recosto-me na cabine para que possa ouvir mais da conversa deles.

— Por isso, sim, estou um bocado chocado, mas está a acontecer — diz o pai.

Espero pela resposta dela. Perdi aquilo que ele lhe disse, graças ao metedico empregado de mesa, mas o silêncio dela é prova de que era algo que não queria ouvir.

— Fallon, vais dizer alguma coisa?

— O que é suposto eu dizer? — *Ela não parece contente.* — Queres que te dê os *parabéns*?

Sinto o pai encostar-se nas costas da cabine.

— Bem, pensei que ficasses feliz por mim — diz ele.

— *Feliz por ti?*

Está bem. *O que quer que lhe tenha dito irritou-a. Tenho de admitir que é corajosa.*

— Não sabia que conseguia voltar a ser pai.

Não sei o que sinto quanto a isso. Por um momento, recordo-me que este homem estivera apaixonado pela minha mãe, e esta seria uma situação possível entre os dois, não tivesse o cancro lhe levado a vida.

Quer dizer... eu sei que o cancro não lhe levou a vida. Foi a pistola. Mas, seja como for, o cancro é o culpado.

— Libertar sperma dentro da vagina de uma rapariga de 24 anos não faz de ti um pai — diz a Fallon.

Rio-me baixinho. Não sei porquê, mas só por a ouvir a falar-lhe assim alivia-me alguma culpa. Talvez porque a tivesse sempre imaginado como uma rapariga mansa, calada, com muita pena de si mesma. Mas parece ter sangue na guelra.

Ainda assim... isto é uma loucura. Não devia estar aqui. O Kyle matava-me se descobrisse o que estou a fazer.

— Achas que não tenho o direito de me chamar pai? O que sou então para ti?

Não devia estar a ouvir a sua conversa privada. Passo os momentos seguintes a tentar concentrar-me no portátil que trouxe comigo, mas apenas passo imagens para cima e para baixo, fingindo estar a trabalhar, enquanto ouço o quão cretino e insensível é o pai dela.

Ouçõ-a suspirar do sítio onde estou sentado.

— És impossível. Agora já sei porque é que a mãe te deixou.

— A tua mãe deixou-me porque dormi com a melhor amiga dela. A minha personalidade não teve nada que ver com o assunto.

Como é que a minha mãe pôde alguma vez amar este homem?

Agora que penso nisso, não tenho a certeza se o amava realmente. Parecia ser ele quem enviava todas aquelas cartas e mensagens. Nunca vi nada que ela lhe tivesse enviado, por isso talvez tenha sido uma relação unilateral, de curta duração, que ele não consegue ultrapassar.

Seja como for, isso faz-me sentir melhor. Estremeço ao pensar que a minha mãe era apenas uma mulher normal que por vezes tomava más decisões em relação a relacionamentos, e não a heroína onisciente que tentei gravar na memória.

O empregado de mesa interrompe a conversa para servir os almoços. Reviro os olhos quando ele finge só agora reparar que é o Donovan O'Neil ali sentado. Ouço-o a pedir à Fallon se lhes pode tirar uma fotografia. Fico tenso no meu lugar, imaginando se se vai levantar e ficar à minha vista. Não tenho a certeza se estou pronto para ver o seu aspeto.

Mas não importa se estou pronto ou não, pois ela acabou de lhes dizer para tirarem uma *selfie* e que vai à casa de banho. Ela passa por mim, e no momento em que entra no meu campo de visão, prende-se-me a respiração.

Ela vai para o lado oposto, pelo que não lhe vejo a cara. O que vejo é o cabelo. Muito cabelo, longo, denso e liso, cor de avelã, tal como os sapatos que calçou, que lhe cai até às costas.

E as suas calças. Servem-lhe na perfeição, parecem ter sido feitas à medida, moldando-se a cada curva, desde as ancas aos tornozelos. Movimentam-se tão bem com ela, que dou por mim a imaginar as cuecas que tem vestidas. Não vejo a marca das cuecas. Pode ser tanguinha, mas também pode... *mas que raio, Ben? Como é que o teu cérebro foi nessa direção?*

Sinto o coração bater mais depressa, porque sei que tenho de ir embora. Tenho de me levantar, ir embora e aceitar que parece estar tudo bem com ela. O pai pode ser um cretino, mas ela é bem capaz de lhe fazer frente, pelo que a minha proximidade não é boa para ninguém.

Mas o maldito empregado engole o facto de que o Donovan O'Neil lhe proporciona o momento do dia. Nem me importa a comida, se me trouxesse a conta, eu pagava e ia daqui embora.

Começo a tremer o joelho com nervosismo. Ela está há muito tempo na casa de banho. Sei que deve estar quase a sair, e não sei se devia olhar para ela ou desviar o olhar ou sorrir ou fugir ou *porra, mas que raio vou eu fazer?* Ela sai da casa de banho.

Olha para o chão e ainda não lhe consigo ver a cara, mas o corpo é ainda mais perfeito de frente do que de costas.

Quando olha para mim, é como um murro no estômago. Sinto como se o coração se derretesse, mesmo nos confins dos seus aposentos. Pela primeira vez, em dois anos, vejo com exatidão o que lhe fiz.

Desde o topo da bochecha esquerda, perto do olho, até ao pescoço, há cicatrizes. Cicatrizes que estão lá por minha culpa. Umas mais desbotadas que outras, mas saltam à vista na forma como a pele tem uma aspereza mais rosada, brilhante e muito mais frágil do que as partes que escaparam. Mas nem são as cicatrizes o que mais sobressai. São os olhos verdes que agora olham para mim. A falta de confiança por detrás deles fala por si quanto aos danos que provoquei à sua vida.

Ela levanta uma mão e puxa um pedaço de cabelo sobre a boca, cobrindo parte das cicatrizes. Ao mesmo tempo, olha para o chão, deixando

o cabelo cair sobre a cara e esconder mais cicatrizes. Continuo a olhar para ela, pois custa não o fazer. Penso no que terá sido aquela noite para ela. Quão assustada deve ter estado. Quanta agonia deve ter sentido nos meses seguintes.

Ponho os punhos em riste, uma vez que nunca senti tanto a necessidade de resolver bem as coisas. Quero cair de joelhos aqui mesmo à sua frente, e dizer-lhe o quanto lamento ter-lhe provocado tanta dor. Por lhe ter arruinado a carreira. Por fazê-la pensar que é necessário esconder o rosto com o cabelo quando é linda de morrer.

Ela não faz ideia. Não faz ideia que ergue o olhar para dentro dos olhos do tipo que lhe destruiu a vida. Não faz ideia que faria tudo para lhe poder beijar a cara, beijar as cicatrizes que lhe dei, dizer-lhe quão arrependido estou.

Não faz ideia que estou à beira das lágrimas só por ver a sua cara, na medida em que é, em partes iguais, delicada e aflitiva. Temo que, se não sorrir agora para ela, chorarei por ela.

E depois, quando passa por mim, acontece uma coisa, em que tudo dentro do meu peito se contrai. Estou preocupado que aquilo que acabou de acontecer entre nós, aquele pequeno sorriso, seja tudo o que se venha a passar-se entre nós. Não sei por que razão isso me preocupa, pois antes do dia de hoje, nem sequer tinha a certeza se a queria ver.

Mas agora que a vi, não sei se quero parar por aqui. E o facto de o pai dela estar neste momento atrás de mim, a mandá-la abaixo, dizendo-lhe que não é bonita o suficiente para voltar a representar, faz-me querer entrar na cabine deles e estrangulá-lo. Ou pelo menos entrar na cabine para a defender.

É o momento exato em que o empregado de mesa decide trazer-me a comida. Tento comer. A sério que tento, mas ainda estou a recuperar de ter ouvido a maneira como o pai fala com ela. Como lentamente batatas fritas enquanto ouço o pai a tornar-se cada vez mais desonesto. De início, fico aliviado quando ouço que ela planeia mudar de cidade.

Bom para ti, penso.

Saber que tem coragem para se mudar para a outra ponta do país e voltar a perseguir a carreira de representação, enche-me de mais respeito por ela do que alguma vez tive por alguém. Mas ouvir o pai a dizer-lhe com insistência que não é suficientemente boa, enche-me de mais desrespeito por ele do que alguma vez tive por alguém.

Ouçó o pai aclarar a voz.

— Sabes que era isso que queria dizer. Não digo que te reduziste aos audiolivros. O que digo é que consegues encontrar uma carreira melhor, agora que já não podes voltar a representar. Não se ganha muito dinheiro na narração. Aliás, nem na Broadway.

Não ouço o que ela diz a seguir, pois só vejo vermelho. Não acredito que este homem — um pai que é suposto defender e apoiar a filha num novo desafio — lhe diga estas coisas. Talvez esteja a praticar o amor firme, mas já lhe basta aquilo por que passou.

A conversa interrompe-se um momento. Tempo suficiente para o pai pedir mais bebida. Tempo suficiente para o empregado me trazer mais bebida, e tempo suficiente para me levantar e ir à casa de banho, tentar acalmar-me e depois regressar à cabine sem estrangular o homem atrás de mim.

— Fazes-me querer renunciar aos homens para sempre — diz ela.

O pai dela faz-me querer que ela renuncie aos homens para sempre. Se

os homens são assim tão frívolos como este, *todas* as mulheres deviam renunciar aos homens para sempre.

— Isso não deve ser problema nenhum — diz o pai. — Pelo que sei, só tiveste um encontro amoroso, e isso já foi há mais de dois anos.

É aí que a razão voa pela janela.

Ele não faz ideia que dia é hoje? Não tem a mais ínfima noção daquilo por que a filha passou emocionalmente nos últimos dois anos? Decerto que terá passado um bom ano a recuperar, e percebo, apenas pelos poucos segundos que a olhei nos olhos, que não lhe resta um pinga de confiança. E ei-lo aqui a comentar o facto de não ter tido nenhum caso amoroso desde o acidente.

Tremem-me as mãos, estou tão furioso. Creio que até possa estar mais furioso do que na noite em que lhe peguei fogo ao carro.

— Pois, pai — diz ela, com a voz tensa. — Já não tenho a mesma atenção dos rapazes que tinha antes.

Deslizo para fora da cabine, incapaz de me travar. Mas raios me partam se deixo esta rapariga passar mais um segundo sem que ninguém a defenda como deve ser. Sento-me a seu lado.

— Desculpa o atraso, querida — digo, pondo o braço sobre os seus ombros.

Ela fica tensa sob o meu braço, mas eu continuo. Beijo-lhe a face, absorvendo por acaso o perfume floral do seu champô.

— Porra para o trânsito de Los Angeles — murmuro.

Alcanço a mão do pai e, antes de me apresentar, pergunto-me se me reconhecerá, tendo em conta que conheceu a minha mãe. Voltou a usar o nome de solteira alguns anos após a morte do meu pai, pelo que talvez não faça ideia de quem eu seja. Espero eu.

— Sou o Ben. Benton James Kessler. Namorado da sua filha.

Nem um laivo de reconhecimento lhe passa pelo rosto. Não faz ideia de quem eu seja.

Estende-me a mão e eu quero puxá-lo sobre a mesa e dar-lhe um murro nos dentes. É provável que o fizesse se ela não estivesse a ficar cada vez mais tensa a meu lado. Recosto-me e puxo-a para mim, sussurrando-lhe ao ouvido.

— Entra no jogo.

É como se uma lâmpada se apagasse na sua cabeça neste preciso momento, uma vez que a confusão no seu rosto se transforma em deleite. Sorri para mim com afeto, debruçando-se, dizendo:

— Achei que não conseguirias cá chegar.

Pois, quero dizer-lhe. Também não imaginei que me sentaria aqui. No entanto, visto não ser possível piorar mais a tua vida nesta data, o mínimo que posso fazer é tentar melhorá-la um bocadinho.

Fallon

Faço mais um monte com as páginas que já li. Olho para o manuscrito com descrença. Sei que devia estar furiosa por me ter mentido durante tanto tempo, mas estar dentro da sua mente desculpa, de certa maneira, o seu comportamento comigo.

O Ben tem razão. Agora que olho novamente para aquele dia, percebo que o meu pai não devia arcar com todas as culpas. Expressava a sua opinião sobre a minha carreira, direito que assiste a todos os pais. E embora tenha discordado completamente dele e da forma como apresentou a opinião, sei que ele nunca foi muito bom em termos de comunicação. Além disso, é evidente que fui franca com ele assim que se sentou na cabine. Ele entrou em modo defensivo, eu em modo ofensivo, e a partir daí as coisas correram mal.

Preciso de me lembrar que existe mais do que uma maneira de as pessoas demonstrarem amor. E ainda que a sua maneira e a minha sejam completamente opostas, não deixa de ser amor.

Mudo de página, mas caem algumas folhas de caderno da secção entre o quinto e o sexto capítulos. Pouso as páginas do manuscrito e pego na carta. É mais uma nota escrita pelo Ben.

Fallon,

já sabes tudo aquilo que acontece depois daqui. Está tudo aí. Todos os dias que passámos juntos e até alguns dias em que isso não aconteceu. Todos os pensamentos que tive na tua presença... ou algo aproximado.

Como deves perceber pelo capítulo que acabaste de ler, não estava numa boa situação quando nos conhecemos. Os dois anos após o incêndio foram um inferno para mim, e eu fazia tudo o que estava ao meu alcance para afogar os remorsos. Mas aquele primeiro dia que passei contigo foi o primeiro em muito tempo em que me senti feliz. E percebi que te fazia feliz, algo que nunca achei possível. Embora estivesse para mudar de cidade, sabia que se houvesse uma maneira de começarmos a ansiar o dia 9 de novembro, poderia fazer uma enorme diferença nas nossas vidas. Por isso, jurei a mim próprio que os dias que passasse contigo seriam dias para desfrutar. Não pensaria no incêndio, não pensaria naquilo que te fiz. Durante um dia em cada ano, queria ser um tipo que se apaixona por uma rapariga, pois tudo em ti me cativava. E eu sabia que se

deixasse o passado consumir-me na tua presença poderia dar um passo em falso. Que descobririas aquilo que te fiz. Sabia que se viesses a descobrir a verdade não haveria forma de me perdoares por tudo aquilo que te tirei.

Ainda que devesse sentir um mar de remorsos, não me arrependo de um único minuto que passei contigo. Claro que desejo ter lidado com a situação de maneira diferente. Se naquele dia tivesse porventura contado a verdade a ti e ao teu pai, ter-te-ia livrado de tanta tristeza. Contudo, não devia torturar-me por todas as coisas que devia ter feito diferente, quando para mim isto era o nosso destino. Fomos atraídos um pelo outro. Fazemo-nos felizes um ao outro. E sei, sem sombra de dúvida, que houve várias vezes durante os últimos anos que estivemos loucamente apaixonados um pelo outro ao mesmo tempo. Nem toda a gente vive isso, Fallon, e estaria a mentir se dissesse que me arrependo.

É esse um dos meus maiores medos, que tenhas passado o último ano a assumir que te contei mais do que uma mentira, mas não é verdade. A única mentira que te contei foi a que omiti, o facto de ser responsável pelo incêndio. Tirando isso, cada palavra que me saiu da boca na tua presença foi absolutamente verdadeira. Quando disse que eras linda de morrer, falei com franqueza.

Se houver alguma coisa que guardes deste manuscrito, que seja este simples parágrafo. Absorve as palavras. Quero que te manchem a alma, pois estas são as palavras mais importantes. Assusta-me que as minhas mentiras tenham resultado numa perda da confiança que recuperaste durante o tempo em que estivemos juntos. Ainda que tenha omitido uma grande verdade, aquilo em que não podia ser mais honesto era sobre a tua beleza. Sim, tens cicatrizes, mas quem quer que veja as tuas cicatrizes antes de te ver a ti, não te merece. Espero que te lembres e acredites nisso. O corpo não passa de um pacote para as virtudes no interior. E tu és uma mulher cheia de virtudes. Abnegação, gentileza, compaixão. Tudo aquilo que importa.

A juventude e a beleza desvanecem. A decência humana não.

Sei que disse na carta anterior que não escrevi isto em busca de perdão. Embora seja verdade, não vou fingir que não rezo de joelhos pelo teu perdão, à espera de um milagre. Não vou agir como se não me fosse sentar no restaurante durante horas a fio, na esperança de que entres pela porta. Porque é precisamente aí que estarei. E se não apareceres hoje, lá estarei no ano seguinte. E no a seguir a esse. Esperarei por ti todos os

9 de novembro, na esperança de que um dia me perdoes para me voltares a amar. Mas se tal não acontecer e tu nunca vieres a aparecer, ser-te-ei grato, não obstante, para o resto da minha vida.

Salvaste-me no dia em que nos conhecemos, Fallon. Sei que só tinha 18 anos, mas a minha vida teria sido tão diferente se não tivéssemos passado aquele tempo juntos. Na primeira noite em que tivemos de nos despedir, fui direitinho para casa e comecei a escrever este livro. Tornou-se o meu novo objetivo de vida. A minha nova paixão. Levei a universidade mais a sério. Levei a vida mais a sério. E por tua causa e pelo impacto que tiveste na minha vida, os últimos dois anos que passei com o Kyle foram ótimos. Quando ele morreu, estava orgulhoso de mim, e isso significa mais para mim do que possas imaginar.

Por isso, consigas ou não encontrar a capacidade de me voltar a amar, precisava de te agradecer por me teres salvado. E se há alguma parte em ti capaz de me perdoar, sabes onde estarei. Esta noite, no próximo ano, no seguinte, para sempre.

A escolha é tua. Podes continuar a ler o manuscrito, com sorte ajudar-te-á a encerrar o assunto. Ou podes parar de ler agora e vir ter comigo para me perdoares.

Ben

último

9 de novembro

Se se escrevessem mentiras, apagava-as
Mas são ditas; gravadas nas profundezas
Com a verdade fortalecida, grito a minha
expição
Deixa-me arrepender-me sobre a tua pele.

— BENTON JAMES KESSLER

Ben

Havia 83 456 palavras no manuscrito que deixei à porta da sua casa na noite anterior. Existem quase 23 mil palavras nos primeiros cinco capítulos, antes de chegar à carta. Facilmente leria 23 mil palavras em três horas. Se começou a lê-lo logo a seguir a eu o ter deixado, acabaria a primeira secção por volta das 3 da manhã.

Mas já é quase meia-noite. Já se passaram quase 24 horas desde que a vi pegar no manuscrito e fechar a porta. O que significa que lhe restaram 21 horas e ainda não está aqui.

O que significa, como é evidente, que não vem.

Uma grande parte de mim acreditava que ela não apareceria hoje, mas uma pequena parte ainda tinha essa esperança. Não posso afirmar que a sua escolha me partiu o coração, pois isso quereria dizer que ainda tinha o coração inteiro para se partir.

Andei de coração partido durante um ano, pelo que não aparecer faz-me sentir tão devastado quanto nos últimos 365 dias.

Surpreende-me que o restaurante me tenha deixado estar aqui à espera na cabine durante tanto tempo. Estou aqui desde o raiar do dia na esperança de que tenha ficado acordada a ler o manuscrito. Agora que já é quase meia-noite, são umas boas 18 horas que passei nesta cabine. Vai ser cá uma gorjeta.

Às 23h55, deixo a gorjeta. Não quero cá estar quando o relógio marcar o dia 10 de novembro. Prefiro esperar os últimos cinco minutos no carro.

Quando abro a porta para sair do restaurante, a empregada de mesa atira-me um olhar de piedade. Tenho a certeza de que nunca viu ninguém esperar tanto tempo depois de ser deixado pendurado, mas ao menos terá uma boa história para contar.

São 23h56 quando chego ao parque de estacionamento.

São 23h56 quando a vejo abrir a porta e sair do carro.

Ainda são 23h56 quando junto as mãos atrás da cabeça e respiro fundo o ar fresco de novembro só para verificar se os meus pulmões funcionam.

Ela está junto ao seu carro, com o vento a soprar-lhe o cabelo sobre a cara quando olha para mim do outro lado do parque de estacionamento. Sinto que se avançar para ela, o mundo desmoronar-se-ia sob os meus pés só pelo peso do meu coração. Ambos ficamos quietos durante longos segundos.

Ela olha para o telemóvel nas mãos, olhando para mim de seguida.

— São 23h57, Ben. Só nos restam três minutos para fazer isto.

Olho para ela, perguntando-me o que quer dizer com isso. Vai-se embora daqui a três minutos? Apenas me dá três minutos para apresentar a minha defesa? Vêm-me várias perguntas à cabeça quando vejo o canto da sua boca erguer-se num sorriso.

Ela está a sorrir.

Assim que percebo que está a sorrir, corro para ela. Atravesso o parque numa questão de segundos. Envolver-a nos meus braços e puxo-a para mim e quando sinto os seus braços rodear-me, faço a coisa menos macho-alfa possível.

Choro como um bebé.

Os meus braços apertam-na, e enterro cara no seu cabelo. Abraço-a durante tanto tempo que já nem faço ideia se ainda é dia 9 ou dia 10 de novembro. Mas a data não importa, pois vou amá-la todas as datas.

Ela afrouxa o aperto e afasta-se do meu ombro para me olhar nos olhos. Agora, ambos sorrimos, nem posso acreditar que esta rapariga se viu capaz de me perdoar. Mas perdoou, assim denota a expressão do seu rosto. Vejo-o nos seus olhos, no seu sorriso, na maneira como se controla. Sinto-o na forma como os seus polegares me acariciam a cara, enxugando-me as lágrimas.

— Os namorados ficcionados choram tanto quanto eu? — pergunto-lhe.

Ela ri-se.

— Só os muito bons.

Deixo cair a testa na dela e fecho bem os olhos. Quero absorver este momento o máximo de tempo possível. Só porque está aqui e me perdoou não significa que está aqui para me amar para sempre. Tenho de estar preparado para aceitar isso.

— Ben, há uma coisa que quero dizer.

Recuo e olho para ela. Agora é dos olhos *dela* que caem lágrimas, pelo que já não me sinto tão ridículo. Ela levanta as mãos para me acariciar a cara.

— Não vim aqui para te perdoar.

Sinto o meu queixo a ficar tenso, mas tento relaxar. Sabia que isto era possível. Tenho de respeitar a sua decisão, por mais difícil que seja para mim.

— Tinhas 16 anos — diz ela. — Tinhas passado por uma das piores coisas que uma criança pode experimentar. Os teus atos naquela noite não se deveram a seres má pessoa, Ben. Deveram-se a seres um adolescente assustado e por vezes as pessoas cometem erros. Carregaste tanta culpa pelo que fizeste, e durante tanto tempo. Não me podes pedir que te perdoe, pois não há nada a perdoar. Na verdade, estou aqui pelo *teu* perdão. Conheço o teu coração, Ben, e o teu coração é apenas capaz de amar. Devia tê-lo reconhecido no ano

passado quanto duvidei de ti. Devia ter-te dado a oportunidade de te explicares. Se te tivesse dado ouvidos, poderíamos ter evitado um ano inteiro de tristeza. Portanto, peço desculpa por isso. Peço *tantas* desculpas. E espero que me possas perdoar.

Ela olha para mim com uma esperança genuína, como se acreditasse honestamente que tem alguma culpa daquilo por que passámos.

— Não tens o direito de pedir desculpa, Fallon.

Ela solta uma lufada de ar e anuiu com a cabeça.

— Então também não tens o direito de pedir desculpa.

— Tudo bem — digo. — Perdoo-me a mim próprio.

Ela ri-se.

— E eu perdoo-me a mim própria.

Ela leva as mãos ao meu cabelo e percorre-o com os dedos, sorrindo para mim. O meu olhar cai numa ligadura no seu pulso esquerdo e ela repara.

— Ah. Quase me esqueci do mais importante. É por isso que cheguei tão atrasada — Começa a tirar a ligadura do pulso esquerdo.

— Fiz uma tatuagem — diz, erguendo o pulso, revelando uma pequena tatuagem de um livro aberto. Numa das páginas encontra-se uma máscara de comédia e, na outra, uma máscara de tragédia. — Livros e teatro — diz, explicando a tatuagem. — As minhas duas coisas preferidas. Fi-la há duas horas quando me apercebi de quão altruisticamente apaixonada estou por ti — diz, voltando a olhar para mim de olhos arregalados.

Respiro depressa, levando o seu pulso à minha mão. Levanto-o e beijo-o.

— Fallon — digo. — Vem comigo para casa. Quero fazer amor e adormecer contigo. E depois de manhã quero fazer-te o pequeno-almoço que te prometi no ano passado. Bacon bem passado e ovo estrelado frito dos dois lados.

Ela sorri, mas não concorda com o pequeno-almoço.

— Por acaso, amanhã vou tomar o pequeno-almoço com o meu pai.

Ouvi-la dizer que vai tomar o pequeno-almoço com o pai faz-me mais feliz do que se concordasse em tomá-lo comigo. Sei que o pai dela não é o progenitor ideal, mas não deixa de ser seu pai. Além disso, já senti demasiados remorsos pelo facto de ser responsável por grande parte da tensão na relação deles.

— Mas vou na mesma contigo para casa — diz-me.

— Que bom — digo-lhe. — Esta noite és toda só para mim. Espero por cozinhar-te o pequeno-almoço depois de amanhã. E todos os dias depois desse, até ao próximo 9 de novembro em que me ajoelho e te faço a proposta de casamento mais digna de entrar num livro de

sempre.

Ela bate-me no peito.

— Foste um *grande* desmancha-prazeres, Ben! Não leste nada sobre isso na tua demanda literária?

Sorrio de orelha a orelha enquanto levo a minha boca à dela.

— Desmancha-prazeres: viveram felizes para sempre!

E depois beijo-a.

E é um beijo de doze pontos.

* * *

Não é o fim.

Longe disso.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a todos aqueles que estiveram envolvidos na escrita deste livro. Meus leitores e melhores amigos. Sem nenhuma ordem em particular: Tarryn Fisher, Mollie Kay Harper (minha mestre das cenas de sexo), Kay Miles, Vannoy Fite, Misha Robinson, Marion Archer, Kathryn Perez, Karen Lawson, Vilma Gonzalez, Kaci Blue-Buckley, Stephanie Cohen, Chelle Lagoski Northcutt, Jennifer Stiltner, Natasha Tomic, Aestas e Kristin Delcambre.

Às mulheres que me ajudam a organizar o caos da minha vida, desde garantir que as minhas contas são pagas a ajudar-me nos grupos de leitura online: Stephanie Cohen, Brenda Perez, Murphy Hopkins, Chelle Lagoski Northcutt, Pamela Carrion e Kristin Delcambre.

Ainda que o Bookworm Box não tenha relação com este livro, os voluntários influenciaram certamente a que este livro fosse acabado. Por isso, a todos os que ajudaram a empacotar caixas, imprimir rótulos e aos que doaram livros, o meu muito obrigada! Mas sobretudo a Lin Reynolds, que quase por si só manteve esta caridade em funcionamento apesar dos muitos obstáculos.

Aos meus pais, às minhas irmãs, ao Heath e aos meus filhos. A todos vocês. Sei que as nossas vidas mudaram drasticamente nos últimos anos. Significa muito para mim que cada um de vocês se tenha mostrado aberto e receptivo a tais mudanças. Não discutem quando me esqueço de vos telefonar de volta, não ficam chateados quando viajo demais e não me queimam a roupa quando não a tiro das malas durante semanas. Aprecio bastante a vossa paciência e compreensão. São os meus alicerces, a minha espinha dorsal, o meu coração. Todos vocês.

À Johanna Castillo, minha maravilhosa e querida editora de texto com umas pernas de fazer inveja. A minha felicidade vai primeiro para ti, e isso é tudo aquilo que te posso pedir.

À MINHA ASSESSORA DE IMPRENSA, ARIELE STEWART FREDMAN! PONHO ISTO EM MAIÚSCULAS PORQUE AINDA ESTOU BASTANTE ENTUSIASMADA POR TE TER CONTRATADO! NÃO SÓ COMO ASSESSORA, MAS COMO UMA GRANDE E MARAVILHOSA

AMIGA!

À minha editora, Judith Curr, e à restante equipa da Atria Books, não sei como demonstrar o meu profundo agradecimento pelo apoio que me deram. Desde a escolha acertada de capa à primeira tentativa, a convidarem-me a fazer parte desta ideia louca de *app*. Mal posso esperar para ver o que me guarda o futuro convosco.

À minha agente, Jane Dystel, e a toda a Dystel & Goderich Literary Team. Não vos posso agradecer o suficiente por serem uma parte tão importante da minha carreira. O meu sonho. Meu objetivo de vida. Tal não seria possível sem a vossa preciosa ajuda.

Aos X Ambassadors, uma das grandes bandas da atualidade. Obrigada por me inspirarem tanto na escrita deste livro. Obrigada por criarem música que nos enche a alma.

Por último, mas não menos importante, um agradecimento especial à Cynthia Capshaw, por ter dado à luz a minha alma gémea.

Se me esqueci de alguém, a culpa é toda da Murphy. Embora tenha prosseguido a sua própria carreira na área editorial, deixando de ser minha assistente, vou continuar a culpá-la, não obstante, por tudo o que corre mal, pois será para sempre minha irmã.

Edição original

Título: *November 9*

Texto: © 2015 Colleen Hoover

Publicado pela Atria Books,
uma chancela da Simon & Schuster, Nova Iorque.
Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *9 de Novembro*

Tradução: Dinis Pires

Capa: Ideias com Peso

Fotografia da capa: Andrea Lobos / Getty Images

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-8849-42-7

ISBN edição ePub: 978-989-564-835-1

1.^a edição: setembro de 2016

Versão 1.0: novembro de 2021

© 2016 **Topseller**, uma chancela da **20|20 Editora**.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. + 351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

contacto@topseller.pt • www.topseller.pt • [facebook topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

9 de Novembro é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

Também disponível em versão impressa.